Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23148 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** SEXTA-FEIRA, 29 DEZEMBRO 89 60$00

«Hora da Verdade» sobre adopção

Programa de Televisão acusado de manipular

Milhões de telespectadores da RTP comoveram-se, quinta-feira 21, com as imagens dramáticas que a reportagem «Negócios com Crianças», emitida no programa «A Hora da Verdade», transmitiu para todo o País. Uma sequência de planos filmada à noite numa quinta próxima de Lisboa ,onde uma organização internacional de apoio a crianças oriundas de África tem sede, sugere que se está perante o rapto de uma menina.

O trabalho da jornalista Fernanda Bizarro procurava documentar os ignóbeis caminhos que facilitam o tráfico de menores em Portugal. Os morosos processos da adopção, a forma duvidosa como muitas crianças saem das maternidades, os estrangeiros que procuram recém-nascidos nos bairros de lata de Albufeira, nada disso é escondido ao público.

A reportagem vai ser, todavia, objecto de um processo por injúria contra a RTP. A lesada é uma professora de Cascais, Adélia Silva Melo, que acolheu uma criança orfã de pai e mãe, vinda de Angola, para viver com a irmã que está sob a sua tutela.

O DL teve acesso à documentação das menores e colheu depoimentos de todas as partes interessadas. "A Hora da Verdade" omitiu, de facto, informações sem as quais os telespectadores não poderam fazer um juízo verdadeiro. **Pág. 13**

Cheias: prejuízos demoram a calcular

A avaliação dos prejuízos causados pelas cheias do Douro e Tejo irá demorar algum tempo e dependerá em grande medida das condições meteorológicas, afirmou, esta manhã, Silveira Godinho, ministro da Administrção Interna, em conferência de Imprensa destinada a fazer o ponto da situação das inundações que afectam o país. Participaram, também, Valente de Oliveira e Macário Correia, respectivamente ministro do Planeamento e Administração do Território e secretário de Estado do Ambiente e Recursos Naturais.

Segundo a opinião dos membros do Governo, «há vontade e há dinheiro» para proceder à reparação dos prejuízos. Está já a decorrer um «plano de emergência» para apoio a todos os que foram afectados pelas «chuvas centenárias e cheias da década», disse Macário Correia.

No que respeita à descarga das barragens espanholas, Silveira Godinho afirmou que «somos prisioneiros do que acontece em Espanha, embora não estáticos».

Praga é feliz

O último acto da revolta de Novembro acabou e começa o primeiro acto da nova Checoslováquia

Do nosso enviado especial
Jorge Listopad

Na maior e mais bela sala do Castelo de Praga, Sala de Vladislav, no lugar cerimonial dos reis desde a Idade Média ao som de fanfarras de ópera, Vaclav Havel , esse escritor irrequieto jurou hoje ser presidente da República Socialista da Checoslováquia.

A seu lado estava o novo presidente da Assembleia do Povo checo e eslovaco, Alexandre Dubcek. Ambos trocaram não um abraço apertado mas um quase tímido sorriso cúmplice. O último acto de revolta de Novembro acabou. O primeiro acto da nova Checoslováquia começou. Havel era o único candidato: símbolo de coragem, humanista sem nunca perder o humor típico de Praga, com 53 anos tornou-se um ídolo.

Eleito sem um único voto contra, sem uma única abstenção com meia dúzia de lugares vazios dos demissionários, não demitidos. «Havel é o melhor que está em nós», diz-nos um velho amigo, intelectual anarquista.

Chegar ao Castelo, com a multidão, não era fácil. Todos subiam a pé a colina de Mala Stana,e só ministros e deputados foram autorizados a aproximar-se. Não havia carros, excepto cinco, super-oficiais.

O problema protocolar com o Presidente Mário Soares, aqui muito popular, numa visita que não é de Estado, não lhe permitiu estar presente no primeiro acto de posse e no desfile militar, aliás sóbrio.

Pouco depois Vaclav Havel falava da janela do Castelo (e já não dos jornais, na Praça Venceslau) para os seus concidadãos.

A temperatura do ar é negativa. Mas não parece, em Praga feliz.

Lusa/DL

O Presidente Mário Soares passeia nas ruas de Praga acompanhado do embaixador de Portugal, Luis Quartin. Hoje, para evitar problemas diplomáticos, Mário Soares não assistiu à posse de Havel

A Mosca volta a picar

Carta aberta ao Marcelo Rebelo de Sampaio Guidinha **3**

Canal da crítica Mário Castrim **4**

O gosto pelo cinema Jorge Silva Melo **5**

Alguns conselhos para ultrapassar o infortúnio J. Galamba de Oliveira **6**

A mulher das muletas Jaime Rocha **11**

92 e depois? José Alfacinha da Silva **10**

Suplemento de 32 páginas incluído nesta edição

DL

Setenave dá muito dinheiro ao Estado *Pág. 12*

Thomaz de Mello em estado grave *Pág. 19*

Política de A a Z por Fernando Piteira Santos *Pág. 5*

Lotaria Nacional
1.º prémio: 41749
2.º prémio: 78407
3.º prémio: 01387

Nada de poesia, algum romance, ficção da perestroika e muitas imagens -eis os «tops» deste Natal, feito o balanço, numa ronda por seis livrarias de Lisboa. Mas agora que o ano está no fim, para além de compras e vendas, de «tops» e livros, é talvez a altura de nos interrogarmos sobre o que é isso de um homem culto.

Deslumbrar é preciso!

Mesmo sem ampulhetas à vista, o tempo esvai-se com a fraqueza do castelo de areia sob os efeitos da maré e o Natal que passa ao nosso lado confia-nos a essa espécie de saudade de coisa nenhuma a que os mandarins da palavra chamaram nostalgia. Estes são os dias do amarelecer do pinheiro na espera do caixote de lixo e da diluição do aroma a canela no odor da rotina.

Mas mais comercialmente falando, estes são também os dias em que as livrarias, como os demais negócios, encerram as portas a eventuais frequentadores «fora de época» para balanço dos largos milhares de escudos amealhados nas duas ou três semanas em que os respectivos proprietários esfregaram as mãos de contentamento face aos compradores apressados que lhes invadiam os estabelecimentos.

Com interesses assumidamente diversos daqueles que são próprios aos profissionais de vendas, o «DL» partiu à descoberta dos «best-sellers» do Natal que ainda agora recolheu ao depositário das recordações, não sem se deter e reflectir sobre os motivos que, independentemente da maior ou menor qualidade dos livros em questão, os trouxeram ao «sapatinho» de muitos e muitos lisboetas.

Não obstante o carácter eminentemente cultural do sector livreiro, há que reter para já que também ele não está imune às leis dominantes do mercado, à publicidade quotidianamente veiculada pelos «media» e às modas e reputações que estes entretanto ajudam a edificar.

Nos livros, como nos perfumes ou nos brinquedos o maior número de vendas em época de Natal está relacionado com a capacidade propagandística, com a imagem exibida nas montras ou com aquilo que no momento em questão as pessoas mais necessitam de ler ou de saber. Porque como diz Lidía Jorge ninguém apreende o que não sabe aprioristicamente.

Os dados obtidos pelo «DL» em seis das mais frequentadas livrarias da capital parecem indicar que na hora da suprema escolha, os compradores tiveram sempre em consideração o preço relativamente equilibrado dos volumes, não optando pelo excessivamente barato (a compra mais económica já custava 1600$00), nem pelo chamado artigo de luxo, uma vez que a opção mais dispendiosa exigia, por seu turno, a pronta disponibilidade de 4900$00.

A história das deambulações dos lisboetas pelas livrarias em tempo de generalizada distribuição de presentes seria, todavia, excessivamente simplista se condicionada apenas

pelo medo de oferecer o demasiado barato ou pelo desconcertante mas contínuo apelo da insustentável leveza da bolsa.

Assim se explica que as preferências expressas na sempre apetecida área da ficção nacional e estrangeira denunciem o interesse que a «perestroika» e as recentes motivações dos regimes comunistas de Leste têm vindo a suscitar entre nós. «A Casa da Rússia» editado há cerca de dois meses sob a chancela das Publicações Dom Quixote, obteve, por exemplo, a invejável palma do livro de ficção mais frequentemente envolto em papel bonito e fita a condizer nas seis livrarias inquiridas pelo «DL».

A seu favor jogaram o nome de John Le Carré, o inesquecível autor de «O Espião que Veio do Frio», a publicidade gratuita obtida com a rodagem em Lisboa da adaptação cinematográfica do mesmo romance e a vaga esperança de encontrar entre as personagens uma misteriosa «vamp» da estepe ou um possante cossaco que conduza o leitor na aventura de descobrir a «perestroika».

Esta poderia ser, no entanto, uma especulação fácilmente refutável se o quarto colocado desta listagem não respondesse pelo título de «Os Filhos da Rua Arbat».

Ao contrário de Le Carré, Anatoli Ribakov, o autor do livro em questão, é soviético, relativamente ignorado entre nós e é de crer que a sua obra não merecesse o interesse dos portugueses se a respectiva edição não houvesse sido precedida pela fama de estarmos diante do romance da «perestroika» propriamente dito.

Essa consciência de um mundo que deixou de ser do pós-1945, do equilibrío pelo nuclear e da guerra fria para se transformar em algo de pouco definido que será, afinal, a sociedade do século XXI, parece denotar-se ainda no excelente segundo lugar obtido pelos «Versículos Satânicos» de Salman Rushdie. Nascido de uma atitude crítica ante o islamismo mais radical, este livro distinguido na Grã-Bretanha com o prémio Whitebread conquistou antes de mais o direito de ser contestável e escandaloso para milhões de seres humanos que, em nome das suas crenças vilipendiadas, pediram a cabeça do «sacrílego».

A pergunta põe-se uma vez mais: que destino seria o destes «Versículos Satânicos» nas livrarias portuguesas se à data da respectiva publicação não estivéssemos já devidamente inteirados da «longa história dos seus males»?

No âmbito da ficção nacional, a «entrada directa» de Agustina Bessa-Luís e da sua «Eugénia e Silvina» para o terceiro lugar após uma breve semana de existência no mercado, parece indiciar que o que mais fala ao coração dos lisboetas é o nome do autor (mesmo que ele seja do Porto), aliado no caso vertente a uma capa assaz sugestiva que, diga-se a propósito, também tem a sua quota de responsabilidade nos sucessos mais gritantes. O «top» das obras de não ficção revela-nos ,porém, um mercado diverso onde a excelência do grafismo vem quase sempre ao encontro da necessidade de deslumbrar subjacente a todos e quaisquer presentes de Natal.

Dos cinco títulos mais vendidos apenas a «Gramática das Civilizações» de Fernand Braudel

GRANDE ANGULAR

não se encontra profusamente ilustrado, ao invés dos outros quatro que desde o excelente «Photographias de Lisboa 1900» da nossa camarada de redacção Marina Tavares Dias às «Maravilhas de Portugal», passando por «Lorelei» e pelo «Guia dos Vinhos Portugueses» se afirmam como objectos da maior sedução visual quer para o presenteador que visita a livraria, quer para o presenteado que recebe o fruto imediato dessa visita.

Não é de estranhar, aliás, que numa época em que a imagem em geral e o audiovisual de modo particular se apoderam dos comandos da civilização, haja a registar uma tendência crescente para a procura de obras onde essa mesma imagem já não se apresenta como humilde exemplificação do que é referido textualmente, mas enquanto veículo autónomo de comunicação cultural.

Maria João Martins

Fernando Pessoa: "O homem culto, em geral, quanto mais lê de menos fica certo"

Os livros de carrinho

A razão porque em vésperas de Natal se enchem as livrarias de compradores indecisos até ao ao último momento, não é fácil de detectar. Alguns compram livros como recurso para presentear alguém com um gosto que não partilham; outros, porque detectaram, in extremis, o título que escapara à atenção, ou bolsa, do presenteado; não esquecer também, e são o mais grosso da coluna junto às meninas da caixa, os livros infantis.

Quando eu era puto, a par de jogos da mesma fascinante colecção, a Majora, davam-me os livrinhos cartonados que ainda conservo, a que se juntaram breves Natais depois, as andanças de **Os Cinco**, e civilizadas versões de **gente graúda para gente miúda** alegremente vertidas por Simões Muller.

Hoje, é tal a panóplia de títulos para outros tantos géneros, que a mais das vezes o pacato livrinho para oferecer, brilha o efémero momento da desilusão, regressando inútil e sem papel que se veja à livraria que o troque. Contam-se pelos dedos e as bolsas as certezas que se afirmam em véspera de Natal aos balcões das livrarias. Tirando um ou outro título que ouvimos chamar, o que mais se ouve é a empregada repetir que não tem qualquer problema em trocá-lo. Há livros que nesta época são particularmente preferidos, ou não se seguisse ao Natal o Ano Novo, mais propício ainda ao culto de Baco: são os guias de vinhos, com natural preferência para os portugueses, ainda que ameaçados pelas ressacas comunitárias.

Mas é nos hipermercados e jumbos, que o título massificado pelos *media* e ouvido em bolandas nos transportes públicos, é convertido pela solicitude de exposição numa necessidade tão comum como qualquer outra, embora a milhas da apetência do bacalhau ou da couve portuguesa. Além do risco que se corre em visitar tais instituições na véspera de Natal, não passa pela cabeça dos responsáveis dessas bábeis do consumo, que a curiosidade do repórter venha perigar esse limite cardíaco, em nome de saber que título vende mais.

O livro aí, fica aquém de realidades imediatas como as bicicletas e aparelhagens de video. É inumano saber-se, mesmo por alto, do volume de vendas de livros nos hipermercados. Ficamos com a sensação de ter feito a pergunta parva no lugar errado.

É tão absurda que, por momentos, ao ver-nos sem carrinho de compras, o interlocutor tem a impressão que estamos a gozar com ele. Resta pedir desculpa pelo incómodo e desimpedir a atenção, sob protestos de boas-festas.

Jorge Fallorca

Os dez livros mais vendidos.

FICÇÃO	NÃO FICÇÃO
1 - **A Casa da Rússia**, John Le Carré, D. Quixote, 1950$00	1 - **Photographias de Lisboa 1900**, Marina Tavares Dias, Quimera, 3000$00
2 - **Versículos Satânicos**, Salman Rushdie, D. Quixote, 1950$00	2 - **Lorelei**, João Cutileiro, Porto Editora, 4500$00
3 - **Eugénia e Silvina**, Agustina Bessa-Luís, Guimarães, 1900$00	3 - **Gramática das Civilizações**, Fernand Braudel, Teorema, 3250$00
4 - **Os filhos da Rua Arbat**, Anatoli Ribakov, Difusão Cultural, 2950$00	4 - **Guia dos Vinhos Portugueses**, José A.Salvador e Luís Ramos, Fragmentos, 1600$00
5 - **Cantigas de Encantar**, Vitorino, Lisboa Editora (livro com cassete), 1650$00	5 - **Maravilhas de Portugal**, compilação retirada dos fascículos Maravilhas do Mundo, Salvat, 4900$00

Fontes: Livrarias Barata, Bertrand do Chiado, Buccholz, Castil de Alvalade e Fonte Nova, e Livraria Portugal.
Inquérito às livrarias, efectuado entre as 14/16 horas do dia 23 de Dezembro.
Recolha: Jorge Fallorca

COMENTÁRIO

E de alma como é que vamos?

Ou andámos uma data de anos a crer numa mentira, ou quem inventou a frase «Portugal é um país de poetas» quis com isto dizer, pejorativamente, que temos todos o nosso quê de sonhadores. De facto, a avaliar pelos livros mais vendidos no Natal (e as vendas de Natal extremam apenas as do resto do ano) de tudo compramos um pouco, mas poesia não consta.

Constaria, decerto, se, em vez de inquirirmos dos "tops", quisessemos saber desses livros que após períodos mais ou menos generosos nos escaparates, se eternizam nas estantes das livrarias, tardando anos a (não) esgotar tiragens de 500 a mil exemplares.

Esta paisagem altera-se quando a morte ou um inesperado prémio,de súbito, faz o País descobrir não o poeta que tem... mas o que teve ou há muito já tinha.

Foi assim com Fernando Pessoa, como se sabe. O que talvez não se saiba é que, «Mensagem» à parte e não toda, do nosso poeta maior, décadas depois de morto, ainda a obra lhe era mais ou menos discretamente proíbida nas escolas.

Entretanto, Portugal mudou. Do 25 de Abril para cá, pelos livros que compramos (o que não quer dizer que lemos, mas enfim...) se pode avaliar um país em mutação. Pessoa foi oficialmente recuperado (quiseram mesmo fazer dele um «escritor de esquerda») e aí por 74-75 quem não lesse de Marx ao menos uma vulgata era tido como analfabeto.

O 25 de Novembro veio refrear estes ânimos e da ideologia passámos para a ficção, que o tempo era propício a evasões. Mas ainda aqui fomos colhidos de surpresa: os escritores que «a Censura tinha obrigado a escrever para a gaveta».... na gaveta não tinham nada que se visse ou achassem digno de se ler. Agustina só não era uma excepção porque, sem cuidar de saber para quem e alheia a modas, afinal tinha escrito sempre.

Os anos 80 revelar-nos-iam, no entanto, novos escritores... e também o "marketing" que imporia modas e iria fazer do livro e da literatura objectos de consumo corrente. Com Saramago, outros escritores menos afortunados na edição e Pessoa na bagagem, Portugal podia apresentar-se finalmente ao Mundo como portador de «propostas poderosas de mutação do olhar».

A citação é de Maria Gabriela Llansol e o *Mundo* era neste caso a França, mas as principais novidades literárias de importação de há muito nos chegavam já de outras paragens. A ficção ia, entretanto, sendo substituída pelo ensaio e pela História no campo da maior procura.

Qualquer coisa como se, em quinze anos, após a doença infantil da ideologia e o escape da ficção, optássemos pelo tudo saber. Lucas Pires, depois de deixar de ser ministro da Cultura, diria: «A nova luta de classes será entre os que sabem e os que não sabem», augúrio que é uma verdade, resta saber... o que é o saber.

Fernando Pessoa, sobre isto, escreveu um dia que enquanto «o erudito lê e fica sabendo (...), o homem culto, em geral, quanto mais lê de menos fica certo (...), de tudo a que assiste aumenta não os seus conhecimentos, mas o seu estado de alma».

Rodrigues da Silva

O país que pelos livros que compra na poesia não se reconhece, ganharia em reflectir nas palavras do poeta. Ou de como nesta hora de "tops" livreiros não fosse mal interrogarmo-nos sobre o que é hoje um homem culto. Assim como quem diz: e de alma como é que vamos?

FORUM

PROJECTOS EM LUGAR DE FANATISMOS

Muitas vezes pensa-se que as ideias políticas são algo de secundário relativamente à força atractiva das figuras ou dos programas conjunturais. Todavia, cada vez mais se torna evidente a necessidade de encontrar grandes referenciais mobilizadores que ultrapassem o mero oportunismo dos discursos atraentes e indiferenciados. Essa exigência torna-se ainda mais actual no momento em que a «crise das ideologias» oitocentistas atinge o seu auge neste «annus mirabilis» de 1989, tempo da queda das máscaras na outra Europa e circunstância fundadora de novos pensamentos políticos.

Na complexidade das movimentações, não estamos apenas a assistir ao surgimento de novos equilíbrios internacionais, vivemos, sim, a eclosão de novos estímulos, de novos problemas - e a necessidade premente de novas respostas. Tudo isto exige o reequacionar das fronteiras internas do pluralismo no seio das sociedades abertas e a redefinição dos territórios da alternância política. Em lugar do suposto desaparecimento da divisão direita-esquerda, herdada da revolução francesa, assistimos ao surgir de novos termos para a dialéctica conservação-movimento. Não se trata já da ideia de progresso linear inexorável conduzindo a um momento terminal de reconciliação e de resolução definitiva de todos os conflitos, mas sim de uma caminhada de avanços e recuos, de erros e de encontros com a verdade. Trata-se do reconhecimento da importância crucial do esforço de aperfeiçoamento do homem - envolvendo a procura de sentidos da para a vida - que ocupem o espaço do relativismo ético - e da dignidade de todos os homens, base da tolerância e da solidariedade voluntariamente assumida.

É com este pano de fundo que a sociedade aberta surge em toda a sua pujança - como lugar propício à afirmação das diversas vocações do homem. Todos vamos assim conquistando o direito a que o Estado seja cada vez menos condutor dos nossos passos e cada vez mais um regulador de conflitos e um catalisador de iniciativas da sociedade, dos cidadãos e das pessoas. Vai passando a época do Estado-produtor, resultante da industrialização em grande escala e das consequências devastadoras dos grandes conflitos mundiais. Como outrora se passou da fase do Estado-protector à do Estado-produtor - do Estado-polícia ao Estado-dirigista - é tempo de repartir poderes com a sociedade e de delinear uma nova vocação para os poderes públicos. E aí surge um largo espaço para a renovação necessária do pensamento político. Trata-se, no fundo, de levar às justas consequências, à luz da evolução recente, a afirmação de Carl Schiller, retomada no Programa do SPD de Bad-Godesberg (1959), segundo a qual o mercado deveria ser preservado na medida do possível e o planeamento tanto quanto necessário. São as fronteiras entre o público, o social e o privado que têm de ser redefinidas. E, na altura em que o tema dos direitos do homem se torna absolutamente central e prioritário - tendo como núcleo central o direito à igual consideração e respeito - fácil se torna perceber que as ideias políticas vão entrar em ebulição. Afinal, foi isso que aconteceu depois de 1806, data da batalha de Iéna, considerada emblematicamente por Hegel como «fim da História», por força da vitória dos ideais da revolução francesa. Aí começou o fervilhar das iniciativas e dos projectos com intensidade iniludível. Valores espirituais e interesses materiais foram postos em confronto. Novas dinâmicas sociais e económicas puderam exprimir-se. O sufrágio universal surgiu no horizonte como grande reivindicação democrática. Depois de um século comba-tente, centrado no apelo aos indivíduos, foi o fenómeno social que se afirmou e que se revelou.

O sufrágio universal surgiu no horizonte como grande reivindicação democrática

Hoje é o reecontro do individual e do social, do singular e do comunitário, do pessoal e do solidário que entra na ordem do dia. Por isso caem os sonhos centrados em Estados cada vez mais perfeitos e cada vez mais paternalistas. O Estado de bem-estar, o Estado social e democrático reentra, assim, na ordem do dia como devendo encontrar com urgência um novo relacionamento com a sociedade e com as iniciativas sociais. Poderão os sindicatos continuar a ser agências de salários? São questões de legitimidade e de justiça que se tornam evidentes. Por um lado, os cidadãos não desejam continuar a financiar estruturas públicas centralistas e ineficazes. Afinal os impostos a mais que vão pagando não se traduzem em melhorias no bem-estar. Por outro lado, apesar de se falar muito em descentralização, as principais estruturas do chamado Estado-social escapam ao controlo dos cidadãos - a participação torna-se, assim, uma palavra quase vã. Por último, a repartição equitativa dos rendimentos está longe de obedecer a critérios adequados. Alguns dogmas e ideias falsas vêm contribuindo para muitos bloqueamentos significativos relativos à adopção de sistemas equilibrados de correcção de desigualdades - que não penalizem essencialmente os trabalhadores por conta de outrem...

Guilherme d'Oliveira Martins

Os problemas do mundo contemporâneo têm de ser repensados. Não basta cairmos na enunciação dos temas. Há que usar o método da análise permanente da realidade e de dar maior atenção à experiência. Há que repensar a função da Administração Pública e a distribuição dos seus poderes - para que eficácia, legitimidade, desconcentração e descentralização não sejam meras abstracções. Há que reanalisar as políticas públicas e que dar espaço à complementaridade entre o público, o social e o privado. Há que compreender a necessidade da definição partilhada e responsável de estratégias - envolvendo uma nova organização da economia, capaz de conduzir à preservação do meio ambiente e da natureza e de integrar os aperfeiçoamentos científicos e técnicos de modo adequado. Trata-se, no fundo, de retomar uma certa genuinidade do velho projecto de Saint-Simon, colocando a produção ao serviço do homem, reconhecendo o primado da ciência como cultura e superando os desvios produtivistas e utilitaristas... Não se trata, porém, de revivalismo. A nossa época contém inúmeros campos de inovação e de movimento insusceptíveis de se reduzirem às categorias herdadas ou tradicionais. Importa, sim, aprender a olhar a realidade e a sermos mais modestos no delineamento dos programas e das estratégias. Trata-se menos de transformar o mundo e mais de aperfeiçoar a realidade que nos cerca e a humanidade que constituímos. Para tanto, não podemos renunciar ao movimento e à compreensão da complexidade do mundo-da-vida. Em lugar da simples morte das ideologias, aquilo a que assistimos é a um redefinir de propostas e de projectos. E se muito se tem falado de «perestroika» é importante que não se esqueça, nas sociedades ocidentais, a ideia de «renovação» do pensamento e das ideias. Não se trata de um novo tempo de «politique d'abord», mas de um momento extremamente prometedor de diálogo entre o pensamento e a acção, entre os intelectuais e a experiência. Não podemos, por isso, contentar-nos com a mera gestão do quotidiano. Como disse há pouco tempo Giorgio Ruffolo, temos de compreender que somos nós que podemos dar sentido à história humana. Não necessitamos, assim, de ideologias, mas de estratégias; não necessitamos de fanatismos, mas de projectos...

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira
Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa ,Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
José António Carvalho, Jorge Santos, Nuno Teixeira e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello
Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Veladas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

POLÍTICA DE A A Z

EM TEMPO DE MUDANÇA...

1

Vamos entrar na última década do Século XX. Vivemos um período da História grandioso e trágico: de guerras, resoluções, transformações sociais, exaltação e degradação do Homem, triunfos das ciências, avanços das tecnologias. A Hamanidade adquiriu o sentimento da unidade de destino. A guerra e os flagelos, as violências contra os humanos e as violências ecológicas, impuseram uma nova compreensão da responsabilidade comum à escala planetária: defender a Terra, libertar a Humanidade das ameaças de destruição.

Mikhail Gorbarchov - o homem de Estado escolhido pela revista norte-americana «Time» como a personalidade do decénio -, ao regressar de Roma e de Malta a Moscovo, teria dito: «O mundo rompeu com a guerra fria e entra, como pensamos e esperamos, num longo período de desenvolvimento pacífico».

Não se poderá ignorar esta perspectiva de «desenvolvimento pacífico» quando se avalia a situação internacional, se consideram as relações Norte-Sul, se examinam os problemas nacionais de desenvolvimento em relação à Europa e ao próprio relacionamento ibérico, se apreciam os «acontecimentos no Leste».

Redução esta, em termos geográficos, do vendaval - de crítica, de renovação, de democratização - que sopra nos «países do socialismo real» para os conduzir à tarefa histórica de dar rosto humano ao socialismo.

2

A interpretação dos «acontecimentos no Leste presta-se, pela importância de que está em causa e pelo seu forte reflexo nos nossos países, a diferentes versões, contraditórias, polémicas, conflituais. Na interpretação dos «acontecimentos no Leste» estão em jogo os nossos sentimentos e as nossas convicções, um negativismo que se sente recompensado, uma afectividade que acorda em sobressalto, ferida, decepcionada; ou uma fé, obsecada, que reduz reestruturações dramáticas à simples rectificação de acidentes de percurso. Da *perestróika* cada qual faz uma leitura pessoal. Muitos se recusam, mesmo obrigados a ceder à força da corrente, a coragem de ir até ao fim. Não são capazes de uma ruptura radical com o passado autoritário e de se desembaraçarem das perversões da estagnação. Não reconhecem, no fundo, que era outra a proposta de Marx.

Vinte anos depois de A. Dubcek, vem Mikhail Gorbachov afirmar: «O novo rosto do socialismo é o seu rosto humano, o que está inteiramente de acordo com o pensamento de Marx, para quem a sociedade do futuro era o humanismo real, cuja concretização se tornara possível. E, uma vez que a sua construção é o objectivo principal da perestróika, podemos dizer que estamos a construir um socialismo humanista.»

Estará este homem - ele, que é a revelação política do decénio para a insuspeita «Time» - enganado? Será um ingénuo? Ou estará empenhado em prosseguir com uma nova atitude perante a vida, um novo estilo, uma melhor leitura dos «clássicos» (um K. Marx, um V.S. Lénine), uma política de renovação crítica, de reestruturação, de democratização para dar ao socialismo um novo rosto?

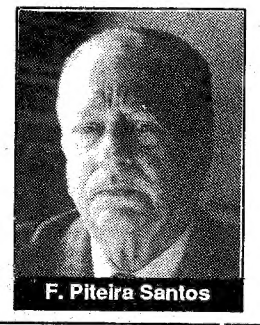
Gorbachov

3

A ideia de «casa comum europeia» - ideia de paz imposta pelos progressos das técnicas da guerra - ganhou adeptos, venceu resistências, ultrapassou a desconfiança, está a fazer caminho. Uma Europa do Atlântico aos Urales, liberta da ameaça da guerra, desnuclearizada, desocupada, procurando reforçar os aspectos complementares das economias e fomentar o diálogo das culturas. Uma Europa, «casa comum», mas respeitadora das diversidades: nacionais, sociais, políticas, culturais.

As conversações de Malta e o desmoronar do Muro de Berlim são dois momentos do mesmo movimento histórico: a garantia da Paz impõe o diálogo e cria as condições da Liberdade. As sociedades não podem manter-se em pé de guerra. As fronteiras serão linhas de contacto e não fossos de separação. E se declina a noção de inimigo exterior, como poderá ser mantida, em sociedades democráticas ou que evoluem para as democracias, a concepção de um inimigo interior?

A coexistência de sistemas sociais diferentes na sociedade internacional e de interesses sociais diferentes nas sociedades nacionais, é um dado que não pode ser ignorado. O «Estado de todo o povo» - proclamado na era de Krutchov - supunha uma superação de situações agudas de luta de classes e uma fase em que as contradições não-antagónicas permitiam a via do desenvolvimento democrático. A consciência de que as políticas de guerra, de bloqueio e de cruzadismo conduziam não à vitória ideológica, mas à catástrofe planetária, vem banir as concepções de isolamento e permanente confronto, alarga a cooperação e o intercâmbio, reflecte-se na afirmação de Gorbachov: «A competição de escolas e correntes, os contactos internacionais devem tornar-se fenómenos normais na nossa vida cultural e científica. Só assim, participando no sistema mundial de troca de experiências, é que nos enriqueceremos e daremos o novo contributo para o desenvolvimento mundial.»



F. Piteira Santos

4

A Paz, não a entendamos como uma tranquilidade europeia. A perspectiva do «desenvolvimento pacífico» tem que abranger todo o Mundo. Os países desenvolvidos não podem viver em paz e integrarem nas suas políticas de desenvolvimento económico a produção e venda de armas de guerra. O discurso dos direitos humanos tem que ser concretizado e deverá ser universalmente coerente. Ser-nos-á permitido esquecer o drama de Timor-Leste? Não deveremos exigir aos nossos parceiros da NATO e da CEE uma atitude firme em relação à Indonésia? Não deveremos esperar que a Comunidade Britânica censure claramente a Austrália?

Haverá uma medida para distinguir, e diversamente qualificar, a presença de forças militares estrangeiras no Afeganistão e no Panamá?

O ano de 1989 finda, entramos na última década deste século. É tempo de arrumarmos ideias e esclarecermos propósitos. Não é de crer que *as economias*, que sabemos condicionantes, se sobreponham às *políticas*, e que as perspectivas do desenvolvimento pacífico não consintam a continuidade e o florescimento das utopias. Os «muros de Berlim» e os cesarismos do dito «socialismo real», não apagam, na derrocada fragorosa, sonhos que remontam às páginas dos Evangelhos, que, na própria História se renovam, que são o resultado da acção criativa de grandes espíritos e de milhões de pessoas, que têm bases científicas e se mostram aptos às mudanças, às rectificações, às reestruturações radicais.

A reestruturação radical - e por isso Mikhail Gorbachov é considerado a revelação política do decénio -, esclarecendo desvios, varrendo sectarismos, derrubando dogmatismos, restabelece, no plano da teoria e no plano da prática, a coerência e a interdependência do socialismo e da democracia.

O novo curso surge de dias de surpresa e de expectativa, de dias tumultuosos, mas dá passos seguros na via larga da Paz, do Desenvolvimento, da Liberdade. As mudanças estão aí. Não é só a página do calendário que se volta assinalando a mudança do ano. É o Mundo que muda. As mudanças são imparáveis. Nós, também, teremos de mudar.

ana

aeroportos e navegação aérea, e.p.

PRÉ-AVISO DE GREVE PARA 30 DE DEZEMBRO ENTREGUE PELO SINDICATO DOS CONTROLADORES DE TRÁFEGO AÉREO

INFORMAÇÃO AO PÚBLICO

O Conselho de Gerência da ANA, E.P. - AEROPORTOS E NAVEGAÇÃO AÉREA lamenta ter de informar existir o risco da possível paralização em Portugal do transporte aéreo no próximo dia 30 de Dezembro, salvaguardados os serviços mínimos previstos na lei, por força de um pré-aviso de greve entregue em 21 de Dezembro pelo Sindicato dos Controladores de Tráfego Aéreo.

No decurso do que se desejaria tivessem sido negociações normais de revisão remuneratória e de algumas cláusulas laborais, verificou-se existir por parte do Sindicato acima referido uma atitude destituída de características de razoabilidade negocial, substituída pelo assumir duma imposição derivada de um monopólio que consideram exercer na sua área profissional susceptível de permitir satisfazer uma insaciabilidade que começa a afigurar-se como não tendo limites.

Os controladores de tráfego aéreo prestam os seus serviços em condições ambientais das mais satisfatórias e estão apoiados tecnicamente por um dos mais modernos e evoluídos sistemas europeus de controle de tráfego aéreo, o que tem permitido evitar que Portugal tenha sofrido no período intenso do Verão os congestionamentos que se verificaram em vários dos países comunitários. Por outro lado, constituindo apenas cerca de 13% dos efectivos da empresa ANA e auferindo já aproximadamente 23% das remunerações correspondentes ao total dos cerca de 2.700 trabalhadores da Empesa, não se descortinam razões válidas para que o Sindicato dos Controladores de Tráfego Aéreo intente impor aumentos salariais globais para 1990 da ordem média mensal de cerca de 90 contos per capita.

Dispondo de horários de trabalho na ordem das 28 horas semanais, tendo assegurado a situação de reforma a partir dos 52 anos com uma remuneração igual e automaticamente actualizada como se prestassem serviço activo, torna-se evidente ter-se atingido uma situação em que não é possível dar cobertura à exigência de aumentos remuneratórios de 28,5% para 1990 a um grupo profissional de cerca de 300 pessoas que, pela sua atitude de aparente intransigência, menospreza a função social que também lhe é imputável, sacrificando a comunidade nacional e, mais ainda os emigrantes, a uma apetência monetária em constante crescimento.

Desde o início do que pensou serem negociações normais em vez de uma conduta de ultimatum por parte do Sindicato dos Controladores de Tráfego Aéreo, tem a ANA, E.P. reiterado a sua disponibilidade completa e sem reservas para considerar tudo o que seja razoável, condição que mantém e que reiteradamente tem afirmado, pelo que a situação potencialmente criada não poderá ser-lhe imputada.

O CONSELHO DE GERÊNCIA

1989, Dezembro, 22

POLÍTICA

À MARGEM

Soares de gorro

Mário Soares passeou-se ontem pelas ruas da parte velha de Praga ostentando um emblema do Forum Cívico na lapela e um grande gorro russo na cabeça, por causa do frio. À sua chegada ao aeroporto da capital checa, o Presidente português era aguardado pelom ministro dos Negócios Estrangeiros e por um irmão do seu homólogo checo, Havel.

Gorbachev e Helmut Khol

A posse de Havel como presidente da República checa ficou limitadas às autoridades nacionais, visto que não foram convidados Mikhail Gorbachov e Helmut Khol, tradicionais amigos da Checoslováquia. Soares terá amanhã, ao almoço, um encontro com Vaclav Havel, na residência do embaixador de Portugal, Luís Quartin Basto, podendo convidá-lo para visitar Portugal. Soares está em Praga a convite do Forum Cívico, «na qualidade de personalidade que, desde o início, apoiou a luta do movimento democrático na Checoslováquia».

Presidente por unanimidade

O escritor Vaclav Havel, destacado defensor dos direitos humanos, foi hoje eleito presidente da Checoslováquia, cargo que pela primeira vez, nós últimos 41 anos, é ocupado por um elemento não-comunista. Os 323 membros do parlamento votaram por unanimidade a eleição de Havel, numa sessão transmitida em directo pela televisão. A sessão, que decorreu no castelo medieval de Hrrdcany, foi inaugurada por Alexandre Dubcek, figura central da «Primavera de Praga», ontem eleito para a presidência do Parlamento e que assim voltou à ribalta política.

Praga lembra Lisboa no 25 de Abril

Havel tomou posse quase sem protocolo tanto mais que a cerimónia foi organizada pelos estudantes do Forum Cívico

A atmosfera que se respira hoje em Praga é de grande alegria, comparável mesmo ao ambiente que se viveu, em Lisboa, na manhã de 25 de Abril de 1974. Vaclav Havel, eleito Presidente da Checoslováquia tornou-se motivo de festa que se espalhou a toda a cidade.

Até à hora do fecho desta edição do DL, ainda não se sabia se Mário Soares, participaria ou não nas cerimónias de tomada de posse. Estas decorrem em Praga, no Castelo, mais precisamente, na sala Ladislau, onde foram coroados reis e tomaram posse outros presidentes. Tudo se passa num clima informal, com os ministros e autoridades checas a chegarem ao local de autocarro, metro, eléctrico ou a pé.

Protocolo, praticamente não existe, já que os estudantes do Forum Cívico, organizadores das cerimónias, optaram pela simplicidade. Praga está em festa. Por todas as ruas se vêm cartazes dizendo «Havel ao Castelo». Há bailes em toda a cidade prevendo-se que às seis horas da tarde de hoje se realize uma grande festa na praça velha de Praga.

Simples deverá ser também o discurso de Havel. Ele é um homem da escrita, distanciado das solenidades. Porém, após a tomada de posse oficial realiza-se uma missa, seguindo as antigas tradições, na catedral de Saint-Guillaume, um monumento datado do século XIV.

A deslocação de Mário Soares à Checoslováquia é de natureza particular e, segundo a Lusa, foi o Forum Cívico que convidou o Chefe de Estado português por ser «uma personalidade que, desde o início, apoiou a luta do movimento democrático na Checoslováquia».

Membros do Forum Cívico distribuíram, hoje, «posters» de Vaclav Havel nas ruas de Praga

Entretanto, o antigo dirigente Alexander Dubcek foi eleito presidente do Parlamento checoslovaco, regressando assim à vida política. Recorde-se que na sequência dos acontecimentos que sobrevieram à «Primavera de Praga», Dubcek se refugiou na mais completa obscuridade.

Jorge Listopad/Lusa

I Série
N.º 298
Dia 29
de
Dezembro

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Assembleia da República

Lei n.º 98/89:
Incompatibilidades dos deputados - Alteração à Lei n.º 3/85, de 13 de Março (Estatuto dos Deputados).

Lei n.º 99/89:
Alteração à Lei n.º 114/88, de 30 de Dezembro (Orçamento do Estado para 1989).

Ministério das Finanças

Despacho Normativo n.º 113/89:
Fica o preço de venda ao público das cigarrilhas da marca Murillos/10 fabricadas pela Tabaqueira - Empresa Industrial de Tabacos, E. P., para consumo no continente.

Ministério das Finanças e da Indústria e Energia

Portaria n.º 1111/89:
Actualiza as taxas devidas pelos diversos actos previstos no Código da Propriedade Industrial.

Ministério da Justiça

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 92 712 contos.

Martins Goulart ao DL:

«Eleições confirmaram estratégia do PS/Açores»

Rui Pedro Ávila substituirá Carlos César na Assembleia da República, devendo este deputado ocupar o cargo do actual vice-presidente da Assembleia Regional dos Açores, Renato Leal, recentemente eleito presidente da Câmara Municipal da Horta.

Martins Goulart, líder dos socialistas açorianos disse, entretanto, ao DL que o seu partido viu «confirmada a correcção da estratégia política, relativamente aos Açores».

Tal estratégia, na opinião de Goulart, «resultou espectacularmente nas eleições regionais de 1988 e também nas autárquicas, por isso não deverá ser alterada».

Continuar e desenvolver o trabalho iniciado, intensificar uma «acção fiscalizadora ao Governo Regional», e dar ênfase ao processo de revisão do Estatuto de Autonomia - para o qual o PS já tem documentos apresentados - são algumas das linhas de força a adoptar pelos socialistas açorianos.

Mudar a orientação está pois, fora causa. Para Martins Goulart, há que ter em conta os vários factores condicionantes da situação política, nomeadamente, «os problemas internos do PSD que irão marcar o equilíbrio regional».

O líder socialista afirmou, por outro lado, que o seu partido «não criará factos políticos e manterá uma estratégia construtiva».

Congresso em Maio

Na próxima reunião da Comissão Regional do partido, a realizar a 20 de Janeiro, na ilha do Pico, deverá ser preparado o VI Congresso Regional do PS/Açores, a realizar provavelmente em Maio. «Será um congresso pacífico em que só deverá aparecer uma moção de estratégia política. Nele vai afirmar-se cada vez mais a capacidade de PS como alternativa regional», sublinhou Martins Goulart.

Para aquele dirigente, só falta ao PS/Açores ser poder executivo regional pois, em sua opinião, os socialistas passaram de «partido conformado a partido de poder, ao eleger um deputado europeu e ao conquistar a grande maioria das Câmaras Municipais».

Mota Amaral recusa crise no PSD/Açores

«O poder que o povo confiou ao PSD nas eleições regionais de Outubro de 1988 não está em saldo», afirmou Mota Amaral.

O chefe do Governo Regional recusou a ideia de que o PSD/Açores esteja «em crise» em consequência do dia 17 e acrescentou o projecto da «social-democracia para as ilhas ainda é válido».

Estamos na Europa

O BANCO DA COMUNIDADE PORTUGUESA EM FRANÇA.

BANQUE FRANCO PORTUGAISE

COMENTÁRIO

A constante incoerente

Em declarações feitas esta semana ao «DL», o vice-primeiro ministro Eurico de Melo tornou pública a sua convicção de que se deve «saber ganhar com modéstia e saber perder com altivez».

As preferências do dirigente social-democrata por um ganhar modesto são exactamente as nossas, embora não sejam infelizmente partilhadas pelo seu próprio partido, como tem deixado bem claro em dois anos de governo. Quanto ao perder altivo, já não estamos de acordo, sobretudo quando, como é o caso, quem perde é o PSD. É que, ser-se arrogante na vitória, facto de que Cavaco Silva é, nas suas atitudes e no seu discurso, uma afirmação plena, e ser-se altivo, que é quase a mesma coisa, também na derrota, resulta numa atitude da mais flagrante incoerência.

Condenada, como parece, a ser uma constante do PSD, tanto nas vitórias como nas derrotas, tal incoerência poderá bem acrescentar aos efeitos da conhecida erosão de governo um fenómeno novo, talvez o desgaste de oposição, adelgaçando, ora um, ora outro, as franjas da clientela eleitoral do partido.

Seria, por isso, muito melhor que as derrotas ou, mais exactamente, os derrotados, em vez de altivos, fossem sobretudo coerentes e responsáveis. Deveria preferi-los assim Eurico de Melo e deveriam entendê-los como tal Marcelo Rebelo de Sousa e Carlos Brito.

Recusando com altivez a responsabilidade de quaisquer pelouros municipais, o primeiro candidato da lista vencida nas ultimas eleições para a Câmara de Lisboa não honra as responsabilidades assumidas perante os que nele votaram. As eleições eram para a Câmara, não para a presidência.

A atitude agora assumida por Marcelo Rebelo de Sousa era previsível desde as suas declarações na noite da derrota. Ao afirmar que, nos próximos quatro anos, seria o lider da oposição na Câmara Municipal de Lisboa, fizera antever um projecto parlamentarista que dificilmente se poderia enquadrar nas tradições da administração autárquica democrática e comparticipada. Era já claro o objectivo de tornar a Câmara mais num forum de debate ideológico do que numa equipa de discussão, de definição e de escolha de soluções concretas para os problemas da capital. Escolheu, obviamente, o terreno em que melhor se sente.

Carlos Brito, outro dos grandes derrotados do PSD nas eleições autárquicas, respondeu também com a tradicional arrogância ganha pelo partido do Governo, ao convite feito pelo próximo presidente da Câmara Municipal do Porto para se ocupar do pelouro do Trânsito e para continuar na presidência dos STCP. Respondeu a Fernando Gomes que só ele decidia o seu futuro. A derrota eleitoral sofrida dias antes não deixa dúvidas de que não é bem assim...

Rui Camacho

POLÍTICA

Vereadores não querem aprovar Hilton à pressa

O projecto de Américo Amorim para Campolide e a construção do Hilton são tratados na reunião de hoje da Câmara mas em princípio apenas a título informativo

Na reunião extraordinária do executivo municipal lisboeta, agendada para hoje, o projecto Hilton deverá constituir apenas matéria informativa para os vereadores. Segundo disse ao DL Rui Godinho, na última sessão pública de Câmara Abecasis comprometeu-se a dar carácter «meramente informativo» à reunião. Não se prevêem assim decisões estruturantes para o futuro da cidade.

«Ficou combinado com o presidente que a sessão extraordinária se destinaria a dar conhecimento do projecto do Hilton. Não se falou em aprovar nada. Achamos que não é lícito que a presente Câmara aprove deliberações polémicas. E além disso, actualmente a função deste executivo é de gestão corrente. Mas se o presidente quiser aprovar alguma coisa, então vamos ver», afirmou Rui Godinho.Segundo aquele vereador, os representantes do PS, PCP, MDP e do PPM defenderam no dia 18 que a reunião extraordinária deveria ser «exclusivamente informativa». Na altura, sugeriram até a presença dos arquitectos autores do projecto, no sentido de obterem pormenores do projecto.

Luis Coimbra, vereador do PPM, afirmou, entretanto, que entregará um requerimento na sessão, pedindo a retirada da ordem de trabalhos do tema sobre o projecto do alto do Parque Eduardo VII.

«Quem está na posse de toda a informação sobre o Hilton é a comissão de vereadores, criada para o efeito e este organismo deveria apresentar um relatório sobre o assunto, pois a vereação no seu todo não a tem», frisou Rui Godinho.

Jorge Sampaio e Rui Godinho entram na Câmara com uma «pesada herança»

O vereador reeleito pela coligação «Por Lisboa» acusou o actual presidente da edilidade de ter adoptado «uma posição passiva e de 'braços cruzados'», perante o estado caótico das ruas de Lisboa após o temporal que assolou a cidade. «Acho estranho que o presidente Abecasis, no final do mandato, se dedique a este frenesim aprovativo, quando deveria olhar para a capital esburacada», afirmou.

Neste contexto, Rui Godinho defendeu a aplicação de um programa de emergência para a reparação dos pavimentos citadinos. «Trata-se de uma tarefa que ainda é da incumbência desta câmara e o que se constata é que o presidente cruzou os braços e o vereador responsável pelo pelouro desta área desapareceu», acrescentou.

Próxima Câmara negoceia com Amorim

O projecto de Américo Amorim para Campolide, segundo apurou o DL, também não deverá ser debatido na sessão de hoje. Tudo indica que será a nova Câmara a analisá-lo.

Porém, o executivo chefiado por Jorge Sampaio terá de o fazer com algum tacto já que o promotor- Américo Amorim- tem direitos adquiridos, resultantes de um despacho exarado por Abecasis sobre os projectos apresentados.

Há ainda que ter em conta o facto de a zona de Campolide ser sobredensificada. «A nova Câmara vai negociar com o promotor no sentido de se mudarem volumetrias e densidades de ocupação de forma a que o projecto se enquadre nos regulamentos. No entanto, apresentaremos contrapartidas, visto que há direitos adquiridos e compromissos assumidos», disse Rui Godinho.

A intenção de cumprir os regulamentos de gestão urbanística à risca é uma das directrizes apontadas pelo novo elenco camarário, que defende igualmente a sua actualização. «Os regulamentos existentes datam dos anos 60 e 70 e é preciso actualizá-los», sustentou aquele vereador.

Distribuição de pelouros

A coligação «Por Lisboa» irá propôr aos vereadores eleitos pela lista PSD/CDS/PPM alguns pelouros da nova Câmara. Segundo o DL apurou, serão o Abastecimento, Iluminação Pública, Serviços Eléctricos e Mecânicos e Acção Social.

O PSD deverá rejeitar a proposta, a julgar pelas declarações de Marcelo Rebelo de Sousa. Quanto ao CDS, as ideias ainda não estão definidas. Ramada Curto, um dos vereadores centristas eleitos no passado dia 17, disse ao DL que no seio do seu partido há opiniões diferentes sobre o assunto. «Da minha parte considero que o CDS não deveria aceitar pelouros, mas há posições diversas no partido, nomeadamente, as de alguns dirigentes que defendem uma colaboração com o Partido Socialista».

LAB

Acusações a Cabrita Neto

PSD de Faro desmente Negrão Belo

«Cansaço psíquico» e «peso de consciência» são as duas únicas razões que o governador civil de Faro descortina para as acusações que o presidente da câmara municipal da capital algarvia lhe fez em conferência de Imprensa que colheu de surpresa os meios políticos a partidários da região.

Alegando ter poucos comentários a tecer sobre as declarações de Negrão Belo, Cabrita Neto disse ao DL que as afirmações atribuídas àquele e a mais três vereadores, se podem ficar a dever ao facto de «terem perdido as eleições ou não terem sido escolhidos pelos respectivos partidos políticos para se candidatarem».

O presidente da Câmara Municipal de Faro, João Negrão Belo, acusou Cabrita Neto, durante um conferência de Imprensa em que apareceu na mesa ladeado pelos vereadores, também cessantes, Bandeira Rodrigues (ex-independente do PSD, agora CDS), João Lúcio Beles /CDU) e Fernando José Caniço (PS), de ter embaraçado a sua acção de autarca.

O autarca algarvio culpa-o de não lhe ter estendido a mão para que projectos como a ponte de acesso à Ilha de Faro, da terceira circular da cidade, da iluminação pública da Culatra e das expropriações para o Parque de Feiras de Faro, avançassem durante o seu mandato.

Imputa-lhe também responsabilidades quanto à fragilidade e deficiências no apoio às populações do concelho por ocasião das recentes inundações.

Neste último caso, um excerto do comunicado da Comissão de Defesa dos Agricultores do Algarve não é nada lisonjeiro para com o presidente da edilidade de Faro.

Num dos seus pontos manifesta «repúdio pela falta de solidariedade humana demonstrada pelo presidente cessante da Câmara de Faro na situação de catástrofe vivida recentemente no concelho».

O governador civil reagiu às afirmações do ainda presidente da edilidade farense salientando ter «as melhores relações com todos os presidentes, com todos os autarcas, independentemente da sua filiação partidária, menos com esse senhor, porque é impossível». Apesar disso, Cabrita Neto considera não haver razões para «o chorrilho de disparates que marcaram essa conferência de Imprensa», chamando a atenção para a situação dos autarcas que o acompanharam nessa reunião com os jornalistas: Bandeira Rodrigues (que trocou a sua condição de independente nas listas do PSD para se candidatar pelo CDS), João Lúcio Beles (ex-CDU, que se candidatou pelo MDP) e Fernando Caniço (PS, não eleito). Nenhum tomará assento entre os vereadores sufragados pela população.

INTERNACIONAL

Ultrapassada situação de emergência

Novo Governo romeno anuncia fidelidade ao Pacto de Varsóvia

O Comité Internacional da Cruz Vermelha, reunido para coordenar a ajuda de emergência à Roménia, anunciou a noite passada que as necessidades mais prementes, incluindo as alimentares, já estão resolvidas e que não há falta de pessoal médico.

Jueg Bischof, porta-voz da organização, disse que um estudo levado a efeito mostrou que "a situação de emergência" está ultrapassada e que a principal prioridade agora é a "reconstrução e reabilitação" dos hospitais romenos, nomeadamente a nível de equipamento.

Bischof afirmou que o Comité Internacional da Cruz Vermelha apelou a vários Governos para que fosse alcançada a verba de 18 milhões de francos suíços (1,75 milhões de contos). Mas até agora, disse, os donativos totalizam apenas 7,5 milhões (727.500 contos).

Ontem a Assembleia Geral das Nações Unidas apelou a todos os Estados e instituições financeiras internacionais para que ofereçam ajuda humanitária à Roménia, devido à violenta revolução vivida nos últimos dias naquele país.

A caça aos membros da Securitate

Mais de 20 tanques e blindados continuavam a noite passada à espera, visando os locais por onde poderiam aparecer os "terroristas" da unidade especial do regime deposto, horas depois de ter espirado o prazo que lhes fora concedido para se entregarem.

Ignora-se quantos elementos tinha a polícia secreta, a Securitate, mas fonte diplomática disse que eram pelo menos de 60 a 70 mil homens.

Um número indeterminado desses agentes e três dos seus comandantes renderam-se ou foram entretanto capturados. Mas um dos comandantes e um forte contingente continuam à solta, escondidos nos túneis do coração de Bucareste ou pelo país.

Diz-se abertamente em Bucareste que a polícia secreta de Ceausescu tinha armas e mantimentos para muito tempo, em vários locais e que os túneis que saiem do palácio presidencial iam pelo menos até Tirgivista, a uns 50 quilómetros em linha recta para nordeste, e espalhavam-se por uns 200 quilómetros sob a cidade e para locais que ninguém sabe onde são.

Fidelidade ao Pacto de Varsóvia

O novo primeiro-ministro romeno, Petre Roman, reiterou ao canal cinco da televisão francesa a fidelidade do seu país ao Pacto de Varsóvia.

"Conservamos as nossas relações tradicionais no âmbito do Pacto de Varsóvia", afirmou Roman, que todavia aludiu à proximidade dos romenos para com os povos latinos, designadamente o francês, espanhol e italiano.

Entretanto a Frente de Salvação Nacional da Roménia nomeou sete novos ministros para as pastas da Cultura (Andrei Plesu), Economia (Matanasie Stanculescu), Agricultura, Alimentação e Indústria (Stefan Nicolea), Recursos Hídricos, Florestas e Meio-Ambiente (Simion Hancu).

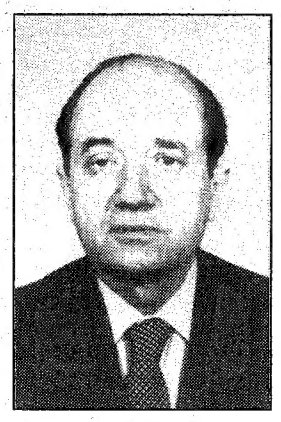
Eleva-se assim para nove o número de ministros já nomeados pela Frente.

Entretanto as novas autoridades romenas aboliram uma série de decretos e leis do regime de Ceausescu, nomeadamente a disposição que obrigava todos os activistas do partido, dirigentes e especialistas a viver no território onde trabalhavam.

Redacção DL
Lusa/Reuter

Árvore de Natal colocada no local onde estava um monumento dedicado a Ceausescu.

Irmão de Ceausescu suicidou-se em Viena



Marin Ceausescu, irmão do ex-Presidente romeno e adido comercial da embaixada de Bucareste na Áustria, foi ontem encontrado morto em Viena, informou a Polícia, que suspeita tratar-se de suicídio.

Marin, de 74 anos, foi encontrado enforcado às primeiras horas de ontem na cave da delegação comercial na embaixada, acrescentaram as fontes.

Uma fonte da Polícia austríaca, que pediu o anonimato, disse não existirem aparentemente indícios de envolvimento de outras pessoas na morte de Marin Ceausescu.

O irmão de Ceausescu vivia desde 1974 na capital austríaca, onde era adido comercial da embaixada romena.

Segundo o jornal austríaco "Kurier", Marin Ceausescu dirigia a secção dos serviços secretos romenos para a Europa Ocidental.

Citando informações do novo Governo de Bucareste, o "Kurier" referiu que os mercenários dos países árabes que integravam as fileiras da Securitate, a polícia secreta do regime deposto, poderão ter sido contratados em Viena.

Marin desaparecera há dias do seu local de trabalho e da sua residência em Viena, um modesto apartamento de três assoalhadas, onde vivia com a mulher.

Entretanto romenos exilados na Suíça garantiram que Nicolae Ceausescu tinha ouro e outros bens neste país, no valor de 416 milhões de dólares.

AI apela para julgamento de presos políticos

A Amnistia Internacional apelou aos novos governantes romenos para que garantam o julgamento público de todos os presos políticos, incluindo os responsáveis da antiga administração e das forças de segurança. A Amnistia manifestou a sua apreensão em vista de informações segundo as quais estão a ser criados em toda a Roménia tribunais militares especiais para, sumariamente, julgarem e executarem todos os que se opuseram às novas autoridades.

A Frente de Salvação Nacional avisou os membros da polícia secreta de Ceausescu de que se não se entregassem, até às 17 horas de ontem, seriam executados.

Reconhecendo que muitos dos elementos detidos pelas novas autoridades romenas estiveram implicados em graves violações dos direitos humanos, a Amnistia considera que tais atrocidades devem ser investigadas e os responsáveis levados a tribunal para serem julgados de acordo com as normas jurídicas internacionalmente aceites.

De referir que, segundo a agência noticiosa Agerpress, as novas autoridades romenas detiveram três familiares de Ceausescu. Trata-se da irmã do Presidente executado, Elena Bardulescu, do sobrinho Emil e da mulher de um dos seus quatro irmãos.

Bulgária

Protesto de turcos e muçulmanos

Na Bulgária, cerca de cinco mil pessoas, de etnia turca e búlgaros muçulmanos, concentraram-se, ontem, no centro de Sofia, exigindo o fim da discriminação e da perseguição oficiais de que têm sido vítimas nos últimos anos e, ainda, o pleno reconhecimento do seu direito a defender os valores da etnia ou da religião a que pertencem. Os manifestantes gritaram repetidamente «Democracia» e «Queremos os nossos nomes de volta».

As autoridades comunistas búlgaras lançaram, em 1984, uma campanha visando obrigar centenas de milhar de «Pomaks» (muçulmanos de etnia búlgara) a mudar os seus nomes muçulmanos para outros, em búlgaro.

Um dos participantes no protesto declarou aos jornalistas:«Também queremos saber quem foram os responsáveis pelas atrocidades cometidas durante a campanha dos nomes».

Países bálticos aceleram separação da URSS

As três Repúblicas Bálticas retomam, após um período de alguma ocultação, a aceleração e a notoriedade que tiveram no Verão passado.

Depois de haver eliminado o já famoso Artigo 6º da sua Constituição, a Lituânia aprovou ontem oficialmente o sistema do multipartidarismo político, ao aceitar o registo formal do novo Partido Comunista Separado e do Partido Democrático. Na esteira da Lituânia, a Estónia eliminou, ontem, também o Artigo 6º da sua Constituição, assim abrindo o caminho ao multipartidarismo e se, na Letónia, tudo parece calmo é porque ali metade da população é russa, de origem ou imigração recente, o que aconselha a moderação.

Voltando à Lituânia. A designação de Partido Comunista Separado corresponde ao antigo Partido Comunista lituano, agora separado do Partido Comunista Soviético. A criação de um Partido Comunista Separado foi considerada, pelos dirigentes comunistas lituanos, a única maneira de tentarem recuperar a popularidade perdida, tendo em vista as próximas eleições, marcadas para Fevereiro e Março.

O Comité Central do PCUS reagiu violentamente a esta separação e Gorbachev deverá visitar Vilnius, capital da Lituânia, para conversações.

Comunistas da Estónia preparam a cisão

O Partido Democrático lituano, agora oficialmente reconhecido, tem cerca de 2.500 membros e defende abertamente a total independência da Lituânia em relação à URSS, preparando-se para concorrer às próximas eleições.

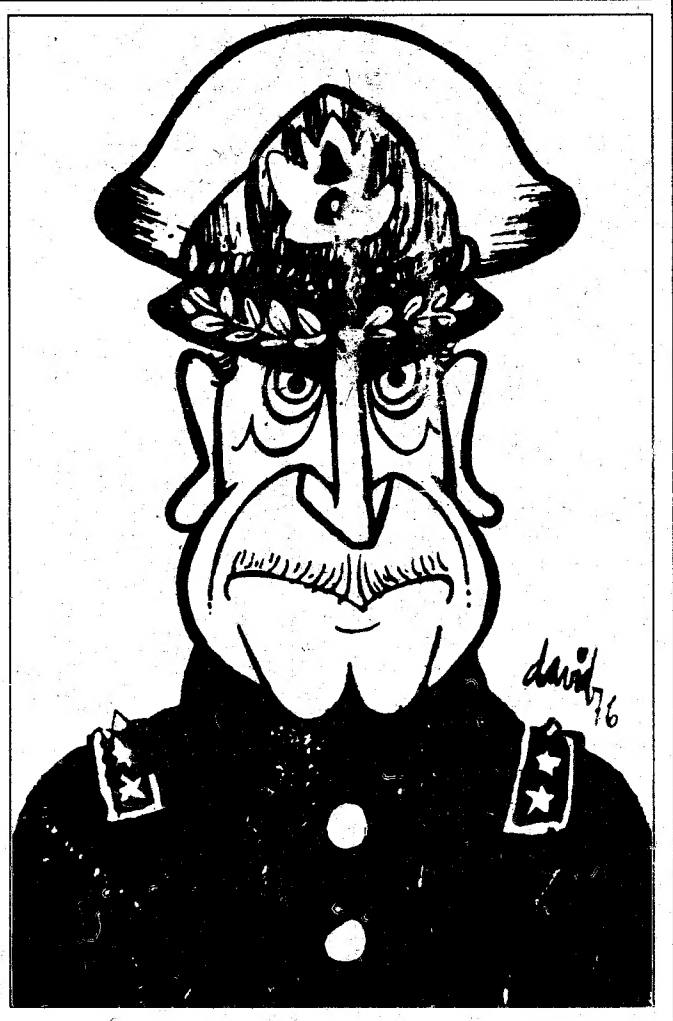
Dentro de dias espera-se que seja formalmente reconhecido um terceiro grupo político, o Partido Social Democrata, que também defende a independência da Lituânia e tem grande popularidade. Na Estónia, o Parlamento, depois de anular o Artigo 6º, decidiu realizar outra sessão a 11 de Janeiro, ocasião em que será debatida a nova redacção daquele artigo, a qual, como se prevê, incluirá o direito de qualquer organização social e política actuar no país. Já na próxima semana, deverá reunir o plenário do Partido Comunista da Letónia, esperando-se que seja aprovada a realização de um congresso extraordinário, do qual poderá resultar a separação do partido em relação ao PCUS.

Redacção DL
Lusa/Reuter

INTERNACIONAL

Pinochet: retrato do ditador caduco

Pinochet despediu-se, ontem, dos jornalistas chilenos com um almoço que foi, como disse, o seu último encontro com a Imprensa, na qualidade de Presidente da República. Assinalamos, nós, a despedida com excertos de uma quilométrica entrevista do general e também assim fechamos a série de textos sobre o Chile, elaborados pelo nosso enviado especial.



Do nosso enviado especial

Ao despedir-se, ontem, com um almoço, da Imprensa chilena e depois de lembrar que aquele era o seu último encontro com os jornalistas na qualidade de Presidente da República, Pinochet disse que se orgulhava da «obra feita» durante os seus 16 anos no Poder. É normal nos ditadores. E, a propósito de ditadores...

Cada ditador tem o seu gosto, que está no seu plenníssimo direito, dentro da arbitrariedade dos direitos com que decide cumular-se. Salazar gostava de se rodear de distância, de recato, de sigilo; Pinochet, esse, preferiu sempre a intervenção notória, em alardes exibicionistas de autoridade, consonantes com um conceito profundo que lhe é caro, o da «virilidade chilena». Talvez esteja aí uma das razões porque um, para ser apeado, teve de esperar pela senilidade apressada por um trambolhão da cadeira -- enquanto ao outro, à primeira oportunidade, foi o povo a indicar-lhe, entre chufas, a porta das traseiras. Mas aos 74 anos já ninguém muda. E, enxovalhado pelos resultados de um sufrágio que supôs que o entronaria, Pinochet ainda conserva amor-próprio para dar e vender em 160 páginas de confissão e doutrina. Em tantas se concentram 15 horas de entrevista, divididas em cinco sessões, que concedeu a duas jornalistas chilenas, Raquel Correa e Elisabeth Sucaseaux, que publicaram o resultado num livro intitulado «Ego Sum Pinochet»(«Eu sou Pinochet», em latim). Está a ser um êxito nas livrarias de Santiago. Até porque nele se lêem coisas como estas:

Infância

«Meteram-me no Seminário de São Rafael. Era um colégio de alta disciplina. Como castigo, cortavam-nos as saídas ao domingo. Não nos batiam, como em outros colégios, mas não sair era sanção dura».

«Sabe o que me metia medo? Ir para o Inferno. Inculcaram-mo no Seminário».

(Fazia chichi na cama?) «Diabo de pergunta. Acho que não, nem em bébé. A minha mãe dizia isso».

Gostos pessoais

(Que sente por nenhum governante democrático o convidar para o seu país ou aceitar vir ao Chile enquanto estiver no Poder?) «Nada que me afecte. Tenho a enorme satisfação de ter sido recebido pelo Santo Padre. Compreendo que muitos governantes que se autodenominam de «democráticos» cuidem da sua imagem, e as calúnias, que são infinitas, os afectem. Como me haviam de convidar se os nossos compatriotas inventam mil coisas sobre os Direitos Humanos? Inventam mil barbaridades só para alcançarem o poder, dizendo que eu sou ditador e outras falácias? Como me hão-de convidar esses senhores governantes, se conhecem a minha posição quanto aos políticos?»

«Em família não sou autoritário. Às vezes censuram-me por que não me imponho mais».

Juízos históricos

«Hitler errou. E teve o defeito de perder a guerra».

(Perestroika) «É feita com os elementos de sempre, adornados com aberturas. Segundo Gorbachov, trata-se de produzir um socialismo democrático (...). É uma habilidade gramsciana».

(Vaticano II) «Afectou-me. Preferia o latim e os rituais antigos. Afectou-me essa mudança formal da Igreja, porque sou dogmático nesse campo. Não concebo que a religião se modernize. Não concebo, por exemplo, um padre com *blue jeans*. Ou que sejam políticos; o sacerdote é um homem de Deus».

«Há sacerdotes que se protegem com a sotaina para fazer "diabruras", e isso está mal».

A eleição de Allende

«Como crente, penso que Deus faz sempre as coisas pelo melhor. No íntimo do meu coração, disse assim: "Se Deus submete o Chile a esta experiência, e o Chile quer vivê-la, há-de ser pelo melhor».

«Allende falava-me da miséria do povo. Dizia que o sistema comunista era favorável aos pobres e outras coisas sobre o assunto. Tudo isto traduzia o desejo de apresentar-me o tema de forma angustiada, para me fazer uma lavagem ao cérebro».

O golpe

«Foi no próprio dia que pensei pela primeira vez no Poder, mas não para mim. O que pensei foi que os políticos o queriam para eles. E reflecti: se entregamos o poder, isso significa que dentro de uma ano ainda estaremos mais apodrecidos, porque os democratas-cristãos são especialistas em apodrecer as coisas».

«...podia ter sido mais cruento se tivesse acontecido o que fôra anunciado: que o povo sairia armado para a rua . Teria havido uma revolução».

«Não se pode evitar que um combate seja cruento... Porque não foi menos sangrenta a batalha de Estalinegrado? E porque julgam que se bombardeou La Moneda? Porque estavam lá aninhados tipos dos GAP. Soldado que entrava, era abatido. Ao general Palácios, feriram-no numa mão. Por isso se recorreu ao bombardeamento. Uma bomba e acabou-se o problema!»

«Quem se rendia, era feito prisioneiro e tratado o mais humanamente possível».

«Não sei desses famosos fuzilamentos de que se fala».

«Dizem que sou um ditador... Tenho a consciência tranquila. Não sou desapiedado com ninguém: pelo contrário, quando posso ajudar alguém, ajudo. Que sou inimigo dos comunistas? Sou inimigo dos comunistas! E dos marxistas e dos gramscistas também. E que o mundo está dominado pelos marxistas, isso sei eu. Por isso é que deu a volta ao mundo a minha fama de ditador, de canalha, de bandido. Sabiam que no 11 de Setembro em Paris já se falava dos Direitos Humanos no Chile? Como é que estavam tão bem informados? Foi uma campanha orquestrada».

O plebiscito

«Não estou amargurado. Sou um homem formado para o triunfo ou a derrota».

«Senti-me golpeado, mas não amargurado. Cansado, sim». «Quero ficar como Comandante em Chefe das Forças Armadas para estar com a minha gente e poder protegê-la em qualquer momento e de qualquer coisa que possa acontecer. Eu sei o que aconteceu em muitos lados. Já vi no que dá sempre a lenga-lenga dos Direitos Humanos, que é uma invenção dos comunistas... »

Fernando Brederode Santos

«XISTOS DE BARRANCOS — SOCIEDADE DE EXTRACÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DE PEDRAS ORNAMENTAIS, LIMITADA»

DÉCIMO OITAVO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA A CARGO DA NOTÁRIA LICENCIADA MARIA JOSÉ PIMENTEL PEQUEIRA E SILVA

CERTIFICO

— Para fins de publicação, que, por escritura lavrada hoje e exarada de folhas 98 verso a folhas 99 verso do livro de notas para escrituras diversas, n.º 31-H, deste Cartório, a sociedade anónima de responsabilidade limitada denominada FNACGESTE — SOCIEDADE GESTORA DE PARTICIPAÇÕES SOCIAIS, SA, e a cooperativa de responsabilidade limitada denominada COOPERATIVA DE PRODUÇÃO OPERÁRIA XISTO DE BARRANCOS, CRL, celebraram, entre si, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

ESTATUTOS

ARTIGO PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação «XISTOS DE BARRANCOS — SOCIEDADE DE EXTRACÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DE PEDRAS ORNAMENTAIS, LIMITADA», tem a sua sede na vila, freguesia e concelho de Barrancos e durará por tempo indeterminado.

ARTIGO SEGUNDO

O objecto social consiste na extracção e transformação de pedras ornamentais e para construção civil.

ARTIGO TERCEIRO

O capital social, realizado em dinheiro, em cinquenta por cento, é de cinco milhões de escudos.

ARTIGO QUARTO

Os sócios e respectivas quotas são os seguintes: «FNACGESTE — SOCIEDADE GESTORA DE PARTICIPAÇÕES SOCIAIS, SOCIEDADE ANÓNIMA», com a quota de três milhões e oitocentos mil escudos, em dinheiro, da qual realiza imediatamente metade, isto é, um milhão e novecentos mil escudos, e o restante no prazo de seis meses e a «COOPERATIVA OPERÁRIA XISTO DE BARRANCOS, COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA», com a quota de um milhão e duzentos mil escudos, em dinheiro, da qual realiza imediatamente metade, isto é seiscentos mil escudos e o restante no prazo de seis meses.

ARTIGO QUINTO

UM. A Gerência é composta por três gerentes, sendo suficiente a assinatura de dois para obrigar a sociedade.

DOIS. A «FNACGESTE — SOCIEDADE GESTORA DE PARTICIPAÇÕES SOCIAIS, SOCIEDADE ANÓNIMA», dois dos três gerentes e a «COOPERATIVA OPERÁRIA XISTO DE BARRANCOS, COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA», designará um.

TRÊS. Cada um dos sócios pode destituir livremente o gerente que designar, e nomear novo ou novos gerentes em substituição de quem for destituído ou tiver renunciado.

QUATRO. A destituição e nomeação por parte de cada sócia, serão feitas por carta registada com aviso da recepção e assinatura reconhecida.

CINCO. São nomeados gerentes, a Senhora Doutora Conceição Maria da Costa Ladeiras, solteira, maior, natural da freguesia de Vila Nova de Milfontes, residente na Rua Tenente Garcia de Lemos, número um, segundo andar, em Queluz, o Senhor Engenheiro Fernando de Almeida Sousa Marques, casado, natural da freguesia de Santa Clara, concelho de Coimbra, residente na Rua Bento de Jesus Caraça, número trinta e dois, quinto andar direito, no Laranjeiro, em Almada, que exercerão a Gerência como designada pela sócia «FNACGESTE — SOCIEDADE GESTORA DE PARTICIPAÇÕES SOCIAIS, SOCIEDADE ANÓNIMA», e ainda Francisco Daniel Godinho, casado, natural da freguesia e concelho de Barrancos, residente na Rua Vinte e Cinco de Abril, quarenta e cinco, em Barrancos, que exercerá a gerência como designada pela sócia «COOPERATIVA DE PRODUÇÃO OPERÁRIA XISTO DE BARRANCOS, COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA.»

SEIS. No caso de a sociedade passar a ter mais de dois sócios a assembleia geral pode destituir os gerentes ou parte deles e eleger outros.

SETE. A Gerência poderá comprar ou vender bens móveis.

ARTIGO SEXTO

A sociedade obriga-se com a assinatura de dois gerentes.

ARTIGO SÉTIMO

A cessão, total ou parcial, de quotas é permitida entre os sócios. A cessão a estranhos depende do consentimento da assembleia geral.

ARTIGO OITAVO

As assembleias gerais são convocadas por carta registada expedida com a antecedência não inferior a vinte e um dias, salvo se a lei não exigir outras formalidades.

ARTIGO NONO

UM. A amortização de quotas é permitida nos seguintes casos:

a) Por acordo dos sócios;

b) Quando alguma quota haja sido penhorada, arrestada, ou por qualquer forma envolvida em processo judicial que não o de inventário e, em consequência, se proceda ou tenha procedido, à sua arrematação, adjudicação ou venda judicial;

c) No caso de partilha judicial ou extrajudicial por divórcio ou separação judicial de pessoas e bens, quando a quota ou parte da mesma não ficar a pertencer ao respectivo titular e na parte que não for adjudicada.

DOIS. O preço da amortização será livremente acordado entre a sociedade e o titular da quota amortizanda.

TRÊS. Na falta de acordo, o preço da amortização será o correspondente ao valor real da quota determinado nos termos da lei.

ARTIGO DÉCIMO

Os lucros líquidos apurados anualmente serão distribuídos entre os sócios, na proporção das respectivas quotas, sem prejuízo das reservas legais e das demais reservas deliberadas pela assembleia geral.

ESTÁ CONFORME.

LISBSOA E DÉCIMO OITAVO CARTÓRIO NOTARIIAL, aos 8 de Novembro de 1989

O Ajudante

Frederico Rocha Pinto Saraiva

Governo e Igreja querem o julgamento de Noriega

Os lideres da Igreja e do Governo do Panamá afirmam que as soluções sobre os destino do general António Noriega devem prever o seu julgamento, afastando assim a possibilidade de uma libertação do «ex-homem forte» do país através da concessão do asílo político. Cuba foi o único país que até agora se disponibilizou para receber Noriega. Entretanto, dia de ontem ficou marcado por novas iniciativas do Governo de Guillermo Endara de pôr o país a funcionar: o canal do Panamá está a laborar a tempo inteiro, os bancos reabriaram ao público e calcula-se que no próximo sábado o aeroporto da capital panamiana deverá também ser reaberto ao tráfego internacional.

Extensas bichas de pessoas formaram-se à entrada dos bancos na cidade do Panamá. Teme-se que a onda de saques verificada durante a invasão das tropas dos Estados Unidos e as dificuldades financeiras do novo Governo - com um país, até agora, praticamente parado - , venha a causar um período de alguma penúria de bens essenciais de consumo. Washington anunciou que irá fazer deslocar ao Panamá uma missão com vista a ajudar o Governo no apoio às vítimas da intervenção das suas tropas, assim como para avaliar a ajuda financeira a conceder.

INTERNACIONAL

Jean-Francis Held em entrevista ao «DL»

Anos 80 vistos à francesa

Falar do passado é sempre menos aliciante do que especular sobre o futuro. Falar da década de 80 quando se está já a transpôr o limiar dos anos 90 torna-se mais difícil ainda. Dez anos é muito tempo, passaram-se muitas coisas e a tentação de colocar questões sobre o que se vai passar na próxima década é sempre grande.

Jean-Francis Held, chefe de redacção da revista francesa «L'Evénement du Jeudi», não foge à regra, encarando os grandes acontecimentos de 80 como os fenómenos em movimento que realmente são. Homem com um passado de empenhamento político - durante quinze anos foi membro do Partido Comunista Francês - e jornalista de grande experiência, Jean-Francis Held encontra-se hoje ao leme de uma publicação jovem mas que lidera já a audiência dos semanários em Paris.

Em conversa com o «Diário de Lisboa», no seu minúsculo gabinete de Paris, Held escolhe os temas, para pensar sobre eles como se fosse a primeira vez, e levanta questões, um grande número de questões.

Jean-Francis Held: «As ditaduras de direita são mais fáceis de mudar que as de esquerda»

«Diário de Lisboa» - A década de 80 ficará para sempre marcada, acima de tudo, pelas mudanças verificadas a Leste. Trata-se de um fenómeno que se está a desenvolver a uma velocidade vertiginosa. No entanto, há cinco anos atrás, para não dizer menos, ninguém sonhava que tudo isto pudesse acontecer.

Jean-Francis Held - Já há muitos anos que não era novidade para ninguém que a economia soviética ia mal, que as pessoas não estavam contentes. No entanto, a ideia dominante, consciente ou não, era a de que o equilíbrio geo-político do mundo divido em dois não podia ser alterado, ia durar para sempre: os soviéticos tratavam de manter a ordem no seu bloco e a situação permanecia estável.

As alterações actualmente em curso eram, na verdade, inimagináveis e devem-se principalmente a duas causas. A primeira reside no facto de que o bloco de Leste estava em vias de perder a sua batalha contra o Ocidente. A segunda prende-se com a presença de um homem excepcional, de grande coragem política, um dos principais homens de Estado deste século: Mikhail Gorbachev.

E porque é que ninguém conseguiu prever o que se está a passar? Porque esta derrota do Leste contra o Ocidente foi ainda mais rápida, mais monumental pela mudança operada por Gorbachev. Quando existia o monolitismo a Leste, existia pelo menos uma ficção de coerencia que funcionava mal, mas funcionava.

Agora nada funciona. Todos os países de Leste, incluindo a URSS, admitem a derrota e pedem ajuda do Ocidente. É a destruição total do seu aparelho, da sua estrutura, do seu orgulho.

Não se pode, todavia, dizer que a coragem extraordinária de Gorbachev permitiu ao Leste ser um adversário geo-político mais sólido do Ocidente, bem pelo contrário. Mesmo os soviéticos mais optimistas afirmam que, no melhor dos casos, o seu país só poderá tornar-se competitivo e reencontrar a eficácia de potência - que aliás nunca teve - dentro de 15 ou 20 anos.

Gorbachev teve a coragem não apenas de modificar a lógica do sistema do seu país e do seu bloco, mas de aceitar - na esperança de que a sua nação possa ser salva - a derrota perante o Ocidente, e mesmo de a precipitar. Ora isso era algo que ninguém poderia prever.

Claro que toda a gente está contente com o que se está a passar a Leste. No entanto, tudo isso acarreta grandes preocupações pois a desordem que veio substituir a ordem existente arrisca-se a ser perigosa. O equilíbrio das potências, com cada um a ter medo do outro, constituía uma espécie de segurança face à hipótese de uma nova guerra mundial. Mas quem é que nos prova que isso vai continuar?

«DL» - Tão ou mais importantes que os equilíbros geo-políticos, são as mudanças reais na vida dos habitantes dos países de Leste. O que vai suceder com eles, passada a «euforia da libertação»?

JFH - A primeira coisa que nos salta aos olhos é que no conjunto dos sistemas totalitários existentes no mundo, os ditos de direita podem ser mais facilmente mudados. Franco, Salazar, Marcos, Somoza e outros são exemplo disso. Isto porque a penetração do poder e da ideologia totalitários são menos íntimos, menos profundos nas ditaduras ditas de direita que nos regimes totalitários ditos de esquerda. Imagine que é chilena ou portuguesa na época de Salazar. Não se mistura na política, não é obrigada a mudar a sua maneira de pensar, não está em comunicação com as grandes ideias do regime e ninguém a vai prender se não fizer nada.

Nos países ditos socialistas é completamente diferente. Não é possível ficar de fora. Toda a população está distribuída pelas chamadas organizações de massa: há as organizações das mulheres, dos jovens, dos estudantes, porque não dos bebés. Não se pode ser abstencionista, agnóstico. Quem não está connosco, está contra nós e portanto é um suspeito. Nada escapa. Isto faz com que a estrutura das ditaduras ditas de esquerda seja muito mais forte que a das de direita. Franco morre e a Espanha reeencontra-se. Ora isso não é assim tão fácil numa ditadura de esquerda.

Liberdade: a ânsia e a rotina

«DL» - Falou dos regimes totalitário de direita. Não o preocupa o renascimento dos partidos de extrema-direita na Europa Ocidental, nas «sociedades-símbolo» da democracia?

JFH -O recrudescimento da extrema-direita na Europa é um fenómeno que ninguém consegue ainda explicar cabalmente. O que é gritante é o contraste inacreditável, a contradição impúdica entre as massas de Leste que descobrem a possibilidade da liberdade, da democracia, que querem votar, enquanto na Europa Ocidental se está de tal forma habituado à democracia que já não se lhe dá importância.

Eu estou convencido que a responsabilidade desta situação cabe principalmente ao poder político, tanto de direita como de esquerda, que não soube manter um contacto dinâmico com o povo, tratar dos seus problemas, ser realista.

Tomemos o caso da França. Se tivessemos tido esta conversa há um mês eu ter-lhe-ia dito: «Le Pen manterá a sua média de dez por cento, mas o problema da emigração, por exemplo, está razoavelmente aceite pela população. Ninguém, nem mesmo Le Pen, pensa em repatriar os emigrantes, e muito menos os seus filhos já nascidos em França».

Bom, enganáva-me. E enganáva-me por diversas razões. Por um lado, porque o desemprego continua, e quando as pessoas não têm esperança viram-se para as ideias simples e brutais. Por outro, porque a situação económica tem vindo a melhorar e as pessoas não compreendem que apesar disso os seus salários não sofram grandes aumentos com a desculpa da inflacção. Isto gera descontentamento social e portanto desconfiança face à classe política.

No que se refere concretamente à emigração, a verdade é que ela continua. De repente, três jovens vão para a escola com um véu na cara e o racismo, a xenofobia, a desconfiança relativamente ao Islão, todos os problemas que já julgávamos irradicados vêm ao de cima.

«DL» -Mas enquanto se pratica a intolerância em casa, apregoa-se a tolerância lá fora. Veja-se por exemplo o caso de Salman Rushdie.

JFH - Esse caso fez muito barulho nos meios intelectuais. Publicaram-se extractos do livro, fizeram-se apelos na televisão, mas isso não atingiu a população. Quando as pessoas têm dificuldades procuram sempre um bode expiatório e os emigrantes, o racismo latente, são um alvo fácil. O caso do véu não foi senão uma gota de água que fez abrir a «mala».

O parente pobre

«DL» - Mudemos de assunto. A Europa vai sofrer grandes modificações na próxima década. Acha que os anos 80 prepararam essa situação?

JFH - Eu só posso falar do que se está a passar em França. Os franceses não são maus europeus e, segundo as sondagens, são em massa a favor da integração europeia, mesmo à custa de uma certa perda de soberania. No entanto, têm medo, proveniente sobretudo da falta de conhecimento que têm da situação que os espera. A nível económico as preocupações agravam-se pois existe a noção de que também neste campo vão haver perdas. Sabem que é preciso fazê-lo mas temem.

«DL» - Em Portugal esse temor também existe, agravado pelo facto de a nossa adesão ser muito recente. O que pensa um dos países fundadores da CEE do seu mais jovem membro?

JFH - Os franceses conhecem Portugal porque vão lá passar férias e porque convivem com muitos emigrantes portugueses. A imagem que os franceses têm de Portugal é simpática, mas existe a ideia de que se trata de um país muito subdesenvolvido. A Europa é a França, a Itália, a Alemanha, a Inglaterra, e agora a Espanha. Portugal é um pouco como se a Argélia pertencesse ao Mercado Comum. Os franceses gostam dos portugueses mas acham que têm que pagar por eles. Portugal é uma pequena dificuldade, um parente pobre de quem se gosta mas que traz problemas.

A ecologia como sinal de esperança

«DL» - Um dos grandes temas da década que agora termina foi a ecologia. Em sua opinião estamos perante mais uma moda, ou será que as preocupações ecológicas constituiram na realidade um factor de união entre os países?

JFH - Não é de forma alguma uma moda, é uma necessidade absoluta, é a pedra de toque do desenvolvimento. No entanto, fala-se muito dela mas põe-se muito pouco em prática, principalmente nos países do Sul. Os povos do Sul têm menos esperança, acreditam menos na possibilidade de mudar o futuro, de o controlar, e por isso estão-se nas tintas, contrariamente aos povos do Norte. Um bom exemplo é o dos países do Leste, onde a situação ecológica é catastrófica. É difícil conciliar um sistema político com uma prática ecológica.

Tecnicamente, estou convencido de que as preocupações ecológicas constituiram um factor de união. Mesmo entre o Leste e o Ocidente isso verificou-se quando os soviéticos pediram a ajuda dos americanos para resolverem os problemas suscitados pelo acidente nuclear de Chernobyl. A nível das mentalidades é outra história.

«DL» - E chegamos finalmente a outro dos temas obrigatórios sempre que se falar dos anos 80: a Sida. Apenas uma nova doença, ou uma punição dos céus?

JFH - Nos anos 70 assistimos à revolução sexual que foi, apesar de tudo, uma grande vitória da liberdade. Esta liberdade, que veio muito depressa, provocou alguma inquietação, que a atitude crítica da Igreja contribuiu para reforçar.

E de repente surgiu a Sida. Maravilhoso. Os padres nunca disseram que era a punição dos céus, mas também não tinham necessidade de o dizer, deixaram a ideia correr por si própria. Para não ter Sida é preciso não andar a fazer amor à direita e à esquerda, é preciso permanecer fiel à pessoa com quem se casa. No entanto, a solução não reside no uso do preservativo, que é um pecado terrível. A verdadeira resposta ao problema da Sida é a castidade.

Tudo se passa como se a liberdade sexual tivesse suscitado, por razões materiais, lógicas, uma espécie de alerta de que o sexo separado do amor e da reprodução põe em perigo, de forma verdadeira ou falsa, as melhores condições da evolução da espécie. A Sida surge assim como uma espécie de sinal de alarme, papel que as epidemias tiveram frequentemente ao longo da história.

Dina Soares, em Paris

ECONOMIA

B R E V E S

Governo aumenta preços

Os aumentos dos preços de bens e serviços foram ontem decididos em Conselho de Ministros. Transportes, correios, telefones, água e pão são algumas das vítimas visadas pelo Governo. Os aumentos atingem os 7,7 por cento, em média ponderada pelo Executivo e produzem efeito a partir de 1 de Janeiro do próximo ano.

«Estes aumentos têm em conta o objectivo do Executivo de abrandamento do ritmo da inflação» - declarou Fernando Nogueira, porta-voz governamental. Segundo as suas previsões, a inflação esperada para 1990 situa-se entre os 9,5 e os 10,5 por cento. Adiantou ainda que esta «actualização de preços» teve em conta «a menor sobrecarga possível para os cidadãos» e a garantia de condições mínimas de exploração para as empresas que fornecem bens e serviços.

O pão aumenta, em média, 5,9 por cento. Assim, o pão tipo 75 cujo kilo custava 119$00 passa a custar 126$00. O pão tipo 95 passa de 110$00 para 116$00 por kilo. O preço do pão tipo 115 passa de 110$00 para 116$50 o kilo. O gás de cidade aumenta de 26$50 para 29$50, por metro cúbico. Um acréscimo de 11,3 por cento, de acordo com as novas tabelas já divulgadas. O gás butano e propano, em garrafa de mais de três kilogramas, passa de 74$50 para 81$50 por kilo (mais 9,4 por cento).

A água distribuida pela Empresa Pública das Águas de Lisboa aumenta, em média ponderada pelo Governo, 7,7 por cento. Os consumos domésticos até cinco metros cúbicos por mês têm o seu preço diminuido de 22 para 19$00 por metro cúbico.

Os passes sociais para Lisboa e Porto aumentam, em média, nove por cento. O passe L aumenta de 2 195$00 para 2 392$50. O L1 passa de 2 915$00 para 3 175$00. O L12 aumenta de 3 500$00 para 3 815$00 e o L123 de 3 965$00 para 4 320$00. No Porto, os passes dos STPC aumentam cerca de nove por cento. O passe A sobe de 1 985$00 para 2 162$50, o passe B aumenta de 2 650$00 para 2 887$50, o passe C sobe de 1 985$00 para 2 162$50 e o passe ABC aumenta de 3 165$00 para 3 450$00.

Os aumentos afectam também as telecomunicações. O selo para carta ordinária passa a custar 32$00. O impulso de telefone custará 8$00 e a respectiva taxa 10 700$00. Aumentam ainda, mais de nove por cento, as taxas da RDP e da RDP.

Exploração da Setenave concedida à Solisnor

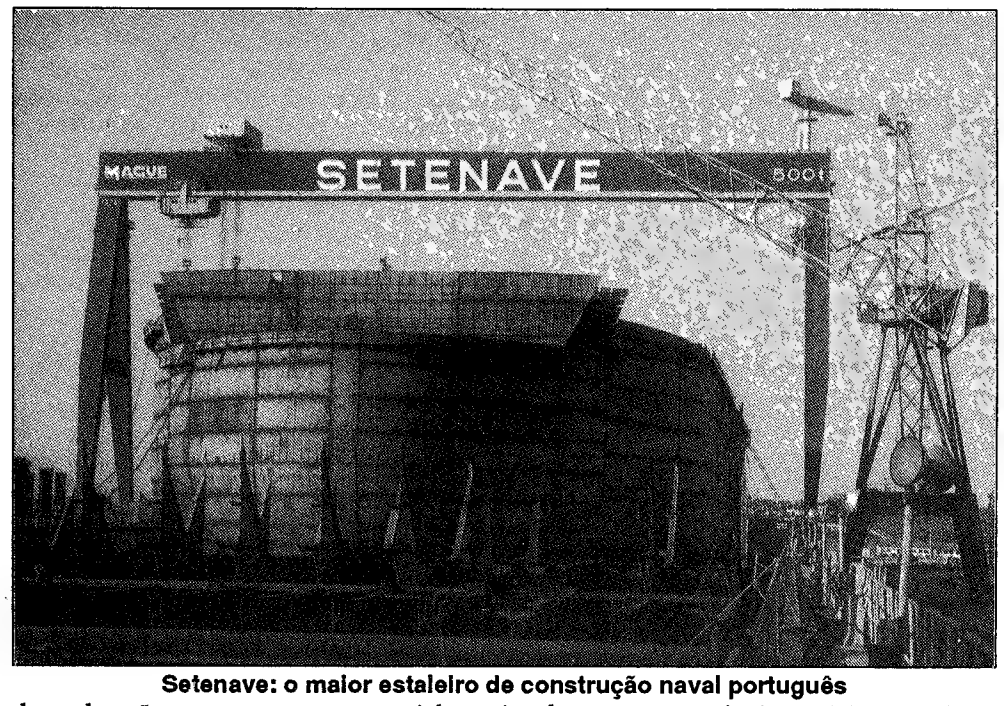
Adiada a privatização, o Estado recebe uma renda fixa anual de 200 mil contos e percentagens sobre facturações

O contrato de concessão à Solisnor da exploração da Setenave vai ser assinado hoje à tarde no Ministério da Indústria, constituindo um primeiro passo a caminho de uma ainda longínqua privatização, por enquanto posta de parte pelo Governo. A primeira empresa pagará ao Estado uma renda fixa anual de 200 mil contos (actualizada anualmente) e uma renda variável em função da facturação, disse ao DL fonte daquele Ministério.

A mesma entidade revelou que a parcela variável da renda foi estabelecida em três por cento da facturação bruta relativa a reparações, em um por cento da facturação bruta das novas construções subsidiadas e em dois por cento da facturação líquida das novas construções não subsidiadas.

O contrato com o Estado tem a duração de sete anos e poderá ser revogado por períodos sucessivos de cinco anos.

Nos termos do acordo de concessão, os contratos de trabalho estabelecidos com a Setenave serão transmitidos à Solisnor durante o período da exploração.



Setenave: o maior estaleiro de construção naval português

A Solisnor é uma empresa portuguesa constituída pela associação da Soponata, Lisnave e do grupo norueguês Barber International.

A Setenave é o maior estaleiro português de construção naval, com grande influência na economia portuguesa a nível industrial, sectorial e regional.

A concessão agora contratada destina-se a evitar um processo de privatização que poderia levar a um elevado número de despedimentos de trabalhadores da Setenave. Trata-se, portanto, de um compromisso do Governo entre o ideal e o desejável, no sentido de evitar consequências sociais e económicas de certa gravidade.

O Governo considera, por outro lado, que a solução adoptada reúne as condições para que a Setenave, *"a prazo não muito distante, adquira plena capacidade competitiva, a nível europeu e mundial"*, de forma a poder regressar, mais tarde, à esfera da economia privada.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS 125 ANOS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50$35	56$35
ALEMANHA FED. (marco)	97$30	88$50
ÁUSTRIA (xelim)	12$40	12$60
BÉLGICA (franco)	3$981	4$231
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	127$95	130$45
(notas de 5 a 1000)	128$45	130$95
DINAMARCA (coroa)	22$45	22$85
ESPANHA (peseta)	1$320	1$440
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	148$10	151$60
(notas de 5 a 1000)	148$60	152$10
FINLÂNDIA (marka)	36$65	37$25
FRANÇA (franco)	25$55	26$25
HOLANDA (florim)	77$30	78$40
IRLANDA (libra)	232$70	236$70
ITÁLIA (lira)	$106	$121
JAPÃO (iene)	$990	1$045
NORUEGA (coroa)	22$45	22$95
REINO UNIDO (libra)	239$00	243$50
SUÉCIA (coroa)	23$80	24$30
SUÍÇA (franco)	95$70	97$20
VENEZUELA (bolívar)	3$333	4$133

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Restrições ao crédito prejudicam comércio

Pequenas e médias empresas não podem recorrer a dinheiros externos

«As medidas de restrição ao crédito prejudicam o crescimento do comércio português, nomeadamente as pequenas e médias empresas que não têm capacidade de recorrer a créditos externos», disse, ao DL, João Navega, secretário-geral da CCP, Confederação do Comércio Português.

Exemplo de uma medida que perturba este comércio, afirma João Navega, é a legislação relativa à publicidade, a qual faz aumentar consideravelmente os custos dos produtos, como é caso do ramo automóvel, a braços com uma espécie de *«harakiri»*.

Considera, no entanto, o secretário-geral da CCP, que o governo português tem tido um diálogo *«produtivo»* com os comerciantes, tendo anunciado há dois meses, em Ofir, no 15º aniversário da Federação do Comércio Retalhista, uma *«linha de apoio»* às Associações Regionais do Comércio na ordem dos 200 mil contos.

Por outro lado, sublinha João Navega, deverá entrar em vigor, no decorrer do próximo ano, *«um sistema de incentivos à modernização do comércio, durante quatro anos, com valores que atingirão os cinco milhões de contos»*. Falta apenas discutir os critérios de apoio de acordo com base num projecto global apresentado pela CCP.

Externo contra interno

A substituição do crédito interno pelo externo é uma das consequências da política monetária restritiva portuguesa. A concessão de crédito ao sector público baixou significativamente entre Dezembro de 1988, (17,2), e Agosto de 1989,(5,6). No mesmo período, o crédito interno reduziu de 20 para 6,5 por cento.

Segundo a última análise de conjuntura do Conselho Nacional do Plano (CNP), o crédito total concedido à economia portuguesa, durante 1989, foi afectado por esta política monetária, verificando-se o abaixamento da taxa de expansão.

O sector privado, por sua vez, a seguir a um abrandamento da procura entre Março e Julho, recuperou o acesso ao crédito para níveis que se aproximam aos de Dezembro de 1988. Neste caso, o aumento da taxa de variação ficou a dever-se ao crédito externo.

A substituição do endividamento interno pelo externo é um facto salientado pelo CNP, tendo o crédito interno evoluido de uma forma semelhante ao do crédito total.

O peso do sector público reduziu de 56 para 34 por cento, ao contrário do crédito concedido a empresas não financeiras e particulares que subiram de 40,7 para 61 por cento.

Portugal e CEE: défice aumenta

No próximo ano vai agravar-se o défice das transferências líquidas entre Portugal e a Comunidade Europeia, embora se preveja que os fundos comunitários concedidos a este país atinjam os 230,6 milhões de contos, contra os 172,9 milhões estimados para 1989.

Este dados foram divulgados no Boletim do Conselho Nacional do Plano, no qual se revela, mais concretamente, que o saldo negativo em 1990 deverá ser de 76,5 milhões de contos, contra 48,3 milhões em 1989.

Segundo o Conselho Nacional do Plano, os fundos comunitários a atribuir a Portugal em 1990 implicam comparticipações do Estado português, o que irá contribuir para agravar o défice.

Entretanto, o Conselho Nacional do Plano aponta como facto positivo a prevista diminuição, no próximo ano, das necessidades de investimento no sector empresarial do Estado: apenas 1,3 por cento do produto interno bruto, contra 1,5 em 1989.

Por outro lado, refere também o facto da boa evolução das necessidades de investimento da globalidade do sector público.

QUOTIDIANO

Negócios com crianças no banco dos réus

Programa televisivo acusado de manipular imagens de extrema violência

O programa da RTP «A Hora da Verdade», emitido na quinta-feira dia 21 e dedicado ao tráfico de crianças, vai motivar um processo por injúria contra a televisão, soube o DL junto de Adélia Silva Melo, que é implicada, por essa emissão, na compra e venda de menores no nosso país.

A reportagem, designada por «Negócios com Crianças», foi realizada pela jornalista Fernanda Bizarro, com imagem de João Filipe. Serviu de base à edição do programa apresentado por Margarida Marante que reuniu, em estúdio, algumas personalidades ligadas às questões da infância e da adopção.

O trabalho procurou demonstrar que há tráfico de menores em Portugal, sustentando que uma das razões da sua existência é o complexo processo burocrático condicionador da adopção. Salienta que há muitos casais portugueses, «em lista de espera para adoptar crianças» - 70 só na Misericórdia de Lisboa, como é dito. Destaca opiniões de responsáveis de maternidades da capital e do Porto que admitem existir negócios com recém-nascidos às portas daqueles estabelecimentos hospitalares e aponta, até, um caso que deu polémica no Hospital de Faro onde parece ter havido uma situação concreta de venda de um recém-nascido.

A reportagem inclui ainda depoimentos de mulheres que vivem na maior miséria, em bairros degradados, e que reconhecem ter entregue os filhos a casais estranhos, a troco de diversas formas de pagamento.

Sem comentários

A polémica centra-se em torno de duas instituições que são apontadas como cúmplices do tráfico de menores. São referidas, concretamente, a Misericórdia da Albufeira e o InterAid ou Apoio Cristão, uma instituição privada de assistência social vocacionada para dar ajuda a crianças oriundas das ex-colónias.

A reportagem da RTP visitou e filmou as instalações do InterAid a 3 de Dezembro. A direcção do centro organizou, inclusive, um programa para a «visita especial da Dra. Fernanda Bizarro e a sua equipa de televisão». Na emissão de quinta-feira, dia 21, é transmitida uma sequência de imagens colhida nesse data, e onde se passa uma criança para as mãos de uma senhora.

Os planos, filmados à noite, são de extrema violência e sugerem, realmente, que se está perante um rapto de uma menina. A reportagem encerra, aliás, desse modo, sem mais comentários em *off* , tal o impacto que a cena sugere.

A criança em causa é Helma Francisca Tavares Jorge, de 9 anos, natural da Catumbela, de nacionalidade angolana. É orfã de pai e mãe e veio recentemente de Angola, para «ser entregue à senhora que tomou conta da irmã mais velha», Hiliana Tavares Jorge, de 10 anos, nascida na mesma localidade. Essa seria a vontade do falecido pai, Sérgio Jorge, um polidor de automóveis morto, em 19 de Maio de 1981, em circunstâncias misteriosas, quando estava preso pelas autoridades da RPA. A mãe das duas crianças, Hermínia Borges Tavares, falecera a 9 de Fevereiro do mesmo ano, vítima de doença, quando Helma só tinha cinco meses. As duas meninas foram confiadas a Carmen Dolores Jorge, irmã do falecido pai, «para que pudessem crescer juntas».

As certidões de óbito dos pais das duas crianças e os documentos destas, às quais o DL teve acesso, comprovam que elas são de facto irmãs. Apesar disso, nunca se conheceram. A mais velha, Hiliana, de Angola só recorda a viagem para Portugal, por «se lembrar ter comido frango no avião». Tinha quatro anos quando chegou a Portugal e foi entregue aos cuidados de uma tia, Eugénia Pascoal Gomes Pires (irmã de Sérgio Jorge e de Carmen que ficou a cuidar das sobrinhas). Desempregada na altura, Eugénia confiou Hiliana ao InterAid. Posteriormente, esta organização permitiu o processo de tutela e de adopção por parte de Adélia Silva Melo, uma professora de Cascais.

«Não quero ir! Não quero ir!»

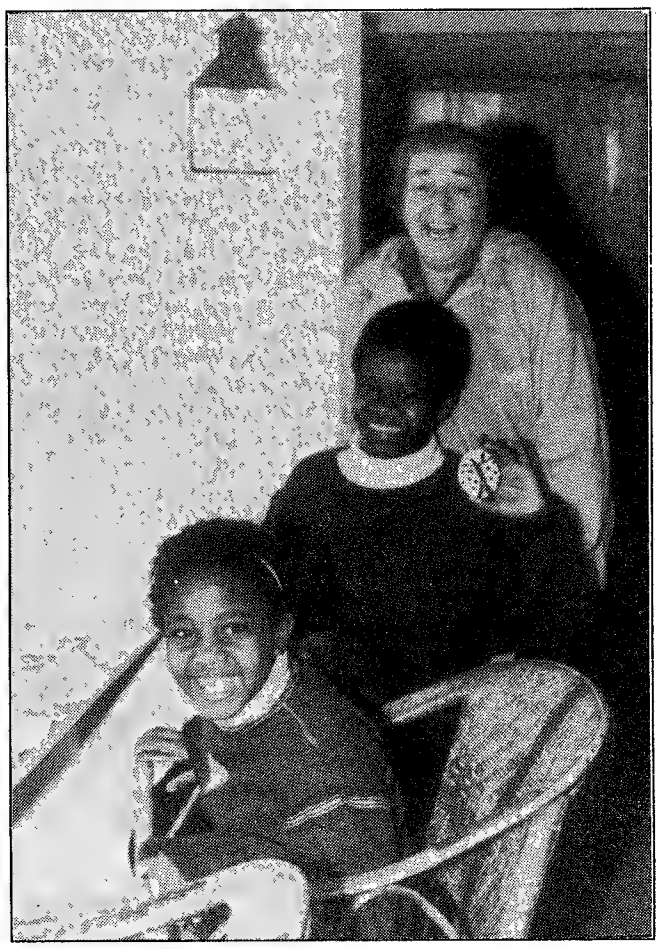
As objecções levantadas em torno da reportagem sobre o «negócio de crianças» partem precisamente de Adélia Melo. Solteira, professora da Escola Secundária de Alvide, sócia-gerente de uma firma de material eléctrico de Lisboa, proprietária de vários imóveis nesta cidade, vive em condições de aparente bem estar numa moradia do Alto de Alvide, com dez animais: cinco cães e cinco gatos.

Procurou Hiliana no Apoio Cristão, em 1983, depois de a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa a ter recusado como candidata à adopção de uma criança «por ser solteira», segundo a sua própria justificação

. O processo de tutela de Hiliana foi moroso e acompanhado por um psicólogo e uma assistente social, até à recente decisão do Tribunal Judicial da Comarca de Cascais que lhe permite pedir, agora, a adopção de Hiliana. Helma deverá conhecer um processo idêntico.

As imagens que a equipa de Fernanda Bizarro colheu, no InterAid são de extrema dureza. Ouve-se Helma gritar, desesperadamente, «eu não quero ir, não quero ir, quero a minha tia». Pode também escutar-se a irmã, Hiliana, chamar pela «mãe», como trata Adélia Melo, e apelar para que «traga o carro». O que se vê é algo muito parecido a um rapto.

Fernanda Bizarro, em declarações ao DL, afirma que se limitou a pôr no ar o que viu e não faz outras interpretações além do valor das imagens que passou. Confessa não ter investigado se as crianças em causa são realmente irmãs, justifica que ficou perante uma «situação inacreditável». Argumenta que presenciou um acto ilegal, à luz da legislação portuguesa, e que «não há nada a discutir» daí para a frente. Fica provado, na sua opinião, que o InterAid entrega crianças «sem nenhum processo de adopção, em completa irregularidade».



Helma, Hiliana e Adélia Silva Melo

Confiança até da GNR

A directora do Apoio Cristão, Engrácia Cardoso, sustenta que Helma nem sequer chegou a estar internada na Quinta do Secretário (propriedade do InterAid na Costa da Caparica), uma vez que veio de Angola para ser entregue, por vontade familiar, a Adélia Silva Melo. «Tratou-se de um encaminhamento, não de uma adopção», afirma. Colocou à nossa disposição toda a documentação e registos do InterAid, classificando a reportagem como uma «difamação, horrível e terrível».

Os restantes membros da direcção que ouvimos comungam da sua indignação e consideram que associar o InterAid, às outras imagens «horríveis» de venda de crianças, que a televisão emitiu, «é a pior calúnia que nos podia ser feita».

Engrácia Cardoso sublinha que a sua organização tem prestígio em todos os níveis da estrutura de assistência social portuguesa e relata que «a própria GNR nos vem entregar meninos que encontra abandonados». Forneceu-nos documentos que provam a confiança do Tribunal de Menores de Lisboa no InterAid, em diversos casos de adopção de crianças que estavam à sua guarda. Justifica que a maioria dos adoptados segue para o estrangeiro pelo facto de «em Portugal ser difícil os casais candidatos quererem crianças africanas». Nega, em absoluto, que o Apoio Cristão receba dinheiro pela adopção de crianças, mas admite ter recebido donativos de famílias que conheceram os filhos adoptivos na aldeia.

Como nos disse Fernanda Bizarro, é evidente que a haver dinheiro a passar de mão, ele não esteja à vista, mas...a directora, Engrácia Cardoso pôs à nossa disposição a lista dos donativos da organização e, inclusive, as suas contas mensais. Adélia Silva Melo procurou os jornais para denunciar o que considera uma difamação e, como dissemos, vai processar a RTP.

Por fim, Helma confessou ao DL que gostava mesmo é de voltar para o Lobito, «porque é lá que tem todos os amigos». Não admite que Hiliana seja sua irmã e nega a maternidade de Hermínia Borges Tavares.

Ontem à noite, Helma confirmou à nossa reportagem o nome da sua «mãe em Angola», a identidade das tias com quem viajou para Portugal e o local onde morava.

Ela trata por «Mita» a sua tia Carmen Dolores Jorge, que tem um salão de cabeleireiro no Bairro 28. Fora a angústia daquele domingo e a curiosidade que agora suscita na vizinhança, brinca com Hiliana e já trata Adélia Melo por «mãe», à boa maneira angolana.

A "Hora da Verdade" podia também ter exibido essas imagens porque esteve na residência de Alvide dias depois de captar as chocantes imagens de 3 de Dezembro. Só que Fernanda Bizarro não quis que as duas irmãs fossem filmadas juntas.

Pereira de Almeida

S. R.
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
TRIBUNAL DE MENORES DE LISBOA
PALÁCIO DA JUSTIÇA
Rua Marquês de Fronteira
1000 LISBOA

Ex.mo Snr.
Director do Apoio Cristão Internacional
Quinta do Secretário
Via Rápida
2800 COVA DA PIEDADE

Ofício N.º 477 Processo N.º 594/86 2ª Secção LISBOA, 5 /2 /1987

ASSUNTO:

De harmonia com o solicitado, tenho a honra de remeter a V.Exª. certidão, em fotocópia, da parte decisória da decisão que confiou o menor Nuno Alexandre Lima da Cruz a essa Instituição, no processo tutelar acima referenciado.

Com os melhores cumprimentos,

Por ordem do Mtº. Juiz de Direito,
O Secretário Judicial,

Pede-se o favor de na resposta, fazer referência a indicações cima.

formato A 5
Modelar Amares

A confiança do tribunal de menores

Instituição denunciada tem estrutura mundial

O InterAid ou Apoio Cristão, relacionado na reportagem da RTP, com o tráfico de menores, é uma instituição privada de assistência social, destinada a apoiar crianças oriundas das ex-colónias.

A organização mantem em funcionamento uma Aldeia de Crianças na Quinta do Secretário, junto à via rápida para a Costa da Caparica. Ligada à InterAid internacional, com sede na Califórnia (EUA), vive de donativos nacionais e estrangeiros. Embora os seus responsáveis, em Portugal, não o admitam directamente , são conhecidos os laços da estrutura à Igreja Evangélica, quer nos Estados Unidos, quer na Europa, ou em África, onde tem representações no Sudão, Quénia, Somália, Uganda e Zaire.

A estrutura funciona, também, em diversos países europeus, nomeadamente na Bélgica, França, Holanda, Suiça e Grã-Bretanha. Tem ainda representações no Canadá, Austrália, Nova Zelândia e América Latina. No nosso país, o Apoio Cristão já possibilitou a adopção de 24 crianças mas apenas uma ficou em Portugal. A maioria partiu com casais estrangeiros. Actualmente, vivem na Aldeia de Crianças da Costa da Caparica 78 menores.

ÚLTIMAS

Lotaria Nacional

Informação dos números premiados na extracção de hoje da Lotaria Nacional.

1º Prémio 41.749- 180 000 contos
2º Prémio- 78.407- 36 000 contos
3º Prémio- 1.387- 12 000 contos

APROXIMAÇÕES AO 1º PREMIO

41.748 - 1 003 500$00
41.750 - 1 003 500$00

PREMIOS DE 300 CONTOS

962; 5.139; 13.406; 19.359; 25.210; 27.439; 27.586; 30.097; 34.631; 34.802; 35.897; 39.444; 41.310; 44.479; 47.040; 52.566; 54.704; 56.641; 57.031; 57.815; 60.371; 61.876; 75.926; 79.498; 79.882; 80.458; 82.027; 82.413; 83.260 e 84.119.

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

90 000$00 - 387; 407; 749
36 000$00 - 068; 249; 301; 368; 369; 380; 460; 504; 508; 690; 800 e 959
24 000$00 - 16; 37; 50 e 67
18 000$00 - 9
12 000$00 - 8 e 0

PREMIOS DE 30 000$00 (CENTENAS)

1.301 a 1.400; 41.701 a 41.800 e 78.401 a 78.500

O direito aos prémios caduca no dia 29 de Março de 1990
Esta informação não contempla a acumulação de prémios
Nem dispensa a consulta da lista oficial

Reforço da vigilância nas estradas

A segunda fase da operação de reforço e vigilância policial nas estradas do Continente começou hoje ao meio-dia e finda no dia dois de Janeiro. Sob o lema «Vá e volte são e salvo» a operação, que teve a primeira fase na quadra natalícia, é levada a efeito pela Brigada de Trânsito da GNR, que registou naquele petíodo 21 mortos em 611 acidentes de viação, e ainda 441 feridos, dos quais 95 em estado grave.

A ligeira descida das águas do Tejo permite o restabelecimento da circulação rodoviária em algumas vias mas permanece o estado de alerta

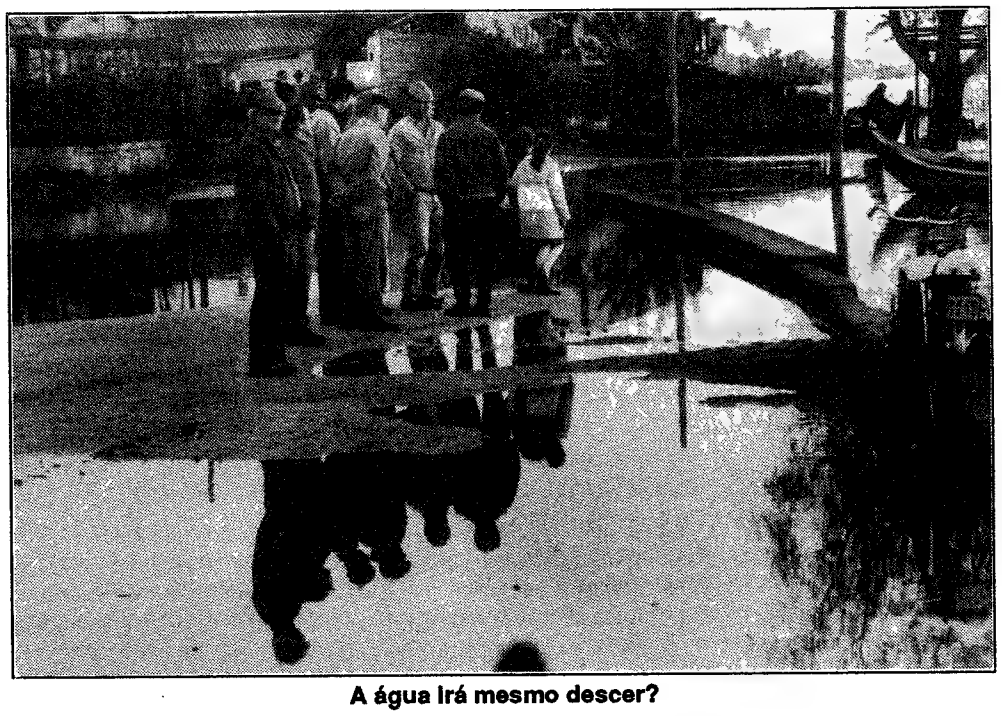
Fuzileiros de prevenção

Quarente fuzileiros, duas lanchas de desembarque e doze botes daquela força militar continuam de prevênção em Santarém, apesar do nível das águas do Tejo estar a registar uma ligeira descida.

Com efeito, as águas estão a baixar lentamente, possibilitando a reabertura ao trânsito das estradas entre Santarém e Vale de Santarém, na ponte de Asseca, e entre Porto Alto e Tramagal. Segundo a brigada de trânsito da GNR, continuam intransitáveis as vias que se encontram junto ao rio, nomeadamente a EN 114 - Tapada/Almeirim; a EN 368 - Tapada/Alpiarca; a EN 365 - Santarém/Ponte de Celeiro e a EN 243 - Ponte da Chamusca/Golegã.

Informações da Protecção Civíl e do centro coordenador dos bombeiros, em Almeirim referiram, esta manhã, que a situação no Vale do Tejo se encontra estacionária, tendo as águas baixado de ontem para hoje cerca de «25 centímetros sensivelmente».

Também a circulação de comboios na linha da Beira Baixa, afectada desde sábado devido a um aluimento de terras perto da estação de Prazeres, foi restabelecida na tarde de ontem. Apesar disso, e de acordo com a CP, o movimento ferroviário está a processar-se a uma velocidade reduzida.



A água irá mesmo descer?

A demora dos trabalhos de reparação da via férrea, cuja suporte dos carris ficara danificada deveu-se ao mau estado do terreno e à forte chuva que caiu na região.

Apesar da melhoria do tempo, continuam encerradas as barras dos portos nacionais, à excepção das de Viana do Castelo e de Setúbal.

O oficial de dia ao Comando Naval do Continente, comandante Pires Coelho disse, à agência Lusa, que os serviços de pilotagem do porto de Lisboa se mantinham suspensos. A corrente marítima, no litoral ocidental, tem o sentido de noroeste, com vagas de três a quatro metros, enquanto na costa Algarvia é de sueste, com uma ondulação de dois a três metros, acrescentou aquele oficial.

Aniversário do «DN»

O matutino «Diário de Notícias» comemora os seus 125 anos de existência homenageando hoje o seu fundador, José Eduardo Coelho, cujo centenário da morte ocorreu este ano.

A publicação, na edição de hoje, de um suplemento especial intitulado «Descobrir o futuro» é outra forma de festejar o seu aniversário. E o futuro porque, segundo o próprio jornal, «este tempo que estamos a viver está, obviamente, virado para o futuro que se vai descobrindo dia a dia, mas também porque o 'DN' aposta nesse futuro e encara-o com esperança, com determinação, com certeza».

Nesse sentido se pronuncia o seu director, Dinis de Abreu, que em editorial promete que «num mundo que nos surpreende todos os dias, o 'Diário de Notícias' não será um observador distanciado». Ao «Diário de Notícias» e a todos quantos nele trabalham endereça o «DL» felicitações sinceras.

GREVE DOS CONTROLADORES DE TRÁFEGO AÉRO

Face ao pré-aviso de greve apresentado à ANA, EP — Aeroportos e Navegação Aérea, pelo SINCTA — Sindicato dos Controladores de Tráfego Aéreo — que levará à paralisação em Portugal do transporte aéreo, das 00.00H às 24.00H do dia 30 de Dezembro de 1989, a TAP AIR PORTUGAL vê-se obrigada a cancelar a sua operação de voos internacionais durante esse período.

Os voos de e para as Regiões Autónomas dos Açores e Madeira serão, no entanto, mantidos.

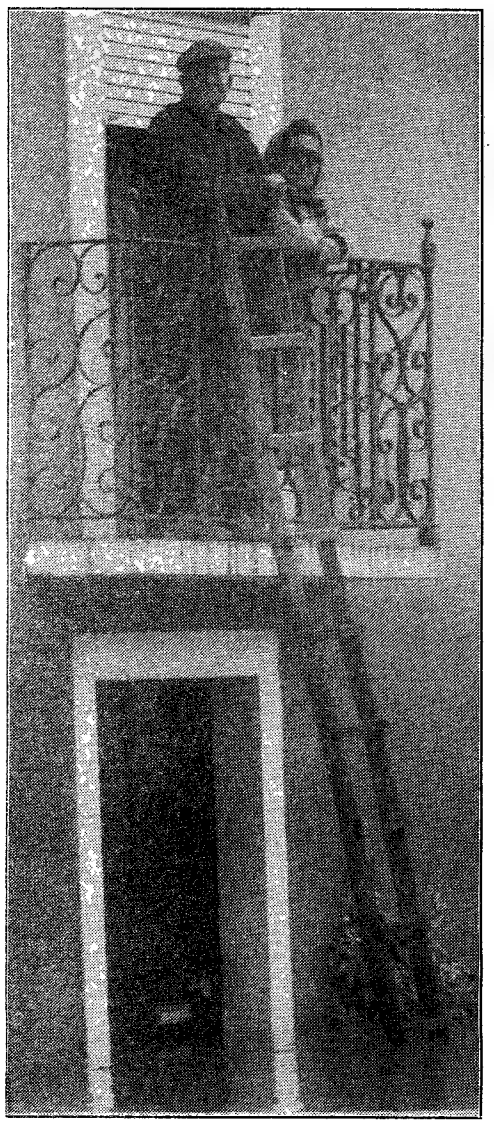
Serão ainda reforçados os voos da Transportadora Nacional, à saída de Lisboa, no Domingo, dia 31 de Dezembro de 1989.

TAP AIR PORTUGAL
Direcção de Relações Públicas

QUOTIDIANO

Agricultores do Ribatejo fazem balanço de danos

Diques destruídos, azeitona por apanhar, sementeiras adiadas, eis o panorama do Ribatejo depois das cheias



As águas do Tejo começaram a baixar mas a escada é ainda um precioso auxiliar dos moradores

Representantes dos agricultores estão hoje reunidos, na Direcção-Geral da Agricultura do Ribatejo/Oeste, com os responsáveis das zonas agrícolas, a fim de efectuarem um primeiro balanço dos prejuízos. David Geraldes, director regional do Ribatejo/Oeste, afirmou entretanto que, embora seja ainda cedo para quantificar os prejuízos causados pelas cheias, estes podem ser já considerados «muito avultados».

As chuvas que têm assolado incessantemente aquela região desde o início de Novembro impediram as sementeiras de Inverno, fundamentalmente de cereais praganosos (trigo, cevada e aveias).

«Há males que vêm por bem» disse, a propósito, David Geraldes, pois que o facto das sementeiras terem sido adiadas e não efectuadas até à data, evitou maiores prejuízos em sementes e adubos.

Para já, é possível constatar a destruição de vários diques, represas e instalações de rega que mantêm as terras alagadas e dificultam uma correcta avaliação dos prejuízos.

Grandes estragos nas culturas hortícolas da zona de Coruche impediram os agricultores de cumprir os compromissos assumidos junto das indústrias agro-alimentares e dos exportadores e, na região entre Abrantes e Tomar, a produção de azeitona está, este ano, considerada perdida já que ficou, na sua grande maioria, por apanhar.

Com o inventário dos prejuízos ainda por fazer, os agricultores da lezíria pensam já nas sementeiras da Primavera, calendarizadas para Fevereiro e não deixam de se mostrar preocupados com o estado das terras, demasiado alagadas para poderem ser trabalhadas nos tempos mais próximos.

David Geraldes salientou ainda que os vendavais registados em Outubro, na regiâo Oeste, destruíram muitas estufas hortícolas e que os serviços da Direcção-Geral estão a terminar a avalição e o montante dos prejuízos.

MALHAS DA JUSTIÇA

Nada como dantes

Dele pouco se sabe, para além da idade, da cor da pele e do triste fado. Trinta e cinco anos acabados de fazer, ei-lo presente no Tribunal, a contas com a Justiça que desconhece. Nasceu em Angola, antes de ser República Popular e rumou à «Metrópole», juntamente com um primo, já lá vai para quinze anos, fugidos os dois à guerra do seu país. Conhece o ofício de cortador, -- diz, -- mas há muito que está desempregado. De pai e mãe, nada sabe, nem mesmo de mais família ou amigos. Cá, como lá, é sózinho e por isso, vai vivendo, mendigando.

Desde os nove anos, e depois da morte do protector, passou as passas do Algarve. No Sul, esteve, de facto, como magarefe, -- jura, -- se bem que o não possa provar, agora, que lhe é pedido.

Longe de tudo e todos, nunca pediu auxílio senão à Santa Casa da Misericórdia que lhe assegura comida e dormida diária. Foi encontrado, perdido? junto da Igreja dos Anjos, onde pernoitava. Há dois dias tinha sido Natal, parece-lhe.

Não tem documentos. Pura e simplesmente, não existe. Em seu poder, apenas um salvo conduto da sua terra, com nome de pai e mãe, datado de 74, quando pisou o chão do aeroporto da Portela. E os dois cartões semi gastos e sujos, substitutos do passaporte perdido e que lhe garantem a sobrevivência no refeitório dos Anjos e nas camaratas da Santa Casa de Lisboa.

De trato afável e humilde, levanta-se sem pressa e ouve com atenção as palavras do juiz. Sabe porque ali está e reconhece que poderia ter legalizado a sua situação há muito tempo. Por outro lado, a vida difícil e ingrata jamais lhe permitiu uma incursão ao Serviço de Estrangeiros. Mas nem estrangeiro ele pode ser, em Portugal.

Em quinze anos, ninguém se preocupou com o seu paradeiro. Ele tão pouco. De repente, um agente deparou com ele e passou a ter direito à existência. Nome, filiação, nacionalidade, profissão, rendimentos e respectivos impostos, tudo passa a ser-lhe exigido, desde esse momento, como contrapartida à sua «nova condição de cidadão».

Ele compreende e parece agradecer a súbita atenção. Em vias de ser expulso de Portugal, onde permaneceu clandestinamente durante década e meia, pede apenas que o devolvam ao país de origem, de que se não lembra e onde não conhece ninguém. A guerra está mais branda, o medo também e, se tiver que deixar Portugal, só quer mesmo é ir para Angola.

Falou pouco e convenceu. A tudo respondeu, com verdade tamanha que o defensor oficioso pediu adiamento para mais fundamentadamente preparar a sua defesa. Petição concedida, julgamento adiado, ei-lo que deixa o Tribunal com o mesmo sorriso envergonhado com que entrou. Uma certeza, porém, o acompanha agora, à saída. «Eles» estão a tratar do seu caso e, quer regresse a Angola, quer permaneça em Portugal, sabe, «mas sabe mesmo», nada será como dantes.

Emília Trindade

Informação

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, EP

GREVE DECLARADA

PELO SINDICATO DOS FERROVIÁRIOS DO SUL E PELO SINDICATO DOS TRANSPORTES FLUVIAIS, COSTEIROS E DA MARINHA MERCANTE

SERVIÇO RODOVIÁRIO COMPLEMENTAR AOS SERVIÇOS MÍNIMOS ESTABELECIDOS

LIGAÇÃO LISBOA-BARREIRO

PERÍODO ENTRE AS 05.00 HORAS DO DIA 03/01/1990 E AS 05.00 HORAS DO DIA 05/01/1990

1. Para obviar aos inconvenientes causados aos senhores passageiros durante o período de greve acima referido, a CP informa que desenvolverá um serviço complementar aos serviços estabelecidos entre LISBOA (Praça de Espanha — passagem superior à Avenida Gulbenkian, junto ao NOVOTEL) e BARREIRO (Palácio de Coimbra) e vice-versa.
   Todos os autocarros no sentido LISBOA/BARREIRO terão paragem em Barreiro A. O Serviço inicia-se no BARREIRO às 05.00 horas.

2. Os comboios INTERCIDADES 583, 585, 580, 582, durante o período de greve terão enlace às carreiras rodoviárias, respectivamente entre BARREIRO A-LISBOA (Terreiro do Paço) e LISBOA (TERREIRO DO PAÇO)-BARREIRO A.
   As partidas dos autocarros de Lisboa (Terreiro do Paço) serão antecipadas 45 minutos em relação ao horário das carreiras fluviais de ligação aos comboios INTERCIDADES.

3. Dadas as circunstâncias emergentes da greve não há compromisso de enlace aos comboios inter-regionais, suburbanos e regionais que cheguem ou partam do Barreiro durante o período da greve.
   Devem, assim, os senhores passageiros apresentar-se na estação do Barreiro A com a devida antecedência.

4. Embora as estações envolvidas na venda de bilhetes para os comboios inter-regionais, suburbanos e regionais da região Sul tenham instruções para avisar que não são assegurados enlaces para esses comboios entre Lisboa-Terreiro do Paço/Barreiro e vice-versa, a CP solicita e agradece aos senhores passageiros cujas viagens se iniciem ou terminem na estação do Barreiro durante o período de greve que obtenham informações mais actualizadas antes do início das suas viagens.

5. Terão acesso ao serviço complementar rodoviário os senhores passageiros com título de transporte válido para a CP.

Lisboa, 28 de Dezembro de 1989.

Informação prestada pela Divisão de Relações Públicas da CP.

Caminhos de Ferro Portugueses

Fim da guerra fria

4 - A perspectiva do tédio no mundo pós-histórico

A URSS está numa encruzilhada

Quais são as consequências do fim da História nas relações internacionais? O Terceiro Mundo permanecerá, certamente, encurralado na História, e será palco de conflito durante muitos anos. Mas concentremo-nos, de momento, nos Estados mais desenvolvidos, que dominam, em grande parte, a política mundial. A Rússia e a China não se deverão juntar, num futuro previsível, às sociedades liberais do Ocidente, mas supunhamos, por um momento, que o marxismo-leninismo já não domina a sua política externa - uma perspectiva que, embora não se tenha concretizado, os últimos anos demonstraram ser possível. Nessa conjuntura hipotética, qual a diferença entre as características globais de um mundo esvaziado de ideologia daquele que se nos tornou familiar? A resposta generalizada é... não muito diferente. Numerosos observadores acreditam que, sob a aparência ideológica, existe a realidade implacável dos grandes interesses internacionais, que garantem um determinado nível de competição e conflito entre as nações. De facto, segundo uma conhecida escola de teoria das relações mundiais o conflito é inerente ao sistema internacional; assim, para avaliar as perspectivas de conflito, deve-se considerar a forma do sistema - por exemplo, se é bipolar ou multipolar - mais do que o carácter específico das nações e regimes que o constituem. Esta escola aplica, na prática, o ponto de vista de Hobbes relativamente às relações internacionais, partindo do princípio de que a agressão e a insegurança são características universais das sociedades humanas, e não produto de circunstâncias históricas específicas.

Os seguidores desta linha de pensamento tomam as relações que existiam entre os protagonistas do clássico equilíbrio de poder do século XIX como modelo do que seria o mundo contemporâneo esvaziado de ideologia. Charles Krauthammer, por exemplo, defendeu que, se em consequência das reformas de Gorbachev, a URSS for despojada da ideologia marxista-leninista, o seu comportamento tornará ao da Rússia imperial do século XIX. Embora considere esta perspectiva mais tranquilizadora do que a ameaça representada pela Rússia comunista, sugere que haverá um elevado grau de competição e conflito no sistema internacional, à semelhança do que existia, no século passado, entre a Rússia e a Grã-Bretanha ou a Alemanha. Claro que se trata de um ponto de vista conveniente para todos aqueles que estiverem dispostos a admitir que algo de substancial está a mudar na URSS, mas que não querem aceitar a responsabilidade de recomendarem a redefinição da política que implica. Será que têm razão?

Na realidade, a noção de que a ideologia é uma superestrutura imposta ao substrato dos grandes interesses nacionais é altamente questionável. O modo como um Estado define os seus interesses não é universal, mas assenta numa base ideológica prévia, tal como vimos que o comportamento ideológico é determinado por um estado prévio de consciência. No decorrer deste século, houve estados que adoptaram doutrinas extremamente articuladas, com uma política externa que legitimava, de modo explícito o expansionismo, como é o caso do marxismo-leninismo ou do nacional socialismo.

O comportamento expansionista e competitivo da Europa do século XIX assentava numa base idealista; só que a ideologia prevalecente era menos explícita do que as doutrinas do século XX. Por um lado, a maioria das sociedades «liberais» europeias era muito pouco liberal, na medida em que acreditava na legitimidade do imperialismo, ou seja, no direito de uma nação governar as outras, independentemente da vontade dos governados. As justificações para o imperialismo variavam de país para país - desde uma primitiva crença na legitimidade da força (sobretudo quando aplicada aos não-europeus e à missão evangelizadora do continente) ao desejo de dar aos povos de cor acesso à cultura de Rabelais e Molière. Mas, quaisquer que fossem as bases ideológicas específicas, todos os países «desenvolvidos» acreditavam na plausibilidade de civilizações superiores governarem as inferiores - incluindo, a propósito, o caso dos Estados Unidos e das Filipinas. Isto conduziu às reivindicações de expansão territorial, na última metade do século, contribuindo decisivamente para desencadear a II Guerra Mundial.

Fim do expansionismo

A consequência radical e deformada do imperialismo do século XIX foi o fascismo alemão, ideologia que justificava o direito da Alemanha governar, não apenas os povos não-europeus, mas todos os que não fossem alemães. Porém, numa análise retrospectiva, Hitler parece ter representado um desvio patológico no percurso de evolução da Europa e, desde a sua estrondosa derrota, a legitimidade de qualquer forma de expansão territorial já não merece crédito (potências coloniais europeias, como a França, levaram vários anos para admitir a ilegitimidade dos seus impérios, mas a descolonização foi uma consequência inevitável da vitória dos Aliados, baseada na promessa de restauração das liberdades democráticas).

A partir da II Guerra Mundial, o nacionalismo europeu deixou de ter relevância na política externa, pelo que o modelo de comportamento que caracterizava as grandes potências, no século XIX, se tornou anacrónico. A forma mais extrema de nacionalismo adoptada por um Estado da Europa Ocidental, desde 1945, foi o gaulismo, cuja auto-afirmação se confinou, em grande parte, ao domínio da cultura e da pequena política. Para o Mundo que atingiu o fim da História, a economia é, sem dúvida, mais importante do que as opções políticas ou estratégicas.

É verdade que os países desenvolvidos do Ocidente mantêm todas as suas instituições de defesa e, no período do pós-guerra, travaram intensa luta de influências para enfrentar o avanço comunista internacional. Todavia, esta atitude foi fomentada pela ameaça externa de Estados com ideologias manifestamente expansionistas, e não existiria na sua ausência. Quem quiser acreditar nesta teoria da«agressividade», admite que se voltaria a estabelecer uma atmosfera de competição «natural» entre os Estados da OCDE, mesmo que a Rússia e a China desaparecessem da face da Terra. Ou seja, a RFA e a França voltariam a entrar em conflito, tal como o fizeram nos anos 30; a Austrália e a Nova Zelândia enviariam conselheiros militares para travarem os avanços em África e a fronteira entre os EUA e o Canadá seria fortificada. Tais perspectivas são, no mínimo, grotescas: excepto pela ideologia marxista-leninista, é bastante mais provável assistirmos a um «alargamento» mundial do Mercado Comum do que à desintegração da

De Hegel a Kojève

No seu artigo, Fukuyama analisa exaustivamente as premissas filosóficas da obra de Hegel (que considera terem sido deturpadas por Marx e seus discípulos), nomeadamente através de um dos seus mais brilhantes estudiosos, Alexandre Kojève. Este imigrante russo proferiu, nos anos 30, em Paris, uma série de seminários que teve a maior repercussão na vida intelectual do continente europeu (aliás, entre os alunos, figuravam Jean-Paul Sartre e Raymond Aron).

Kojève defendia a tese de Hegel de que a História chegara ao fim em 1806, após a batalha de Jena, com o triunfo dos ideais da Revolução Francesa e consequente universalização de um Estado incorporando os princípios da liberdade e da igualdade - e que veríamos encarnado, de modo concreto, na Europa Ocidental do pós-guerra.

Neste contexto, estariam resolvidas as contradições dialécticas e satisfeitas as necessidades do Homem: estabelecer-se-ia a «primazia da actividade económica, já não restando motivo para conflitos sobre as grandes questões» (por exemplo, a luta pelo reconhecimento dos Direitos Humanos ou a dicotomia capitalismo-proletariado).Porém - recorda Fukuyama - segundo Hegel, as contradições que determinam a História existem, antes de mais, no domínio da consciência humana, isto é, ao nível das ideias, pelo que será a «ideologia a decidir, em última instância, a forma do mundo material».

Contestando a herança marxista de recorrer a interpretações meramente utilitárias dos fenómenos políticos ou históricos, as quais relegam «toda a esfera da consciência - religião, arte, cultura e a própria filosofia - para uma «superestrutura» do sistema de produção prevalecente, Fukuyama defende, pelo contrário, que é no domínio das ideias e da cultura que se determinam as bases do comportamento económico. Cita, a propósito, o «milagre asiático», em que as características específicas das culturas nativas contribuíram decisivamente para o seu desenvolvimento.

No Ocidente, os movimentos de reforma iniciados na China e na URSS são, frequentemente, considerados como uma «vitória do material sobre o ideal». Porém - interroga Fukuyama - se as deficiências das economias socialistas já eram evidentes há 30 ou 40 anos atrás, «como explicar a súbita mudança dos dirigentes comunistas, ao abandonarem o planeamento contralizado, a não ser pelo desejo consciente de alterar o seu percurso ideológico?»

A profusão de economias liberais avançadas, e consequente variedade de culturas de consumo, conduziriam, assim, ao liberalismo político, apoiado na abundância que caracteriza os modernos sistemas de mercado livre. A essência do «Estado universal homogéneo» - resume Fukuyama - seria, pois, uma «combinação da democracia liberal, na esfera política, com o fácil acesso ao domínio económico, às aparelhagens de estereofonia e de vídeo...»

ou fim da História

CEE num clima de competição do tipo do século XIX. De facto, a atitude da Europa em questões tais como o terrorismo líbio indica que avançou mais do que os EUA na negação da legitimidade da força em termos de política internacional mesmo a pretexto da auto-defesa.

A ilação de que a Rússia, despojada da ideologia expansionista do comunismo, deverá regressar ao ponto em que os czares a deixaram, na véspera da Revolução bolshevique, é no mínimo curiosa. Assume que a evolução da consciência humana permaneceu imóvel, e que os soviéticos, embora sensíveis às modas no domínio da economia, retomarão uma política externa ultrapassada há um século na Europa. Mas não foi isso que aconteceu na China, depois de iniciado o processo de reformas. A competividade e o expansionismo chineses desapareceram da cena mundial: Pequim já não patrocina insurreições maoistas nem procura promover a sua influência em países africanos distantes, como acontecia nos anos 60. Apesar disso, existem aspectos perturbadores da actual política externa da China (tal como a insensata venda de tecnologia militar a países do Próximo Oriente), e a tradicional mentalidade de grande potência leva-a a patrocinar a luta dos Khmeres Vermelhos contra o Vietname. Mas o primeiro exemplo deve-se a interesses comerciais, e o segundo constitui um resquício de antigas rivalidades ideológicas. A nova China está muito mais próxima da França gaulista do que da Alemanha anterior à I Guerra Mundial.

A opção soviética

A verdadeira questão do futuro é, todavia, até que ponto as élites soviéticas assimilaram o espírito do «Estado universal homogéneo» que a Europa do pós-guerra representa. Através dos seus artigos e dos meus próprios contactos pessoais, não tenho dúvidas de que a *inteligentista* liberal soviética que rodeia Gorbachev chegou à conclusão do «fim da História» com notável rapidez, sobretudo pelas razões estabelecidas, desde a era de Brejnev, com uma civilização europeia diferente. O «novo pensamento político» - termo que designa as suas convicções - retrata um mundo dominado pelos interesses económicos, no qual não existem grandes motivos para conflito ideológico entre as nações e no qual, por conseguinte, o recurso à força militar se torna menos legítimo(Claro que o «Novo Pensamento» serve objectivos de propaganda: pretende convencer o público ocidental das boas intenções soviéticas. Mas o facto de se tratar de boa propaganda não significa que os seus autores não levem muitas destas ideias a sério.

Tal como afirmou Eduard Shevardnadze, ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, em meados de 1988:

«A luta entre dois sistemas opostos já não constitui uma tendência determinante da nossa era. No estádio moderno, a capacidade para construir riqueza material a um ritmo acelerado, na base da vanguarda científica e da tecnologia de alto nível - e a de a distribuir com equanimidade, através da conjugação de esforços para restaurar e proteger os recursos necessários à sobrevivência do Homem - adquire uma importância decisiva».

A consciência pós-histórica do «Novo Pensamento» é, todavia, apenas uma das soluções possíveis paraa União Soviética. Sempre houve uma forte corrente de chauvinismo russo, o que encontrou maior liberdade de expressão através da glasnost. Ainda é possível um regresso temporário ao marxismo-leninismo tradicional, como ponto de confluência para aqueles que pretendem restaurar a autoridade que Gorbachev dissipou. Na Polónia, o marxismo-leninismo, enquanto ideologia mobilizadora, morreu: as pessoas não podem ser persuadidas a trabalhar mais sob o seu estandarte, e os que o defendem perderam confiança em si próprios. Todavia, ao contrário dos adeptos do marxismo-leninismo tradicional, ou ultranacionalistas soviéticos acreditam apaixonadamente na sua causa «eslavófila» (ficamos com a sensação de que a alternativa fascistas ainda não se esgotou ali...).

A União Soviética está, pois, numa encruzilhada: poderá escolher o caminho percorrido pela Europa Ocidental há quarenta e cinco anos atrás - caminho esse seguido por quase toda a Ásia - ou poderá entender o seu carácter único e permanecer presa nas malhas da História. A opção que tomar será de extrema importância para nós, dada a sua dimensão e força militar: a URSS continuará a inquietar-nos e a retardar a nossa percepção de que já ressurgimos do outro lado da História.

Uma época triste

A queda do marxismo-leninismo - primeiro na China e, depois, na União Soviétics - resultará na sua extinção como ideologia viva de significado mundial. Embora possam restar alguns «fiéis» isolados em locais como Manágua, Pyongyang, ou Cambridge (no Massachusetts), o facto de nenhum dos principais Estados lhe dar prioridade anula as pretensões de ocupar a vanguarda da História humana. Com a morte desta ideologia, relações internacionais tenderão cada vez mais para uma universalização do «Mercado Comum», e um conflito em grande escala, entre as diversas nações, torna-se bastante menos provável.

Isto não significa o fim dos conflitos internacionais per it. O Mundo ficará dividido entre uma «parte histórica» e uma «parte pós-histórica». O conflito entre os Estados que permanecem na História - e entre essas nações e as que alcançaram o fim - ainda é possível. Poderá verificar-se um elevado (e talvez crescente) nível de violência étnica e nacionalista, já que se trata de impulsos que não foram esgotados, mesmo no Mundo pós-histórico. Palestinianos e curdos, sikks e tamiles, católicos e protestantes irlandeses, arménios e azerbeijis, todos mantêm os seus agravos, pelo que o terrorismo e as guerras de libertação nacional continuarão a ter grande peso. Mas um conflito em grande escala implica o envolvimento de diversas potências ainda presas nas malhas da História, e são estas que parecem estar a desaparecer da cena mundial.

O fim da História será uma época triste. A luta pelo reconhecimento; disponibilidade para arriscar a vida por um objectivo abstracto; o conflito ideológico mundial que exigia coragem, ousadia, imaginação e idealismo, serão substituídos pelo calculismo económico, a interminável procura de soluções para problemas técnicos ecológicos, e a satisfação das exigências cada vez mais sofisticadas dos consumidores. No período pós-histórico, não haverá arte nem filosofia, apenas a perpetuação do Museu da História humana. Já consigo sentir - e ver que nos que me rodeiam uma forte nostalgia do tempo em que a História existia. E é esta nostalgia que continuará a alimentar, nos tempos mais próximos, a competição e o conflito, mesmo no mundo pós-histórico. Embora reconheça a sua inevitabilidade, sinto-me dividido relativamente à civilização criada na Europa desde 1945, e às suas ramificações da Ásia e Atlântico Norte. Talvez seja a própria perspectiva de séculos de tédio, no fim da História, que venha a contribuir para que ela se possa iniciar novamente.

Francis Fukuyama
(trad. de Isabel Joyce)

Copyright (c) Francis Fukuyama, 1ª publicação in «National Intereste»

Fukuyama e a História - um debate sem fim

O ensaio de Francis Fukuyama sobre «o fim da História» deve ter provocado grande parte da reacção a que assistimos, não tanto pelo que «quer dizer», mas pelo «que diz». Basta atentarmos nessa afirmação central do seu texto:

«O que estaremos a presenciar será talvez não apenas o fim da Guerra Fria, ou a passagem de um período particular da História, mas o fim da História como tal: isto é, o ponto final da evolução ideológica da humanidade e a universalização da democracia liberal ocidental como forma final de governo humano».

Mas não só. Vamos por partes:

1. A afirmação é feita num enquadramento conceitual hegeliano. O próprio Fukuyama tem consciência de que «isto não quer dizer que não continuarão a ocorrer factos que darão para encher as páginas da revista *Foreign Affaire* (...), pois a vitória do liberalismo aconteceu primariamente ao nível das ideias ou da consciência, e está por enquanto incompleta no mundo real ou material».

Quer dizer, portanto, que estamos em presença duma linguagem filosófica que ultimamente andava em circulação praticamente apenas na sua versão marxista. Traduzindo, pois, os conceitos da linguagem hegeliana de Fukuyama para a nossa linguagem corrente, ficaríamos apenas com a afirmação de que a teoria política (ou, se preferirem, a ética política) atingiu o seu limite - ou perfeição possível - na concepção da democracia de tipo ocidental. Por outras palavras, o fim é da *teoria política* e não da *história*.

Feito o reparo sobre esta primeira fonte de desentendimento, vamos ao desinteresse pelos factos futuros que hão-de vir (supostamente) confirmar a teoria.

2. Parece que os tais «factos» não são assim tão desprovidos de importância. Na nossa linguagem corrente, são eles que constituem o material da História. Por isso, e ainda na nossa linguagem comum, enquanto eles continuarem a acontecer, a História não terminará.

3. Custa a aceitar como evidente que, «a longo prazo, o ideal governará o mundo material». Temos presentemente inúmeras razões para duvidar: o massacre da Praça Tiannanmen, Beirute, a Irlanda do Norte, o Irão, só para mencionar alguns exemplos. Onde está a evidência de que, a longo prazo, a razão triunfará?

4. Que garantia temos de que se avançará em ascensão mais ou menos linear e que se não dará um salto comparável ao que permitiu a transição do período greco-romano para a Idade Média? Em dimensão mais reduzida, e mais próximo de nós, Daniel Bell anunciou também em 1960 o «fim da ideologia» e será preciso recordar o que aconteceu no final dessa mesma década?

5. Mas esses tais «factos» serão assim tão irrelevantes? Usando a linguagem hegeliana, poderíamos dizer também que a história do cristianismo terminou com o próprio anúncio do Evangelho, já que nele se atingira a concepção ideal de vida humana. Os dois mil anos que se lhe seguiram foram uma mera nota de rodapé sem importância de maior para a verdade do Evangelho.

6. Na caricatura acima, que é uma mera transposição analógica, fica claro que o que conta para os neo-hegelianos como Fukuyama são os conceitos, enquanto para a maioria do comum dos mortais são os acontecimentos. A nossa história não se passa na consciência. E passa até, muitas vezes, à margem dela. Questão de linguagem, pois, mas não só.

7. Não só questão de linguagem, porque, em Hegel, havia mais do que isso: havia uma leitura errada desses «factos». Será preciso lembrar a sua afirmação no início da *Filosofia da História*? «A História do Mundo viaja do Oriente para o Ocidente, pois a Europa é absolutamente o fim da História e a Ásia o princípio (...). Embora a Terra seja esférica, a História não executa nenhum círculo à volta dela».

8. E será mesmo assim tão evidente que a teoria política atingiu o seu fim? Será assim tão preciso o conceito de democracia ocidental? Parece que não. Há dois séculos que ele vem a aperfeiçoar-se. Gerações sucessivas foram descobrindo lacunas no seu conteúdo, à medida que se foram apercebendo de que era limitado o seu uso. A princípio, que não incluía negros. Depois, que deixara de lado as mulheres. Mais recentemente, que ignorara as minorias sexuais. A seguir, os deficientes físicos. Quem garante que chegámos ao fim?

9. Dentro desse vaguíssimo conceito de «democracia ocidental» há uma gama variadíssima de concepções teóricas que hierarquizam diferentemente os valores. Variações não só de cultura para cultura, como dentro de uma mesma cultura. Basta lembrar o debate que continua entre as duas grandes concepções de ética política defendidas por John Rawls e Robert Nozick, para ajuda desta argumentação professores no mesmo departamento.

10. Triunfo da razão? Mas foi mesmo a razão que derrotou o fascismo na Segunda Guerra Mundial? Para além de tudo o que acima foi dito, os neo-hegelianos revelam uma concepção *naif* do poder. Por alguma razão se lhes chama idealistas. Se chamam, aliás.

11. Tudo o que acima vai dito nada tem a ver com o facto de o subscrevente deste comentário preferir uma democracia ocidental no sentido vaguíssimo dos termos. As questões levantadas têm a ver apenas com os raciocínios de Fukuyama.

12. Em resumo: em linguagem comum - por oposição à hegeliana - não estamos nem no fim da História, nem mesmo no fim da filosofia política. E, infelizmente, nem estamos sequer no fim deste debate sobre «o fim da História».

Onésimo Teotónio Almeida

Grande exposição de carpetes persas e orientais

Rua José Duro, 24 - A/B - Alvalade

O maior salão de exposições de Lisboa — *Armazéns do Minho*, convida os seus Ex.mos clientes e o público em geral a visitar a exposição-venda de carpetes do Irão, Afeganistão, Turquia, Índia, Paquistão, China, Arménia e nacionais (Arraiolos, etc.)

Armazéns do Minho

Rua José Duro, 25 - A/B - Alvalade
Tel.: 89 35 64 - 89 34 76 LISBOA

prémios GAZETA de jornalismo 89

PRÉMIO NACIONAL DE REPORTAGEM DE IMPRENSA
500 000$00 — Patrocínio de LISGRÁFICA, Impressão e Artes Gráficas

PRÉMIO NACIONAL DE REPORTAGEM DE TELEVISÃO
500 000$00 — Patrocínio da PETROGAL

PRÉMIO NACIONAL DE REPORTAGEM DE RÁDIO
500 000$00 — Patrocínio da RADIODIFUSÃO PORTUGUESA

PRÉMIO NACIONAL DE REPORTAGEM FOTOGRÁFICA
500 000$00 — Patrocínio da MUNDIAL CONFIANÇA

PRÉMIO NACIONAL DE REPORTAGEM SOBRE SEGURANÇA RODOVIÁRIA
500 000$00 — Patrocínio da PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

PRÉMIO NACIONAL DE REPORTAGEM NOVAS TECNOLOGIAS APLICADAS ÀS COMUNICAÇÕES
500 000$00 — Patrocínio dos CTT

PRÉMIO REVELAÇÃO EM JORNALISMO
300 000$00 — Patrocínio da SOJORNAL

PRÉMIO MACAU
600 000$00 — Patrocínio do GOVERNO DE MACAU

- O PRÉMIO MACAU destina-se a premiar o melhor trabalho jornalístico sobre o Território de Macau, publicado em 1989, na Imprensa, Rádio ou Televisão

PRÉMIO REPORTAGEM PARLAMENTAR
400 000$00 — Patrocínio da ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

- Este Prémio destina-se a galardoar a melhor reportagem sobre a actividade da Assembleia da República publicada na Imprensa ou transmitida pela Rádio ou pela Televisão, no decorrer da sessão legislativa 1988/1989

- O prazo limite para a entrega dos originais concorrentes a todos os Prémios termina a 31/1/1990
- Quaisquer esclarecimentos devem ser pedidos a Clube de Jornalistas, R. das Trinas, 127 r/c, telefones 665752 ou 665774.

Clube de Jornalistas

NOTARIADO PORTUGUÊS

14.º Cartório Notarial de Lisboa
a cargo do
Notário: Lic. Manuel Gonçalves Pereira

Certifico para efeitos de publicação que por escritura de 28 de Junho do ano em cursó, lavrada de folhas 60 a folhas 61 do livro de notas 71-F, deste Cartório foi alterado parcialmente o artigo primeiro da sociedade comercial por quotas denominada «FERREIRA & PEREIRA DA SILVA, LIMITADA», com sede na «Casa do Neptuno», sítio do Outeirinho, Seixal, concelho de Mafra, freguesia de Ericeira, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Mafra sob o número duzentos e noventa e três, o qual ficou com a seguinte redacção:

ART.º 1 — A sociedade continua a adoptar a denominação «FERREIRA & PEREIRA DA SILVA, LIMITADA», tem a sua sede na Avenida do Brasil, número vinte e quatro, sexto andar esquerdo em Lisboa, freguesia de Campo Grande.

Está conforme. Lisboa e referido 14.º Cartório Notarial aos catorze de Julho de mil novecentos oitenta e nove.

Assinatura ilegível

DL 29/12/89

Aceita-se encomendas de salgadinhos e doçaria variada para dias festivos e/ou estabelecimentos do ramo.

Contactar telefone
941 66 52 — Moscavide

«CONFORCLIMA — INDÚSTRIAS DE REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO, LIMITADA»

DÉCIMO OITAVO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA A CARGO DA NOTÁRIA LICENCIADA MARIA JOSÉ PIMENTEL PIQUEIRA E SILVA

CERTIFICO

— Para fins de publicação, que, por escritura lavrada hoje e exarada de folhas 7 verso a folhas 10 verso do livro de notas para escrituras diversas, n.º 32-H deste Cartório, ALCIDES FERREIRA DE PINHO e JOSÉ MANUEL GONÇALVES DE MELO DE LUCENA deixaram de fazer parte da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada com a denominação em epígrafe e sede em Setúbal, na Rua General Daniel de Sousa, n.º 110, 5.º andar esquerdo, com o número de identificação 502102900, matriculada, na Segunda Conservatória do Registo Comercial de Setúbal, sob o n.º 2200, do livro C-8 constituída por escritura de 20 de Dezembro de 1988 e o capital social de 16 000 000$00.

Que, renunciaram às respectivas funções de gerentes ALCIDES FERREIRA DE PINHO e CARLOS MANUEL ROSEIRO DE CAMPOS.

— Pela mesma escritura, CARLOS DO CARMO FARIA, CARLOS MANUEL ROSEIRO DE CAMPOS e a sociedade anónima de responsabilidade limitada FNACGESTE — SOCIEDADE GESTORA DE PARTICIPAÇÕES SOCIAIS, SA., ficaram a ser os únicos e actuais sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «CONFORCLIMA — INDÚSTRIAS DE REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO, LIMITADA, nomearam gerentes JOÃO JOSÉ ALEXANDRE ALVES e JUSTINO JOSÉ MORGADO PEREIRA; e mudaram a sede social para a Estrada Nacional 252, quilómetro 11 250 em Carrascas, freguesia de Pinhal Novo, concelho de Palmela, alterando, consequentemente, o corpo do artigo primeiro do contrato social, o qual passou a ter a seguinte redacção:

ARTIGO PRIMEIRO: — A sociedade continua a adoptar a denominação «CONFORCLIMA — INDÚSTRIAS DE REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO, LIMITADA», tem a sua sede na Estrada Nacional duzentos e cinquenta e dois, quilómetro onze vírgula duzentos e cinquenta, em Carrascas, freguesia do Pinhal Novo, concelho de Palmela.

Está conforme.

Lisboa e Décimo Oitavo Cartório Notarial, aos 15 de Novembro de 1989

O AJUDANTE
Frederico Rocha Pinto Saraiva

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
14.º JUÍZO
ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados nos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos pelo produto dos tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução de Sentença n.º 9820/A — 1.ª secção.

Exequentes — UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES SA.

Executados — MARIA HELENA FERREIRA DIAS DA SILVA CRESPO, residente na Av.ª D. Rodrigo da Cunha, 6-6.º, Dt.º, Lisboa.

Lisboa, 15-12-989.

O Juiz de Direito,
António Alberto Coelho
Pel'O Escrivão de Direito,
Maria Teresa Santos

«DL» 29/12/89 — 2.ª Pub

TRIBUNAL JUDICIAL DO SEIXAL
2.º Juízo
ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados nos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução Sumária n.º 558/85, 2.ª Secção.

Exequentes — U.B. Portugueses.

Executados — Joaquim António Agulhas e outros, Rua João Villaret, n.º 9-1.º — Feijó.

Seixal, 9 de Novembro de 1989

O Juiz de Direito,
(Assinatura ilegível)
O Escrivão Adjunto
(Assinatura ilegível)

«DL» 29/12/89 — 2.ª pub.

CABELEIRAS DINABEL

KATY

BRIGITTE

GODIVA

Completo sortido, cabeleiras, tranças e postiços de cabelo natural, ou fibra sintética em todas as cores. Desconto de 300$00 na compra do modelo Katy curta de fibra sintética com risca transparente e permanente indeformável, adaptada a qualquer estilo de penteado em promoção até 31 de Janeiro de 1990.

Visite a exposição de penteados da
CASA DINABEL

Rua Morais Soares, 82 — 2.º F; 1900 LISBOA
Tel. 834434

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
15.º Juízo
ANÚNCIO

Acção Especial de Venda de Penhor n.º 9643, 1.ª Secção

AUTOR: Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas

RÉ: UNICLUBE DSE VIAGENS E TURISMO, LD.ª, com sede na Rua Conde Redondo, 141, loja, em Lisboa.

Por este Tribunal correm éditos de vinte dias, que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do anúncio citando os credores desconhecidos daquela ré para, no prazo de dez dias posterior ao dos éditos, virem à acção deduzir os seus direitos.

Lisboa, 24 de Novembro de 1989

O Juiz de Direito,
José Fernando de Salazar Casanova Abrantes

O Escrivão Adjunto,
Isabel Maria da Conceição Almeida Ridgway d'Aboim

DL 29/12/89 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
15.º Juízo
ANÚNCIO

Execução de Sentença N.º 2187-B — 1.ª Secção.

EXEQUENTE — União de Bancos Portugueses, EP.

EXECUTADO — JOAQUIM PEDROSA AMADO, residente em Largo, Coimbrão.

Por este tribunal correm éditos de vinte dias, que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do anúncio citando os credores desconhecidos daquele executado para, no prazo de dez dias posterior ao dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 13 de Dezembro de 1989.

O Juiz de Direito,
José Fernando de Salazar Casanova Abrantes

O Escrivão Adjunto,
Isabel Maria da Conceição Almeida Ridgway d'Aboim

«DL» 29/12/89 — 2.ª Pub

DÉCIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A CARGO DA NOTÁRIA, INTERINA, **LIC. MARIA DE LOURDES PINTO DAMÁSIO**

CERTIFICO, para fins de publicação que, por escritura de 22 de Dezembro de 1989, lavrada de folhas 71 verso a 72 verso do livro 177-C, de escrituras diversas deste Cartório, Artur Augusto da Mota e Ana de Jesus, como únicos sócios da sociedade comercial por quotas **«ANTÓNIO AFONSO, LIMITADA»**, com sede na Av.ª Ivens, n.ºs 25 e 26 no Dafundo concelho de Oeiras, aumentaram o capital social de 50 000$00 para 500 000$00, sendo a importância do aumento de 450 000$00 subscrita e realizada em dinheiro, que já deu entrada na Caixa Social pelos sócios, com a importância de 225 000$00, cada um;

EM CONSEQUÊNCIA, foi alterado o pacto social no tocante ao seu artigo TERCEIRO, o qual passou a ter a seguinte redacção:

3.º

O capital social é de QUINHENTOS MIL ESCUDOS, está integralmente realizado em dinheiro e nos demais valores do activo constantes da escrituração e corresponde à soma de duas quotas iguais de duzentos e cinquenta mil escudos, pertencendo uma a cada um dos sócios Artur Augusto da Mota e Ana de Jesus.

POR SER VERDADE e me ser requerido o passo o presente extrato declarando-o conforme o original na parte extratada nada havendo em contrário ou além do que neste se narra e transcreve.

Lisboa, vinte e sete de Dezembro de mil novecentos e oitenta e nove.

O Ajudante,
(Maria José Lopes Guerra de Barros)

CULTURA

Éden: a morte no fim do ano

O Eden, o mais belo cinema de Lisboa ainda em funcionamento,fecha as portas na noite do fim do ano. A última sessão da sala de espectáculos concebida nos anos 30 por Cassiano Branco, no melhor estilo "art-déco", passará a ter "funções mais lucrativas", segundo os novos proprietários do imóvel. Adquirido recentemente por 950 mil contos pelo empresário Américo Amorim, através da empresa do grupo, a imobiliária Morate, o Éden não voltará decerto a ser uma sala de espectáculos...ou o espectáculo será outro e confrangedor para todos aqueles que se habituaram a ver no Eden a fachada nobre dos Restauradores.

A fachada,de qualquer modo, será salva, protegida como está pelo IPPC, tal como a deslumbrante escadaria de acesso aos interiores do cinema e alguns baixos relevos. Tudo o resto, porém, será destruído, perdendo assim Lisboa um conjunto único da arte de decoração de interiores da terceira década do século.

A notícia desta morte há muito anunciada e a que fizemos recentemente referência, foi dada ontem por "A Capital", em segunda edição. O "DL" confirmou-a esta manhã junto da Lusomundo, distribuidora que explorava(é o termo) o Eden...tal como o TIvoli encerrada faz agora precisamente seis meses.

Pormenor nisto tudo quase dramaticamente secundário: as duas dezenas de trabalhadores, alguns com largos anos de casa, que vão para o desemprego, na noite do "réveillon". Há 50 anos, foi no Eden que se estreou "O Feiticeiro do Oz", mas no dia 31 para o Eden não haverá "Para além do arco íris"... **R. da S.**

Painel de Vieira da Silva na Cidade Universitária

Depois dos painéis de Júlio Pomar e Sá Nogueira, e quando se anunciam os nomes de António Dacosta e Paula Rego para as futuras estações do Chiado e Cais do Sodré, o Metropolitano de Lisboa inaugurou esta manhã o painel de Vieira da Silva, junto à Reitoria da Cidade Universitária.

Instalado num suporte da autoria do arquitecto Sanchez Jorge, autor do projecto da estação, o painel de Vieira da Silva assinala significativamente o regresso da pintora à luz escorrida que, como nenhum outro artista, soube beber nos azulejos do casario lisboeta.

Thomaz de Mello em estado grave

O pintor Thomaz de Mello, popularmente conhecido por Tom, encontra-se em estado grave devido a doença no pâncreas, acrescida de problemas diabéticos.

Tom, que conta oitenta e três anos, regressou recentemente a casa depois de prolongado internamento num estabelecimento hospitalar da capital.

Festivais mudam de vereação

Em tempo de balanço, a vereação cessante da Câmara Municipal de Lisboa vai passando o seu testemunho. Ontem à noite, num restaurante das Portas de Santo Antão, David Lopes (acessor de Victor Reis), o pianista Adriano Jordão e Adolfo Gutkin (responsável pela área teatral) fizeram o balanço dos Festivais de Lisboa organizados pelo município ao longo deste ano.

A C.M.L. reuniu, nos Festivais, grande número de grupos, companhias e «performers», num todo de 45 espectáculos assim distribuídos: 19 no Teatro Maria Matos; 11 no Teatro São Luís; seis no Ifict; cinco no Teatro Politécnico e mais quatro espalhados pela Aula Magna, pelo Palácio Fronteira, pelo Goethe Institut e pelo Coliseu. Actividades paralelas incluíram colóquios, conferências e estágios e o número total de espectadores ascende a perto de 21 mil.

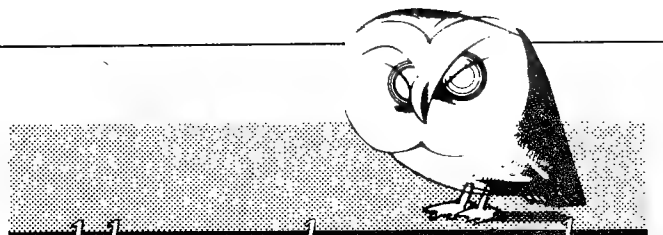
O índice médio da ocupação das salas também é satisfatório: mais de 58 por cento. David Lopes fez, em nome do pelouro da Cultura, uma evocação dos primórdios dos Festivais: «Este desafio lançado pela C.M.L. - salientou - obrigou Adriano Jordão a herdar um festival cujo nome estava, nos bastidores, bastante desacreditado. Com o sentido de coerência que o caracteriza, dirigiu a iniciativa dentro do orçamento possível (correspondente à verba disponível para a área cultural da Câmara). Penso que conseguimos levar o Festival para fora de portas e trazer a cidade às bossas salas.»

A proposta aceite pelo pianista Adriano Jordão incluía, nas suas próprias palavras, o desafio de um «festival do possível», o qual acabou por contar com uma concorrência razoável por parte do público.

Partindo deste sucesso, está previsto um «remake» em 1990, a confirmar pela nova vereação (à qual os organizadores contam apresentar «os seus préstimos com a mesma tranquilidade de quem possui hoje mais certezas do que tinha na altura dos primeiros contratos»).

Ao cabo de dois anos, os Festivais de Lisboa assumiram alguma autonomia, à semelhança de iniciativas paralelas como a Artejo e o Jazz na Cidade. Solistas, orquestras e companhias teatrais subiram à cena em várias salas de espectáculos especialmente cedidas pela C.M.L. Este ano, de 8 de Novembro a 9 de Dezembro, a programação «de Outono» inclui nomes como Lucia Valentini Terrari, Jan Lathan Koenig, Álvaro Cassuto e Pat Metheny.

Para 1990, Adriano Jordão tem os seus planos, «a revelar atempadamente», já na vigência do novo vereador da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa.



olhar de mocho

"O nosso homem..."

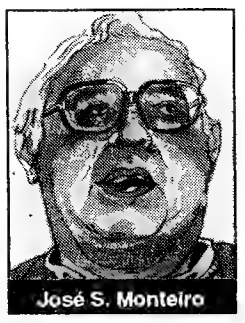
O Graham Greene criou «O Nosso Homem em Havana» e a RTP o Nosso Homem no Sul de África - o jornalista Mário Crespo, especialista em tudo o que se passa nas zonas austrais do continente negro. E veio, ontem, a reportagem sobre a Namíbia. Esperava-se prato forte e bem servido, dado que nós, portugueses, figuramos à cabeça e na cauda dos compêndios de descolonização: logo a seguir ao processo iniciado em 1776 com a independência dos EUA veio a América Latina mais o caso do Brasil; Angola, Moçambique e Timor figuram no capítulo final desses compêndios.

Esperávamos, pois, em relação à Namíbia, trabalho assinalado por dedo de mestre, tanto mais que o repórter de serviço nunca escondeu a sua característica profissional de «vai-vem» entre Lisboa e o Cabo. Já tínhamos visto e ouvido o repórter quando das eleições na Namíbia. Mas aguardávamos agora um estudo sobre a Namíbia no período pós-eleições. Afinal veio um pastelão de hora e dez minutos, tudo sobras das reportagens da época eleitoral: imensas filmagens turísticas, entrevistas totalmente deslocadas, chatas e compridas como a espada do Afonso Henriques, previsões sobre o que se irá passar se... (já se passou, as eleições já lá foram), enfim um conteúdo informativo inteiramente nulo.

Depois de uma emissão como esta fica uma terrível suspeita no ar: saberá o senhor Mário Crespo o que é, em termos históricos, o processo da descolonização? Já alguma vez folheou, se não os livros da especialidade, pelo menos o Reader's Digest sobre colónias? Sabe o que foi a Conferência de Berlim? Quem não sabe e queria ser informado, nada ficou a saber, para além de ser elucidado que o repórter dessas matérias ou nada sabe, ou sabe e não quis dizer. Haverá, hoje, na Europa, país mais carenciado de informação sobre processos de descolonização que Portugal?

Pelo menos o Graham Greene quando publicou «O Nosso Homem em Havana», teve o suficiente espírito britânico de humor para comentar: «Não tenho pena de ter escrito o romance. Quere-me parecer que tanto os Negócios Estrangeiros como os Serviços Secretos mereceram amplamente um pouco de ridículo».

Nós, consumidores de televisão, é que não merecemos o ridículo de nos apregoarem um pastel de nata e depois verificarmos que, afinal, é só pastel e nada de natas. Dito por outras palavras: falar muito sem conseguir dizer nada.



José S. Monteiro

BREVES

Art'Imagem perde instalações

Devido ao aluimento de um muro traseiro dos prédios que dão para a Rua dos Mercadores, no Porto, o grupo de teatro Art'Imagem, além de ficar com as instalações destruídas, perdeu também mobiliário, material de luz e som, e parte do guarda roupa.

No edifício estavam ainda instalados os grupos de teatro Realejo, de rock Bramassaji e de música celta JIG, que igualmente ficaram privados do espaço e do material.

Carlos Paredes em Viseu

Carlos Paredes actua hoje e amanhã em Viseu, em dois concertos que decorrerão, a partir das 21 e 30, no Auditório Mirita Casimiro. A iniciativa fica a dever-se ao Centro Cultural Distrital.

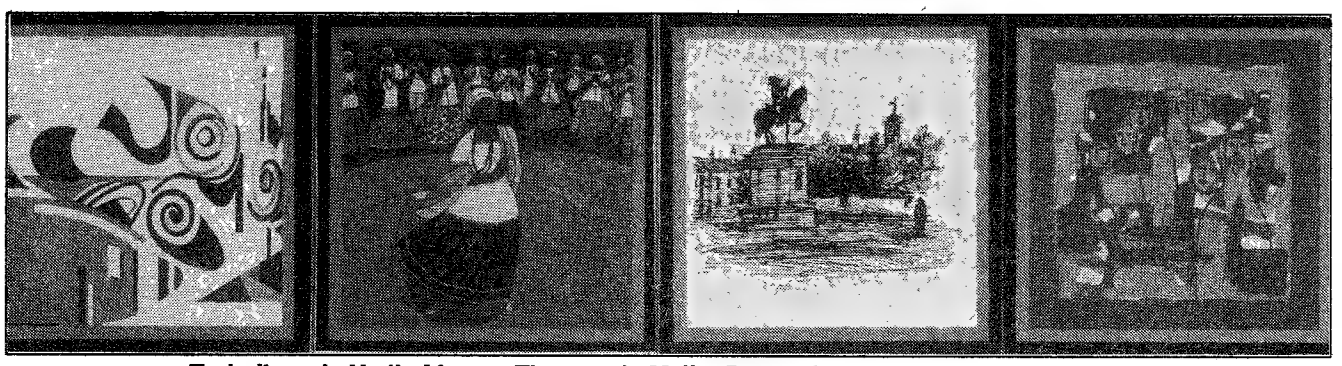
Considerado o mais notável compositor e instrumentista de guitarra portuguesa, Carlos Paredes tem realizado, ao longo da sua carreira, numerosos recitais tanto em Portugal como no estrangeiro.

Tem também participado, com as suas músicas, em produções nas áreas do Cinema, Teatro e Bailado.

Da sua discografia, destaques especiais para «Guitarra Portuguesa», «Movimento Perpétuo», «Concerto em Frankfurt», «Invenções Livres» (com António Victorino d'Almeida») e «Espelhos de Som».

Salão de Pequeno Formato no Estoril

A Arte não se mede aos palmos



Trabalhos de Nadir Afonso, Thomaz de Mello, Bernardo Marques e Martins Correia

Até ao próximo dia 7 de Janeiro continua patente, na Galeria de Arte do Casino Estoril, o Salão de Pequeno Formato. Trata-se de uma exposição colectiva de Pintura, Desenho, Escultura e Cerâmica, que integra cento e cinquenta trabalhos de sessenta autores, através da qual se pretende dar uma resposta à exiguidade dos espaços urbanos e também a de propiciar a aquisição de peças de qualidade a preços mais acessíveis.

Costumam dizer os entendidos que é pelo pequeno formato que se começa.

Com efeito, no domínio das Artes Plásticas, é na dimensão reduzida que existe a possibilidade de, em pouco espaço, operar bem e abarcar a globalidade do trabalho a certa distância.

E mais: à escala reduzida, o intimismo revela-se quase como um imperativo do material, induzindo o artista a trabalhar com maior concentração, sugerindo-lhe composições que é frequente serem dotadas de uma riqueza de pormenores diferente da que se observa quando a obra se define pela exigência de um crescimento dimensional.

Considerando, por outro lado, a necessidade de fomentar o espírito de colecção junto das camadas jovens com menos recursos e tendo ainda em conta a pequenez dos apartamentos modernos, este Salão não pretende mais do que contemplar questões como as apontadas, sem perda de dignidade.

Ao mesmo tempo - segundo os responsáveis pela Galeria de Arte do Casino Estoril - num certame deste género «é possível a apresentação de mais autores, circunstância que permite, à partida, uma multiplicidade de tendências e, logo, a possibilidade de satisfazer a heterogeneidade de gosto do público potencial».

Nomes sobejamente conhecidos e consagrados como os de Eduardo Viana, Stuart Carvalhais, Bernardo Marques, Tomás Mateus, Nadir Afonso, Martins Correia, ou Cargaleiro, ombreiam com outros igualmente de qualidade, incluindo jovens cuja trajectória se tem desenvolvido positivamente, afirmando-se alguns, até, como intervenientes de grande interesse na Arte Contemporânea Portuguesa.

Em suma, é justamente a diversidade de caminhos estéticos e de linguagens que torna este Salão louvável e sobretudo nos permite visualizar, em panorâmica, a actividade dos nossos criadores, que ali reflectem as diferenças do momento cultural que se vive no País.

O Salão de Pequeno Formato pode ser visto diariamente, na Galeria de Arte do Casino Estoril, entre as 15 e as 24 horas, e são os seguintes, os sessenta autores participantes:

Alfredo Luz, António Araújo, Artur Bual, Artur José, Artur Ramos, Augusto Barros, Bento d'Almeida, Bernardo Marques, Beth Hermany, Carlos Brito, Cecília Guimarães, Cecília de Sousa, Costa Martins, Diane, Eduardo Alarcão, Eduardo Ribeiro, Eduardo Viana, Elisa Afonso, Emília Gomes, Emília Morais, Fernando Silva Ferreira, Fernando Gaspar, Garizo do Carmo, Germano Santo, Godi Schaaf, Ivone Carvalho, João Ayres, João Orvalho, João Paulo, João Reis, Joaquim Carvalho, José de Azevedo, Leonardo Videla, Lima de Freitas, Ló, Luís Filipe Abreu, Luisa Nogueira, Lourdes Leite, M. Castro, Manuel Cargaleiro, Manuel Carvalho, Maria da Conceição Lopes, Maria Fernanda Amado, Maria José Camões, Maria Luisa Afonso, Maria Pinheiro, Maria Priscila Gonçalves, Mário de Oliveira, Mário Vinte e Um, Martins Correia, Matilde Marçal, Nadir Afonso, Paulo Ossião, Pinheiro de Santa Maria, Quintino Sebastião, Rogério de Freitas, Silvana, Stuart Carvalhais, Teresa Barbieri e Tomás Mateus.

RB

Passagem de ano sãotomense no Forum Picoas

Uma grande «Noite d'Uvôdô» - significa festa em Lunguyé, dialecto do Príncipe - vai provar que as actividades lúdica e cultural não são forçosamente incompatíveis. É já na noite da passagem de ano, a partir das 21,30, no Piso C do Forum Picoas, por iniciativa do cantor e compositor sãotomense Gilberto Gil Umbelina.

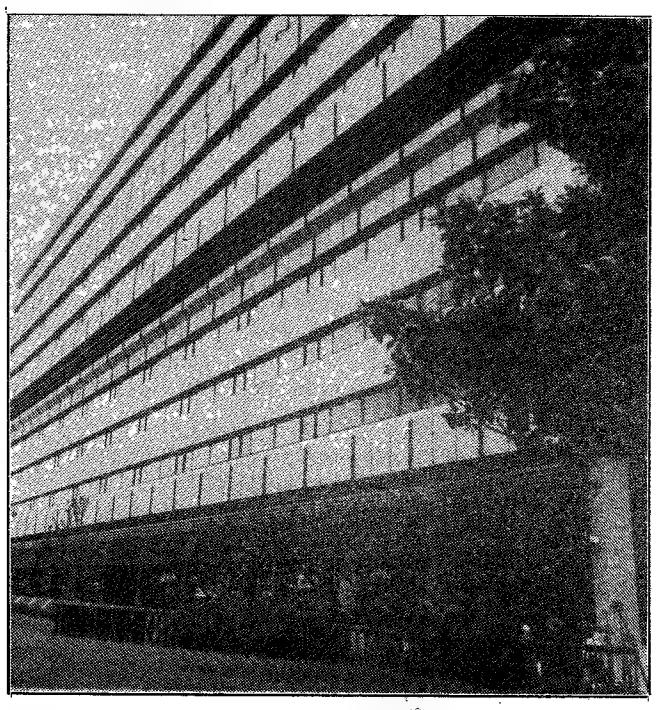
Assim, as diversas vertentes culturais do povo de S. Tomé e Príncipe estarão "expostas" neste fim de ano, que se espera seja inesquecível para sãotomenses e portugueses.

Para além dos ritmos vivos ou dengosos provenientes daquele arquipélago, bem perto do Equador, estarão também presentes obras de artistas plásticos e, para aconchegar os estômagos, a riquíssima gastronomia das duas ilhas de sonho - situadas no Golfo da Guiné - com os pratos típicos "Kalulu" (S. Tomé) e "Fenzá Cundiá" (Príncipe).

Este projecto contou, a nível oficial, com o apoio da Embaixada de S. Tomé e Príncipe em Lisboa e da Secretaria de Estado da Cultura portuguesa, que considerou «Noite d' Uvôdô» de «reconhecido e manifesto interesse cultural».

Em termos puramente musicais, deslocar-se-á a Lisboa o conjunto «África Verde» (da ilha do Príncipe) que, com Gilberto Gil Umbelina, fará as "despesas da casa". Aquele grupo animou a noite do passado Natal da Comunidade Portuguesa radicada na República Democrática de S. Tomé e Príncipe, com uma brilhante actuação no Centro Cultural Português.

Para quem estiver interessado, segue a informação: as marcações de mesas podem ser feitas pelo telefone 541037, havendo preços especiais para estudantes.



Cornucópia vai estrear «Salada»

O Teatro da Cornucópia prepara-se para estrear, no próximo mês, uma nova produção. Trata-se de mais um espectáculo que aborda a problemática do próprio teatro e do actor. Tem por título «Salada» e é construído a partir de textos dos números tradicionais dos palhaços de circo.

O espectáculo consiste, além disso, na primeira experiência de encenação colectiva da Cornucópia.

A montagem dos textos e a tradução é de Luís Miguel Cintra - que orientou o trabalhos de construção, depois desenvolvido pelos próprios actores.

O cenário e figurinos são de Cristina Reis, a montagem de Fernando Correia sendo o elenco constituído por Adriano Luz, António Fonseca, Cristina Cavalinhos, Gilberto Gonçalves, Luís Lima Barreto, Luísa Cruz, Márcia Breia e Rogério Vieira.

«Salada» terá duas antestreias de lançamento, nos dias 6 e 7 de Janeiro. Para o público, a carreira deste espectáculo apenas começará no dia 24.

Abel Duerë: um trajecto fascinante

É angolano. Vive no Brasil. Tem um disco que apresenta, agora, a Portugal. Abel Duerë, branco, faz música de raíz negra.

.- És de que sítio, em Angola?

- «Sou de Benguela. Uma cidade do litoral que tem, também, por nome Umbaka».

- Com trinta anos já tens um trajecto engraçado de vida. És angolano, vens para Portugal, onde jogas futebol. Vais para o Brasil e fazes música de raíz africana.

«Saí de Angola pouco antes da independência. Vim para Portugal, com os meus pais, tentar entrar na Faculdade de Engenharia. Aliás, eu sempre gostei de mexer em máquinas. Fui campeão juvenil de futebol, mas como os meus irmãos estavam no Brasil decidi ir para lá, fazendo a promessa aos meus pais de que seria para estudar. Chegado lá, quis morar sózinho, por isso fui trabalhar. Desliguei-me do futebol e da música, as minhas atenções estavam viradas para a sobrevivência. Queria ser independente. Trabalhei em publicidade, depois em decoração, montei uma lojinha. Senti um vazio muito grande, apesar de cantar baladas de Zeca Afonso em bares, sem me desligar da música africana. Em Salvador, no Carnaval, descobri uma outra Angola e uma energia muito forte. É lá que tenho contacto com a cultura negra, é onde recarrego baterias. Quis, no ano seguinte, estar em cima de um trem eléctrico, para isso tinha que ser conhecido e gravar um disco. Tive a sorte de procurar a produtora do programa da Xuxa, ela gostou, deu-me a chance de aparecer no programa, isso abriu-me todas as portas. No ano seguinte lá estava eu no trem eléctrico».

- A promoção do teu disco é feita de uma forma que me incomoda: indentificando-te com a lambada. O teu disco é um disco de lambada?

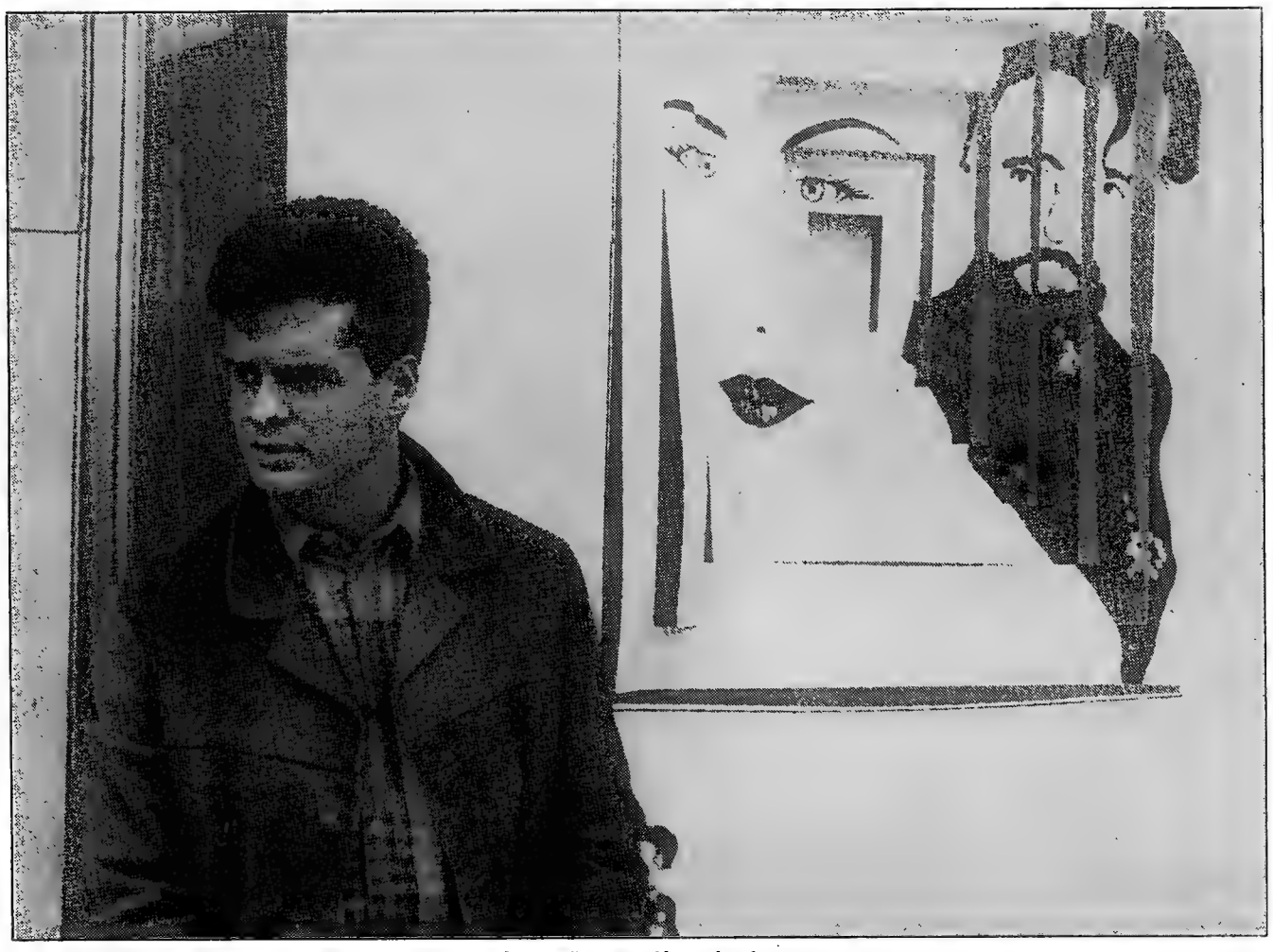
- «Não tem nada a ver com lambada».

- É uma estratégia para vender?

- «Isso acontece porque o Abel Duerë é conhecido pela música "Madalena", que não é uma lambada, é um merengue. O ritmo dos dois estilos é muito semelhante, a batida da percussão é igual, a diferença está na lambada usar teclas, imitando sopros, e o merengue usar a guitarrinha africana. A lambada é um modismo, e o meu trabalho é um trabalho cultural. Dou muita importância ao palco. É aí que mostro um pouco da cultura africana».

- Tu cantas em várias línguas nacionais angolanas. Quais?

- « Canto em quicongo e umbundo».



Abel Duerë: um triângulo do mar

- Como é que as aprendeste?

- «Eu não sei falá-las fluentemente. Cantei nessas línguas com a ajuda de pessoas que as conhecem bem. A cultura africana existe recentemente em mim. Existe no espírito. Às vezes digo que tenho uma grande quantidade de negritude dentro de mim, não na cor, mas no espírito. Disso tive a certeza na Baía, sou um pouco místico, como aconteceram coisas muito fortes comigo lá, nasceu esta minha vontade de divulgar a cultura africana».

- Quem são os músicos que te acompanham?

- «No disco foi uma banda angolana, o Afra Sound, que me acompanhou. Como a banda tem dificuldades a nível musical, então preenchi essas insuficiências com outros músicos brasileiros de primeira linha. Em espectáculo estão comigo onze músicos».

- Alguns angolanos que têm ouvido o teu disco gostam. No entanto, alguém afirmou que há pouco trabalho de composição teu, pois a maior parte das músicas baseiam-se em temas tradicionais angolanos. Que achas?

- « Eu não me preocupo em compor. Preocupo-me, sim, com o palco, porque é isso que eu gosto mesmo. No pouco tempo que tenho, componho. Neste disco não me preocupei em mostrar trabalhos meus. O que eu quis fazer foram ritmos afros. Não sou um músico saudosista de Angola, sou um terráqueo, tinha alguns dos ritmos na memória, os arranjos é que são actuais».

- És um músico de fusão? É isso?

- « Completamente. Escuto muito Mory Kanté, Johnnie Clagg. É por aí que eu quero ir. Não estou preocupado em ser um músico tradicional angolano, até porque não o sou».

- Qual vai ser a estratégia a utilizar, em Portugal, para a venda e divulgação do teu disco. Qual o público preferencial?

- «Na verdade gostaria muito de atingir o público português. Acredito que ele já aceite a música africana. O português é um povo de braços abertos, sempre se misturou com as outras raças, independentemente de ter as suas manias, gosta de dançar música africana, já não tem preconceito em relação a isso. Portanto, penso que a minha aceitação não vai ser só por parte da comunidade africana, aqui residente».

- No tempo que vais ficar em Portugal pensas ouvir o que por cá se vai fazendo de novo em música africana?

- « A primeira coisa que eu quis foi ver e escutar músicos que fazem música de raíz africana. Já fui a alguns locais e espero ainda ir a outros».

- E quando é que Portugal poderá ver o teu espectáculo?

- «Isso é complicado, e é esse o motivo porque estou aqui. Não vim para estrategicamente lançar o disco, mas para fazer contactos. Gostaria de fechar contrato com a televisão para gravar um espectáculo com público. Sem *play back* e acompanhado pelo meu grupo».

- Pensas apresentar o teu trabalho em África?

- «Não só apresentá-lo como aprender muita coisa. Já tive a felicidade de actuar em Angola a convite do governo. Foi muito importante porque, de certa forma, caí no agrado das pessoas, que não esperavam que um branco fizesse e mostrasse o que eu mostro em espectáculo.

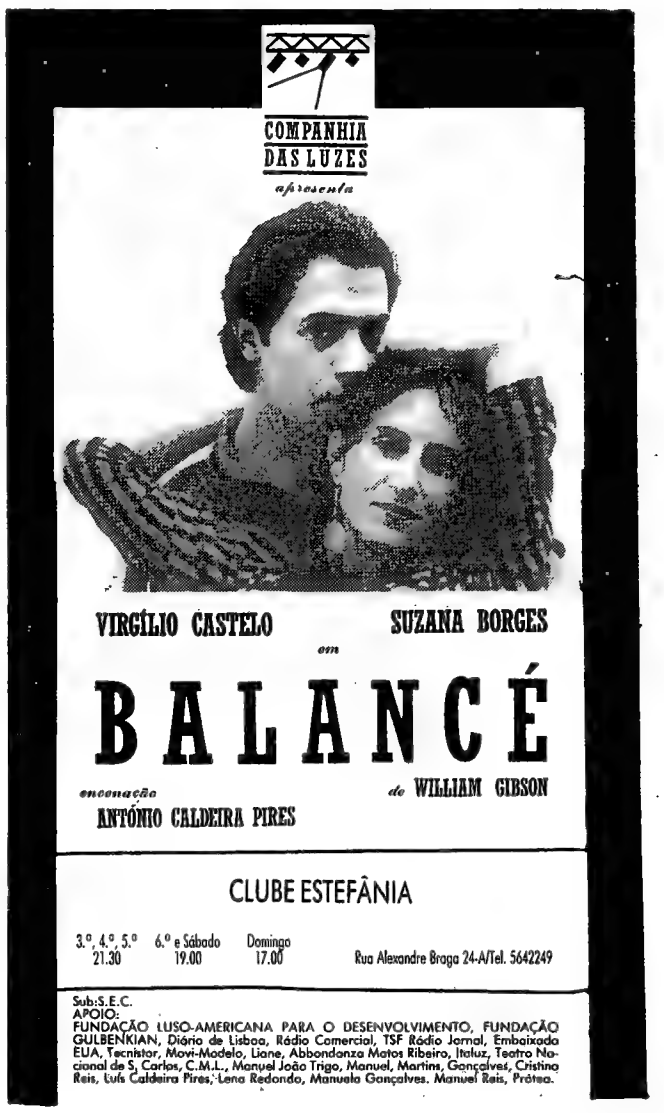
Isso foi muito bom: ser reconhecido na sua própria terra. Mas, principalmente, o que eu quero em África é aprender».

- Está nos teus projectos um regresso a Angola?

- « Se Angola estivesse numa situação boa de um ponto de vista económico e eu tivesse que optar, ficaria no Brasil. Mas se eu fosse mais útil para o povo angolano em Angola, aí já valia a pena, por uma razão humana. Só essa razão me levaria a ir para lá viver».

Abel Duerë, que significa criança traquina (...que por magia em si desce quando está em palco), apoiante de Lula, apesar de não votar por ser cidadão estrangeiro, tem um sonho: ser tão bom músico e tão reconhecido como Clagg. O seu disco "Crioulinha" já está a fazer sucesso em Portugal, e merece-o. Entretanto aguardemos o concerto que nos apresentará, inteiro, este músico de pele branca e com alma e coração negros.

Maria José Belo Marques



NOTARIADO PORTUGUÊS

14.º Cartório Notarial de Lisboa

Rua da Vitória, n.º 94, 1.º
Notário: Lic. Manuel Gonçalves Pereira

CERTIFICAO, para efeitos de publicação que por escritura de 30 de Novembro do corrente ano, lavrada de folhas 78 verso a folhas 79 verso do livro de notas 75-F deste Cartório, foi alterado parcialmente o pacto da sociedade anónima denominada «I.C.B. — INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE BORRACHA, S.A.», com sede nesta cidade na Rua Bartolomeu Dias, número vinte e três, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número sessenta e três mil novecentos trinta e três, quanto ao número um do artigo segundo e à alínea a) do número um do artigo quinto, os quais ficaram com a seguinte redacção:

ART.º 2.º

UM — A sociedade passa a ter a sua sede e estabelecimento na Rua Elias Garcia, número quatrocentos e dez, freguesia da Venteira, concelho da Amadora, podendo ser transferida para qualquer outro ponto do mesmo concelho ou concelho limítrofe do território português mediante deliberação do Conselho de Administração.

ART.º 15.º

UM — A sociedade fica obrigada.

a) Pelas assinaturas conjuntas de dois administradores.

Está conforme.

Lisboa e referido 14.º Cartório Notarial, aos 4 de Dezembro de mil novecentos oitenta e nove.

(Assinatura ilegível)

DESPORTO

Passe de Silas entra na Federação

Douglas (Sporting não arrisca), José Mário (regresso saudado no Restelo) e Dante (despedida no Funchal) são intérpretes de várias histórias

O presidente sportinguista (Sousa Cintra) regressou esta madrugada a Lisboa, vindo do Uruguai com escala no Rio de Janeiro e S. Paulo, trazendo consigo o passe internacional do futebolista Paulo Silas que imediatamente entregou na Federação Portuguesa de Futebol, em virtude de terminar, hoje, o prazo de inscrição de jogadores estrangeiros para a temporada em curso. Finda assim, a apaixonante novela que se prolongou por vários meses, através, de diversos episódios.

Quanto ao caso Douglas, que o Conselho de Disciplina considerou possuir o estatuto de luso-brasileiro e portanto apto a jogar sem que isso envolvesse qualquer irregularidade por parte do Sporting, os dirigentes da colectividade «leonina» não vão utilizar o futebolista nessa qualidade, por considerarem que «*o Conselho de Disciplina da FPF excedeu as suas competências legais, invadindo as do próprio executivo da Federação, ao declarar, no seu penúltimo acórdão* (a que nos referimos na edição de ontem), *que o jogador devia ser considerado estrangeiro*». Sobre o assunto, alega o jurista Soares Machado: «*A competência do Conselho de Disciplina é a de verificar se existem ou não infracções de âmbito desportivo e aplicar penas. Não tem competência estatutária para qualificar os jogadores em função da sua nacionalidade, nem para verificar a validade dos seus contratos com os clubes. Essas competências* — no entender daquele advogado e dirigente do Sporting — *pertencem ao executivo federativo, que é a sua Direcção e ao Conselho de Justiça, visto que, das decisões da Direcção cabe recurso para aquele órgão jurisdicional*».

O dr. Soares Machado, em declarações prestadas ao nosso colega «Record», acrescenta: «*A posição jurídica correcta é muito clara: a inscrição dos jogadores Douglas e Marlon Brandão, como luso-brasileiros, com estatuto de dupla nacionalidade, previsto no Regulamento de Provas Oficiais foi validada pelo executivo com base nos primitivos e únicos contratos dos jogadores com o Sporting. E dessa decisão, o Sporting que validou as suas inscrições com o referido estatuto, é que os clubes protestantes podiam, e deviam, ter recorrido. Como não o fizeram, a decisão transitou em julgado.*»

A conclusão extraída por aquele jurista é esta: «*O CD deveria ter-se limitado a verificar se haveria ou não irregularidades na utilização dos jogadores, em função da decisão que a Direcção da FPF, bem ou mal, tomara. Uma vez que aceitara as inscrições naqueles termos e que ninguém as impugnara para o Conselho de Justiça, o CD só podia perguntar à Direcção se a situação era regular, como pretendia o Sporting, ou não, como entendiam os outros clubes. E julgar com base nessa informação do executivo.*» *Na verdade o CD consultou a Direcção mas depois excedeu as suas competências, como já disse.*»

Conclusão: o Sporting pode utilizar Douglas e Marlon como jogadores com o estatuto de dupla nacionalidade, mas como o Penafiel, V. Guimarães e Nacional recorreram para o Conselho de Justiça o processo vai teor o seu curso normal e o Sporting (que já foi notificado para contra-alegar) vai fazê-lo, juntando pareceres dos drs. Antunes Varela, Figueiredo Dias e Costa Andrade. É mais um episódio que oportunamente terá o seu epílogo.

Castigos federativos

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol, na sua reunião de onte, e relativamente, à jornada futebolística do último fim-de-semana, aplicou as seguintes penalizações:

A jogadores da I divisão: 2 jogos de suspensão a Filgueiras, do Chaves e Bozinoski, do Beira-Mar; um jogo, a Casaca, do Boavista. O Portimonense foi multado em 30 000$00.

Da II divisão: 4 jogos de suspensão a Octaviano, do Olivais e Moscavide e a Mendes, do Louletano. Com um jogo cada, Rogério, do Joane; Gonçalves, do Aves; Manarte, do Águeda; Eldon, da Académica e Parodi, do Mangualde.

• O Conselho de Disciplina deu também conhecimento do castigo aplicado pela UEFA, ao jogador do FC Porto, André — um jogo de suspensão — por «jogo grosseiro», relativo à partida Porto-Hamburgo, disputada no dia 6, nas Anas, a contar para a 2.ª «mão» da Taça UEFA.

Mais uma «chicotada»

Sete clubes da I divisão, 12 da segunda e 15 da terceira, já mudaram (na presente temporada) de treinador. Ontem, foi a vez do Campomaiorense rescindir o contrato com António Nogueira, não sendo ainda conhecido o nome do seu substituto.

Juniores: duplo empate

Portugal empatou, ontem, as suas duas partidas na segunda jornada do Torneio Internacional de Israel, para selecções de futebol de sub-16 e sub-18, com o destaque da ronda a pertencer aos juniores «A» israelitas que golearam a Grécia.

Os sub-18 portugueses (juniores «A»), que já garantiram o apuramento para o Europeu de 1990, a disputar na Hungria, empataram 1-1 com a Polónia, no Estádio Hapoel, em Holon, enquanto os sub-16 (juniores «B») lusitanos empataram 0-0 com a RFA no Estádio Municipal de Haifa.

Raul Águas: pausa para o diálogo com Silas na equipa

Reservas lisboetas

Belenenses e Benfica defrontaram-se na tarde de ontem no Estádio do Restelo, em jogo a contar para a 13.ª jornada do campeonato de «reservas» da AFL, tendo os azuis vencido por 1-0.

Árbitro: Manuel António, auxiliado por António Martins e Andrade.

Belenenses: Justino, Ferreira (Franco (62m), Eusébio, Alexandre e Pedra; Carlos Ribeiro, Jaime (cap), Gonçalves e Manucho (Eduardo 68m); Saavedra e Sadkov.

Benfica: Tomás, Cerqueira (cap); Moura, Caetano e Bruno; Moreno; Muchanga, Rui Costa (Rui Ferreira 33 m) e Basílio; Peres (Alhinho 74m) e Vitó.

Marcador: Sadkov aos 39 minutos.

Resultados dos restantes jogos: Amadora - Torreense; 0-1; Alverca - Atlético; 3-0; Sintrense - Estoril, 0-3 e Sporting - Olivais e Moscavide, 5-0.

Académica elege novos dirigentes

O futuro presidente da Associação Académica de Coimbra, Mendes Silva, pretende modernizar o clube, «sem esquecer as suas raizes».

Mendes Silva, ex-presidente da Câmara de Coimbra, é o único candidato à presidência da direcção do organismo autónomo de futebol da Académica, cujos corpos gerentes serão eleitos na assembleia geral de hoje.

O ministro dos Assuntos Parlamentares, Manuel Dias Loureiro, será o presidente da Assembleia Geral sucedendo no cargo ao ex-ministro Almeida Santos e Raimundo Praça será reconduzido na presidência do Conselho Fiscal.

Sábado desportivo

Andebol

I Divisão: TAP - Belenenses (Pavilhão de Alvalade, às 18 horas); Vitória de Setúbal - Fafe (no Pavilhão Antoine Velga, em Setúbal, às 17 horas); Académica - Benfica (no Pavilhão da Académica, em Coimbra, às 17 e 30 horas); Boavista - Holanda (Pavilhão Garcia da Horta, às 18 e 30 horas) e ABC - Sporting (no Pavilhão Flávio Sá Leite, às 18 horas).

Futebol de 1.ª

14.ª jornada: Beira Mar - Chaves; Nacional - Vitória de Guimarães; Penafiel - Vitória de Setúbal; Futebol Clube do Porto - Belenenses; Portimonense - Estrela da Amadora; Sporting - União; Benfica - Boavista; Marítimo - Tirsense e Sporting de Braga - Feirense.

Futebol de 2.ª

Zona Norte: Gil Vicente - Bragança; Desportivo das Aves - Infesta; Marco - Joane; Trofense - Freamunde; Leixões - Rio Ave; Varzim - Maia; Paços de Ferreira - Vianense; Famalicão - Vizela e Felgueiras - Fafe (jogo em Viana do Castelo).

Zona Centro: Viseu - Águeda; União de Lamas - Guarda; Oliveira do Bairro - Académica de Coimbra; Benfica de Castelo Branco - Mirense; Olveirense - Caldas; Peniche - Salgueiros; União de Leiria - Sporting da Covilhã; Lousanense - Sporting de Espinho e Marialvas - Mangualde. O jogo Lousanense - Sporting de Espinho, realiza-se em Miranda do Corvo.

Zona Sul: Portalegrense - «O Elvas»; Juventude de Évora - Sintrense; Torreense - Olivais e Moscavide; Lusitano de Vila Real - Estoril; Farense - Silves; Alverca - Olhanense; Seixal - Louletano; Atlético - Lusitano de Évora e Barreirense - Samora Correia.

Futebol de 3.ª

Série A: Prado - Celoricense; Vieira - Amares; Valpaços - Maria da Fonte; Macedo de Cavaleiros - Ribeirão; Vila Pouca de Aguiar - Ponte da Barca; Valdevez - Lanheses; Delães - Mirandela; Esposende - Caminha e Moreirense - Santa Maria.

Série B: Sanjoanense - Régua; Vila Real - Rio Tinto; Penaguião - Lixa; Ermeside - Amarante; Valadares - Cinfães; Paivense - Sandinense; Lousada - Leça; Lourosa - Paredes e Valonguense - Pedrouços.

Série C: Argus - Estarreja; Valonguense - Santacombadense; Oliveira do Hospital - Tabuense; Ovarense - Anadia; Seia - Mealhada; Luso - Gouveia; União de Coimbra - Valecambrense; Sabugal - Alba e Mortágua - Oliveirinha.

Série D: Alcobaça - União de Santarém; Naval 1.º de Maio - Castelo de Vide; Sertanense - Torres Novas; Bombarralense - Mirandense; Alfeizerense - Marrazes; Fátima - Ferrel; Alcanenense - Marinhense; União de Tomar - Alcains; e Estrela de Portalegre - Nazarenos.

Série E: Oriental - Loures; Borbense - Lustiânia dos Açores; Almeirim - Cartaxo; Campomaiorense - Odivelas; Fronteirense - Futebol Benfica; Santa Clara - Vilafranquense; Câmara de Lobos - Sacavenense; Cacém - Fanhões e Praiense - Porto-Santense.

Série F: Vasco da Gama - Pescadores; Trafaria - Beja; Almancilense - Quimigal; Quarteirense - Estrela de Vendas Novas; Sesimbra - Amora; Montijo - Imortal; União de Montemor - Esperança de Lagos; Palmense - Leões de Tavira e Moura - União de Santiago do Cacém.

UGT
PORTUGAL

HOJE 29.12.89
RTP — TEMPO DE ANTENA

INTERVÊM: ADRIANO JORDÃO — ANTÓNIO PEDRO-VASCONCELOS — ANTÓNIO SALA — CARLOS LOPES — JOSÉ NUNO MARTINS — LUÍS REPRESAS — NATÁLIA CORREIA — RAUL SOLNADO — TONY — VITORINO D'ALMEIDA.

SOLIDARIZA-TE
SINDICALIZA-TE
NÃO FIQUES SOZINHO

ANÚNCIO

Proc. N.º 3447/B
3.ª Secção

O Doutor ROGÉRIO SAMPAIO BEJA, JUIZ DE DIREITO DO 16.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

Faz saber que por este Juízo e terceira secção, nos autos de Execução de Sentença n.º 3447/B em que são exequente: União de Bancos Portugueses, SA, e executado: João António Delgado Henriques, residente em Rua de Olivença, n.º 1-2.º-Dt.º, Amadora correm éditos de trinta dias contados da data da 2.ª e última publicação do anúncio notificando a comproprietária GERMANA RITA DELGADO, com última residência conhecida na Rua António Feijó n.º 10-2.º esq.º, Amadora e actualmente ausente em parte incerta, de que foi ordenada a penhora no bem adiante indicado, pertencente ao executado e que fica à ordem deste Tribunal, podendo fazer as declarações que entender quanto ao mesmo direito e ao modo de o tornar efectivo, no acto da notificação ou no prazo de cinco dias (Art.º 862.º n.º 2 do CP Civil).

Para constar se passou o presente e mais dois de igual teor que vão ser afixados.

Lisboa, 13 de Dezembro de 1989

O Juiz

(Assinatura ilegível)

Pel'O Escrivão de Direito

(Assinatura ilegível)

DIREITO PENHORADO

Metade indivisa do prédio urbano sito na Rua Elias Garcia, n.ºs 275, 275-A e 275-B, na cidade e freguesia da Amadora, descrito na Conservatória do Registo Predial da Amadora sob o n.º 106 a fls. 69 v.º do livro B-1, encontrando-se a metade indivisa inscrita a favor do executado pela inscrição n.º 27562, fls. 138 v.º, livro G-57 e inscrito na matriz urbana da referida freguesia e omisso na matriz.

«DL» 29/12/89 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

7.º Juízo

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução Sumária, n.º 288/88, 2.ª secção. Exequentes AMMA-Indústria de Confecções, Ld.ª. Executado — Isabel e Carlos Rodrigues, Ld.ª, com sede na Calçada do Carmo, 57-61, em Lisboa.

Lisboa, 25 de Outubro de 1989

O Juiz de Direito

João Carlos Esaguy Lopes Martins

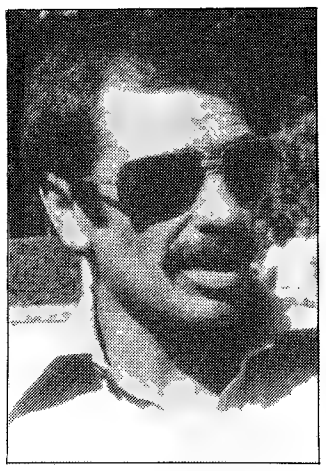
A Escrivã-Adjunta

Maria Emília Pereira da Silva

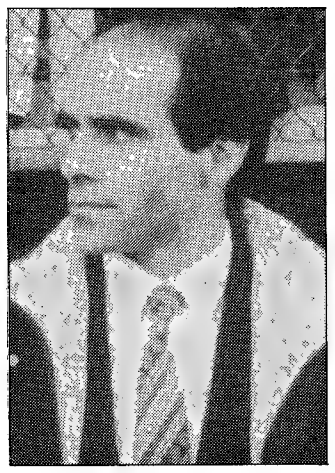
DL 29/12/89 — 1.ª Pub.

Só na 1.ª divisão, nos últimos cinco anos, 48 clubes mudaram de treinador, cabendo ao Marítimo a maioria absoluta

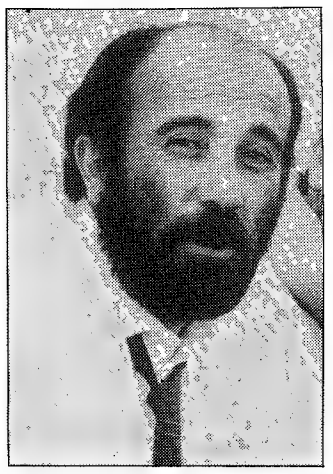
«Chicotadas»: maná para os treinadores



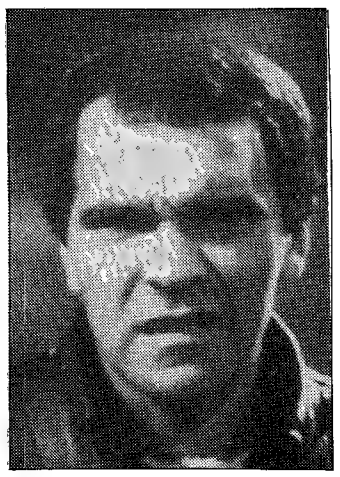
António Medeiros: de Moçambique para Matosinhos foi apenas um dia



Ferreira da Costa: regresso inesperado



Quinito: Porto, Funchal, Portimão. Um viajante do futebol



Raul Águas: finalmente no lugar sonhado

As chicotadas psicológicas são um maná para os treinadores de futebol...Urge acabar com a bagunça existente no País.

Aí está uma tese de inquestionável acerto, sendo seu autor Silva Vieira, presidente do Beira Mar. A mudança de treinador surge com inevitabilidade, quando os resultados começam a provocar o descontentamento dos dirigentes e as pateadas na plateia e, raramente, a decisão colhe qualquer benefício para o emblema vergastado. O inverso é mais verdadeiro: porque o técnico despedido leva no bolso o cheque da indemnização e, o que chega, valendo-se da situação do clube, impõe a mais-valia. O beneficiado é, normalmente, o treinador «vítima» da ordem de marcha, porque, no dia imediato, já tem novo patrão que melhor lhe paga.

Diz o líder do executivo do bloco aveirense que a bagunça deverá terminar: só que a responsabilidade terá que ser exclusivamente atribuída aos dirigentes que, por representarem a entidade patronal não procedem à contratação do responsável com o perfil adequado. Se atentarmos no elevado número de clubes que, na passada temporada, fizeram mudar os comandos futebolísticos, ficaremos esclarecidos. Na divisão principal, apenas resistiram sete dos 20 inicialmente contratados, havendo clubes (Sporting: com Pedro Rocha, Vítor Damas e Manuel José; Farense; José Augusto, Allison e Paco Fortes; Académico de Viseu: Alhinho, Cabrita, João Basto e Carolino) que fizeram mais do que uma experiência. Na segunda divisão, foram 41 os símbolos que procederam a alterações e na terceira divisão, registámos 36.

Sobre os treinadores que recentemente passaram por mais do que um clube, alguns exemplos: Vítor Gomes (Gil Vicente e Moreirense), Vieira Nunes (Salgueiros e Mangualde), Francisco Mário (Seixal e Lusitânia), Fernando Tomé (Marrazes e União de Montemor), Rafael Gomes (Sacavenense e Vilafranquense), Vítor Oliveira (Maia e Paços de Ferreira), Coentro Faria (Valdevez e Portosantense), Manuel Cajuda (Portimonense e Olhanense), Raul Águas (Chaves e Boavista), José Rachão (Fafe e Varzim), António Fidalgo (Varzim e Esperança de Lagos), Mário Lino (Barreirense e Peniche) e António Jesus (Trofense e Maia). As «chicotadas» são (realmente) um maná para os treinadores.

Na presente temporada, sete clubes da 1.ª divisão já mudaram de técnico e Raul Águas não tardou em viajar do Bessa para Alvalade, enquanto Quinito mal teve tempo para fazer a curta travessia Funchal-Algarve. Na 2.ª divisão, o número de «chicotadas» vai na dúzia e poucos serão os que se encontram ainda no desemprego, do mesmo modo que nos 15 já afastados no terceiro escalão, alguns foram contratados no dia imediato à saída (ou no anterior?).

A «moralização dos costumes» vai tardando e os associados como únicos sustentáculos dos clubes (para os que não dispõem de bingo), deveriam exercer o seu direito de contestar os dirigentes que contratam treinadores sem credenciais ou que, previamente, se sabe não reunirem o perfil adequado às ambições dos clubes.

A título de curiosidade, poderemos recordar que o Marítimo é o clube recordista em «chicotadas» nos últimos cinco anos, cabendo o despedimento a Mário Nunes, Stefan Lundim, Manuel Oliveira, Ferreira da Costa (que voltou ao posto) e Quinito.

«Chicotadas psicológicas» surgem por aí em ritmo diário e os maiores prejudicados não são os treinadores, havendo alguns que tudo fazem para provocar o descontentamento da bancada para apressar a saída, porque já têm emprego apalavrado. Depois, é uma questão de contas em muitos contos.

Alves Henriques

Trinta e quatro mudanças

Quinito, Manuel José e Raul Águas bisaram nas últimas três épocas

Nas últimas três temporadas, foram 34 os clubes que mudaram de treinador com Manuel José a ser forçado a rescindir com o Braga (em 1987/88) e com o Sporting (na temporada em curso), Quinito não resistiu nas Antas (1988/89) do mesmo modo que foi obrigado a sair recentemente do Marítimo e Raul Águas também regista duas saídas nas épocas de 1988/89 (Chaves) e, recentemente, do Bessa para Alvalade. O quadro aqui fica:

1987/88

Benfica	Ebbe Skovdahl
Sporting	Keith Burkinshaw
Vitória de Setúbal	Malcolm Allison
Marítimo	Manuel Oliveira
Portimonense	Paulo Roberto Dias
Farense	Cláudio Garcia
Sporting de Braga	Manuel José
Vitória de Guimarães	René Simões
«O Elvas»	Mário Nunes
Académica	Vítor Manuel
Varzim	Henrique Calisto
Rio Ave	Mário Juliatto
Salgueiros	Fernandes Festas
Sporting da Covilhã	Vieira Nunes

1988/89

Futebol Clube do Porto	Quinito
Boavista	José Macia Pepe
Sporting	Pedro Rocha
Belenenses	John Mortimore
Vitória de Guimarães	Geninho
Marítimo	Ferreira Costa
Portimonense	Manuel Cajuda
Desportivo de Chaves	Raul Águas
Sporting de Espinho	Carlos Garcia
Fafe	José Rachão
Farense	José Augusto
Leixões	António Morais
Académico de Viseu	Carlos Alhinho

1989/90

Sporting	Manuel José
Belenenses	Hristo Mladenov
Boavista	Raul Águas
Marítimo	Quinito
Penafiel	Carlos Alhinho
Portimonense	José Torres
Nacional	Fernando Pires

HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

☆☆☆☆

«REVEILLON»

...dois estilos diferentes que combinam consigo...

• Salão Panorâmico «Gala de S. Silvestre» c/o Conjunto IMPULSE

• Salão D. Fernando «Baile Reveillon» c/ Música Seleccionada

Com o nosso «Impulso» entrará melhor no NOVO ANO
Estadias • «REVEILLON» com Jantar de Gala
PREÇO DESDE 15 250$00

Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

SIDÓNIO PEREIRA
APRESENTA

TEATRO VILLARET
TEL.: 53 85 86 M / 12

Terças, Quartas e Quintas 21.30 h. Sextas, Sábados e vésperas de feriados, 20.30 e 23 h. Domingos e Feriados às 16 h e 21.30

Hoje, 20.30 e 23.00 h

OCTÁVIO MATOS

MARIEMA

CRISTINA OLIVEIRA • FERNANDO FERRAO
ISABEL DAMATTA • AMADEU FERNANDO
UM MODERNO CORPO DE BAILE
AUTORES-TEXTO: **MANUEL GÍRIO, MÁRIO RAINHO, CARLOS IVO E ISABEL DAMATTA** — MÚSICA: **JOÃO HENRIQUE, A. REDES CRUZ E SIDÓNIO PEREIRA**
ENCENAÇÃO: **OCTÁVIO MATOS**
COREOGRAFIA: **AMADEU FERNANDO**
Xano - Teresa Melro - Lurdes - Sandra - Pedro Romano - Paula Araújo

ZÉLIA RODRIGUES
Atracção

ACTOR CONVIDADO

EUGÉNIO SALVADOR

DESPORTO

Eles são os maiores

Grandes vedetas conquistam o ouro do ano

Dom Alfredo: «la saeta rubia»

DI STÉFANO considerado o melhor futebolista, que, desde sempre, passou pelos quadros do Real Madrid, foi distinguido com um troféu de ouro e diamantes que lhe será entregue no dia 6 de Janeiro, antes do início do confronto entre «merengues» e «calchoneros» para o campeonato espanhol. Recorde-se que Alfredo Di Stéfano jogou durante 11 anos com a camisola do histórico Real, tendo feito parte da equipa que venceu as cinco primeiras edições da Taça dos Campeões Europeus. Série quebrada pelo Benfica, no dia 31 de Maio de 1961, quando, em Berna, venceu o Barcelona, por 3-2. No ano seguinte, Di Stéfano integrou a formação madrilena que, no Estádio Olímpico de Amesterdão foi derrotado pelo Benfica (por 5-3) proporcionando ao clube português a segunda vitória na mais importante competição europeia de clubes.

STEFFI GRAF foi eleita, pela segunda vez, consecutiva, a melhor atleta europeia do ano, na sequência de uma votação organizada pela agência polaca de informação PAP. Steffi Graf, vencedora de três dos quatro torneios do «Grand Slam», ficou à frente de Alain Prost, e do tenista germânico Boris Becker.

Steffi: honra germânica

CARL LEWIS E MARTINA NAVRATILOVA foram considerados os melhores atletas mundiais da década de 80, numa sondagem internacional publicada no diário desportivo italiano «Gazzetta Dello Sport».

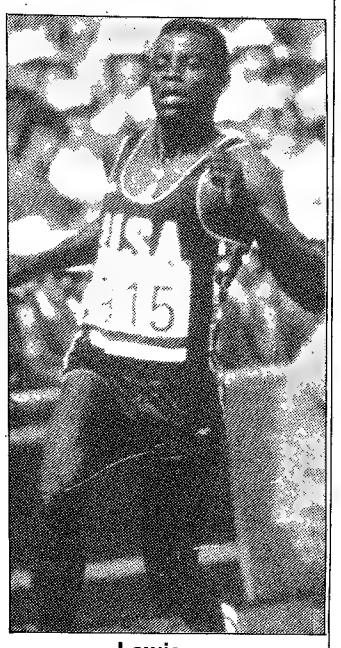
O velocista norte-americano superou, por margem confortável, Diego Maradona, a «estrela» canadiana do hóquei sobre o gelo Wane Fretzky e o campeão mundial de «pesados», Mike Tyson, dos Estados Unidos.

O inquérito, promovido pelo diário milanês, entre os principais jornais e agências noticiosas do Mundo, teve um desfecho mais nivelado no sector feminino, com Navratilova a impor-se à sua rival Steffi Graf (RFA) e à atleta Marita Koch (RDA).

Lewis (de 28 anos) que embolsou quatro medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de 1984, recebeu 31 votos, contra 21 de Maradona, 11 de Gretzky e nove de Tyson. O checoslovaco Ivan Lendl, líder do «ranking» mundial de ténis, foi o 5.º desportista mais citado, com 5 votos.

No naipe feminino, Navratilova (tenista de origem checoslovaca, de 33 anos de idade, que triunfou por oito vezes no torneio de Wimbledon, obteve 29 votos, mais cinco que Graf (actualmente a primeira tenista do Mundo) e Marita Koch, já retirada.

Navratilova



Lewis

Andebol: mais um torneio de «mão-cheia»

Vai realizar-se em Portugal uma qualificada competição de andebol de sete, provavelmente a mais saliente realizada no nosso País. Nunca foi possível reunir entre nós um nível de participantes em competição semelhante, mesmo a nível oficial. Diz isto a federação da modalidade, do 2.º Torneio Internacional de Loures que vai trazer até nós as selecções nacionais da Jugoslávia e Argélia (ambas do Grupo A do campeonato do Mundo da modalidade), a Polónia (Grupo B) e a equipa do Skif Krasnodar (da URSS) para além (obviamente) das turmas nacionais A e B.

A prova, marcada para decorrer de 10 a 14 de Janeiro do próximo ano, no Pavilhão Paz e Amizade (em Loures) integra-se no plano de preparação para o Campeonato do Mundo (Grupo C) no qual Portugal está fortemente empenhado no sentido de tentar a subida ao escalão imediatamente superior.

Para esta competição o seleccionador nacional de andebol (o romeno Costache Mircea) convocou os seguintes atletas:

• **Selecção A**: João Santa Bárbara (Futebol Clube do Porto), Miguel Fernandes (Benfica) e António Figueiredo (ABC) — guarda-redes; Paulo Carneiro (Francisco da Holanda), Mário Macedo (Académica de Coimbra), José Luzia (Futebol Clube do Porto), António Leite (Sporting), Rui Ferreira (Futebol Clube do Porto), Carlos Resende (Porto), José Santos (Porto), Alberto Cabaço (Sporting), Luís Galamba (Vitória de Setúbal), Manuel Pastor (ABC) e Jorge Rodrigues (ABC) — jogadores de campo.

• **Selecção B**: Carlos Ferreira (ABC) e Nuno Rego (Porto) — guarda-redes; Luís Graça (Porto), Ricardo Plácido (Belenenses), Rui Almeida (ABC), Rui Veiga (ABC), Alberto Oliveira (Belenenses), Anacleto Santos (São Mamede), Nuno Infante (Belenenses), Eduardo Barros (Vitória de Setúbal), Armando Pires (Benfica), João Duarte (Vitória de Setúbal), Luís Gomes (Benfica) e Luís Garrett (Benfica) — jogadores de campo.

A concentração está marcada para o Hotel Roma, no próximo dia 8 de Janeiro, seguindo toda a comitiva para o Grande Hotel da Ericeira onde, até ao dia 14, decorrerá o estágio. Resta acrescentar que o prof. João Prudente é o técnico auxiliar para a selecção A, enquanto o prof. João Comédias exercerá idênticas funções no bloco B.

DESPORTO

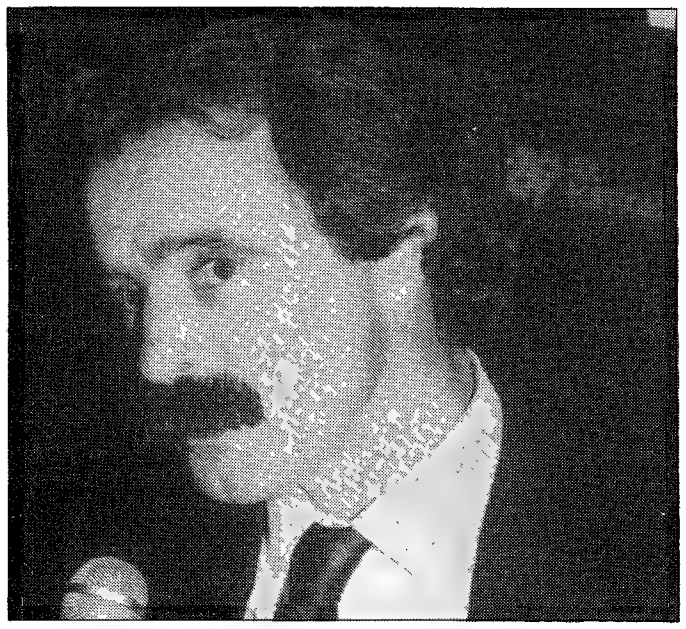
Novos tempos para o futebol

• *Seleccionador com sensibilidade poética poderá fazer muito por «todos nós»*

O novo seleccionador nacional de futebol é Artur Jorge, que será acompanhado por Toni. Mais uma dupla de cultura ocupa lugar de destaque no panorama do futebol no país. Não há dúvida: os tempos são outros. À medida que uma área avança, a exigência científico-cultural impõe-se com mais força. Isto porque, mesmo consciente de não possuir a verdade nem a possibilidade de desvendar o real, a ciência é o caminho da razão, que busca a compreensão e explicação dos fenómenos. O futebol, como um dos maiores, se não o máximo fenómeno social de massas do nosso tempo, não poderia escapar dessa quase fatalidade do mundo de hoje: a cientificação. E, quem diz cientificação, diz criatividade, criticidade, desalienação, libertação. Com estas características, a alta competição vai tomando um outro cariz, porque, num espaço científico, as discussões livres podem acontecer. E sucedem mesmo: o processo de consciencialização é a resultante mais imediata.

Já não se pode permitir que o desporto seja confundido com actividade acéfala, onde o pensamento não necessita alcançar o nível da reflexão e os seus agentes são considerados pela sociedade como pessoas que tratam *superficialmente* de coisas *superficiais*. É bom lembrar que não se gasta quantias astronómicas com coisas **superficiais**. O poder económico-financeiro tem plena consciência do investimento que faz e da margem de lucro que isto representa.

O desporto precisa aprender a pensar e a pensar-se. Aliás, esta não é uma necessidade apenas do desporto, mas de todas as instâncias da actividade humana. A exigência de pensamento reflexivo é fundamental, para não se cair no erro da simplificação do complexo. E «*a simplificação começa quando a distinção elimina a relação entre o objecto e o seu meio, quando a objectivação elimina o problema da actividade construtiva do sujeito na formação do objecto, quando a explicação se limita e pára na análise. A simplificação, em suma, começa no ponto em que a distinção se torna disjunção, separando e isolando as entidades sem fazer com que se comuniquem. (...) A complexidade está condenada a oscilar entre simplificação e confusão*» (Edgar Morin).



Artur Jorge

A nossa civilização, que criou o «homo faber» para além do «homo sapiens» necessita urgentemente de considerar o «homo demens» — capaz do sonho, da paixão e do mito — e o «homo ludens» — capaz do jogo, do prazer, da festa. A noção de «homo faber», o homem técnico, precisa estar indissoluvelmente associada à noção de «homo demens», o homem imaginativo, capaz de imaginar, de sonhar, de criar fantasmas e «*produzir poesia e arte, sonho e delírio, loucura e horror*» (Morin). *Não podemos esquecer que a loucura pode produzir virtudes e alcançar a sabedoria. O desporto, tal qual a sociedade de onde emerge (e que reflecte) sofre da visão tecnoeconómica.*

Creio que um seleccionador com sensibilidade poética poderá fazer muito pelo futebol nacional no sentido da humanização do desporto, contribuindo para o seu verdadeiro desenvolvimento. Para fazer diferente é preciso imaginação, superação e sonho, porque a capacidade de realização do ser humano é directamente proporcional à sua capacidade de sonhar, até porque a única maneira de viver é imaginar e ultrapassar. Só uma visão cultural permite o reconhecimento do desporto como uma actividade formativa, em que o praticante se faz, se constrói, através da acção competitiva que permite o constante exercício de superação.

Em qualquer actividade humana, e, portanto, também no futebol, a transformação implica uma nova visão do homem, sintonizada com a cultura do tempo que apela para a totalidade, onde sujeito e objecto perdem a nitidez dos contornos para que seja enfatizada a importância da relação na tentativa de compreensão do real. Só um homem de cultura (e que possua sensibilidade e espírito de poeta) pode ter olhos capazes de ver diferente. E surge a pergunta esperançosa: será que o futebol português vai começar um novo tempo?

Anna Feitosa/«DL«

Luís Horta: desporto e ciência

Luís Horta, atleta e médico do Sport Lisboa e Benfica, apresentará hoje no Brasil a 1.ª edição do seu livro «Alimentação no Desporto». A sessão decorrerá em São Paulo, aproveitando a realização da tradicional corrida internacional de São Silvestre, onde mais uma vez Luís Horta participará.

Depois do êxito do livro «Alimmentação no Desporto» no nosso país, surge a 1.ª edição no Brasil, da responsabilidade da Editora Nórdica do Rio de Janeiro. Esta empresa brasileira têm-se dedicado ao lançamento de livros da área desportiva.

Luís Horta aproveitará a estada no Brasil, para apresentar uma comunicação num simpósio internacional de atletismo, organizado pela Faculdade de Santana de São Paulo, que decorrerá naquela cidade. A comunicação versará o tema «A altitude e a actividade desportiva», onde o atleta/médico falará da sua experiência pessoal em estágios de altitude.

BREVES

António Simões: ainda não foi desta

Macau: portugueses não aceleraram

A tradição manteve-se: Macau voltou a ser este ano cartaz internacional do desporto automóvel com a realização da 3.ª edição do Grande Prémio de Macau, marcada pelas atribuladas actuações de pilotos portugueses. Além das participações infelizes de António Simões (que não logrou sequer um lugar na classificação final do Grande Prémio de Fórmula Três) e de Ni Amorim (que se viu obrigado a abandonar a Corrida da Guia, para carros de Série A, devido a um incêndio no Ford Sierra, que pilotava) dois dos cinco pilotos portugueses inscritos na corrida de «Superbikes» não chegaram a alinhar na grelha de partida: Vítor Fidalgo e Rui Carvalho foram retirados da prova pela Federação Portuguesa de Motociclismo em virtude das motos que lhes foram cedidas não estarem em condições de competição. Dos restantes três pilotos portugueses, Luís Catarino e Jorge Dias terminaram a prova nas 11.ª e 12.ª posições (respectivamente) enquanto Costa Paulo não chegou a classificar-se.

Jogo do adeus

Com 50 anos completados em Outubro, o juiz Alder Dante está dizendo adeus à arbitragem de primeiro plano, sugerindo que esta imagem (no Boavista-Sporting, entre os «capitães» Frederico e Carlos Manuel) pode fechar um álbum repleto de recordações para o professor de Santarém que conseguiu os galões internacionais. Em tempo: amanhã sim, será o derradeiro adeus de Alder Dante aos recintos de futebol na qualidade de áarbitro, coordenando, noo Funchal, o encontro Marítimo - Tirsense.

assim vai o totobola

Jornal da Beira: 11X 111 2X2 22X2; O Comércio de Leixões: 112 X11 X2X 22XX; De Tudo Um Pouco: 11X 111 2X2 X222; Algarve Desporto: 11X 1XX 2X2 11X2; Ronda Desportiva: 1X2 X11 112 2XXX; Correio de Coimbra: 11X X11 XX2 22X2; Defesa de Espinho: 11X 111 X22 22XX; O Diário: 11X X11 21X 2X1X ; Diário de Viseu: 11X X11 21X 2212; Ecos de Cacia: 11X 211 21X 22X2; O Jornal de Felgueiras: 12X 111 X1X X2XX; Jornal de Gaia: 11X X11 X1X X2X2; Jornal da Graça: 1X2 X11 XXX X222; Litoral: 112 211 X1X 2X22; Maria da Fonte: 11X X11 XX2 22X2; O Mensageiro: 111 211 1XX X2X2; No Estúdio e no Estádio: 112 111 1XX X21X; Jornal de Notícias: 11X X11 2X2 2222; Notícias de Chaves: 11X X11 X1X 221X; Notícias de Felgueiras: 12X 111 X1X X2XX; Notícias de Viseu: 111 111 XXX 22X2; Quadrante Norte: 11X 1X1 112 22X2; Bom Dia: 112 211 X12 X2X2; Tempo e Resultados: 11X X11 2X2 2212; Secção Desportiva/Rádio Comercial: 111 111 2XX 22X2; Tempo de Desporto: 112 X11 X12 222X; Resenha Desportiva: 11X X11 1XX 221X; Alvo Desportivo: 11X 111 XX2 221X; Rádio Alvo: 1X1 111 11X XX1X; Alvo: 11X XX1 XX2 21X2; Alvo Suplemento: 122 111 121 1X11; Jornal de Santo Tirso: 11X 111 211 22X2; Voz de Lamego: 11X 111 212 221X; A Voz dos Ridículos: 111 111 111 22XX; Sons da Madrugada: 11X X11 2X2 22X2; Tarde Desportiva: 11X 111 111 22X1; Livre e Directo: 111 111 X12 X2X2; Um Caso Por Semana: 111 111 1XX XX2X; Foi Notícia: X1X 1XX 122 X212; Desporto e Música/Rádio Covilhã: 1X2 111 22X 21XX; Cultura e Recreio: 11X 121 X12 1111; De Tudo Um Pouco/Rádio Covilhã: 112 1X2 1XX X221; Penalti: 111 111 212 2222; Correio do Vouga: 11X X11 1X2 X211; Diário de Coimbra: 11X 111 1X2 221X; Diário de Lisboa: 112 X11 2X2 221X; Eu Sei Tudo: 112 2X1 2X2 22X2; Rádio Guarda: 11X 112 X2X X1XX; Linhas de Elvas: 111 X11 1X2 122X; Notícias de Gouveia: 112 X11 22X X221; Notícias de Guimarães: 111 111 2X2 22X2; Informação Desportiva/Rádio Altitude: 11X 111 X12 12XX; Desporto/Rádio Guarda: 1XX X1X XX1 X111; Contacto/Rádio Guarda: X11 1XX X11 X1XX; Meia Tarde: 1X1 X21 X12 X1X1; Encontro com a Manhã: 111 XX2 1X2 1X11; Convidámos para Lanchar: 112 2X1 1X2 22XX.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 52/89 DE 31 DE DEZEMBRO DE 1989

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (°) 1	X	2
1. Porto - Belenenses	55	2	0	11	1	1
2. Benfica - Boavista	48	6	3	10	1	1
3. Penafiel - Setúbal	13	30	14	3	6	3
4. Portimon. - E. Amadora	29	22	6	6	5	1
5. Marítimo - Tirsense	46	9	2	9	2	1
6. Braga - Feirense	50	4	3	10	1	1
7. Trofense - Freamunde	17	22	18	3	5	4
8. Felgueiras - Fafe	13	27	17	3	6	3
9. O. Bairro - Académica	6	21	30	1	4	7
10. Peniche - Salgueiros	6	19	32	1	4	7
11. Losanense - Espinho	8	7	42	2	2	8
12. Alverca - Olhanense	17	30	10	4	6	2
13. Seixal - Louletano	9	23	25	2	5	5

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
11X 111 XX2 22X2

AGENDA

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte e Centro: -céu muito nublado em especial de nuvens altas.Vento fraco a moderado de Leste. Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação moroeste de 3 a 4 metros.

Regiões do Sul: - céu pouco nublado alternando com períodos de muito nublado. Agaceiros em especial a partir da tarde e no Algarve. Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação noroeste de 3 a 4 metros na Costa Ocidental e de pequena vaga a cavado com ondulação Sueste de 2 a 3 metros na Costa Sul.

AÇORES

Grupo Ocidental: - céu muito nublado. Vento moderado a forte de Morte,tornando-se fraco ou moderado de Sul a partir da tarde. Períodos de chuva para o fim do dia. Mar grosso com ondulação Noroeste de 4 a 5 metros.

Grupos Central e Ocidental; céu muito nublado. Vento forte de Norte e com rajadas, tornando-se moderado a partir da manhã. Aguaceiros fracos durante a manhã. Mar grosso a alteroso com ondulação Noroeste de 5 a 6 metros.

Amanhã. céu muito nublado. Vento forte de Sudoeste e com rajadas muito fortes, rodando para Noroeste a partir da manhã.Períodos de chuva, por vezes intensa, passando a agaceiros.

Domingo: céu muito nublado. Vento moderado a forta de Oeste, rodando para Noroeste. Aguaceiros.

MADEIRA

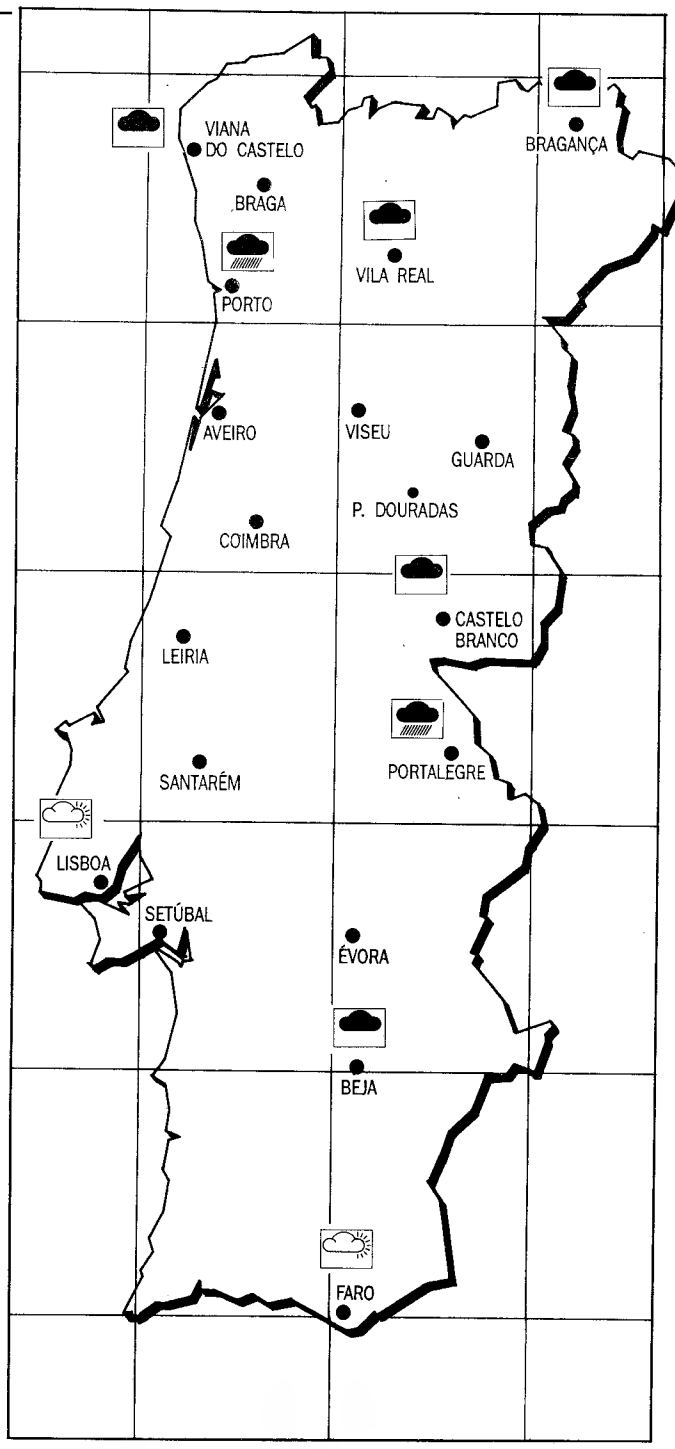
Céu com períodos de muito nublado. Vento geralmente forte de Noroeste e com rajadas. Aguaceiros em especial durante a madrugada e manhã. Mar grosso a alteroso com ondulação Noroeste de 5 a 6 metros na Costa Norte e mar grosso com ondulação Sudoeste de 2 metros na Costa Sul.

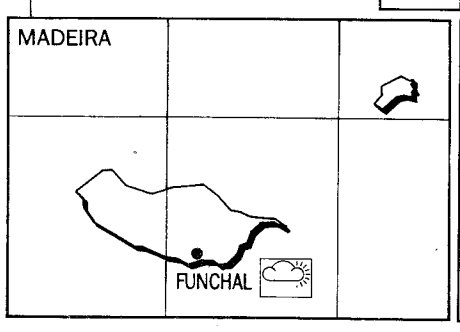
Amanhã: céu geralmente muito nublado. Vento forte de Noroeste e com rajadas diminuindo de intensidade ao longo da tarde. Aguaceiros nas encostas viradas a Norte.

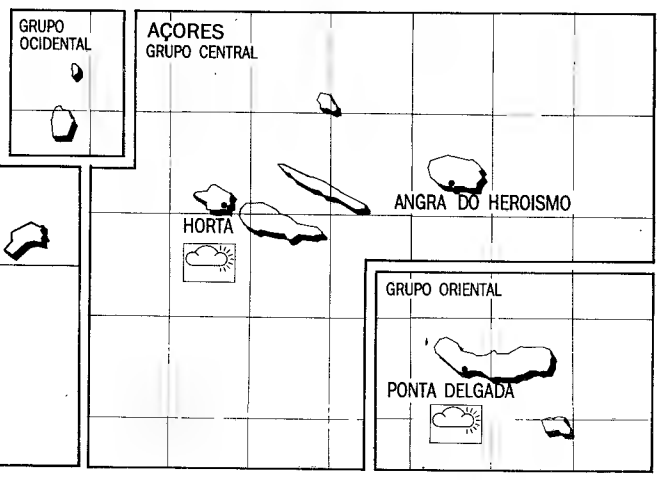
Domingo: céu muito nublado. Vento moderado de Norte, sendo fraco no Funchal.

AMANHÃ

No Continente: -Céu geralmente pouco nublado nas regiões do Norte e Centro e períodos de céu muito nublado com aguaceiros nas regiões do Sul. Vento Leste fraco a moderado.







- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
03.49	4,0m	09.26	1,1m
16.13	3,7m	21.36	1,2m

Amanhã

04.25	4,0m	10.04	1,1m
16.49	3,8m	22.14	1,2m

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofisica

PORTUGAL

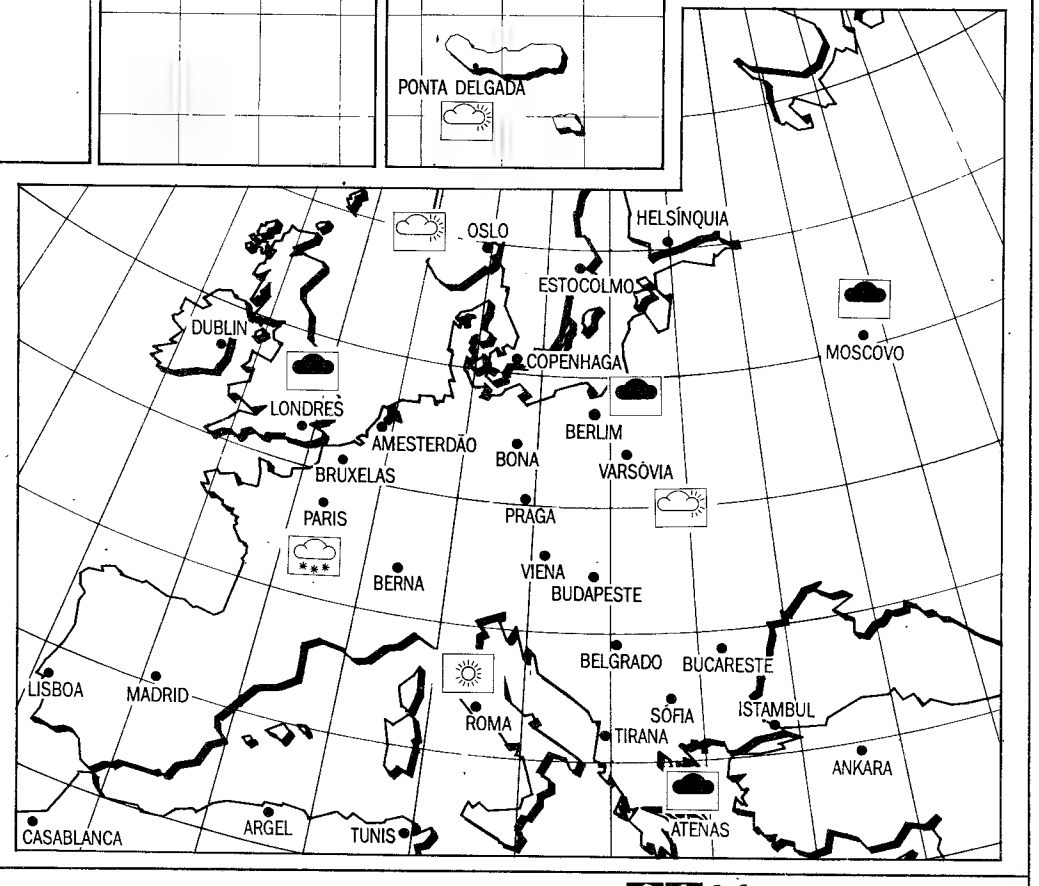
	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	7	7	Encoberto
V. Castelo	13	14	M. nub.
Vila Real	9	9	M. nub.
Porto	12	12	Chuva
P. Douradas	—	—	—
Coimbra	13	13	-
C. Carvoeiro	11	12	M. nub.
C. Branco	9	9	Neblina
Portalegre	8	9	Chuva
Lisboa	10	11	M. nub.
Évora	9	9	Encoberto
Beja	9	10	M. nub.
Faro	12	12	P. nub.
Sagres	13	13	Trovoada
P. Delgada	12	13	P. nub.
Horta	12	12	P. nub.
Funchal	12	16	P. nub.
Sines	—	—	—

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	6	6	P. nub.
Londres	5	5	Encoberto
Paris	-1	-1	Nev. e gelo
Bruxelas	1	2	Encoberto
Amesterdão	0	0	Neblina
Genebra	0	0	Neblina
Roma	0	1	Limpo
Oslo	-9	-9	P. nub.
Copenhaga	2	2	M. nub.
Estocolmo	-2	-	Nev. e gelo
Berlim	-3	-3	Neblina
Viena	-7	-4	Nev. e gelo
Varsóvia	-3	-2	Encoberto
Atenas	14	14	M. nub.
Moscovo	-6	-4	Neblina

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	0	3	Nevoeiro
Houston	10	19	Nev. e chuva
Los Angeles	9	18	Limpo
Montreal	-25	-18	Limpo
Nova Iorque	-6	2	Neve
S. Francisco	5	13	V. fraco
Toronto	-8	-4	Aguaceiros
Vancover	2	7	M. nub.
Washington	-5	5	M. nub.
Hong Kong	10	17	Chuva
Melbourne	10	21	Limpo
Pequim	-9	0	Limpo
Perth	17	28	Limpo
Singapura	23	30	Trovoada
Sydney	18	29	Aguaceiros
Tóquio	9	13	Chuva
Wellington	9	16	Aguaceiros



HÁ 20 ANOS

O SOVIETE SUPREMO DA U.R.S.S. ESTUDA O ORÇAMENTO PARA 1970 (PÁG. 3)

Diário de Lisboa

mundo da canção

ENTREGUES OS PRÉMIOS DE «O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS»

Forças egípcias de prevenção

Possível tentativa para interceptar as cinco vedetas israelitas

ÁLBUM DE LISBOA

UMA LEGENDA POPULAR

Forças egípcias de prevenção

As forças navais egípcias com base em Alexandria e em Port Said foram colocadas de prevenção, a noite passada, para tentarem eventualmente interceptar as cinco vedetas israelitas se o alto comando egípcio assim o decidir, indica o correspondente do "Daily Telegraph" em Beirute. Segundo o jornalista, a rota das canhoeiras deve ter sido calculada para as fazer passar de noite na zona mais perigosa, ao largo da costa egípcia.

De Gaulle admirado pelos franceses

Segundo uma sondagem do Instituto francês da opinião pública, incluída hoje no "France Soir", o homem vivo que os franceses mais admiram é o general De Gaulle. Outros nomes: o prof. Chris Barnard, os três cosmonautas da «Apolo-11» (Aldrin, Collins e Armstrong), o Papa Paulo VI, Pompidou, von Braun, Tino Rossi, Maurice Chevalier, Jacques Anquetil e Jean Rostand.

Prestígio de Nasser

O presidente Nasser é esperado hoje no Egipto, com o seu prestígio aumentado após uma recepção entusiástica na nova e revolucionária Líbia. A recepção em Benghazi foi de tal maneira tumultuosa que um discurso que o presidente devia proferir num comício teve de ser adiado para hoje. Nasser partirá para o seu país logo que acabe de falar.

EFEMÉRIDES

1864

É posto à venda, em Lisboa, o primeiro número do «Diário de Noticias».

1956

Inauguração do Metropolitano de Lisboa.

1976

Na China, ao Sul de Pequim, registam-se violentas manifestações promovidas pelos dissidentes seguidores da viúva de Maop Tse-Tung.

1983

O Conselho de Ministros actualiza para 15.600 escudos o salário minino nacional.

1985

A União Soviética acusa os Estados Unidos de terem violado o tratado de misseis anti-balísticos (ABM) de 1972 com um teste nuclear subterrâneo no deserto de Nevada.

1986

Morre o realizador cinematográfico soviético Andrei Tarkovski, 54 anos.

1987

Regressa a terra, a bordo da capsula «Soyuz TM-3», o cosmonauta soviético Yuri Romanenko, após ter estabelecido um recorde de permanência ininterrupta no espaço: 326 dias. O cosmonauta recebe o título de «herói soviético».

1988

O salário minimo português é actualizado para 30 mil escudos.

AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

PERMANENTE

Almirante Gago Coutinho: Estados Unidos, Av. Estados Unidos América, 16-B, Tel. 885859; **Amoreiras:** Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C, Tel. 650760; **Chile - Arco Cego:** São Jorge, Largo do Leão, 3 A-B, Tel. 534027; **Encarnação:** Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; **Graça:** Almeida Dias, Largo da Graça, 38-39, Tel. 862909; **Jerónimos:** Remísio, Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 3631699; **Largo Campo Pequeno:** Miranda, Largo Campo Pequeno, 36 B-C, Tel. 770776; **Lumiar:** Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B, Tel. 7590942; **Olivais Velho:** Olivais, Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 311237; **Palhavã:** Curie, Av. Madame Curie, 15-A, Tel. 7263220; **São Bento - Palácio:** São Bento, Rua Poiais São Bento, 73, Tel. 601673; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Odivelas:** Monserrate, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 31-A, Tel. 9811139; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453.

REFORÇO

Alameda - Fonte Luminosa: Ibéria, Rua Barão Sabrosa, 235, 235-A, Tel. 888277; **Alvalade:** Alvalade, Av. da Igreja, 18-A, Tel. 892070; **Anjos - Lisboa Ginásio Clube:** São José, Rua Anjos, 41-A, Tel. 570730; **Baixa:** Internacional, Rua do Ouro, 228-230, Tel. 322017; **Beato:** Grijó, Rua do Grilo, 25, Tel. 385264; **Benfica - Charquinho:** Macedo, Rua República da Bolívia, 69-C, Tel. 7511227; **Calvário - Alcântara:** Calvário, Rua José Dias Coelho, 4, Tel. 3631635; **Estrela - Possidónio Silva:** Tagus, Rua Possidónio da Silva, 162-A, Tel. 669485; **Saldanha:** Cruz Nunes, Praça Duque Saldanha, 14-15, Tel. 521845; **Tivoli - Restauradores:** Galénica, Rua das Pretas, 12-14, Tel. 922588; **Brandoa - Amadora:** Correia, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 137 - Lj. B (poente), Tel. 990122; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36 B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Miramar, R. Ernesto Silva, 83, Tel. 2112048. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B. Padre Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Pargana, Av. Eng.º Bonneville Franco, Tel. 2435147. Permanente; **Oeiras:** Ribeiro. Permanente; Parede: Brandão, Av. República, 77-C, Tel. 2471054. Permanente; **Murtal:** Primavera, R. das Parreiras, 2, Tel. 2472278. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B Hera, Tel. 2852121; **Modorma:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Ostende, R. Espinho, Tel. 260391. Até às 22 h; **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tele. 280214. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Dias & Brito, Av. Marquês de Pombal, 45-A, Tel. 4940118. Permanente; Carmele, R. Elias Garcia, Lote 28, Tel. 4933303. Até às 22 h; **Damaia:** D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A, Tel. 970461. Permanente; **Queluz:** Albergaria, L. Prof. Dr. Jorge Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; Correia, L. do Mercado, 3, Tel. 4350905. Permanente; **Camarate:** Batalha, R. Avelino S. Oliveira, 5, Tel. 2571069. Até às 19 h; **Cacém:** Araújo e Sá, Estrada de Paço de Arcos, Lote 1-B, Tel. 9240781. Permanente; **Mem Martins:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A, Tel. 9214820. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 horas; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calçada da Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Sintra:** Marrazes, L. Afonso de Albuquerque, 24, Tel. 9230058. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088.

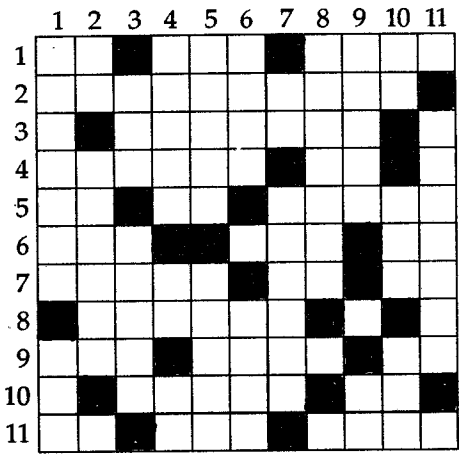
OUTRAS LOCALIDADES

Moscavide: Varela, Av. de Moscavide, 44-B, Tel. 2518520. Permanente; **Sacavém:** Lourenço, Av. Almirante Reis, 31, Tel. 2518151. Até às 22 h; **Loures:** Saraiva, Av. da República, 86, Tel. 9831240. Permanente.

OUTRA BANDA

Almada: Pragal, R. Dirt. Pragal, 58, Tel. 2767126. Permanente; **Cova da Piedade:** Cerqueira, L. 5 de Outubro, 18, Tel. 2750254. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trabalhadores Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 22 h; **Costa de Caparica:** Chai, Av. General Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; **Feijó:** Feijó, R. Borges do Rego, 7, Tel. 2290911. Até às 22 h; **Sesimbra:** Leão, Av. da Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Barreiro:** Central, Av. Alfredo da Silva, 28, Tel. 2073207. Permanente; **Baixa da Banheira:** Teixeira, R. Moçambique, 84-B, Tel. 2040946. Até às 19 h; **Corroios:** Universo, Estrada Nacional, 10, Tel. 2530084. Até às 19 h; **Cruz de Pau:** Duarte Ramos, R. Bafatá, 11 Loja 30, Tel. 2243143. Permanente; **Seixal:** Lusitana: P. Cândido dos Reis, 10 Arrentela, Tel. 2210007. Até às 22 h; **Montijo:** Borges da Cruz, R. Ângelo Afonseiro, 19, Tel. 2301853. Até às 22 h; **Moita:** Silva Rocha, P. República, 16, Tel. 2390029. Até às 19 h; **Alhos Vedros:** Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30, Tel. 2040020. Até às 19 h; **Alcochete:** Gameiro, L. António Santos Jorge, 15, Tel. 2340100. Até às 19 h; **Setúbal:** Leão Soromenho, R. Machado dos Santos, 24, Tel. 22691. Permanente; Cunha Pinheiro, Estrada da Canarinha, 32, Tel. 29215. Permanente; Marques, R. Arronches Junqueira, 109, Tel. 22783. Até às 22 h.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17826

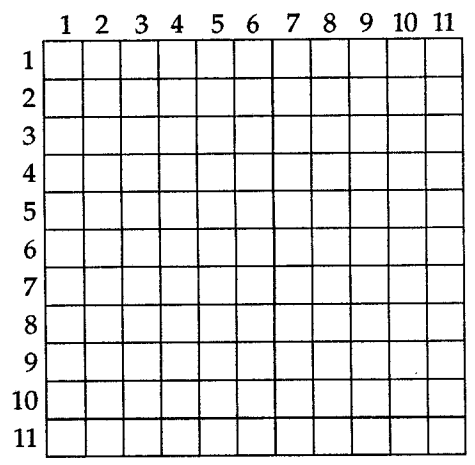
HORIZONTAIS:

1 Preposição. Ruim. Fruto dos cereais.
2 Atacaram.
3 Combinaras.
4 Tornar ditoso. Em a.
5 Pronome reflexo. Carta de jogar. Elegância.
6 Espécie de cotovia chamada sombria. Madeira. Sufixo que designa estado.
7 Freguesia do concelho de Torres Novas. Sódio (s.q.). Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
8 Com. Da Itália, às margens do Alpone.
9 Hora canónica correspondente às quinze horas. Árvore de fibras têxteis de São Tomé. Prasiodímio (s.q.).
10 Palavra latina que significa além. Miriare.
11 Alternativa. Artilharia antiaérea. Patrões.

VERTICAIS:

1 Cidade da Ásia Menor, capital da Síria. Recusa.
2 Pertences. Serra de Portugal.
3 Vai para fora. Cidade da Suíça.
4 País e principal ilha de um pequeno arquipélago do Mediterrâneo, entre a Sicília e a África. Cento e um em romano (inv.). Nota musical.
5 De outro modo. Cidade da Itália.
6 O mesmo que outar. Pequena constelação boreal.
7 Clima. Deus indiano das letras, representado com uma cabeça de elefante.
8 Dep. da Nicarágua.
9 Tocar ao de leve. Milímetro.
10 Amónio (s.q.). Cabo do Nordeste da Tunísia, no mar Mediterrâneo. O sustento.
11 Aparecer.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16636

HORIZONTAIS:

1 Carapuça. Capital da Bulgária.
2 Estimais. Tratar por tu.
3 Tanto. Pátria.
4 Estimas. Rio da América do Sul.
5 Pedras de moinho. Estime. Sadias.
6 Inunda.
7 Apelido. Cólera. Fileira.
8 Ramadas. Esmurrar.
9 Rogas. Moderato.
10 Reprimires. Nome de planeta.
11 Governanta. Pronome pessoal.

VERTICAIS:

1 Louvam. Diz-se do boi de pêlo amarelo com manchas pretas (Bras).
2 Antes do meio dia. Chinela de Cordovão.
3 Róis. Sacrifica.
4 esteiros. Lavram.
5 Guarneço de asas. Desenrugara.
6 califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. Catedral.
7 Chiste. Aio de D. Afonso Henriques. pronome reflexo.
8 organização do Tratado do Atlântico Norte (sigla). Moderato. (inv.).
9 Penetras. Além.
10 Seguia. Nome de mulher.
11 Instrumento para atirar setas. Cidade de França.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17825

HORIZONTAIS: 1-Parra. MUITO. 2-Amuas. Armar. 3-Ira. Ga. Rã. 4-Erva. Maltês. 5-Cia. Vis. Ai. 6-És. Aar. As. 7-Ostreiro. 8-Era. Otão. 9-Urra. Ser. 10-Acamparam. 11-Musa. Assola. VERTICAIS: 1-PADECE. QUEM. 2-Am. Riso. 3-Ruiva. Serás. 4-Rara. Atraca. 5-Asa. Vara. 6-Mire. AMA. 7-Magas. Ps. 8-Ural. Irosas. 9-Im. Ta! Otero. 10-Tareia. Aral. 11-Oras. Ma.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16635

HORIZONTAIS: 1-Farra. Paris. 2-Amais. Acama. 3-Campo. Ra. Pi. 4-Ao. Bras. 5-Dedais. 6-Arcaríamos. 7-Air. Dó. Sem. 8-Ama. II. 9-Varridos. 10-Ruara. Ais. 11-Armamos. Ora. VERTICAIS: 1-Facada. Arrã. 2-Ama. Era. Ur. 3-Rama. Ciavam. 4-Ripo. Armara. 5-Aso. Fr. Aram. 6-Id. 7-Par. Dão. Ias. 8-Acabam. Adi. 9-Rã. Rios. Oso. 10-Impasseis. 11-Sais. Mi. Ba.

PROVÉRBIO: MUITO PADECE QUEM AMA

Farmácias

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA ☎ 766171 766178 766179

Farmacias

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
PERIGOSA SEDUÇÃO
Filme de Harold Becker com Al Pacino e Ellen Barkin
Maiores de 16 anos
Sessões às 14,00 16.30, 19.00, 21.30 e 2400 horas.

ALFA 1
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Filme de Robert Zemeckis com Michael J.Fox e Christopher Lloyd.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2
OS CAÇA FANTASMAS PARTE II
Filme de Ivan Reitman com Bill Murray e Den Aykroyd.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
ABISMO
Filme de qualidade de James Cameron
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Um filme de Robert Zemeckis.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 13.30, 15.30, 16.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de vYS.
Maiores de 6 anos. Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 3
PERIGOSA SEDUÇÃO
Um filme de Harold Becker com Al Pacino e Ellen Barkin.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14,16.30,19,21.30 e 24 horas

AMOREIRAS 4
O MEU AMIGO MAC
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 E 24 HORAS.

AMOREIRAS 5
OS CAÇA FANTASMAS II
Um filme de Ivan Reitman.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 6
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Um filme de Steven Soderbergh com James Spader e Andie MacDowell.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7
OS MARADOS À SOLTA
Maiores de 6 anos.
Um filme de Howard Zieff
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 8
ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões ás 14,16.30,19,21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9
A SENHORA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 10.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 10
OLIVER E OS SEUS COMPANHEIROS
Um filme de Tan Haisen - Desenhos animados.
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.15, 18, 21.30

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
TORNADO
Filme de Antnony M. Dawson c/ Timothy Brent e Tony Marsina.
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
EM SEXO É BACHAREL
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15,17,19,21 e 23 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
FÉRIAS ESCALDANTES NA GRÉCIA
Com Telly Stalone e Rosy Esternizen
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.3, 16.45, 19, 21.30 e 23.30.

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
O ABISMO
Filme de qualidade de Abyss c/ Ed Harris e Mary Elizabeth.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
FRENÉTICO
Com Harrison Ford. Sessão às 24.00 horas.

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
Telef. 9434773
INDIANA JONES E A GRANDE CRUZADA
Com Harrison Ford e Sean Connery
Maiores de 6 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA
ESTÚDIO SHEZA
BATMAN
Maiores de 12 anos.

Em exibição na Sala 4 do Quarteto **M/12**
O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
Pub.

Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maires de 6 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
O ABISMO
Filme de qualidade de James Cameron.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

EDEN
Praça dos Restauradores, 21
Telef. 320768
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
OS CAÇA FANTASMAS II
Filme Ivan Reitman com Bill Murray e Den Aykroyid.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
O APELO DO AMOR
Com Brian Keith e Alexandra Paul
Maiores de 6 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
.REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
OS CAÇA FANTASMAS II
Filme de Ivan Reitman com
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jaime Uys com Nixau e Lena Farugia. Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.45, 17.00, 19.15 e 21.45.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA
Filme de qualidade de João César Monteiro.
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.15 e 22 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
A BELA DE DIA
Filme de qualidade de Luis Buñuel com Catherine Deneuve e Jean Sorel.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.00, 19.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Filme de Jamie Uys.
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
BATMAN
Filme de Tim Burton com MichaelKeanton e Jack Nicholson.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
OS CAÇA FANTASMAS II
Filme de Ivan Reitman com Bill Marray e Dan Aykroid.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
O VELHO GRINGO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3
OLIVER E OS SEUS COMPANHEIROS
Maiores de 6 anos.
Às 14.30 e 17.30 horas.
CEGOS SURDOS E MUDOS
Maiores de 12 anos.
Às 19.30 e 21.45 horas

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 631162
O ABISMO
(não obtivemos alteração de programação)
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 1
OS CAÇA FANTASMAS II
(não obtivemos alteração de programação)
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
REGRESSO AO TUFURO PARTE II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
OLIVER E SEUS COMPANHEIROS
De Charles Dikens
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
LAS VEGAS...ZONA DE PERIGO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas.

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
MARILYN E O SENADOR
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Telef. 806847
ABISMO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 18.45 e 21.45

PLAZA 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19 e 21.45 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.30, 19 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
VOZES DISTANTES, VIDAS SUSPEITAS
De Terence Davis
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.30, 18.30, 20.15, 22 e 24 horas.

QUARTETO 2
SEXO, MENTIRAS E VÍDEO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20, 22 e 24 horas.

QUARTETO 3
OLIVER E SEUS COMPANHEIROS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.30, 16, 17.30 e 19 horas.
O VELHO GRINGO
Maiores de 12 anos.
Às 21.45 e 24 horas.

QUARTETO 4
SKINDEEP - O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
De Blake Edwards.
Maiores de 12 anos.
Às 14.30, 16.30, 18.15, 20, 22 e 24 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3
OS DEUSE DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30.

CARTAZ

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
INDIANA JONES E A GRANDE CRUZADA
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 368446
O ÁS E O JOKER
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas
A MOSCA II
Maiores de 18 anos. Às 23.30 horas.

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

LIDO
MALUCOS E LIBERTINOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CACÉM- ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
PROFISSÃO DURO
M. 16 anos
Sessões às 15 e 21.30 horas.

MEM MARTINS CENTRO COM. BELA VISTA
MARADOS À SOLTA
Maiores de 6 anos

QUELUZ - KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
OS CAÇA FANTASMAS II
Mairoes de 6 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas
SALA 2
OLIVER E OS SEUS COMPANHEIROS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15 e 16.45 horas.
SALA 3
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17, 19.30 e 21.45 horas

CASCAIS

OEIRAS ALTO DA BARRA 1
Telef. 2439759
O ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

ALTO DA BARRA 2
O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

NOVA OEIRAS - CINE PALMEIRAS 1
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

CINE PALMEIRAS 2
Telef. 2465653
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS-MIRAMAR 1
Telef. 2841744
O ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

M IRAMAR 2
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.45 horas.

ALMADA

ALMADA ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

INCRÍVEL ALMADENSE
INDIANA JONES E A GRANDE CRUZADA
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COVA DA PIEDADE CLUBE DESPORTIVO PIEDENSE
NINJA-O FEITICEIRO VIOLENTO
Maiores de 12 anos.

COSTA DE CAPARICA - CINE PESCADOR
BAPTISMO DE FOGO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 21.30 horas.

TEATRO

LISBOA

TEATRO ABC
Parque Mayer - Telef. 3466783
De 3ª a Domingo às 20.30 e 22.45; Domingos e feriados às 16.00 horas.
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas com Camilo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César.

TEATRO A BARRACA
Largo de Santos, nº2 - Telef. 665360
De 3ª a Sáb. às 21.30 e Dom. às 16 horas.
MARGARIDA DO MONTE
De Marcelino Mesquita

TEATRO DO CASINO DO ESTORIL
Telef. 2684521
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS?
Texto e encenação de Filipe La Féria.

TEATRO DA TRINDADE
R. Nova da Trindade - Telef. 320000
De 3ª a Sábado às 21.30; Domingos às 16 e 21.30 horas.
«VERÃO»
(Curta série de representações)
De Edwuard Bond com Fernanda Alves e Isabel de Castro

TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
SALA 1
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas. Domingos às 17.00 horas.
PÉCORA de Natália Correia.

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
Av. Fausto Figueiredo, Monte Estoril - Telf. 2670320.
De 3ª a Sábado às 21.30; Domingo às 16.00 horas.
A MORTE DE DANTON
De George Buchner.

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha - Telef. 778898
De 5ª a Sábado às 21.30 horas; Domingo às 16.00 horas.
HAPPY END
De Dorothy Lane/Bertolt Brecht.

TEATRO DA POLITÉCNICA
Rua da Escola Politécnica, 58 - Telef. 674474
De 3ª a Sábado às 21.00; Domingo às 16 horas.
D. JOÃO E A MÁSCARA
De António Patrício.

TEATRO VILLARET
Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A - Telef. 538586
De 3ª à 5ª às 21.30, 6ª e sáb. às 20.30 e 22.45,
Domingos e Feriados às 16 e 21.30 horas.
ORA
BATE...BATMAN'SO

CLUBE ESTEFÂNIA
R. Alexandre Braga, 24-A - Telef. 542249
De 3ª a 5ª às 21.30; 6ª e Sábados às 19.00; Domingo às 17.00 horas.
BALANCÉ
De William Gibson.

RITZ CLUB
R. da Glória, 57 - Telef. 325140
De 3ª a Domingo às 21.30; Sábado e Domingo às 16.00 horas.
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA.
Um espectáculo de Mário Viegas.

VARIEDADES
Parque Mayer - Telef. 326037.
De 3ª a Domingo às 21.30; Domingos e feriados às 16.00 horas.
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ.
Versão livre de Henrique Santana.

COLISEU DOS RECREIOS
R. das Portas de Santo Antão - Telef. 3461997
Todos os dias às 21.30; 5ª às 16.00 horas; Ano Novo às 14.30, 17.00 e 21.30 horas.
CIRCO DE NATAL

CIRCO CHEN
Campo Pequeno
O MUNDO DAS MARAVILHAS

CIRCO DE NATAL
Ringling-Circus - Praça de Espanha às 15.30 e 21.30 horas.

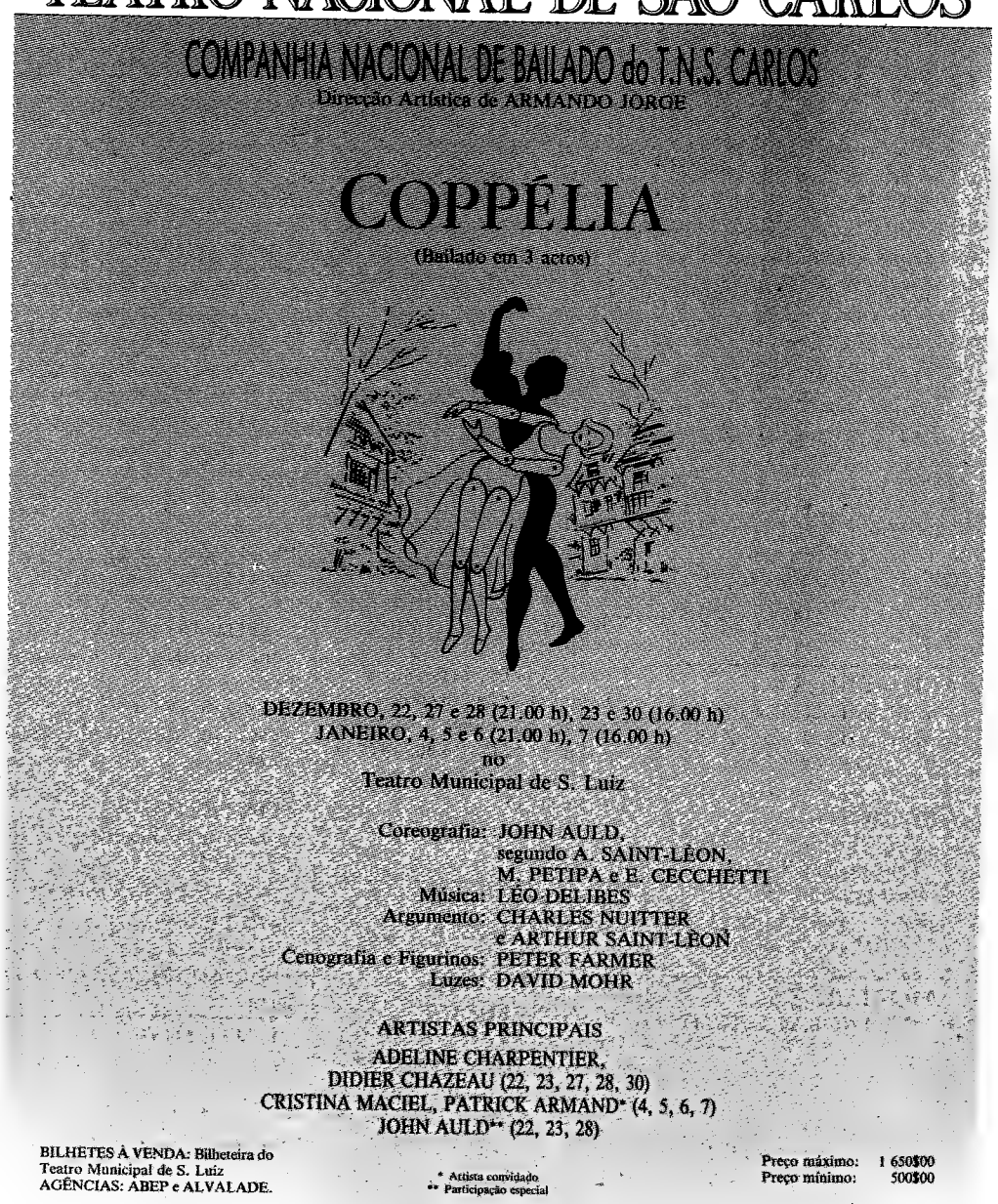
FEIRA POPULAR
Irmãos Cardinali, apresentam o circo Gigante das 3 pistas.

EXPOSIÇÕES

LISBOA

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (Jerónimos): de terça a domingo, das 10 às 12,30 e das 14 às 17, uma exposição permanente que integra centenas de milhares de peças, entre as quais um conjunto pré-histórico de 300 peças de ouro.
MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: até ao final do ano, a exposição "O Vidro em Portugal", com entrada livre.
MUSEU NACIONAL DO TEATRO: "Amália, 50 Anos" com entrada gratuita aos domingos de manhã.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até Abril de 1990, "Tramas e Sortilégios" de Teresa Segurado Pavão; "Joias" de Ana Fernandes; até 31 de Dezembro, "Travessia sobre a Época de Fernando Pessoa" e ainda "Palhaços", bonecos de Raquel. "Circum-Navegação" de Rolando Pinheiro. Patchwork: "Colchas de Zélia Barata".
PALÁCIO NACIONAL DOS COCHES: até 17 de Janeiro, a exposição "Falcoaria Real".
MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS: até 31 de Dezembro, a exposição "Portugal na Abertura no Mundo".
BIBLIOTECA NACIONAL: a exposição "Portugal no Século XVIII: de D. João V à Revolução Francesa
GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): Pintura marroquina contemporânea.
PALÁCIO FOZ: por ocasião dos 150 anos de Fotografia no Mundo e 25 de Agência em Portugal, a Lusa apresenta uma exposição comemorativa.
PALÁCIO GALVEIAS (Campo Pequeno): integrada nas comemorações do 125º aniversário do Diário de Notícias, uma exposição subordinada ao tema "A Vida dos Imagens", reunindo um importante conjunto de documentos fotográficos recuperados nos arquivos do "DN".
GULBENKIAN (Galeria de Exposições Temporárias): exposição «La Fenêtre de Ma Tête», de Costa Pinheiro. Na "Zona dos Congressos", em colaboração com a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e a Comissão Nacional para as Comemortações de 50 Anos de "Gaibéus", a exposição comemorativa de 50 Anos de "Gaibéus" de Alves Redol.
GULBENKIAN (Centro de Arte Moderna): "Colagens", da artista alemã Hannah Hock.
GALERIA DE ARTE DOS CTT (Forum Picoas): até 5 de Janeiro, pintura dos finalistas da Escola Superior de Belas Artes do Porto "ESBAP 89".
ALFAMA-GALERIA DE ARTE (R. das Flores, 109): Pintura e Escultura Espanhola Contemporânea.
GALERIA ARTELA (R. Prof. João Barreira, loja 15-Telheiras): até 14 de Janeiro, "Ideias Soltas", pintura de Rui de Azevedo.
GALERIA FONTE NOVA (Est. de Benfica, 503): até 7 de Janeiro, uma exposição de peças únicas em cristal superior da designer Niza de Melo Falcão.
SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES (Av. Duque de Loulé, 31): até 31 de Dezembro, de segunda a sexta das 15 às 20, a exposição de fotografias de Jorge Jacinto intitulada "O Mundo dos Espectáculos-II Parte".
CENTRO DE ARTE SOCTIP (R. de Dona Estefânia, 195-D): uma Exposição Antológica de

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS



DEZEMBRO, 22, 27 e 28 (21.00 h), 23 e 30 (16.00 h)
JANEIRO, 4, 5 e 6 (21.00 h), 7 (16.00 h)
no
Teatro Municipal de S. Luiz

Coreografia: JOHN AULD,
segundo A. SAINT-LÉON,
M. PETIPA e E. CECCHETTI
Música: LÉO DELIBES
Argumento: CHARLES NUITTER
e ARTHUR SAINT-LÉON
Cenografia e Figurinos: PETER FARMER
Luzes: DAVID MOHR

ARTISTAS PRINCIPAIS
ADELINE CHARPENTIER,
DIDIER CHAZEAU (22, 23, 27, 28, 30)
CRISTINA MACIEL, PATRICK ARMAND* (4, 5, 6, 7)
JOHN AULD** (22, 23, 28)

BILHETES À VENDA: Bilheteira do Teatro Municipal de S. Luiz
AGÊNCIAS: ABEP e ALVALADE.

* Artista convidado
** Participação especial

Preço máximo: 1 650$00
Preço mínimo: 500$00

Apoio da Câmara Municipal de Lisboa
Patrocínio da Fundação de Mecenato Cultural do Teatro Nacional de S. Carlos
Dia 28 — Espectáculo para o "Metropolitano de Lisboa", E.P.

APOIOS: RTP / antena 1 / Rádio Comercial / CORREIO

CARTAZ

Óleo de Júlio Pomar, na Galeria DN

Cruzeiro Seixas, "Prémio Artista do Ano 1989".
CLUBE CINQUENTA (R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º): até 31 de Dezembro, exposição de equipamento mobiliário de Siza Vieira, a apresentar o seu primeiro projecto em Lisboa.
GALERIA 111 (Campo Grande, 113): até 12 de Janeiro, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19 e sábados das 10 às 13, Pintura de Eduardo Batarda.
GALERIA JOÃO HOGAN (R. Voz do Operário, 13): até 29 de Dezembro, pintura e escultura de Eduardo Lima Teixeira, Eduardo Santos Neves, Virgílio Domingues e Fátima Cruz Neves.
GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 13 de Janeiro, de segunda a sábado das 9,30 às 13 e das 15 às 19, colectiva de Pintura com obras de Alfredo Luz, Artur Bual, Cruzeiro Seixas, FernandoAnçã, Helena San-Payo, Ribeiro Farinha, Rogério Amaral e Silva Palmeira.
EUROARTE (R. Rodrigo da Fonseca, 107-C): até 22 de Janeiro, de segunda a sexta das 10,30 às 13 e das 15,30 às 19-sábados das 10,30 às 13 e das 16 às 19 horas, Pintura de Margarida Vigoço.
GALERIA MULTIFACE (C. Comercial Gemini, loja 65-R. Sousa Lopes): até 15 de Janeiro, Pintura de Bual.
PALMA-GALERIA DE ARTE (Cª da Palma de Baixo, 6): até 31 de Dezembro, a exposição de Fotografia "Reflexões sobre o Corpo da Mulher" de Gustavo Almeida Ribeiro.
GALERIA INTERNI (R. Rodrigo da Fonseca, 51): até 6 de Janeiro, Cerâmica de Miguel Figueiredo.
GALERIA NÁRTICE (R. Augusto Rosa, 18): até 18 de Janeiro, Pintura de Inácio Matsinhe.
RESTAURANTE ESCORIAL (R. das Portas de Santo Antão, 47): até 5 de Janeiro, uma colectiva de Pintura de Augusto Barros, Guilherme Parente, Maria José Camões e Rico Sequeira.
HOTEL ALFA LISBOA (Av. Columbano Bordalo Pinheiro): até 15 de Janeiro, de segunda a sábado das 16 às 20,30, Pintura de Sérgio Ribeiro.
AAPACO (Ex-Atelier 15-R. Freitas Gazul, 24D): a "Colectiva Fim de Ano", de terça a sexta das 18 às 21, sábados das 15 às 19 horas.
ALFA MIXTA-ESPAÇO D'ARTE (R. Escolas Gerais, 34): até 13 de Janeiro, Pintura de José Mouga.
GALERIA MÓDULO (Cª dos Mestrs, 34-A): até 4 de Janeiro, Pintura e Desenho de Pedro Saraiva.
RATTON-CERÂMICAS (R. Academia das Ciências, 2-C): Exposição de obras de Graça Morais, Jorge Martins, Luisa Correia Pereira, Mafalda Reis Moore e Júlio Pomar.
GALERIA PRÍNCIPE REAL (Pª Príncipe Real, 32 r/C): até 13 de Janeiro, «Paisagens» de Olivero Masi.
GALERIA MIRON (R. do Mirante, 14 r/c): até 10 de Janeiro, de segunda a sábado das 15 às 20 horas, desenhos de Maria Soares
GALERIA MOIRA (R. Nova da Piedade, 33): até 19 de Janeiro, de segunda a sexta das 14 às 19,30 (excepto feriados), escultura em grés de Jorge Mealha.
GALERIA MONUMENTAL (Campo Mártires da Pátria, 101): até 8 de Janeiro, a exposição de Fotografia "O modelo visto pelos pintores", de Hervé Dangla.
GALERIA DE SÃO BENTO (R. do Machadinho, 1 - ao Quelhas): até 16 de Janeiro, uma colectiva de Pintura e Escultura.
GALERIA STUART (Av. Gomes Pereira, 45): até 29 de Dezembro, das 10 às 22 horas, a colectiva de Natal com obras de Eduardo Abrantes, João Silva, Joaquim Lourenço, Marina, Maria Soares, Victor O.
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES (R. Barata Salgueiro, 36): a exposição "Salão Convívio" com obras de artistas sócios da SNBA.
GALERIA R 75 (R. das Janelas Verdes, 7): Óleos recentes de Luís Pinto Coelho.
MONUMENTAL/ BERTRAND (R. Anchieta, 23): até 27 de Janeiro, Escultura/Instalação de Conceição Costa.
GALERIA S. FRANCISCO: até 30 de Dezembro, moderna joalharia de Alberto Gordillo.
GALERIA S. MAMEDE (R. da Escola Politécnica, 167): até 24 de Janeiro, Pintura e Escultura de Francisco Simões.
CASA DO HUMOR (Museu Raphael Boldallo Pinheiro-Campo Grande, 382): Encontro Luso-Brasileiro de Humor - caricaturas de artistas brasileiros e portugueses.
HOTEL MERIDIEN-LISBOA: até 31 de Dezembro, Pintura de Mário Silva. No Pátio, até 14 de Janeiro (excepto nos dias 31 e 1), Pintura de José Manuel Soares e Ângela Vimonte.
GALERIA GRAÇA FONSECA (R. da Emenda, 26 c/v): de terça a sábado das 15 às 20, Pintura de Leonel Moura.
GALERIA NASONI/ LISBOA (Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 9-A): até 31 de Janeiro, Pintura de João Vieira.
GALERIA DIVERSA (R. dos Sapadores-à Graça-nº 85): até 13 de Janeiro, pintura de Glória Elena e escultura de Silvia Westphalen
SALA DE ARTE TEMPLÁRIOS (R. Flores do Lima, 8-junto ao Cinema Quarteto): até final de Dezembro, das 12,30 às 15 e das 19 às 22, uma colectiva de Pintura com obras de Adão Rodrigues, Alfredo Pais, António Sem, Artur Bual, Graça Arima, Helena Justino, Helena Sam Payo, Louro Artur, Miguel Barbosa e Ribeiro Farinha.
INSTITUTO ITALIANO DE CULTURA (R. do Salitre, 146): Fotografias de Mimmo Jodice subordinadas ao tema "Suor Orsola - Cidadela Monástica de Nápoles do Séc. XVII".
INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS (Av. Luís Bívar, 91): até 25 de Janeiro, Fotografia de Hervé Dangla.
LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): a exposição "Suportes e Contentores" de Cristina Ataíde.
ETHER/VALE TUDO MENOS TIRAR OLHOS (R. Rodrigo da Fonseca, 25): para início da temporada, exposição da obra fotográfica de Carlos Calvet.
POLIGRUPO/ RENASCENÇA (R. Ivens, 14): a exposição "O Algarve e os Descobrimentos" da autoria de Maria Carolina Alho.
INSTITUTO ALEMÃO DE LISBOA (Campo dos Mártires da Pátris, 37): a exposição documentário "Fotografia da Bauhaus".
GALERIA 601 (Centro Comercial S. João de Deus): pintura e escultura de Lívio Morais.
MUSEU MUNICIPAL DE LOURES (Casa do Adro): até 31 de Dezembro, a exposição de escultura e pintura «Ao Cosmos», da autoria de Luís Romano.
PALÁCIO ANJOS-GALERIA MUNICIPAL DE OEIRAS (Algés): a exposição "Um Passeio pela Azulejaria Oeirense".
GALERIA ESPIRAL (R. Cândido dos Reis, 90-Oeiras): até 30 de Dezembro, uma exposição de obra gravada, com gravuras e serigrafias de vários autores portugueses.
GALERIA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA: até 31 de Dezembro, Desenho, Gravura e Pintura de Júlio Pomar , exposição integrada nas comemorações de "50 anos de comemorações de Gaibéus de Alves Redol".
RESTAURANTE AVANT GARDE (R. da Saudade, 6-Cascais): "Multiples" de Ormond Fannon.
CASA MUSEU DE VERDADES FARIA (Av. Saboia-Monte Estoril): "Um Olhar sobre Cascais através do seu património", uma iniciativa da Câmara Municipal e da Associação Cultural de Cascais.
GALERIA DO CASINO ESTORIL: até 7 de Janeiro, das 15 às 24 horas, o "Salão de Pequeno Formato. No Espaço 2, até 2 de Janeiro , com o mesmo horário, óleos do artista espanhol Manuel Pardo.
ARCADAS DO PARQUE (Estoril): até 8 de Janeiro, Pintura de Maria Filomena.
PALÁCIO NACIONAL DA PENA (Sintra): até 6 de Janeiro, Pintura de João Viola subordinada ao tema "Verdes do Outono de Sintra" no Espaço "Ucharia Real".
O OUTRO LADO DO ESPELHO (R. Dr. Alfredo Costa, 14-Sintra): até 31 de Dezembro, II Mostra do Brinquedo Artesanal e Antigo.
GALERIA O PATAMAR (R. da Ferraria, 13-Sintra): até 12 de Janeiro, pintura e escultura de Hélio Xavier, João Mário, Maria Fernanda Amado, Vítor Vieira e Tina Passos.
HOTEL TIVOLI SINTRA: até 12 de Janeiro, uma colectiva com óleos de Artur Bual, Cohen Fusé e Pinheiro de Santa Maria e aguarelas de Paulo Ossião.
PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ: até Junho de 1990, com entrada livre, em exposição uma colecção de Pintura Portuguesa de 1842 a 1979.
GALERIA E. C. (Várzea de Colares): até 23 de Dezembro, dias úteis das 10 às 12,30 e das 14 às 18 e sábados, domingos e feriados das 14 às 18, Pintura de Edmundo Cruz.
BIBLIOTECA PÚBLICA DE ALMADA: até 6 de Janeiro, uma exposição dedicada a nova joalharia, promovida pela Escola/ Galeria Contacto Directo em colaboração com a Câmara de Almada.
GALERIA DE SANT 'IAGO (Centro M. Bica, loja 63 - Almada): Pintura de Maria José Camões.
MOINHO DE MARÉ DE CORROIOS: até 30 de Dezembro, com o apoio da CâmaraMunicipal do Seixal, uma exposição de Desenho e Fotografia.
GALERIA VORAGEM (Av. da República da Guiné-Bissau, 28- Setúbal): até 4 de Janeiro, a colectiva "17 Artistas do Distrito de Setúbal".
GALERIAS CETÁRIA (Albergaria Latau-Av. General Daniel de Sousa, 89 - Setúbal): pintura de Branco Cardoso e cerâmica de Mizé e Mena.
CASA DE BOCAGE (Galeria Municipal de Setúbal): até 31 de dezembro, Pintura de Filipa Farraia.

Círculo de Leitores

APOIOS:
Lanalgo, Louis Vuitton, Paris em Lisboa, Pinhol, Pollux, Antena 1, Rádio Comercial, Rádio Minuto, Diário Lisboa, JL, Vitor Hugo, Voz do Operário, Ytong Ibérica.

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
Persil, A Idade da Razão, Um Olhar sobre o Mundo e Fifteen
18.30 - RUA SÉSAMO
19.00 - CHEGAR, APOSTAR E VENCER
Concurso
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - DIREITO DE ANTENA
20.46- DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
21.00 - BOLETIM AGRÁRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
21.05 - VALE TUDO
21.55 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
22.45 - ELTON JOHN EM VERONA
A segunda parte do programa musical gravado em Verona, durante uma recente digressão mundial do famoso cantor-compositor britânico, que continua a agradar ao público de todas as gerações.
23.50 - 24 HORAS
00.25 - REMATE
00.40 - PELA NOITE DENTRO
«História de um Gangster» traça o percurso de Charles Arthur Floyd, um dos muitos filhos de famílias pobres que lutaram para sobreviver na América dos anos 30, em plena Depressão. Escapando ao destino de miséria infligido a muitos dos seus compatriotas, o jovem Floyd tornou-se uma conhecida figura do submundo do crime, estatuto esse que lhe valeu o nome de "Pretty Boy Floyd". Trata-se de um filme de Clyde Ware, com Martin Sheen, Kim Darby, Michael Parks, Ellen Corbyn, Joseph Estevez, Bill Vint, Abe Vigoda, etc.

RTP-2

16.55 - 3,2,1 CONTACT

No 1º Canal ás 21.05, mais um episódio da telenovela «Vale Tudo»

Amanhã no 2º Canal, às 23.30, Dick Bogard em «O Criado»

14º episódio: na sequência desta última série de episódios dedicados à arquitectura e às estruturas, o tema de hoje fala sobre arquitectura de interiores e design, referindo-se em particular às cozinhas modernas.
17.20 - TRINTA MINUTOS COM...
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
7º episódio da série extraída do livro homónino do escritor brasileiro José Mauro de Vasconcelos: na cidade, todos estão em festa, encantados com as melodias de Ariovaldo, pois nunca ouviram nada igual. Zezé também se sente atraído pela viola, e ao sair a correr para a rua é atropelado pelo português Manuel.
19.00 - ESPECIAL DESPORTO
Basquetebol - Troféu RTP
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - QUEBRAR A SOLIDÃO
3ºepisódio
23.20 - ROTAÇÕES
Desporto

ANTENAS PARABÓLICAS
Sinal
Tel: 892945-884650

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - JUVENTUDE E FAMÍLIA
11.55 - MISSA GLALOLÍTICA
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.10 - OITO E BASTA
14.00 - PARLAMENTO
14.30 - CAIXA ALTA
15.15 - CRIME, DISSE ELA
16.05 - SESSÃO DA TARDE
17.40 - VIVAMÚSICA
18.20 - SETE FOLHAS
18.45 - O MELHOR DE 89
19.45 - TOTOLOTO
20.00 - JORNAL DE SÁBADO
20.30 - O TEMPO
20.35 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.40 - ESTRELAS EM PARADA
21.30 - DRAMA DE CLÁUDIA
22.45 - ROBERTO CARLOS ESPECIAL
23.55 - ESPECIAL DESPORTO

RTP-2

09.01 - VIA RÁPIDA
09.55 - TV 101
10.40 - ERASMELIVE
11.10 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
Compacto
14.10 - TOM PETTY EM ISRAEL
15.05 - ESTÁDIO
19.00 - MUSIC BOX ESPECIAL
19.55 - MEU FILHO, MEU FILHO
21.15 - ESTÁDIO
Edição da Noite
23.20 - O CRIADO

RÁDIO

ANTENA 1

Onda Média - FM Estéreo

14.00: Gerações por minuto; **17.00**: Sete mares; **19.00**: Música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Musical; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Diálogo - João Coelho; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO

COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397m

17.00: Contacto; **19.00**: Peça que a gente passa; **21.00**: Pela estrada fora; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24ª Hora; **01.00**: Fantástico; **03.00**: Serviço nocturno; **06.00**: Diário rural.

RÁDIO

RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da música; **16.00**: Banda da amizade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: A viagem continua; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Sequência; **22.00**: Revista; **22.30**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial da BBC; **23.55**: Meditando.

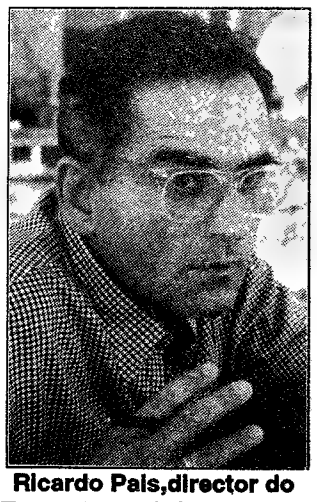
BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1
PELA NOITE DENTRO
RTP 2
ESPECIAL DESPORTO
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

Móveis
OLIVEIRA & LEAL, LDA
Mobiliário em todos os estilos-estantes, móveis soltos — jogos de maples veludo e pele, arcas — colchões molas e espuma (por medida) — sommiers (por medida).
Móveis - sala e quarto (por medida).
Mobiliário em pinho — móveis de cozinha.
Não compre sem nos consultar.
Entregas em qualquer ponto do país.
DESEJA BOAS-FESTAS A TODOS OS CLIENTES E AMIGOS
Rua da Rosa (Bairro Alto) 73-81-158-160
Telef. 32 18 72 (200 ² exposição)

«Eu vejo pouco de nós na televisão que se vai fazendo e com ela o País vai sendo menos terra, mais mar à vista.»

José Moreira, «Sete», 28.12.89

A PERGUNTA DO DIA



Ricardo Pais, director do Teatro Nacional D.Maria II

O que é que vai fazer para reanimar o Teatro Nacional D.Maria II?

«Vamos melhorar as condições físicas, de trabalho e de comunicação com o exterior, através de um programa de obras que vão arrancar a 23 de Janeiro. Através de contratos à peça ou à temporada vamos criar uma circulação programada de actores que venham juntar-se àqueles segmentos do elenco que herdei, que são capazes de dar uma imagem de Teatro como coisa em movimento, exigente consigo mesma e em desafio ao próprio público.

Vamos também activar uma programação que explore as características dos nossos criadores – os disponíveis, claro - e dos nossos actores, equilibrando projectos de comunicação com outros de linguagem dramatúrgica e cénica mais radical, alternando autores portugueses com estrangeiros. Tentaremos inflectir radicalmente o conceito de **produção** e, se possível, a médio prazo, a própria figura jurídico-administrativa em que o Nacional encaixa e que é manifestamente inoperante. É assim um projecto a vários anos.»

Terça-feira no

Diário de Lisboa

Especial Anos 90
Primeiro suplemento:
«Os vectores da mudança»

A crónica de Umberto Eco

O fim da História: Fukuyama, William Wallace e Maria Filomena Mónica

A Europa dos «dezoito» no Suplemento de Economia

O DL SUGERE

a Cavaco Silva

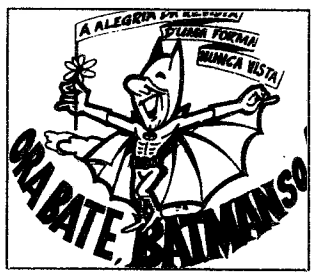
Não perca OS CAÇA FANTASMAS, um filme de Ivan Reitman. Um bom aperitivo para o seu *reveillon* familiar. É divertido e pode ser de uma utilidade muito pedagógica. Um bom remédio para, de uma vez por todas, descobrir os melhores meios para combater cabalas, interesses obscuros, serviços informáticos que o enganam e outras injustiças que não o deixam em paz. Pode ir vê-lo à meia-noite, que é mais discreto. E pode ser que, finalmente, se veja livre daquela «especulação» que o persegue: a remodelação governamental.

a Jorge Sampaio

Despeça-se de 1989 com o TRIO OS ALFACINHAS, na Taverna del Rey, em Lisboa. Aproveite para comemorar um ano que não foi nada avaro para si. Divirta-se enquanto é tempo, que os próximos meses não lhe vão dar descanso. Os buracos de Lisboa são cada vez maiores e as expectativas crescentes. Os fados vão ser muitos e não vai faltar quem lhe queira abrilhantar a festa. Aproveite agora que ainda se ouve o som da vitória. Mas não é por isso que não vai continuar a ser posto à prova.

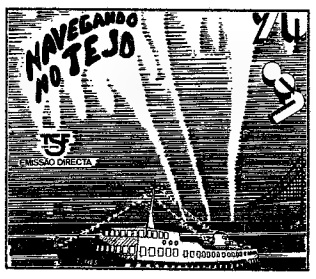
a Álvaro Cunhal

Dance com OS SITIADOS no «Rock Rendez-Vous», em Lisboa. É uma sala que já conhece de outros espectáculos. Foi aí que achou por bem não comentar a queda do muro de Berlim por estar numa festa de aniversário da Juventude Comunista. Mas neste *reveillon* decerto ninguém o irá perturbar. Pode dar um pé de dança e rejuvenescer a sua imagem. Em tempo de INES e da *perestroika* há que arriscar. Antes de regressar a casa passe pelo bar «Kremlin» e tome uma cuba-libre.



a Freitas do Amaral

Vá ao Teatro Villaret ver ORA BATE, BATEMANSO! Uma boa maneira de começar 1990. É que, antes das autárquicas, andavam tantos a disputar-lhe a presidência do CDS que o professor pode agora retemperar forças e descontrair um pouco. Afinal, o seu partido não desapareceu como auguravam alguns profetas. O espectáculo é português e pode ajudá-lo a abrir o sorriso. Talvez o outro professor ainda tenha que lhe pedir ajuda para não saír de S. Bento.

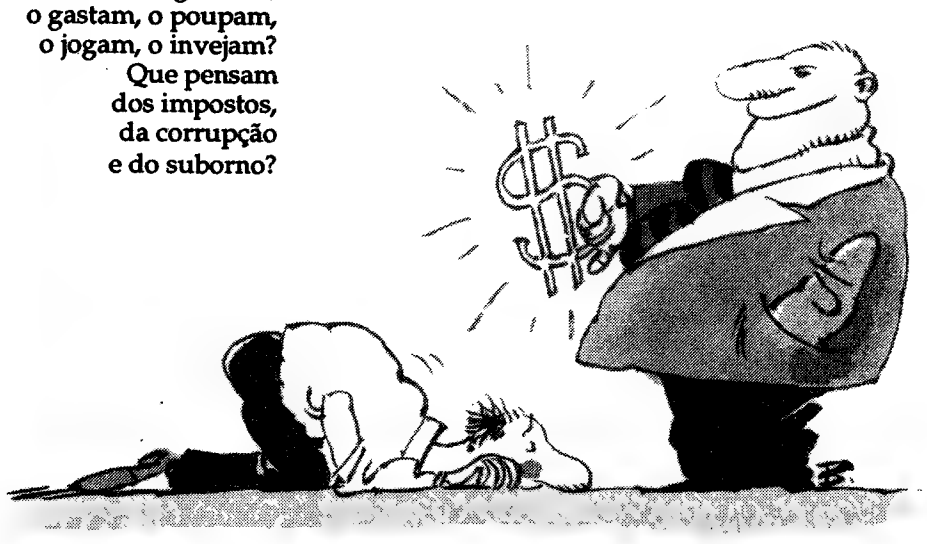


a Hermínio Martinho

Passe o *reveillon* NAVEGANDO NO TEJO num cacilheiro engalanado a preceito. As cheias já lá vão e basta de tristezas. Há fogo de artifício e uma banda musical que dá pelo nome de «Via Lactia». Confessemos que Lisboa nunca andou perto do seu horizonte. O seu Tejo é outro, passa por outra ribeira. Espaireça, que não há desaires que justifiquem maus humores. Pode ser que haja outras oportunidades de renovação.

Como se relacionam os portugueses com o dinheiro? Que pensam dele? Como o ganham, o gastam, o poupam, o jogam, o invejam? Que pensam dos impostos, da corrupção e do suborno?

OS PORTUGUESES E O DINHEIRO



A partir de terça-feira leia uma sondagem-inquérito *Euroteste* - DL

meteorologia

Quando fico farto dos lisboetas, vou ao Alto de Santa Catarina. Um aldeamento cabo-verdiano, uma república autónoma em cima de Algés, a meio caminho entre Cruz Quebrada e Linda-a-Velha (mais velha que linda), sito na orla da mata de Monsanto.

Pouco a pouco, de trausente surpreendido a pedestre ocasional, ganhei um estatuto rotineiro, diria familiar. Conheço alguns dos habitantes pelo nome, reconheço as crianças de olhos maravilhosos, tão cedo adultos, bebi com uns o *grog* e a jeropiga local acompanhada de lambeato de côco, admirei as vestes coloridas dos janotas domingueiros, mais dos homens do que das mulheres, sempre lavadeiras de roupa que seca ao vento, como lhes ficam bem as cores vivas, fui convidado para o baile africano acompanhado por orquestra ao vivo numa choupana de cimento húmido, dança-se no espaço de 6m/6m, mas nada de *play-back* fraudulento; só aqui se compra batata doce de qualidade, estou capacitado para fazer a leitura dos *graffiti* de sinais sexuais, símbolos diferentes, mais cubísticos, mais abstractos, mais Picasso, bati à porta sempre aberta da Comissão de Moradores quando procurava a Ermelinda que por vezes ajuda na lida da casa, comi cachupa do dia na sua casinha jeitosa, arrumada tanta gente em tão poucos metros quadrados e cúbicos, mas sem sentir claustrofobia como nas casas dos brancos, uma minoria local.

Repito: as cores, a jovialidade, o espírito de entreajuda que se está a perder, a paciência com a chuva avassaladora, com o lixo, o modo alegre e às vezes violento de se desenrascar com a miséria, com os televisores deitados fora e com os carros fora de uso. Um mundo diferente. Outras regras de jogo. Outra cultura. Os antropólogos não precisam de viajar para longe.

Quando me farto de cabo-verdianos, volto para Lisboa. São algumas centenas de metros, sem alfândega da CEE.

Jorge Listopad

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO
41 749
180 000 CONTOS

2.º PRÉMIO
78 407
36 000 CONTOS

3.º PRÉMIO
1 387
12 000 CONTOS

O 2.º Prémio foi vendido aos balcões da CASA DA SORTE.

Na 6.ª-feira, dia 5 de Janeiro,
LOTARIA DOS REIS
137 000 CONTOS
Bilhetes a 13 000$00 e décimos a 1300$00

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA – BRAGA – PORTO – AVEIRO – VISEU – COIMBRA – SETÚBAL – FARO

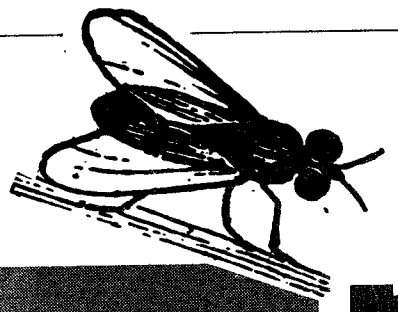
A Casa Viola deseja a todos os clientes e amigos
Próspero Ano Novo

CASA VIOLA — A sorte que «Toca»

LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO • SETÚBAL

Correio: R. Assunção, 67 - 1000 LISBOA

SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS
DO DIÁRIO DE LISBOA
29 DE DEZEMBRO DE 1989,
FAZ PARTE INTEGRANTE DOJORNAL
NÃO SE PODE VENDER
EM SEPARADO.



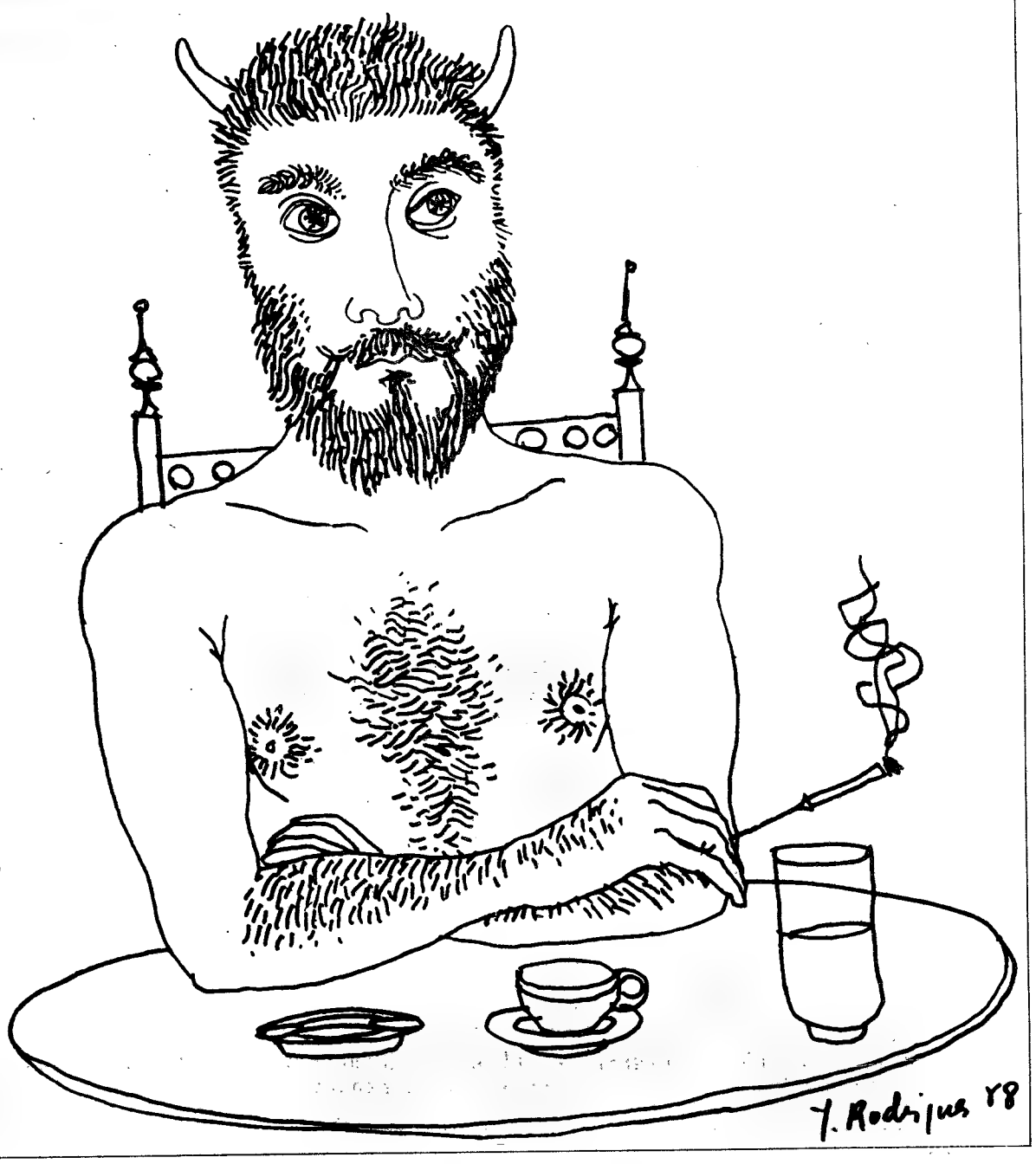
A MOSCA

O GOSTO PELO CINEMA

DL

Além
para a sinistra de quem
dentro do que cheira
na Brasileira
teima em estar
na pasmaceira
de olhar
para fora do próprio olhar
para fora da Brasileira

(em "Cheira Profunda", poema de António Domingues)



O Guia do Bom Garfo

CHARRUA
do lavrador

restaurante
CHURRASCARIA

A CHARRUA E SEUS COLABORADORES

Desejam a todos os seus clientes, amigos e fornecedores, um próspero ano novo
Estamos abertos dia 1 de Janeiro

Av. Duque d'Ávila, 11-13
Tel. 54 34 49 • 1000 LISBOA

CHARRUA
do lavrador

restaurante
CHURRASCARIA

Roteia do Seara

CERVEJARIA
RESTAURANTE
SNACK-BAR

ESPECIALIDADES DA CASA:
- ***Feijoada à Brasileira***
- ***Arroz de Marisco***
- ***Espetadas***
- ***Coelho c/feijão e couve estufada***
- ***Cabrito no forno à antiga***
- ***Arroz de tamboril à chefe***
- ***Choco abafado***
- ***Peixes frescos no carvão***

Rua Artilharia Um, 15 — Lisboa • Telefone 68 36 57

Desejamos um Feliz Ano Novo
a todos os nossos clientes e amigos

MARIAZINHA

Comida Caseira

Refeições por encomenda rápidas e para fora

Restaurante Snack-Bar

Rua S. José, 232 (junto ao Tivoli)
Tel. 55 54 37 1100 LISBOA

RESTAURANTE VASKU'S GRILL

GRILL
COMIDAS
E
BEBIDAS

ENCERRADO
AO DOMINGO
E FERIADOS

DESEJA UM FELIZ ANO NOVO A TODOS OS SEUS CLIENTES E AMIGOS

RUA PASSOS MANUEL, 30 ..... Tel. 54 22 93

A TENDINHA

MARISQUEIRA RESTAURANTE
Estr. de Mem Martins, 211 a 215
Telef. 921 7863 • 2725 MEM MARTINS
(Junto às Finanças de Mem Martins)

Deseja um Feliz Ano Novo a todos os seus clientes e amigos

RESTAURANTE

Av. Conde Valbom-87-LISBOA
Telef. 772695
Jaguar

DESEJA A TODOS
OS SEUS CLIENTES
E AMIGOS
UM BOM ANO NOVO

SNACK-BAR FIGUEIRENSE

SERVIÇO DE RESTAURANTE
BACALHAU À FIGUEIRENSE
COZIDO À PORTUGUESA
ESCALOPES À FRANCESA
ENCERRADO AO DOMINGO

Deseja a todos os clientes e amigos
um Feliz Ano Novo

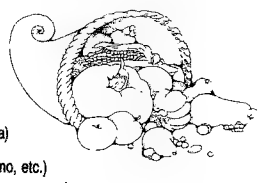
219 — B/C Al. Linhas Torres 7580350

---

espiral

BOAS-FESTAS

CENTRO PARA A DIVULGAÇÃO DE ALTERNATIVAS



- Restaurante
  Pratos: vegetarianos, macrobióticos, chinês, peixe, doces e salgados, bebidas e sumos
- Salão de chá
- Música ao vivo (todos os sábados)
- Artesanato
- Galeria (exposições de pintura, fotografia)
- Produtos dietéticos
- Livraria (ecologia, esoterismo, orientalismo, etc.)
- Conferências (todas as terças às 21h)
- Cursos astrologia, tarot, meditação, cozinha vegetarianas, macrobiótica e pintura
- Consultas (medicina, acupunctura, dietética, shiatsu, astrologia, tarot)

Aberto todos os dias das 12 às 22h, incluindo fins-de-semana e feriados.
Praça Ilha do Faial, 14-A (à Estefânia) — Lisboa — Telef. 573585

RESTAURANTE VERDE MINHO

Gerência de: JORGE RODRIGUES
Especialidades:
- CARNE PORCO ALENTEJANA
- ARROZ DE MARISCO
- ARROZ ANGOLANA
- DOMINGO E 5.ª FEIRA
- COZIDO À PORTUGUESA
- ARROZ DE LAMPREIA

MÚSICA AMBIENTE

Sala Própria para Casamentos e Baptizados
Encerrado à 2.ª Feira

Desejamos a todos os nossos Clientes e Amigos um Feliz Ano Novo.

Urbanização da Mealhada, Lt. 2-Lj.-E Mealhada — LOURES
Tel. 983 51 80

---

restaurante
CIDE

2.ª Feira	— Mãozinha de Vitela c/grão
3.ª Feira	— Bacalhau à Zé do Pipo
4.ª Feira	— Dobrada à Moda do Porto
5.ª Feira	— Cozido à Portuguesa
6.ª Feira	— Bacalhau à Minhota
Sábado	— Pato à Portuguesa

Cozinha Regional Portuguesa

encerramos aos sábados à tarde e domingos
todo o dia, reabrindo na segunda-feira

Sala c/ ar condicionado

Desejamos a todos os nossos clientes amigos e fornecedores um próspero ano novo de 1990

R. Caminhos Ferro, 98 — 1100 LISBOA — Tel. 861326

Limo Verde

RESTAURANTE
PASTELARIA
COZINHA PORTUGUESA
SALAS PARA BANQUETES
CASAMENTOS E BAPTIZADOS
(COM CAPACIDADE PARA 200 PESSOAS)

REVEILLON 89/90

MARQUE JÁ A SUA MESA

RUA JOSÉ RELVAS, 15-15C • 2775 PAREDE
TEL.:247 18 33/58

REAL CAFÉ CREME

DESEJA AOS SEUS ESTIMADOS CLIENTES E AMIGOS UM FELIZ ANO NOVO

ALMOÇOS E JANTARES
Aberto todos os dias
das 08.00 às 22.00
NO VERÃO ABERTO
ATÉ À 01.00
DA MADRUGADA

Telef.: (01) 57 14 47 • 53 74 56
Av. António Augusto de Aguiar, 203/5
1000 — LISBOA

RESTAURANTE TRANSMONTANO

EST. NACIONAL 10, LOTE 16 TEL/ 221 04 80
FOGUETEIRO - AMORA

DE *Ilda Gomes M. Amorim*
(ENCERRA AOS DOMINGOS PARA DESCANSO SEMANAL)

ESPECIALIDADES DA CASA:
- **Bacalhau à Transmontana**
- **Arroz de Cabidela**
- **Feijoada à Transmontana (aos sábados)**
- **Cozido à Portuguesa (todas as quintas-feiras)**
- **Ementa variada todos os dias**

ALMOÇO ECONÓMICO DA CASA
PRATO - SOPA - PÃO - VINHO E CAFÉ (TUDO 550$00)

ESTALAGEM

AGORA COM NOVA GERÊNCIA

Praia Azul

RESTAURANTE • CERVEJARIA • MARISQUEIRA • SALAS PARA BANQUETES

JÁ PENSOU NO SEU PRÓXIMO FIM-DE-SEMANA?

SITUADO A 10 M DA PRAIA, SOBRE A FALÉSIA, COM VISTA DESLUMBRANTE. ÓPTIMO LOCAL PARA DESPORTOS NÁUTICOS (SURF E WINDSURF) E PESCA DESPORTIVA.

O PARAÍSO QUE ESPERA POR SI

PRAIA AZUL – BOAVISTA – SANTA CRUZ • TORRES VEDRAS • TELEF. 061/9 71 33

Deseja um bom ano a todos os clientes e amigos

GUIDINHA

CARTA ABERTA AO MARCELO REBELO DE SAMPAIO

Excelentíssimo senhor e meu ilustre amigo que agora é Presidente da Câmara desta esburacada cidade onde não há casas em que se viva nem ruas em que se ande nem ar que se respire nem transportes que sirvam nem bacalhau a preços acessíveis nem nada de que valha a pena falar senão a cor do céu e o pitoresco dos bairros da lata que servem de alimentação aos poetas mas deixam as pessoas normais esfomeadas como é o caso da minha família que vive do ordenado do meu Pai que se chama Gabriel e que é funcionário da Câmara como o são mais dez mil e tal desgraçados que nunca conseguiram arranjar um emprego decente apesar de terem feito tudo para isso como é o caso do meu Pai coitado que já foi comunista socialista social-democrata e prdista sem nunca conseguir que lhe aumentem convenientemente o ordenado ou que lhe concedam uma indemnização decente pelo esforço político que fez para melhorar o nível de vida da família enfim injustiças como diz a minha Avó que Deus tem mas que podia não ter porque morreu muito nova e ainda virgem e mártir da sociedade capitalista porque em lugar de gastar o dinheiro que tinha em remédios gastava tudo em caramelos e rebuçados enfim volto ao princípio porque me perdi no meio desta conversa toda de que você é culpado porque durante a sua campanha falou tanto que a gente se habituou a pensar que os problemas se resolvem com palavras e boas intenções o que eu quero dizer à vossa excelentíssima pessoa é que não me interessa nada que vossa excelência dê cultura a Lisboa porque para isso já temos as peças chatas da televisão a Fundação Gulbenkian o ministro da Educação e mais seiscentas mil pessoas com ordenados e subsídios para o fazerem e nenhum deles vai pôr a gente a ler ou a estudar também não me interessa nada que vossa excelência mande fazer estradas circulares porque a única estrada que me interessa é a direito e vai da Graça à baixa para a gente ir ver as montras e também não me interessa nada que vosselência diga que vai arranjar as ruas porque já ouvi essa promessa a outros e toda a gente sabe que os presidentes passam e os buracos ficam o que me interessa é que vosselência mande acabar as obras do mercado de Campo d'Ourique onde vive a minha tia Adélia e que começou as obras há oito anos sim há oito anos bem contados repito que as obras começaram há oito anos e que ainda estão por acabar se isto é um exemplo do que vossa excelência vai fazer eu mandava-o limpar as mãos à parede se tivéssemos no mercado de Campo d'Ourique uma parede decente que não estivesse a cair ora este mercado que vossa excelência pode transformar numa exposição dos buracos que se fazem em Portugal porque tem buracos grandes e pequenos redondos quadrados e rectangulares que talvez se possam vender aos turistas porque são obras de artesanato este mercado como eu ia dizendo é um exemplo da política de vossa excelência e dos seus fiéis vassalos porque no princípio das obras chegaram uma data de homens que fizeram as barracas do costume com uma delas que cobre uma rua inteira sim com uma barraca que cobre uma rua inteira a mostrar o respeito que a Câmara tem pelos contribuintes e pelos cidadãos e que se foram embora não sei se vossa excelência acredita mas a verdade é que deixaram dois desgraçados para completar as obras de toda a praça para o caso de não saber eu explico-lhe que chove lá dentro e que a lama é tanta que os cidadãos europeus de Campo d'Ourique sim porque os cidadãos de Campo d'Ourique também são europeus ou julga que é só vossaexcelencia? estão a pensar em montar à sua custa repito à sua custa um corpo de nadadores salvadores especializados em nadar da lama para recolherem os cadáveres das pessoas que vão às compras à praça e eu pensei que se vossaexcelencia quisesse ter a amabilidade de alterar o seu programa podia acabar estas obras antes de dar cultura a Lisboa e de construir e de construir as grandes circulares e de montar a zona da grande Lisboa se fizesse isso sempre era um serviço que prestava à gente

Com todo respeito e a fidelidade partidária desta que é do partido que acabar as obras do mercado de Campo d'Ourique

GUIDINHA

CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM

HIBERNEM, MENINOS!

Jornal de Sábado era coutada de Cerqueira e Moniz. Revezavam-se. O jornal abria às oito e baixava os taipais muiiito depois das nove.

Por causa da «época natalícia» (não percebo o que tem a ver uma coisa com a outra, mas enfim) a emissão foi reduzida e entregue a Carlos Blanco, jóia preciosa de memoráveis campanhas. Os patrões do costume devem ter ido adorar o Menino nas palhinhas.

Acho bem. Acho bem que retirem umas feriazitas ou metam umas folgas. Pelos tempos mais próximos, convém. Hibernem, hibernem...

QUE É QUE ESPERAM?

Na noite das eleições, a RTP fez tudo para diminuir o impacte da vitória democrática. Complicou, enredou, chateou.

Cortou inclusivamente a emissão quando Jorge Sampaio se dirigia à multidão, diante da rede. É que tinham de ir ouvir o engenheiro Abecasis...

A emissão acabou sem haver a noção exacta da derrota do PSD. Pelo contrário, e pela voz de Cavaco Silva, entrevistado durante mais de um quarto de hora, aquele partido estava na maior...

Houve protestos. Sem resultado...

Depois, o projecto de um debate sobre as eleições, o debate veio a fazer-se. Veio a fazer-se, sim, mas sobre... as eleições brasileiras. A RTP tem razão para quê falar-se em coisas tristes...

Com um trabalho parcial tão nítido, e tão ao arrepio do que é o espírito da informação, espera-se de duas, uma: que o Moniz, o Cerqueira e o Garcia, se demitam; que os mesmos sejam demitidos.

Querias! O Garcia, o Cerqueira, o Moniz serão, sim, mas... promovidos.

VEJAM, MAS NÃO PERCEBAM...

Notável! Sempre em cima dos acontecimentos na Roménia, a RTP estabeleceu ligação telefónica com o jornalista Camilo dos Santos, em Timisoara. Era o tempo em que as ligações praticamente não existiam. Pois a conversa (aliás com interesse) desenvolveu-se com uma perfeita nitidez.

A preocupação de bem informar foi ultrapassada com aquela entrada em directo da televisão romena, já em poder da Junta de Salvação Nacional cujo porta-voz, de forma que me pareceu gratificante, citava a Bulgária e seu dirigente Madlenov.

Dina Aguiar, angelicamente, viria depois a explicar que não podia dizer o que se passava porque não tinham ali ninguém à mão que falasse romeno...

Má organização. Na RTP não se pensa nas coisas e depois, quando as coisas acontecem, quem tem a culpa é o acaso, o destino.

E pronto. Vimos alguns rostos na televisão romena. Grande «cacha»!

Melhor faria a RTP se cachasse a cabeça nas mãos. Em vez disso, continuam a cantar de galo.

MILHO AOS POMBOS

Memorável há-de ficar, para todos os séculos, o programa musical que a RTP ofereceu aos emigrantes. Trata-se, creio eu, de uma dúzia de **vídeo-clips** que serão enviados a estações de televisão no estrangeiro, onde haja colónias de portugueses. Nesta produção, a RTP deve ter ganho um balúrdio de massa, mas não importa. É pouco, tudo o que se faça em louvor e a favor da cultura portuguesa.

Do lote de artistas convidados para a função participam nomes tão ricos de significado e de qualidade como Marco Paulo, Paulo Alexandre, Jorge Ferreira, Roberto Leal e Clemente. Foi esta a tripulação da caravela **Saloiice Nacional** que, em missão de pelintrice, zarpou do cais do Lumiar.

As imagens faziam às músicas uma concorrência desleal. Cada uma delas conseguia o milagre de ser mais pirosa do que a anterior — e só Deus sabe quantos milagres são difíceis de conseguir!

Por mim, dificilmente esquecerei aquela imagem de Marco Paulo, no Rossio, de mão espalmada, a dar milho aos pombos. Cantava em pleibeque — e só por isso, certamente, é que os pombos não fugiam.

Coitados dos emigrantes. Quem sabe se, por estas e outras, é que muitos se foram embora. E mesmo longe, a RTP os persegue!

O ROSTO E A VOZ

1 — A Hungria perdeu, não sei com quem. Pronto, perdeu. Comentário: «Espera-se a recuperação do futebol magiar, até como consequência das transformações operadas naquele país».

Bem visto!

2 — Decorria o Boavista-Sporting. Explica, ronceiramente, o relator: «Devia ter havido ali uma falta, mas o árbitro estava perto e deixa seguir!!»

Afinal, devia ou não devia!

3 — «Estamos sem nada e não sabemos como vai ser»...

«Esta desgraça aconteceu na noite de sábado para domingo e até agora não apareceu ninguém a saber de nós...»

«Nós aqui fomos entregues à nossa sorte»...

Frases ouvidas nas reportagens. Nenhuns auxílios. É o castigo de os portugueses não serem estrangeiros.

4 — Valente de Oliveira, anafado, ouviu das bocas, ali à beira do Douro. Não sei o que se terá passado, mas aquele popular tinha um ar de desculpa na voz plangente:

— Não somos prepotentes. Estamos só a pedir...

5 — Passamos às cheias do Tejo. Um trabalhador, arrastado pela corrente, agarrou-se a uma árvore. Diálogo com o repórter:

— Teve medo?

— Muito medo não tive, porque me desenrasco a nadar.

Pois. Os portugueses que se desenrasquem. Que remédio...

6 — João Brites, encenador do **Bando,** interrogado sobre os espectáculos especificamente e unicamente infantis:

— É preciso destruir as reservas em que querem meter as crianças.

7 — Referência ao natal que, nos países do Leste, já será vivido de maneira diferente.

— Que este estado de espírito se alargue a nós próprios.

Teresa Patrício Gouveia disse. Que me cabe a mim, senão apoiar?

8 — Era o **Natal dos Hospitais,** iniciativa do **Diário de Notícias** há 45 anos!

Votos de um locutor:

— Que as melhoras para todos venham rapidamente.

Sua marota, a fazer política numa festa de caridade...

OLHA PRA ELES, HEM?

As telenovelas brasileiras são conhecidas pelo puritanismo da sua linguagem. Ou por censura, ou por opção, ou por tradição, sei lá, talvez não sejam tão truculentos como nós. Não sei se algum país tem um catálogo de «palavras feias» para uso corrente, como o nosso.

Há dias, no **Vale tudo,** fiquei de respiração cortada. Uma personagem dizia doutra: «É um chato. Nem trepa nem sai de cima.»

Nunca pensei ouvir coisa semelhante em telenovela brasileira. Se estão à espera que eu traduza, percam o sentido. Perguntem a quem saiba. Só lhes digo que se a nossa expressão equivalente fosse usada em telenovela portuguesa, cairia o Carmo, a Trindade e a RTP.

TUDO CENÁRIO

No sábado, o (imaginem só: eu ia escrever «o ainda»! Passa-nos cada coisa pela cabeça!) o Primeiro-Ministro veio mandar a sua mensagem natalícia. Palavras secas, frias, inexpressivas como os números das estatísticas.

O medo que este homem me faz é que nele tudo parece robótico, mecânico. Órfão de alma, não conduz, como todos os órfãos, à piedade: conduz à retracção. Ele aparece, e apetece logo fazer o sinal da cruz. Salva as devidas distâncias, claro.

Reparem: até o sorriso é um preparado químico. Se falo, não é coloquial: busca no catálogo, salta a **cassette.** Como veste, e como anda, e como está...

Como está. Ao mesmo tempo imperial e familiar. Posa. A câmara faz de pintor. Atrás, o fogo na lareira. Não há frio, mas uma lareira ajuda o cenário...

Isto mesmo. Um cenário. Não uma humanidade.

INSINAÇÃO — DE PONTA E MOLA

Gloss, uma produção neozelandesa, passa às sextas-feiras, logo depois do noticiário. Daqueles folhetins género **Dallas,** em que ninguém se salva, sabem como é? Não perco um episódio.

No último, o mauzão ameaça a mazinha com um ataque na Imprensa. A mazinha diz que o mete num processo. O mauzão, como lhe compete, sorri. Ele, no jornal, fará apenas uma insinuação e ninguém pode ser processado por uma insinuação. Quem quiser que enfie a carapuça...

Dá que pensar, esta arma da qual ninguém pode defender-se e contra a qual ninguém pode atacar. Ponta e mola da qual alguma Imprensa portuguesa já se vai servindo...

O TRÂNSITO

Voltou a rubrica **Parlamento.** José Manuel Maia, do PCP, e Silva Marques, do PSD fizeram as despesas da conversa. José Manuel Maia veio estragar o ambiente natalício que o outro deputado desejaria.

S. Marques retirava por momentos o punhal da bainha do sorriso, ao pregar o clima de diálogo e entedimento entre todos os deputados. Bons propósitos, cálice na mão, arroz doce com canela.

Vai então J. M. Maia quis saber que clima tal seria possível se o PSD **impõe** o Regimento da Assembleia; boicota as iniciativas de oposição, mais isto e mais aquilo...

S. Marques não gostou. E com razão, ou bem que é Natal, ou bem que num é. Se o Natal se fez para parecermos bonzinhos, temos de aproveitar, se não, quem vai para o céu?

Outro participante convidado, António Barreto, não chegou a tempo, por causa do trânsito.

Que lhe sirva de fábula, Barreto. Quando emitir opiniões género sina na palma da mão, lembre-se que o trânsito na História ainda é mais complicado do que em Lisboa. E que, por isso, não se resolve com fantasias.

SILÊNCIO NO CANAL

Escuto sempre com imensa atenção as... não sei como chamar-lhes: homilias? discursos? charlas? — bom, as intervenções do Papa. Não consigo resistir ao fascínio de ouvir o louvor do Natal em 50 línguas!

Este ano esperei ansiosamente pela condenação da invasão do Panamá, país ultracatólico.

Nem uma palavra. Partindo do princípio inquestionável de que o Papa representa o pensamento de Deus, conclui-se que Deus abandonou o seu povo.

Ou será que Deus também possui interesses no canal?

CARTÃO VERMELHO

Foram mais que muitas as mensagens de Natal. O lado positivo do Natal é que, nesta época, todos gostam de mensajar. Somos todos enviados do Senhor. Ai, dá cá uma consolação...

Embora haja quem se atrapalhe e meta os pés pelas mãos. Está nesse caso o Humberto Coelho. Ei-lo, sorridente, a convidar-nos à fraternidade, «a darmos as mãos».

Futebolista que foi, deveria antes pedir que déssemos os pés. Golfista que é, que tal se déssemos os **clubes?**

Assim é que estava certo. Cartão vermelho para o lugar-comum!

ONDE É O CONCURSO?

Álvaro Barreto, cognominado o **controverso,** veio fazer uma comunicação ao País, no fim de mais um ano de emissões diárias patrocinadas pelo seu ministério, em tempo de antena gentilmente cedido pela RTP.

Barreto diz que nos esperam grandes dificuldades, com o embate da CEE na agricultura protuguesa. Acaba por desejar aos lavradores um novo ano cheio de prosperidades...

A propósito: que país organiza este ano o concurso internacional de anedotas?

O CRIME

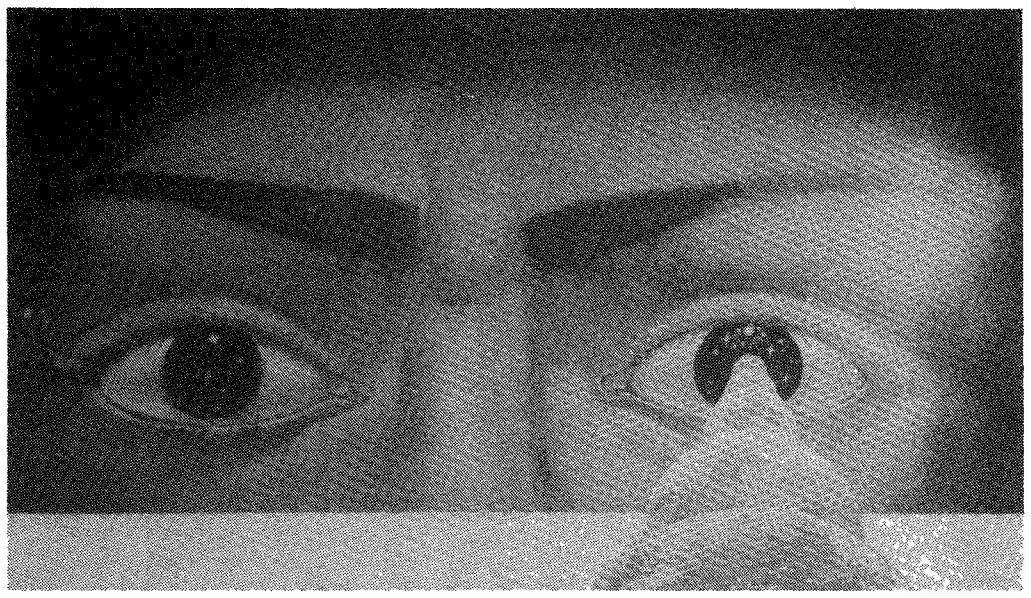
Uma informação de via reduzida dá-nos conta dos 83 anos de Fernando Lopes Graça e da homenagem que lhe foi prestada na Amadora.

E então vimos e ouvimos **o Coro de Amadores de Música** que, há largos, largos anos luta por fazer da música uma companheira cada vez mais de todos.

E ficámos a pensar na sementeira da mediocridade de que a RTP nunca se esquece. E ficámos a pensar na germinação da qualidade e do amor de que a RTP nunca se lembra.

Isto não é uma RTP: é um crime organizado.

Texto de
Jorge Silva Melo



O GOSTO PELO CINEMA

Éramos para ir ao cinema.

Mas como nem ela nem eu, que nos conhecemos num cineclube, andamos agora muito informados e já ambos vimos os grandes êxitos que são capa das revistas, em vez de correr para as Amoreiras e escolher conforme os horários, desta vez decidimos ler os jornais.

Era sábado e havia muitos.

E em todos os jornais se falava de muitos filmes.

Ela deu um grito:

- Olha, um filme do Blake Edwards.

- Quem é?

- Não te lembras?

- Não.

- A mim o nome diz-me qualquer coisa, mas não sei bem.

_ Vê lá o que é que diz aí no jornal.

Ela começou a ler. Em voz baixa. Depois, corou, olhou para mim, passou-me o jornal.

- Tenho que tomar outro café - disse ela - ainda não estou acordada.

Eu li:

Não apenas o retrato de um corpo na sua inadequação às normas do equilíbrio social mas sobretudo uma arqueologia desse mesmo corpo em desequilíbrio nunca resolvido face ao desejo que o habita.

- Se calhar é giro - disse eu, sempre cobarde.

- Apetece-te?

2- Não há outra coisa?

E na minha cabeça: *sobretudo uma arqueologia desse mesmo corpo em desequilíbrio nunca resolvido face ao desejo que o habita.*

Olhei em redor. Estava todo o café a ler a mesma página do jornal. A senhora perfumada Heno de Pravia que pousara o saco das compras, o par de namorados high-tech, o rapaz simpático que já cruzei em duas manifestações da extrema-esquerda, a rapariga que ainda usa na lapela o dístico Marcelo Ponto. Eles deviam estar a perceber esta frase. Tenho que voltar a estudar, a *reciclar-me*. Tive muito boas notas na Universidade mas foi nos anos sessenta, aquilo era tudo *políticas*.

Sobretudo uma arqueologia desse mesmo corpo em desequilíbrio nunca resolvido face ao desejo que o habita.

(Meu caro João Lopes: esta frase é tua!

Foste tu que a assinaste no *Expresso* de sexta-feira, 15 de Dezembro de 1989. Sabes que sempre estimei a tua frontalidade, a tua rara delicadeza, a tua pertinácia. *O teu amor ao cinema.* Sabes que és *o único crítico de cinema regular* cuja opinião me interessa e me toca.

Espero que saibas que copiar-te esta frase não é mesquinha malevolência.

Mas para que é que escreves coisas destas que, *porque mal escritas,* não querem dizer absolutamente nada?)

A minha amiga acabou o segundo café.

- Ah, aquele filme inglês!

- Mas é no Quarteto, não é? - perguntei eu.

- Que é que tu tens contra o Quarteto?

- Eles é que devem ter qualquer coisa contra mim. Quando lá vou, o filme está sempre dessíncrono, muitas vezes desfocado, o projeccionista diz que é da máquina, eu passo o meu tempo a levantar-me para ir protestar contra as condições de projecção... e nunca me devolvem o preço do bilhete...

Estava eu nesta azeda tirada quando a minha amiga corou de novo. Peguei no jornal.

- É de outro crítico - disse ela.

A fractura do espaço que aqui se encena magistralmente tem o seu complemento de profundidade nas vozes que, cantando, reactualizam a memória e lhe dão locomoção física; enquanto em Tempos Difíceis...

- O que é a locomoção física?

- Eu sou de Letras.

- E que é isso dos *Tempos Difíceis?*

- Não percebo.

- Não é o filme do João Botelho?

- É.

- E a que propósito? O filme do João Botelho foi reposto?

- Bom era.

- Então?

- Há-de ser lá coisa que o rapaz tem contra o Botelho. Como toda a gente disse bem ele só agora é que sai da casca.

- Mas lê isto sobre o filme inglês: *não há em Terence Davies uma realidade anterior à reprodução, ela nasce de um contrato difícil entre o que se constrói a cada momento e o que é destruído na reelaboração do instante.*

- Terence Davies, quem é?

- Deve ser um chato. Faz contratos difíceis, pelos vistos.

E na mesma respiração:

- Podíamos era ir ver o filme do César.

- Cinema português???

- Parece que é diferente. E não te lembras do César?

Estava sempre no Monte Branco com aquela rapariga...

- Vê lá o que é que dizem aí.

Ela começou a ler, encomendou imediatamente outro café.

-Acho que não. Deve haver aí politiquice.

Eu li. Era uma nota de um outro crítico ainda sobre o filme do João César Monteiro e falava era de um inquérito feito no «JL».

Como não compro o «JL»... e o jornal que lia não o imprimia em anexo...

E dizia coisas como: *O debate das ideias e a saúde da reflexão sobre o cinema português devem vir para a praça pública sem o recurso a este tipo de processos que, no fundo, não servem o que mais importa.*

- Percebes isto? Que tipo de processos?

- Mas do filme? O que é que diz?

- Não fala.

Não fomos ao cinema.

Acabámos por comprar um *édredon* nas barraquinhas da Praça de Espanha e por ir dar uma volta à chuva.

E chovia quando ela me disse:

- Vou escrever *uma circular aos críticos.*

- Tás maluca? Ainda te batem...

- Não. Eu acho é que eles devem andar muito sozinhos. Todo o tempo a escrever. Já devem ter deixado de perceber para que é que serve a crítica e por que é que são necessários. Não devem já saber que eu - eu, eu, eu - preciso deles! Vou-lhes dizer assim: eu preciso deles porque não posso ver tudo e não posso fiar-me só na publicidade. Os críticos são necessários porque não são *attachés* de Imprensa e se um filme, mesmo muito publicitado, é mau, eles podem dizê-lo.

- Mas isso foi há muito tempo, quando os críticos eram contra a sociedade de consumo.

- Lá estás tu com esquerdismos.

_ Não é esquerdismos. É História.

- O que eu quero é dizer-lhes que gosto deles e que preciso deles. Para me orientar. Para não enfiar barretes, para estar mais ou menos informada.

E em cada nota, eu não preciso que eles digam muitas coisas - não precisam de puxar assim muito pela cabeça. Só preciso que me digam:

a) é um filme que trata de quê?

b) e de que modo?

c) se é um filme que vale sobretudo pela realização - e quem é o realizador e o que é que ele fez e se é dentro do género de coisas que fez ou antes pelo contrário. E a realização é original? Ou académica? Ou...?

d) se é o argumento que vale a pena, e porquê.

e) ou se é um dos actores ou o trabalho da música ou...

f) ou se é um entretém e nesse caso se o é de facto;

g) ou se é um projecto de importância industrial...

h) ou se é um filme diferente dos outros e porquê...

i) ou se é igual aos outros mas mesmo assim...

É tão simples.

E para eles, eu acho que lhes simplificava a vida! Mas devem andar tão sozinhos...

E depois de dizer isto, deu uma valente palmada na testa (a energia dos três cafés...)

- O que eu devia fazer era um inquérito. E pedir-lhes que eles só pusessem cruzinhas. Duzentas perguntas-chave e pronto. Não queres ajudar-me? Vá lá!

Disse ela.

E eu sorri.

Gosto dela. É uma pessoa com boa vontade.

E eu faço hoje minhas as experiências e as palavras destas minhas duas ingénuas personagens. Que muito devem ter ouvido, como eu, *O Gosto Pela Música* de João de Freitas Branco.

NB: Todas as citações são tiradas do jornal EXPRESSO de 15/12/89.

TEXTO DE
J. GALAMBA DE OLIVEIRA

ALGUNS AFORTUNADOS CONSELHOS PARA ULTRAPASSAR COM FELICIDADE O INFORTÚNIO

Ou os mil e um legais ardis para se bater com uma bem regada refeição e regressar a casa ao volante do seu automóvel sem ver a carta de condução apreendida por um irritante sopro ... de balão

Introdução

1- Sendo um triste, não beba
Sendo alegre, beba com moderação
Sendo feliz, beba sem arriscar a felicidade
E, sobretudo, nunca assopre o balão

2- Tendo de deslocar-se:
a) Caminhe, admire o sol afagador, a poesia do céu estrelado ou o romantismo do luar.
b) Não o podendo fazer, peça boleia a um abstémio, ou peça a um triste encartado que conduza por si.
c) Sendo imperioso conduzir, deseje intensamente não encontrar a Brigada de Trânsito (BT) da GNR e invoque a protecção de S. Cristóvão, padroeiro dos aflitos.

Faltando a parapsicológica magia ou a imprevisível devoção, e sendo mandado parar pela BT da GNR:

Capítulo I

Todos os seus actos tenderão
a ganhar tempo

Urbanidade

1º Trate com urbanidade o agente de autoridade, que só ali está em cumprimento da sua missão e é tão pecador como o comum dos mortais.

Diligência

2º Prontifique-se a apresentar calma e diligentemente todos os documentos, mesmo que não solicitados , inclusive os particulares, tais como o cartão de sócio dos gloriosos clubes (recomenda-se o do Belenenses, porque o azul é a cor da serenidade, ou o do Sporting, porque o verde é a cor da esperança, mas nunca o do Benfica, porque o vermelho é a cor do tinto, e só fora das horas de serviço o agente da autoridade jogará nesse clube), fotografias carinhosas da família, sem esquecer as amorosas criancinhas, etc, etc...

Obediência e doçura

3º Se lhe pedir para abandonar o veículo, saia vagarosamente, mas sem mostrar qualquer relutância, não se esquecendo de tirar do porta-luvas e meter nos bolsos uma substancial quantidade de pacotinhos de açúcar.

Precaução zelosa no estacionamento

4º Contudo, sugiro-lhe que, como bom profissional, «o agente que determinar a imobilização do veículo deixe providenciar para que o mesmo fique estacionado de acordo com a lei »

Parágrafo único - Deve-se estacionar em locais próprios ou nas bermas, sendo proibido estacionar, de um modo geral, em todos os lugares de insuficiente visibilidade, e, particularmente, é proibido estacionar em cruzamentos, entroncamentos e curvas e nas faixas de rodagem divididas por traço contínuo, se a distância entre este e o veículo for inferior a três metros, e, em qualquer caso, fora das localidades, a menos de 50 metros dos cruzamentos, entroncamentos, curvas e lombas de insuficiente visibilidade e, de modo absoluto, sendo noite, nas faixas de rodagem.

(artigo 14º , nº 2 e 3 do Código da Estrada)

Cordialidade e honestidade

5º Se for solicitado a assoprar o balão, solicitamente anime e desenvolva cordial conversação com o agente de autoridade, nunca tomando a iniciativa de sugerir, propor ou tentar vil e infamemente subornar ou corromper o impoluto agente.

Declaração de vontade negativa

6º Mais solicitamente ainda, declare que não pretende submeter-se ao controlo de condução sob eventual influência do álcool através do método do analisador quantitativo do ar expirado, mais vulgarmente conhecido por fatídico balão.

Oferta de cenoura ao agente

7º Deve favorecer a insistência do agente em submetê-lo ao referido exame, convencendo-o de que meritoriamente está prestes a caçar mais um coelho.

Retirar a cenoura ao agente

8º Se constatar a estupefacção ou ignorância do agente face à sua legítima pretensão, só então invoque o seu direito a tal recusa, conforme o disposto no art. 8º da Lei nº 3/82 de 29 de Março (Condução automóvel sob influência do álcool).

Trinca a cenoura

9º Respondendo o agente que ele é que sabe de leis, dirija-se ao porta-luvas do seu automóvel e mostre-lhe a disposição legal mencionada, iniciando uma demorada discussão sobre a interpretação e aplicação das leis e sobre a riqueza imensurável da língua portuguesa, não só em matéria de expressão oral como em múltiplas aplicações que nós todos cá é que sabemos.

Mastigar a cenoura

10º Esgotada esta e a paciência do agente, armado em esperto desconfiado, revelando-se autoritário e prepotente, pretendendo abusivamente obrigá-lo a sujeitar-se ao mencionado controlo, recorde-lhe que «tem o direito de resistir a qualquer ordem que ofenda os seus direitos» (direito de resistência), ao abrigo do acto 21º da Constituição da República Portuguesa, advertindo-o de que será levado a respeitosamente lhe solicitar a completa identificação, para efeitos de participação disciplinar hierárquica, responsabilidade civil e apresentação de queixa ao provedor de Justiça.

Digere a cenoura

11º Retome vivamente a discussão jurídica e linguística sobre mais este interessantíssimo tema, fazendo uso do seu conhecimento do funcionamento burocrático dos organismos públicos e designação dos titulares dos cargos inerentes (Presidente da República, procurador-geral adjunto da República , director-geral da Direcção-Geral de Fiscalização das Actividades Económicas, secretário da mesa do conselho de gestão da Federação Nacional das Colectividades de Cultura e Recreio, presidente do Instituto do Vinho e da Vinha, v.g.) e recorrendo às memórias épicas do seu período de tropa (« o meu coronel deu uma porrada no nosso sargento») que podem revelar-se preciosas face à baixa graduação corrente dos controladores do grau do álcool no nosso sangue.

Arrota a cenoura

12º Perante o crescente descontrolo do agente ameaçador , refira-lhe a sua inteira disponibilidade para se submeter a outro exame de pesquisa do álcool, caso o agente se preste ao incómodo e

queira ter a amabilidade de o conduzir a um hospital.

Capítulo II

Como continuar a
GANHAR TEMPO

Civismo

13º Chegados ao hospital, observando os limites de velocidade e cumprindo escrupulosamente todas as regras de trânsito por não se tratar de um caso de necessidade, deixe funcionar em plenitude a excelência do Serviço Nacional de Saúde, respeitando civicamente as criteriosas ordens , atenciosas indicações e sensatas recomendações dos experientes e competentes profissionais.

Respeito e paciência

14º Nomeadamente, não atropele nem deixe que sejam atropelados os direitos à saúde dos doentes presentes, particularmente os feridos e sinistrados, que dolorosa e impacientemente esperam ser atendidos, aliás com fundamentada prioridade, pelo exíguo corpo médico.

Serenidade biológica

15º Respeitadas estas condutas, comporte-se com a almejada presença de um médico, único profissional que poderá fazer a colheita do sangue indispensável à determinação da taxa de álcool por métodos biológicos (nº 2 do acto 4º da Lei nº 3/82 de 29 de Março).

Adequação do material

16º Certifique-se , prestes a iniciar-se a mencionada colheita se «é utilizado material adequado , fornecido pelo agente de autoridade» (nº 1 do art. 4º decreto-regulamentar nº 87/82 de 19 de Novembro - que regulamenta as condições em que se efectuam o controlo de condução sob a influência do álcool).

Esterilização constitucional

17º Recuse veementemente sujeitar-se à colheita de sangue se a seringa e o demais material interveniente na extracção não estiver absolutamente esterilizado, selado em saco ou invólucro inviolado, ou não for esterilizado na sua presença, alegando para o efeito o direito «inviolável à integridade física do cidadão» (art. 25º nº 1 da Constituição da República) e « o direito à protecção da saúde e o dever de a defender e promover» (art. 64º nº 1 da Constituição da República).

Flagelo da Sida

18º Invocará, seguidamente , a mero e exemplar título exemplificativo, os casos públicos e notórios de transmissão do vírus da hepatite, e, por maioria de razão, do irremediável vírus da Sida, para não admitir o mínimo desrespeito ou inobservância das suas legítimas exigências.

Exercício de estilo e cálculo de probabilidade

19º No caso de estas legitímas exigências permanecerem insatisfeitas, faça uma declaração escrita de que a pretendida colheita de sangue lhe seria, com grande probabilidade, gravemente prejudicial à sua saúde (nº 3 do art. 4º da Lei nº 3/82 de 29 de Março). E ainda que, por mera hipótese, se opinasse ser mínima a probabilidade de tal evento, não se sujeite, à cautela, à pretendida colheita de sangue por, mesmo assim, não ser de modo nenhum legítimo obrigarem-no, contra sua expressa vontade, a correr esse risco de morte.

Deontologia médica

20º Qualquer clínico lhe passará o competente atestado médico desta insofismável verdade, o qual deverá apresentar no prazo de 72 horas, em qualquer posto policial, sob pena de multa de 20.000$00.

Adequação de instalações

21º No caso de aquelas condições serem satisfeitas, certifique-se de que o médico pretende fazer a colheita no laboratório do Serviço de Urgência do hospital onde foi conduzido (ofício nº 798 da Direcção-Geral dos Hospitais de 22 de Fevereiro de 1984).

Carências lamentáveis

22º Caso o hospital não tenha serviço de urgência ou o serviço de urgência não tenha laboratório, igualmente se recusará a submeter à aludida colheita de sangue, e manifestará a sua inteira disponibilidade para ser conduzido a outro hospital, adequadamente apetrechado, devendo fazer-se acompanhar por relatório médico explicativo do impedimento, que o clínico deverá redigir diligentemente, sob pena de lhe ser instaurado processo disciplinar, conforme o estatuído nos nº 1 e 2 do art. 15 da Lei nº 3/82 de 29 de Março).

Declaração de honra

23º Tendo o originário ou novo hospital o adequado Laboratório do Serviço de Urgência, erradamente temendo estar cada vez mais encurralado, firmará declaração escrita de que a pretendida colheita de sangue é gravemente prejudicial à sua saúde, o que alguns médicos poderão certificar por atestado, que deverá apresentar no prazo já referido, sob idêntica concinação legal.

Oferta da cenoura ao médico

24º O médico do hospital, se casualmente estiver informado de tudo isto, «deverá promover os exames que entender indispensáveis para diagnosticar o estado de influenciado pelo álcool, ou, no caso de não possuir os meios essenciais para fazer tal diagnóstico, remeter o suspeito para o hospital central ou distrital mais próximo, acompanhado do relatório previsto no nº 2 , in fine , do anexo à portaria nº 1091/82 de 19 de Novembro, e com solicitação do exame respectivo de imediato.

Retira a cenoura ao médico

25º Dispondo o médico dos meios essenciais para fazer tal diagnóstico, o que poderá sempre impugnar iniciando com o ilustre clínico nova e riquíssima cavaqueira sobre tão estimado assunto, respire fundo e alivie-se, porque quanto mais parece estar perto do ignominioso fim, mais próximo está na realidade do merecido descanso e sereníssimo sossego.

Trinca a cenoura

26º É que, padecendo o tosco clínico de casmurrice aguda e insistindo em efectuar o exame directo, deverá armar, se por mero acaso tal ainda não se tiver desencadeado, uma pertinente altercação e indómito serrabulho, de modo a provocar a desejada alteração dos ânimos presentes e a pronta e curiosa afluência dos ausentes amantes da zaragata.

Mastiga a cenoura

27º Não esquecer que a pretendida «observação clínica deve ser feita num ambiente calmo e sem a presença de outras pessoas, além do médico e do observado» (nº 2 , in initio , do anexo à portaria nº 1091/82 de 19 de Novembro).

Digere a cenoura

28º E mesmo que , por hipótese académica, os ânimos se acalmassem e a tradicional brandura de costumes dos lusitanos fizesse respirar uma atmosfera de pacata harmonia, nada garante, antes tudo indica, que a cristalina sensibilidade do meu dionisíaco leitor faria que «revelasse um estado emocional intenso», razão suficiente para que « o relatório clínico não possa ser valorizado», a qual o médico deverá fazer constar da declaração correspondente, bem como qualquer razão outra que se saiba imaginar (nº 2, in fine , do anexo à portaria nº 1091/82 de 19 de Novembro).

Arrota a cenoura

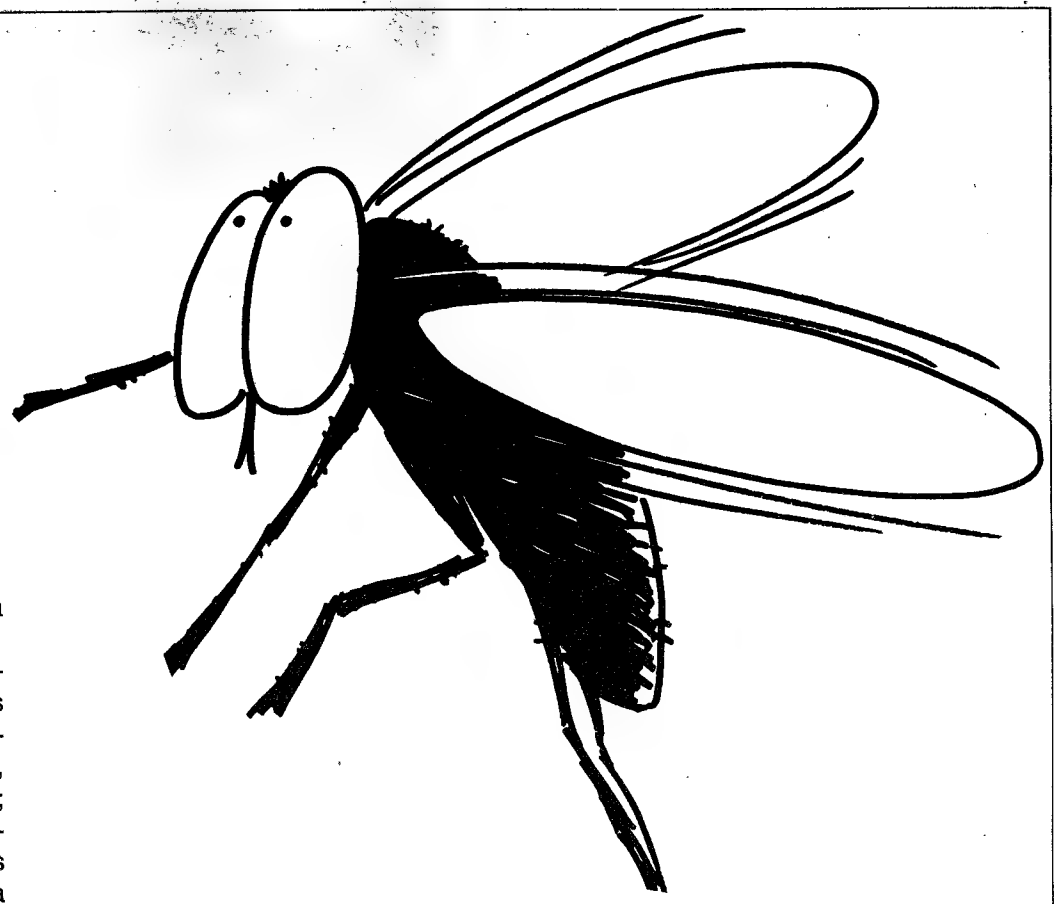
29º E, pronto, acabou-se a inefável aventura e espera-se que, à conta do muito açúcar que terá continuadamente ingerido no arrastar desta longa odisseia (saiba que o açúcar acelera a laboração dos rins de modo a aumentar a respectiva capacidade de eliminar o álcool do sangue...) tenha acabado também o gasoso estado em que por gozosa insinuação se encontraria.

Conclusão (gongórica)

E poderia mesmo ter gozado muitíssimo mais se, para sua grande infelicidade , nenhum ou pouquíssimo álcool tivesse ingerido, e estivesse desde sempre em perfeitas condições para se sujeitar aos testes patuscos do referido exame directo, ou se, intrépido bandido, atenuados ou até findos os entaramelados efeitos do bacântico néctar, tivesse tão airosa e brilhantemente superado essas ingénuas, inocentes e inócuas armadilhas, que mais não restasse ao médico examinador senão concluir que, pelo exame efectuado, o observado não apresentava sintomas de intoxicação alcoólica aguda e, em conformidade, para comemorar a espantosa efeméride, viesse a ter a gentileza de o convidar para uns copos ...

Texto de
Fernando Brederode Santos

INSECTICÍDIOS SEM INSECTICIDAS



Salvo desta, que não voa, nem zumbe, nem pousa onde se não deseja e que hoje o entreterá por uns momentos ao serão, o leitor não gosta de moscas. O leitor como toda a gente, e isso desde que há moscas e gente. Por tal razão, também nunca contra bicho algum se inventou tantas maneiras de dar cabo da saúde.

Os mata-moscas, lembra-se? Era uma espécie de pequenas raquetas de rede, com as quais se esborrachavam os insectos quando eles, felizes da vida, limpavam as asas com as patinhas, em desprecatada revisão de motor. Ou aquelas fitas amarelas que ainda hoje se avistam penduradas no tecto de algumas tabernas dos confins do País real, e que exercem uma misteriosa sedução no mosquedo, que se lhes prende no visco, enegrecendo-as até meter nojo. Ou, mais arqueológico ainda, uma engenhosa espécie de aquário redondo, cujo funcionamento parecia ironicamente sugerido pelo provérbio sobre a ineficácia do vinagre para o pretendido efeito mortífero. Nessa extraordinária armadilha, as moscas eram atraídas por um comedoiro com açúcar, na parte superior do recipiente, e depois induzidas, por mero aproveitamento da tendência de voo (tal como algumas redes compostas exploram as tendências da deslocação do peixe), a evoluírem na parte inferior, sobre um lago de vinagre. Não atinavam com a saída. E as emanações não lhes consentiam muito tempo. Uma após outra, caíam e afogavam-se, num espectáculo que era um encanto para estudantes distraídos.

Contra os insectos alados se inventou, além destas repugnâncias, redes mosquiteiras; cortinas de porta de cilindrozinhos de madeira em correnteza ou, na versão moderna, de tiras de plástico; pomadas repelentes de todo o tipo, último grito, inventou-se o insecticida. Mas engana-se quem supuser que está na química a suprema sofisticação nesta guerra sem quartel do homem contra os insectos, tão velha como a agircultura — ou, se se preferir, como o sedentarismo da espécie — e da qual o combate às moscas não passa da modesta expressão doméstica.

É na biologia que hoje se encontram as armas mais eficazes.

Na ilha de Curaçau, uma mosca do gado multiplicara-se até às proporções de praga bíblica. Pois nunca praga alguma foi tão expeditamente erradicada, nem mesmo na Bíblia. Estudou-se o insecto. Verificou-se que, por qualquer infortúnio biológico, as fêmeas apenas copulam uma vez, para a sua única postura. Procedeu-se então a qualquer coisa de análogo ao capar de grilos da gíria humorística: esterilizou-se (por radiação com cobalto) uma multidão de moscas e largou-se para as núpcias inglórias. Ao cabo de poucas semanas, escusado será dizer, o incómodo moscardo perdera todas as veleidades expansionistas e as vaquinhas tinham voltado a desfazer-se em leite, como muito bem lhes cumpre.

O exemplo é citado por um especialista português na matéria, José Alberto Quartau, professor da Faculdade de Ciências de Lisboa. Em artigo saído numa publicação científica, o biólogo explica porque é que, num Mundo onde o crescimento demográfico torna cada vez mais premente o controlo dos insectos nocivos, responsáveis por um quarto das perdas anuais da produção de alimento, o insecticida terá de ir a breve trecho juntar-se ao machado de silex e à seta de osso no museu das invenções humanas. É que o insecticida fica muito caro. No fabrico e, sobretudo, nas consequências. Entre as quais se contam o extermínio de bicharada que não se pretendia afectar, a geração de variedades resistentes, em suma, a degradação ambiental. Para o que já temos que chegue.

A entomologia é o ramo menos estudado da zoologia. Segundo José Quartau, apenas um quarto ou um quinto dos insectos está já minimamente inventariado, descrito, catalogado. Mas é nesta especialidade que tem de apoiar-se doravante a batalha sem fim contra esses nossos pequenos companheiros de planeta. Com a fisgada não na «solução final», mas numa «coexistência pacífica» e sem danos.

Outro bom exemplo apontado por José Quartau é o do controlo de um inimigo alado das vinhas da Califórnia. Esqueçamos todos os que já provámos os nossos sentimentos em relação ao produto; assombremo-nos apenas com a facildiade com que uma praga devastadora foi neutralizada pelo simples planteio de silvas perto do parreiral. Era à falta de silvados à mão que o bicharoco concentrava o ardor gastronómico de forma a causar prejuízo na vinha...

Um Mundo por desvendar, essa é que é essa. E José Quartau refer um projecto que tem em mãos para o qual não haverá nome mais apropriado do que o de «anti-Cupido»: trata-se de reproduzir aquilo que os zoólogos devem designar por «comunicação sexual» e não é outra coisa senão os madrigais dos insectos, isso para frustrar aos pobres o impulso da procriação, num «remake» do papel de empatas das velhas tias que, outrora nas festas da mocidade, moderavam a temperatura da festa...

CROCODILOS NO QUINTAL

Criar crocodilos no quintal das traseiras, como quem cria galinhas ou patos? E por que não? O processo já está em andamento e não tardará muito a surgirem os primeiros saurios de produção nacional.

«Made in Algarve», claro, porque o Algarve é hoje o sítio de Portugal onde tudo pode acontecer. Turista atrai turista e as autoridades do Sotavento algarvio não vêem qualquer inconveniente em que estes futuros turistas não usem fato de banho e se pavoneiem não em pêlo, mas sim em pele dura e escamosa e a valer umas dezenas de contos.

Os futuros habitantes do Sul de Portugal terão residência permanente e são originários de uma antiquíssima e aristocrática estirpe. A família, que dá pelo apelido nobilitante de crocodylus niloticus orgulha-se de um passado de qualquer coisa como 160 milhões de anos, ou seja, de pisar a Terra muito antes do aparecimento do bicho homem e de ter resistido a todas as mutações e convulsões por que tem passado o planeta.

Fazendas de crocodilos já existem um pouco por toda a parte e podem encontrar-se não só em África, como seria de esperar, mas também em Israel, na Austrália e na Papuásia, na Tailândia, em Cuba ou nos Estados Unidos. São mais de 400 e começaram a crescer sobretudo a partir da década de 70.

Criar crocodilos em Portugal é uma velha ideia do veterinário Emílio Leite Velho, que começou por enfrentar algumas dificuldades e longos atrasos burocráticos, tendo finalmente recebido o acordo final, como anunciou aquele técnico durante as Jornadas de Medicina Veterinária e Zootecnia Tropicais, que se reuniram em Lisboa, em Novembro passado.

É que os crocodilos e os seus parentes próximos, os caimões, os gaviais e os aligatores que resistiram a tudo o que foi acontecendo por esse mundo, acabaram por não aguentar a belicosa invasão dos seus habitats pelo homem.

É bem valioso um crocodilo: a pele é das mais procuradas e das mais valiosas para fazer sapatos e malas e a carne come-se com requintes em restaurantes de grande luxo e onde o exotismo impera. Carne de crocodilo é uma especialidade, o prato de luxo, em restaurantes da Austrália, da China e dos Estados Unidos, onde vai frequentemente à mesa em pelo menos duzentos restaurantes.

Por tudo isso, o crocodilo vai rareando, até mesmo nos seus tradicionais santuários, abatidos aos milhares em cada ano que passa. Estatísticas muito incompletas informam que, apenas nos últimos seis anos, foram dizimados uns seis milhões de caimões nos pantanais da Amazónia.

Pelo visto, ainda há um lugar neste mundo para os crocodilos: o Alagrve. A proposta de Leite Velho é ir levando as coisas sem pressas. Começar, primeiro, por criar uma fazenda de crocodilos, algures nas vizinhanças de Tavira, mas quase apenas como uma atracção turística. Depois, ir mais além: passar a explorar as peles e a carne dos velhos senhores do Nilo, meste último caso se aparecer um restaurante suficientemente interessado.

O clima algarvio, se serve para os turistas, também serve para os crocodilos é a opinião de Leite Velho, que se estriba, de resto, no facto de sul-africanos estarem a criar crocodilos em condições climatéricas semelhantes, ou piores, do que as oferecidas pelo Algarve.

Depois do turismo, das sardinhas, do pesado vinho da Lagoa e da cataplana, o Alagrve vai ter algo de verdadeiramente novo a oferecer: uns excelentes crocodilos com cerca de seis metros de comprimento e uma boa tonelada de peso.

Roby Amorim

TRABALHO DE CASA

ERNESTO SAMPAIO

FRANKENSTEIN

O homunculus era perfeito. O vampiro está destinado a pairar nos confins da loucura e da nevrose. Frankenstein, esse, pertece ao escalão dos autómatos ambíguos que oscilam, como os seus construtores, entre o bem e o mal, e a sua popularidade vem daí.

Criatura mal feita e recusada, monstro abandonado a si próprio entre os inúmeros perigos do sentimento, da moda, do turismo, do sexo e da arte, Frankenstein foi o ser híbrido obrigado a investir os seus próprios meios de autómato no último e mais selvagem século da industrialização, quando o nevoeiro londrino se confunde com os fumos do Inferno, as ruínas da civilização clássica com os espectros urbanos, o aço das engrenagens com os braços do operário, a proletarização do trabalho com a robotização do gesto, a exploração com a bestialidade, a concentração do capital e do trabalho intelectual com a privação do gosto e da vontade.

Quando Hoffman põe o homem diante de um autómato mecânico ou mágico, o encontro acaba na destruição do fantoche ou na loucura do indivíduo; as alternativas são a descoberta da engrenagem ou a ruína da alma. Quando os Potocki, os Nodier, os Barbey d'Aurevilly constroem aquela espécie de autómatos que são os fantasmas corporais da beleza, a saída para o homem é a descoberta de que tais carnações são de substância igual à dos mais pútridos cadáveres ou, se essa descoberta lhe for vedada, a danação e o suicídio. Em ambos os casos, quer seja benévolo ou malévolo o génio que o concebeu, o autómato oculta e organiza uma carga energética destinada a produzir-se na troca contínua entre o que está morto e o que está vivo. A ideia de que o autómato possa viver unicamente da sua concepção não passa de pura fantasia. O próprio Goethe mostra como o estilhaço da ampola de cristal induz o homunculus a reincarnar-se segundo os diabólicos pressupostos da alquimia. Se um cadáver, uma máquina privada do seu princípio motor demonstra saber viver, isso significa que se deu uma troca, sendo o vampiro a versão horripilante dessa troca.

A chama inicial

O dr. Frankenstein, em busca da origem da vida, criou uma figura inspirada no homunculus goethiano, resultado sereno e cientificamente «impessoal» daquele processo alquímico de ignota fórmula que contém em si o princípio e o fim da experiência humana.

Homunculus, animado pelo princípio da vida, descobre na beleza do amor a necessidade de se expandir nas coisas: a sua meta é o aperfeiçoamento de si próprio, a plena realização da chama inicial que o anima.

O mito do homunculus cruza-se e confunde-se com o de Proteu. A alma do autómato, percorrendo todo o bestiário da experiência humana, deseja encontrar um habitáculo feliz num corpo adequado, e a esse corpo se unir para procriar.

Ao construir a sua criatura, criando-lhe os mecanismos vitais a partir da composição da matéria, Frankenstein reencontra no monstro o homunculus que em si mesmo existe. O duplo nascimento da criatura é ao mesmo tempo a materialização da sua vontade inconsciente e o resultado de uma experiência de laboratório.

No delinear da figura do monstro, o **espectador** assume especial importância. Mary Shelly serve-se do jovem Robert Walton, ele também apaixonado viajante em demanda do absoluto: «Tento inutilmente persuadir-me de que o pólo é o reino do gelo e da desolação. Nada a fazer: a minha imaginação vê-o sempre como um lugar belo e deleitoso (...). De facto, podemos esperar tudo de uma região onde reina a luz eterna...».

O espectador aventurou-se pelos mesmos caminhos do homunculus, cujos mecanismos tendem automaticamente para a «calamidade» do ser. Robert Walton acaba por encontrar e contemplar o criador e a criatura, isto é, homunculus no seu ciclo completo. Sabe que é espectador: antes da viagem tranquiliza a irmã, garantindo-lhe que agirá com cautela e, numa alusão à **Balada do Velho Marinheiro**, de Coleridge, promete que não pecará por presunção prometeica: «Vou partir para regiões inexploradas, para a terra da **neve e do nevoeiro**, mas não matarei o albatroz e não deves temer pela minha salvação».

As duas almas de Frankenstein precisam de um observador assim: tranquilo, mas apaixonado, o viajante não atinge o pólo, mas revive Frankestein, assistindo à morte desesperada do seu autor e avistando pela última vez a sombra da criatura, que desaparece nos gelos eternos.

O terror e a destruição

A partir do momento em que se quebra a ampola de cristal que lhe inibia a vontade de conhecimento, Frankenstein atravessa mares e montanhas, habita florestas e domina os mais altos cumes, à procura de um símil. Apesar de impulsionado pelo amor, tudo aquilo em que toca morre; amigo da Humanidade, espalha o terror e a destruição por todos os sítios onde aparece.

Afoga os laços da família e da amizade no sangue e no crime, divide para sempre os que jazem no leito nupcial, surge vingador mal a alma humana consegue libertar-se da angústia da memória e do medo das próprias culpas. Persegue a felicidade em todo o lado onde se esconde.

O destino do autómato é destruir e ser destruído enquanto não encontrar uma dimensão para a sua consistência. Homunculus dissolve-se num sacrifício apolíneo porque deve traçar o caminho às «criaturas» vindouras. Frankenstein, rapidamente imerso na podridão dos pântanos, dissolve-se num sacrifício dionisíaco.

O preconceito satânico do construtor de autómatos consiste em crer que a criatura, por mais esplêndida ou monstruosa que seja, mas em qualquer dos casos incontaminada, possa encontrar uma saída para a sua paixão vital. Homunculus morre ao libertar a sua energia de vida; Frankenstein tortura-se na inibição mais absoluta dessa energia.

Frankenstein apareceu no dealbar de um triste tempo, regido pelo vazio, sem qualquer projecto histórico mobilizador e cujas histórias, do teatro ao cinema, da literatura de ficção à literatura de ideias, contam como se perdeu, se perde ou se vai perder o pé.

Será, na verdade, possível que qualquer mais-valia do indivíduo não se afunde no grande mar da liberdade e da auto-realização, se o Mundo se domesticou sob o peso da angústia e do ceticismo, narcotizado pela apatia? Dizem-nos que sim, que é possível viver sem sentido ou objectivo profundo, obedecendo a lógicas múltiplas e contraditórias, evitando os sentimentos e toda a espécie de vulnerabilidade social. Basta estar obcecado pela «informação» e pela «expressão», pela histeria de «comunicar», de se exibir perante um público fantasmagórico, insubstancial, que contempla indiferente a gesticulação autista dos novos Narcisos sofisticados.

Num Mundo tornado irreal, diluído, mal sonorizado como uma velha fita de Hollywood, Frankenstein cega como um «flash», uma fulminante visão certeira do que viriam a ser os **robots**, os quais, como o seu lendário antepassado, o Golem de barro construído na Renascença por um sábio rabino de Praga, podem falar, andar e até — pelo menos assim o pretende a ficção científica — fundar novas sociedades.

Curiosa reminiscência: quem pela primeira vez usou a palavra **robot** para designar as «criaturas» e os autómatos, as máquinas que imitam a figura e os movimentos de um ser animado, foi, em 1922, o brilhante escritor checo Karel Capek; e **robot**, em checo, significa **operário**.

Texto de
José Alfacinha da Silva

92 E DEPOIS ?

Com atenção, agrado e — há que dizer — com espavento, dei de ler um artigo antigo sobre a sesta, na altura em que o Nobel Cela superiormente louvava o «ioga ibérico», a mesma mas outra «siesta».

Daniel Goleman, do **New York Times**, reproduzido no **Expresso**, concluia que «o corpo humano precisa de fazer uma sesta a meio da tarde». Em abono, acarreta gráficos e científicos pareceres, professorais estudos com origem na Pensilvânia, e Haifa em Otava, Stanford e Munique. Tal gente, neurologistas e similares, pouparia tempo e dinheiro pela simplíssima observação de civilizações maiores, seja o caso de espanhóis, mexicanos ou alentejanos.

Mas que terá levado os doutos a preocupar-se com a vespertina pálpebra cerrada? Poderia ser ternura pela felicidade individual e colectiva de quem se limita a obedecer às leis do corpo; mas se calhar será esse obscuro afã de compreender os «mecanismos naturais»; até intuito mais prosaico, que o patronato moderno conclua uníssono nas concludentes descobertas dos doutores. Estas: depois da sesta, quem trabalha pode dar melhor atenção ao trabalho, ser capaz das mais complexas decisões, andar satisfeitíssimo, em suma: rende mais.

A coisa tem que se lhe diga e a propósito recordo como os japoneses (que nem nisto brincam) distribuíram aos operários, nalgumas linhas de montagem, efígies em barro dos capatazes e quadros da empresa, cujas os ditos escavacavam diligentemente em casa. Tal escape elevou em 20% a produtividade das fábricas. Elementar, caro Freud.

Ignoro se a pólvora foi de novo descoberta em Tóquio, embora por lá a tentação presente (ironias do capital) seja a inversa, render menos. Agora aqui, cá, em cheio no «desafio europeu», a estratégia nacional, pilotada pelo poder, poderá pioneirar numa de sesta. Não?

Ou julgam que os espanhóis se tornaram a potência europeia ocidental de mais risonho futuro porquê? Porque bulem, formigam? Ou que Cela levou o Nobel por mero cerzir do léxico, desmando da língua?

Algures, no meio desses milagres, jaz a infantil, miraculosa solução. Pelas brazas. E é tempo.

Claro que somos portugueses e que «o processo» passará pela maneira portuguesa de ser português, o aclamado **portuguese way of beeing portuguese**.

Se não dói imaginar Belmiro Azevedo, Américo de Amorim ou qualquer outro glorioso empresário da «hora Europa» a cochilar uma horita num divã de cetim (antes cetim que napa) e lépido e contumaz despertar para un novos milhões, mais delicada surge a tarefa dum Torres Couto ou demais sindicais quando tentarem enfiar nos cadernos reivindicativos a tal horinha de sono. Talvez que possam servir de argumento adicional as fotografias dos pais da pátria chonando no Parlamento e o febril labor legislativo e doutrinário que após produzem.

Já que não fomos lá **cantando e rindo**, justo é que o tentemos dormindo. E a sonhar, produtividades. Porque com sesta, é desta.

ÁLBUM D'INSECTOS

A MOSCA MOSCARDO

Tão prosaica, a barata
ensaia um voo maior
nas circunvoluções de Kafka.
Ferindo o arco-íris,
um burro rumina sentenças
nas margens do Sena.
É La Fontaine
que no espelho de nós
qual mágico, se eterniza.
Pitecantropo, picapau
Andersen penetra o limbo,
ao sul da memória.
E como numa ária,
arranca o sol
das entranhas de uma garça.

Germe ou verme na origem,
alada se liberta, oito e oitenta.
É assim a mosca-moscardo,
moscatel espirituoso do riso.
Arisca, em flor se lança.
Sedenta, arrisca e pica
o calcanhar de Aquiles
e daqueles aqueloutros,
roliços palhaços
das feiras da vida.

Jorge Ferreira 15/12/89

Conto de
Jaime Rocha

METROmorfoses

A MULHER DAS MULETAS

A mulher levava as muletas na mão, ia apressada. Quando saiu do autocarro quase caiu. Nem olhou para um velho que estava deitado no corredor da estação do metro, coberto de humidade, de costas para os azulejos do Cargaleiro.

O que chamou a atenção de Gregório S. não foi o fato do homem, um casaco de fazenda castanha, com um bilhete de lotaria pendurado no bolsinho de cima, mas o facto de ele se encontrar a ler com um livro na mão direita e ter a cabeça inclinada para a frente, coberta por um chapéu.

Pelo tamanho do livro deduziu que deveria ser um policial da colecção Rififi. Não tinha o tipo de letra dos livros da Ruth Rendell, um corpo mais redondo e luminoso, cheio de gralhas, como é costume nas colecções do género.

A mulher pousou as muletas para picar o bilhete, pô-las de seguida debaixo do braço como se fossem um jornal. Tinha uns sapatos pretos e um saco a tiracolo de onde saía um chapéu- de-chuva cheio de rugas.

Assim que entrou na carruagem, Gregório S. reparou que os passageiros estavam a pensar em tudo menos na possibilidade da mulher das muletas ser realmente coxa. Pareceu-lhe que estavam mais preocupados com as últimas notícias da Roménia. Um rapaz ouvia um transistor e comentava com outro o sucedido. Um deles falava em 20 mil mortos, outro em 60 mil.

Duas pessoas levantaram-se para dar o lugar à mulher. Ela sentou-se e colocou as muletas ao colo, fazendo uma careta.

«Nos tempos que correm convém andar prevenida», disse.

As muletas rangiam sempre que a mulher lhes mexia. Escorregavam-lhe pelas pernas e incomodavam todos os passageiros que iam sentados ao pé dela. Pelo modo como lhes tocava, Gregório S. sentiu que havia qualquer coisa de estranho naquela mulher. Entrelaçava os dedos no ferro de apoio da mão e acariciava, de seguida, os aros que serviam de assento aos braços. As extremidades das muletas estavam roídas, a borracha havia perdido a cor acinzentada.

Em S.Sebastião entrou uma rapariga muito magra com um malão de plástico transparente, cheio de fatos pretos e de chinelos. Sentou-se em frente da mulher e abriu de imediato um livro. Cheirava a cremes e a águas de colónia.

Vinha certamente da Gulbenkian e devia ser bailarina porque estava a ler um livro dos Estúdios Cor sobre a vida de Nijinsky. Naquele momento, pareceu natural a Gregório S. que uma bailarina quisesse conhecer a vida do grande russo. E pela maneira como folheava o livro, acreditou que se tratava de um objecto precioso para ela. Mas quando a viu olhar apavorada em direcção às muletas, verificou que alguma coisa a perturbava.

A suposta bailarina não conseguia despregar os olhos das muletas. De tal modo que a mulher se viu obrigada a perguntar se ela se estava a sentir bem.

Gregório S. percebeu de imediato que o que perturbava a artista da Gulbenkian era o conhecimento daquilo que a mulher das muletas estava longe de imaginar: que o Nijinsky tinha uns pés de pássaro e dava saltos como se fosse um anjo, arriscando a própria vida.

«Está a sentir-se mal ?», insistiu a mulher.

A bailarina estava quase a desmaiar. Via-se-lhe agora bem o seu rosto de águia, o pescoço comprido e os pés pequeninos dentro de umas sapatilhas.

Gregório S. foi o único a entender a angústia da bailarina. Devia ter uns 29 anos, idade em que Nijinsky enlouqueceu. Talvez esse mesmo pensamento tivesse surgido de rompante ao espírito da rapariga, pois saiu logo na estação do Parque, deixando para trás, caido aos pés do banco, o livro sobre a vida de Nijinsky.

A mulher das muletas ainda a chamou, mas já ela saltava pela plataforma em direcção às escadas rolantes. A mulher folheou o livro, contemplou a fotografia do intérprete de Petruchka, um jovem de casaco, colete, gravata e risco ao meio.

«Há dias apareceram-me em casa duas raparigas para me venderem um livro», disse a mulher.

Uma senhora idosa que tomara o lugar deixado pela bailarina pegou no livro, sacudiu-lhe o pó e pôs-se a folheá-lo:

«Amanhã entrego-o na recepção».

Ficou animada com o achado, tirou um espelho da algibeira e compôs o cabelo:

«Eu gosto muito de ler, é a minha única distracção».

«O meu marido só lê jornais, está entrevado em casa», continuou a mulher.

Dois homens de pasta que iam a consultar o Semanário Económico meteram-se na conversa. Um deles brincava com um cachimbo apagado.

«Então agora vai ler aquele que anuncia que Lisboa vai ficar mais perto do Porto», disse um deles.

«Aquele que tem o do sinal na careca em primeira página», acrescentou o outro.

A mulher ajeitou as muletas, parecia ter ficado entusiasmada com a discussão.

«O meu marido falou-me já para lhe comprar aquele jornal que tem um anúncio na televisão, de um rapaz bem posto a andar por cima das folhas», disse a mulher, antes de sair no Rossio.

Gregório S. foi-lhe no encalço. Ela deve ter-se apercebido da presença dele e acelerou o passo. Dirigiu-se para a rua da Prata e foi sentar-se no empedrado com as muletas no chão, encostadas às pernas.

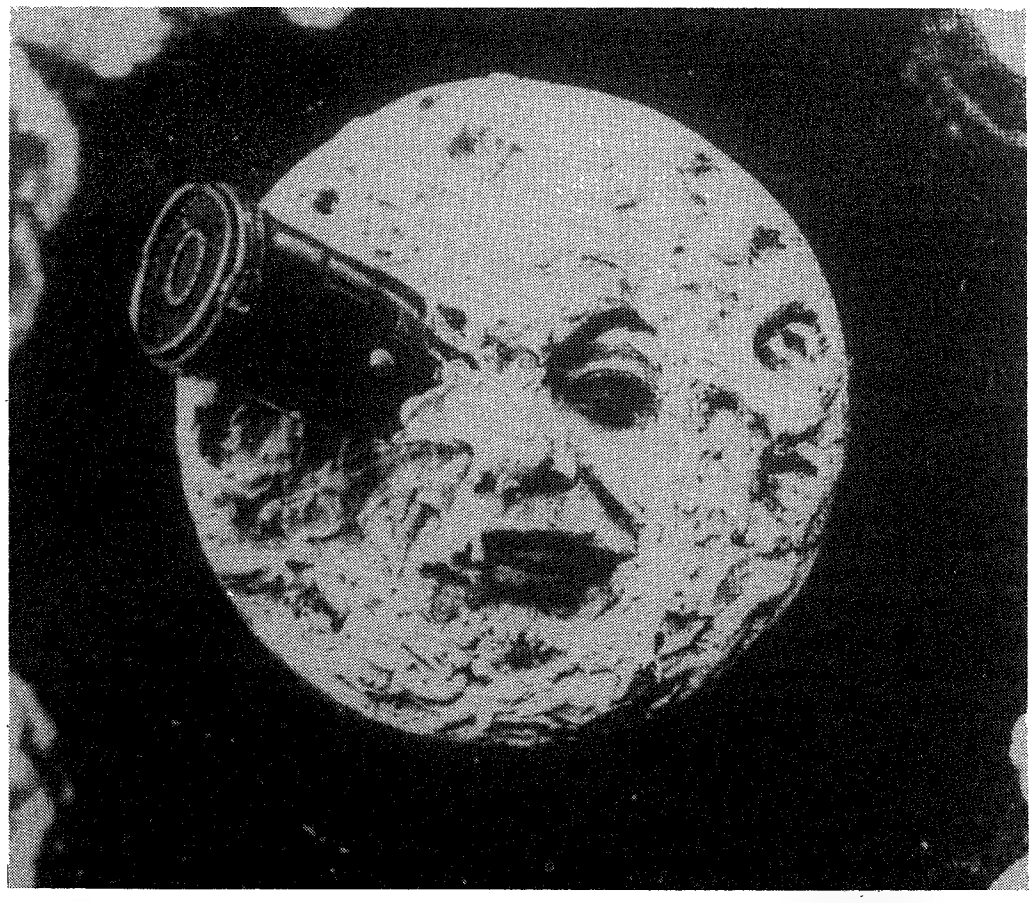
Gregório S. aproximou-se intrigado. As primeiras pessoas tinham já largado umas moedas em cima de um pedaço de papelão que ela colocara à sua frente.

«As muletas não são minhas, são do meu marido».

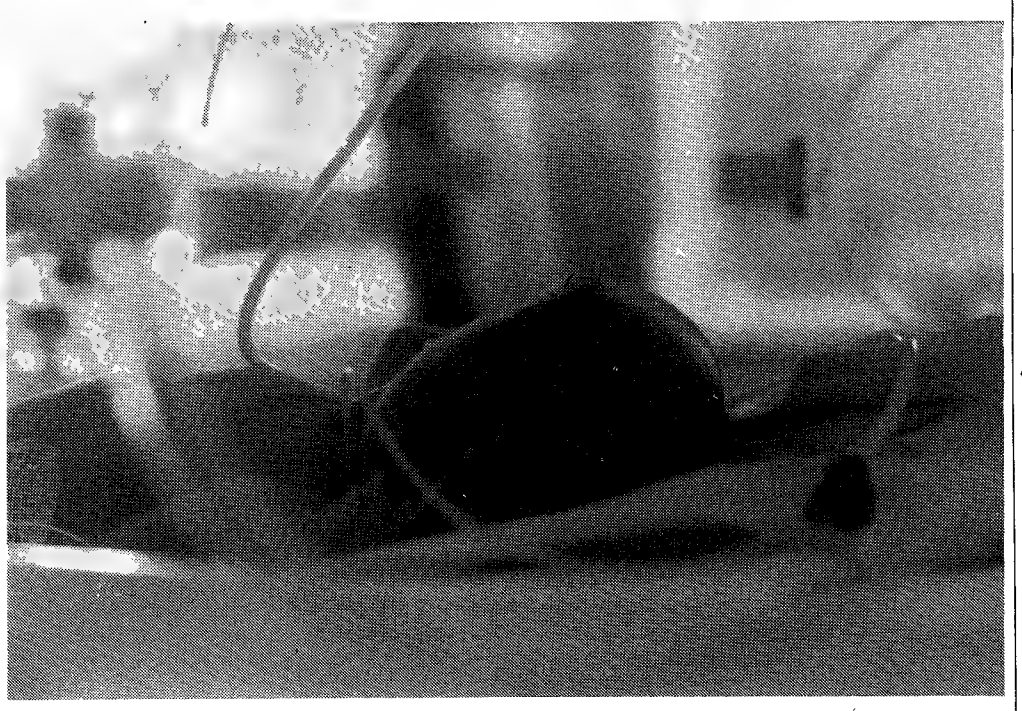
Gregório S. ficou tão surpreendido que não foi capaz de dizer nada.

«Ele é entrevado, não pode vir pedir, venho eu por ele, alguém tem que ganhar para a casa», acrescentou ela, virando-se para fazer um troco.

As iluminações do Natal alegravam a cidade e milhares de pessoas entravam e saíam das lojas com um ar incolor. Gregório S. decidiu afastar-se dali, em direcção ao Tejo, à procura de espaços abertos, não queria que a mulher o visse a sorrir.



Texto de
Daniel Oliveira
Fotos de
Gil Teixeira



«Se o meu filho sobreviveu até aqui, agora já não deve haver problema.» É uma mãe qualquer que o diz. É que nascer nem sempre é fácil. Sobretudo se não estão preparados para nos receber. Os níveis de mortalidade infantil tendem a melhorar, mas só no ano passado mais de 1400 bebés não ultrapassaram o primeiro ano de vida. O Estado, preocupado, diz que está a arrumar a casa.

O DIFÍCIL COMEÇO

Vestimos a bata e calçámos umas botas de pano. Lavámos e desinfectámos as mãos. Seguimos a médica, entrando no corredor dos Cuidados Intensivos para recém-nascidos. Através dos vidros viam-se os quartos. Cada um com duas incubadoras e vários monitores. Dormindo, com pequenos tubos no nariz, um bébé, com não mais que um quilo e 200 gramas.

Seguimos até ao último compartimento. Sentada, com o seu pequeno filho ao colo, estava uma senhora, que sorria. Iracema é uma mulher de coragem. Sofre de**Policitémia Vera**-excesso de glóbulos vemelhos no sangue- e por isso não conseguia ter filhos. Com 28 anos já tinha tentado três vezes, mas todas as tentativas resultaram em abortos.**«Fiquei muito marcada por isso, mas nunca perdi a esperança»**, conta-nos. Nunca desistiu e à quarta conseguiu mesmo. A sua força de vontade tornou-se num acontecimento para a medicina mundial: foi a primeira mulher do mundo, com esta doença, a conseguir ser mãe.

Das duas da tarde às 8 da noite, todos os dias, fica com ele nos cuidados intensivos do Hospital Dona Estefânia. O Tiago, quando o visitámos, tinha pouco mais que um mês e pesava um quilo e 260 gramas. Se tudo correr bem vai melhorar, e em Janeiro já deverá estar em casa.

«Arrisquei sempre, sofri bastante, mas nunca perdi a esperança», afirma, orgulhosa, Iracema do Rosário, natural de Cabo Verde.

Na decisão de tentar ter de novo um filho contou com o apoio do marido, mas foi desaconselhada por quase todos os médicos. Arriscou, foi médicamente bem acompanhada, teve uma boa dose de sorte e o Tiago também facilitou. Depois disto não põe de parte a possibilidade de vir a ter mais filhos.

Os cuidados especializados do Hospital Dona Estefânia, com apoio do mais avançado equipamento médico, salvaram-lhe a vida. Foi a Fundação Gulbenkian que apetrechou a Unidade, depois do bisneto de Azeredo Perdigão ter estado muito mal de saúde.

Por ano, cerca de 2300 crianças necessitam do mesmo apoio com que o Tiago contou e quase 12 mil precisam de outros cuidados especiais. São 14 por cento dos partos e é para eles que são necessárias melhores condições. O Hospital Dona Estefânia é, pelo menos por enquanto, quase uma excepção.

No ano de 88 nasceram 892 fetos mortos, 961 recém-nascidos morreram antes dos 28 dias de vida e 491 morreram entre o 28º dia e um ano de idade.

As nossas taxas de mortalidade infantil estão já perto das restantes europeias, com tendência para melhorar. Mas no que diz respeito à mortalidade perinatal -dos fetos com mais de 28 semanas de gestação até aos recém-nascidos com menos de 7 dias de vida- os níveis são francamente altos: 14 casos em cada mil nados vivos. Na Comunidade Europeia só a Grécia e a Irlanda estão piores do que nós e a leste até a Bulgária está em melhor situação.

A falta de acompanhamento médico na gravidez deverá ser a principal razão para estes números. É que quase 9 por cento das grávidas contactam pela primeira vez com o médico quando chegam à maternidade. A este facto nem as grandes cidades escapam.

Ao Hospital Dona Estefânia chegam muitos casos destes: mães sobre as quais nada se sabe. Para além de serem mais prováveis complicações numa gravidez não acompanhada, 60 por cento dos problemas que poderão surgir no parto ou depois podem prever-se nos centros e assim serem evitados.

A restruturação dos cuidados primários é, segundo Baptista Pereira, ex-secretário de Estado da Saúde e actual coordenador do Programa de Saúde Materna e Infantil, uma das principais prioridades. É dos centros de saúde que depende o acompanhamento da grávida e o rastreio das situações de risco. Como não funcionam há milhares de grávidas que deveriam ser encaminhadas para os hospitais distritais e vão superlotar os hospitais centrais, com nítida falta de pessoal.

Os Hospitais de Apoio Perinatal Diferenciado, como o da Estefânia, deviam estar prioritariamente vocacionados para partos de risco, enquanto as mães que inspiram apenas alguns cuidados especiais deveriam ser internadas nos hospitais distritais. Mas a opinião é unânime: há falta de equipamento e de especialistas para que isto seja possível.

Por outro lado, a falta de contacto entre os cuidados primários e os restantes niveis hospitalares levam a um ineficaz acompanhamento da gravidez. Para solucionar esta situação foi criado o boletim da grávida, onde constam todas as informações sobre a mãe e sobre a evolução da gravidez. No entanto os resultados foram pouco satisfatórios. Alguns médicos não o preenchem e a maioria das mães não o trazem para o hospital. Para contrariar esta situação o Ministério da Saúde decretou que a partir deste ano o médico é obrigado a preencher o boletim.

Simultaneamente estão a ser criadas as unidades coordenadoras funcionais, que reunem os diversos níveis de saúde- hospitais centrais, distritais e centros de saúde- de cada distrito. Este esquema foi já experimentado em Coimbra com resultados supreendentes.

Quanto às mães sem acompanhamento médico são, para os tecnicos de saúde, um grupo de risco em conjunto com as adolescentes, toxicodependentes, alcoólicas e africanas. Este último grupo é considerado de risco porque é nos africanos e em todos aqueles que residiram em África que mais se encontram os casos de SIDA. Das quatro mães com SIDA que neste momento estão internadas no Hospital Dona Estefânia três são africanas sendo uma delas toxicodependente.

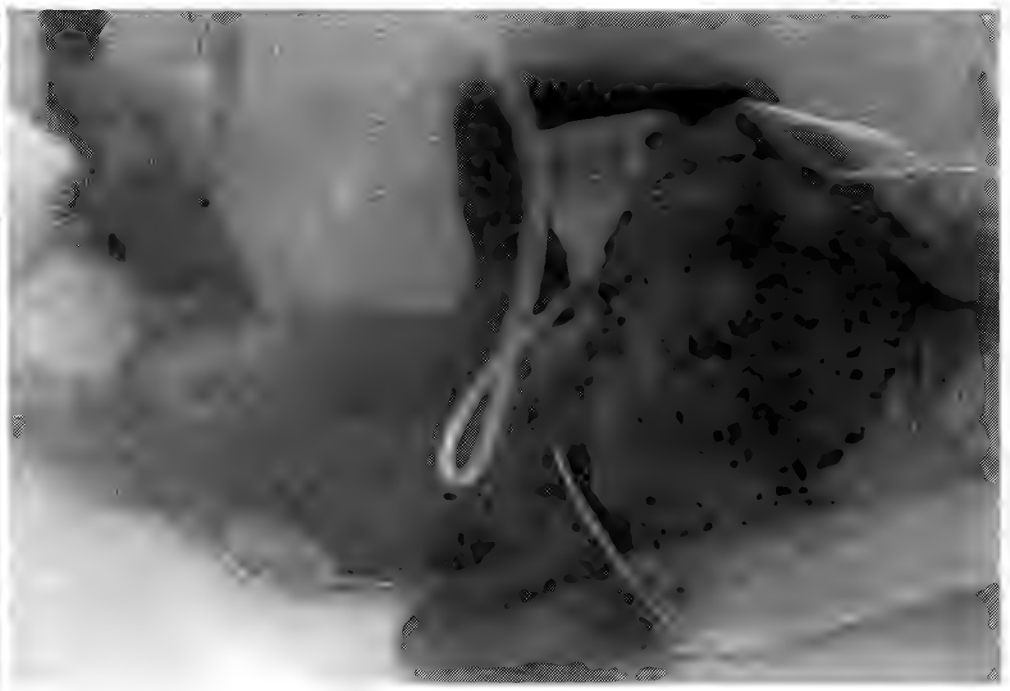
Quanto aos vírus da Hepatite B e da Sífilis, apesar de também ser necessário um acompanhamento especial, já se pode fazer um tratamento precoce à mãe.

Os filhos das mulheres alcoólicas, toxicodependentes e mesmo fumadoras sofrem, frequentemente, de um sidroma de privação que se caracteriza por uma intranquilidade e um nervosismo excessivo que pode mesmo chegar a convulsões.

O sindroma alcoólico-fetal é o mais facilmente detectavel: os bébés têm um peso inferior ao normal, atraso que muito provavelmente se vai manter, e têm características faciais semelhantes.

Os problemas respiratórios, as mal- formações e os nascimentos prematuros são as principais causas directas para a mortalidade infantil. A doença de Menbrana Hialina-quando os alvéolos não ficam distendidos por excesso de sufactante-, pneumonias e aspiração de mecónio no utero da mãe são os principais problemas respiratórios, que podem causar a morte por asfixia.

As mal-formações incompatíveis com a vida exigem, por seu lado, uma intervenção rápida e por vezes complexa. A hérnia diafragmática é uma das mais comuns: os orgãos ficam no torax, o que irá causar uma asfixia grave por falta de espaço para o funcionamento dos pulmões. O esófago interrompido e a imperfuração anal são também de relativa frequência. O ofocelo e o menin-



gocelo, situação em que os orgãos saem do corpo pelo umbigo ou pela linha da coluna vertebral, causam infecções graves quando não há uma rápida intervenção cirúrgica.

Quando as grávidas têm menos de 16 anos ou mais que 40, as mal-formações tendem a ser mais frequentes.

A falta de peso é um dos problemas que mais encontramos nos cuidados intensivos da Estefânia. Os recém-nascidos têm peso a menos para período de gestação, o que lhes pode causar variadíssimos problemas. Isto acontece não só com os prematuros mas também com aqueles que tiveram uma gravidez de normal duração. Estes últimos, asseguram-nos os médicos do Hospital Dona Estefânia, são de mais difícil recuperação.Os problemas circulatórios e cardíacos também afectam alguns recém-nascidos. Na Estefânia, por exemplo, 17 por cento das intervenções da equipa de neonatologia prendem-se com problemas circulatórios. Segundo soubemos o laboratório deste hospital não tem condições para funcionar satisfatoriamente, e por isso tem de se pedir para fazer análises a outros hospitais ou mesmo a instituições privadas.

Mas as causas da mortalidade perinatal e infantil não são unicamente patológicas. São, em grande medida, sociais. Gomes Pedro, pediatra, defende mesmo que é a este nível que se tem de trabalhar mais. «**Através do modelo patológico, base de formação de quase todos os médicos, nós podemos conseguir atender os que vêm às nossas consultas, mas não os que não acreditam em qualquer intervenção, nomeadamente médica. Para esses, que têm não só fome de alimento, mas também fome de amor, de bem estar e de qualidade de vida é necessaria outra filosofia e outras estratégias, pois se eles não vêm até nós, temos nós de ir até eles**» diz Gomes Pedro que defende, como principal solução para favorecer este «**modelo social**», uma nova formação, sobretudo na pré-graduação dos médicos. Para pós-graduados este pediatra participou na criação do **Centro de Estudos dos Comportamentos Infantis e Familiares**, que pertende sobretudo abordar os problemas sociais da pediatria.

O stress é uma das causas de morbilidade e mesmo de mortalidade infantil. A instabilidade e o desiquilíbrio familiar durante a gravidez também podem ter sérias repercursões na saúde da criança. As mães solteiras são, por isso, um grupo de risco a ter em atenção. Neste prisma a dissolução familiar é, para Gomes Pedro, um dos problemas mais sérios que se põe à pediatria de hoje. «**O pediatra não é só o médico da criança; é o médico da família e da sua circunstância**» reforça.

Depois vem o parto. É integrar numa família mais um membro, «que em álgebra pode ser muito simples mas, ao nível familiar, é um processo muito complexo». Tudo começa com a vinculação do bébé à mãe. Depois do nascimento da criança, o seu afastamento da mãe, por uma hora que seja, pode ser fatal para o futuro relacionamento com a familia.«**Têm de se acabar de uma vez por todas com com os berçários**» afirma o pediatra. No Hospital de Santa Maria, como na maioria das instituições, eles continuam a existir.

O bem estar da mãe no parto é outra das prioridades. A maioria das grávidas não tem a companhia dos pais durante o nascimento do seu filho. Nos Estados Unidos, quando é impossivel a presença de qualquer familiar ou amigo da grávida durante o trabalho de parto, existe uma pessoa destacada só para a apoiar moralmente, na medida do possivel. Chama-se **DOULA** e o pediatra Gomes Pedro avança com a ideia para Portugal.

No Hospital Dona Estefânia, como em todo o lado, o principal problema continua a ser a falta de pessoal. Os médicos da Unidade de Recém-Nascidos de Alto Risco só assistem a partos das 9 horas às 15.30. Se acontece alguma coisa, fora deste horário, na Maternidade Magalhães Coutinho, anexa ao hospital, lá vai o pediatra a correr de um lado do Hospital para a Maternidade. «**Nem sempre chegamos a tempo**» disse-nos a especialista em neonatologia, Micaela Azevedo de Cravalho.

Sem estes especialistas, os obstetras que assistem ao parto podem não conseguir solucionar problemas imprevistos e mais complicados. Casos há em que a actuação de um médico sem a especialização de neonatologia pode piorar uma situação a ponto de ser fatal.

No Dona Estefânia, quando uma criança de alto risco é transportada da maternidade para o Hospital, para receber cuidados intensivos, é levada numa incubadora de transporte, pela rua, faça chuva ou faça sol. Isto porque não há uma única comunicação entre a Magalhães Coutinho e aquela parte do hospital, e no entanto são colados um ao outro. A burocracia é a culpada, explicam-nos.

O Governo declarou guerra à mortalidade infantil. Aparentemente vai começar pelo mais urgente: as condições de apoio à mãe e à criança. Nesse sentido avançou com o Programa de Saúde Materna e Infantil que só para a primeira fase pretende abranger todos os hospitais centrais e 18 hospitais distritais, ou seja, 80 por cento dos partos realizados no continente

Alem da coordenação entre os hospitais e os cuidados primarios o Programa pretende aumentar significativamente o pessoal hospitalar, desde enfermeiros a especialistas a níveis que oscilam entre os 36 e os 107 por cento. Também teremos novos hospitais: mais 18 em todo o país.

Por outro lado, o Ministerio da Saúde espera poder aumentar em 44 por cento a capacidade actual dos cuidados intensivos e em 88 por cento a dos cuidados especiais. Equipamento adequado para todos os hospitais e centros de saúde é outra das promessas. Com quase dois milhões de contos tudo isto será feito até ao final de 91. Se nem mais uma criança morrer, devido à descoordenação do sistema de saúde, o Governo está de parabéns. O objectivo é sempre o de chegar ao zero nas taxas de mortalidade infantil, como nos disse um pediatra.

O OLHAR EM DIA

TEXTOS
JORGE FALLORCA

Já não surpreende se, ao folhearmos uma revista estrangeira de arte (Art Forum), lermos o nome de Julião Sarmento entre os artistas que integram o calendário das principais galerias espanholas. E menos surpreende que o artista não tenha sobrecarregado as redacções por esse facto, distanciando-se da política do jogo de berlinde que ainda caracteriza qualquer participação de artistas portugueses no estrangeiro.

Quando Julião Sarmento expõe sete acrílicos sobre tela na Galeria Marga Paz, em Madrid (como Leonel Moura na Galeria La Maquina Española), isso decorre naturalmente da sua internacionalização, e é paradoxalmente mais fácil, do que podermos ver em Portugal trabalhos inéditos de Vieira da Silva ou Costa Pinheiro.

Desconhece-se se esses sete trabalhos expostos em Madrid, fazem parte dos que Sarmento pintou durante o Verão em Los Angeles, para o *dealer* Michael Kohn, ou se integraram a sua participação na recente Feira L A'89, através da Galeria Cómicos, de Lisboa.

Ainda em dia com:

Costa Pinheiro - auto-retrospectiva na Fundação Gulbenkian (**La fenêtre de ma tête**) e a oportunidade única de vermos no Centro de Arte Moderna, a série **Os Reis**, acompanhada dos estudos. Ver entrevista na «Mosca» de dia 22.

Cristina Ataíde - Suportes e Contentores, objectos em mármore e ferro que a escultura criou para utilização imediata. A arte pode ser útil, e o útil não tem que ser *kitsch*..

Livraria Barata, Av. de Roma, 11.

Cruzeiro Seixas - última semana da exposição antológica do Artista do Ano/SocTip, e que foi palco, além da entrega do prémio, para o lançamento da monografia sobre Cruzeiro Seixas. Ao preço da chuva.

Centro de Arte SocTip, Rua D. Estefânia, 196.

Graça Pereira Coutinho - retrospectiva na Fundação Gulbenkian, onde também mostra os desenhos (que fez para?) da série Monsaraz, juntamente com uma série indiana. Simultaneamente na Galeria Graça Fonseca (Rua da Emenda, 26), onde irrompe melhor a força telúrica da pintura (terra, palha, areia) manuseada por Graça Pereira Coutinho, como se sente na instalação de pigmentos no chão da galeria.

João Vieira - "Última Ciência". Tendo o livro de Herberto Helder como ponto de partida, não se trata de ilustrações, mas de uma nova atitude de João Vieira perante as suas pinturas de letras. Ver entrevista no «DL» de dia 14.

Galeria Nasoni, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 9.

NORONHA DA COSTA UM ECRÃ DE SILÊNCIOS

Foto de Rui Vasco

Se o nome Luís Noronha da Costa pouco lhe diz, imagine quantas vezes não descansou o olhar no grande quadro que ele pintou para o hall do cinema Londres. Ou o mar de azul vertical que o fascinou na retrospectiva da sua obra, a convite da Fundação Gulbenkian, e onde o pintor receia ter-se "alongado um bocadinho demais". De menor duração, 45 minutos, é o seu único filme: **O construtor de anjos**.

À lareira do seu atelier no Estoril, Noronha da Costa falou-nos de "pintar até ao enjôo", e culpa quem chama por *célebre nova crítica*, de o votar a um silêncio que, por o notarmos, quisemos quebrar.

"Essa espécie de recusa à pura menção do meu nome não é um facto recente, e não é só deste ano. Antes pelo contrário, é com o maior esforço que apesar de tudo se mantém esse boicote. Desde a minha exposição na Galeria Nasoni, do Porto (Outubro, 88), e da minha participação na ARCO-89, em Madrid, através da Nasoni, onde se vendeu metade da exposição a coleccionadores espanhóis, o que não é assim tão vulgar no nosso meio para não ter merecido da crítica que hoje tem o poder e me silencia, a menor referência. Repare, não se fala de mim, porque há pessoas bem instaladas em Paris que mandam na chamada *nova crítica*, e como não sou como essas pessoas, **o marxista de ontem e o oportunista de sempre**, é perfeitamente lógico que exista um boicote ao meu trabalho".

Simulação do realismo

«DL» - O que é que neste momento o ocupa?

"Inauguro já no próximo dia 12 uma exposição na Galeria Nasoni, de Lisboa. Tem a ver com os meus trabalhos actuais, onde retomo alguma problemática de trabalhos mais antigos. Ou seja, do écran e da imagem".

«DL» - Trabalhos a que um público menos informado chamaria *desfocados*?

"Pois, embora dentro dessa linha seja difícil identificar-se uma obra por desfocagem, ou difusão, ou como lhe queiram chamar... A verdade é que, um trabalho (e isso acontece com o meu ao contrário do que dirão), não será apenas um conjunto disparatado (no sentido de ser díspar) de experiências, mas, como qualquer outro trabalho, ou tem um sentido ou então não é nada. Se não há um sentido de auto-crítica em relação ao que se faz, então menos será ainda. Actualmente o meu trabalho, tem sido extraordinariamente mal interpretado. A exposição no Porto foi entendida pelo Emídio Rosa de Oliveira e pelo José Augusto-França, e totalmente boicotada pela tal *nova crítica*, que não compreendeu o que eu queria dizer quando falava de **simulação do realismo**, ou de um **discurso sobre o naturalismo**. Já o disse uma vez, e o melhor é passar a ser eu a escrever contra mim. Nesta próxima exposição, procuro analisar, não tanto a representação da natureza como tal, mas a natureza da própria representação".

«DL» - O que é substancialmente diferente...

"Eu penso que é totalmente diferente, e tem a ver com o que de mais significativo poderá haver nas chamadas **novas tendências**. O que me interessa é o puro acto gratuito de pintar. E verificar que, apesar de tudo, dentro dessa **natureza da representação** o que está é o prazer de pintar, e que esse prazer é inútil".

«DL» - Não compreendo a utilidade do prazer...

"Pois, é afinal de contas uma verificação. E dentro dessa verificação, o que é que importa cada vez mais entender? É um bi-polo, cada vez mais nítido para mim, entre a projecção e o objecto. Cada vez mais, é o écran que passa a ser objecto e sobre ele se projectam então imagens".

Destruir a imagem

«DL» - Nos trabalhos que vai mostrar na Nasoni retoma algumas das experiências que há dez anos apresentou no Centro Nacional de Cultura?

"Toda essa fase tinha a ver com um contacto, muito estreito, entre mim e o Marc Le Bot. Ele defendia que o meu trabalho tinha que ver com o que chamava uma **destruição da imagem**. Havia, e para mim continua a haver, a ideia da destruição do valor. Continua ser claro, e via-se bem no último e espantoso texto de Argan, **Arte e Crítica de Arte**, que a retomada da figuração não é de maneira nenhuma uma retomada do figurativo. Todo o valor se perdeu. O valor que pertencia a uma época, que tinha que ver com o artesanato, no qual a arte tinha, em última instância, o valor religioso. O entender que, do ponto de vista da percepção, numa mesma tela se poderia ocultar duas partes que eram incompatíveis visualmente, tinha que ver com o atirar do nosso olhar para fora do quadro. Portanto, deixava de ser uma atitude contemplativa, mas anti-contemplativa. Nessa experiência, e ao longo de outras, não é por acaso que tem algum significado o facto de eu ser português. Porque nós, portugueses, vivemos num mundo da não-imagem, e não num mundo da imagem codificada. Continuo a pensar que este século, é por excelência o século da imagem. E se há um país onde a arte do século XX fica perfeitamente codificada, são os Estados Unidos".

O mesmo sobre o mesmo

«DL» - Evidentemente que se refere ao cinema. E o seu cinema?

"Bom, eu não sou realizador cinematográfico..."

«DL» - É o que habitualmente consta no seu curriculum.

"Sabe, o curriculum nem sempre é organizado por mim... Mas também não renego, e continuo a defender que gosto da única fita que fiz, **O construtor de anjos**. De qualquer maneira, o meu contacto com o cinema tinha que ver com as experiências que eu então fazia com objectos e imagens. Tinha que ver com o facto de filmar. Em 1972, vivia no Campo Pequeno, e quando simulava efeitos de luz sobre ampliações de grandes textos de Heidegger e Nietzsche, estava bastante interessado em projectar o mesmo sobre o mesmo. E aqui, entenda no sentido literal do termo. Nessa altura, filmava durante três minutos (câmara fixa sobre tripé, 16 mm, zoom para a frente, preto e branco) do primeiro andar onde eu vivia, o primeiro andar oposto. Ao fim desses três minutos, abria, e sentia-se como que a deslocação do prédio. Esses filmes pertencem hoje à Cinemateca, e quem poderá fazer alguma coisa com eles, e também com as projecções sobre redes e modelos da estatuária clássica, são os responsáveis da Cinemateca".

«DL» - Ficaram por aí as suas experiências no cinema?

"Ficaram. Tinha um outro projecto para um filme, defendido por alguns cineastas que não vou mencionar, mas os *entendidos* opuseram-se. Voltando ao totalitarismo da *nova crítica*, não me venham falar da Roménia..."

«DL» - Curiosamente, o seu quadro mais público está no hall de uma sala de cinema.

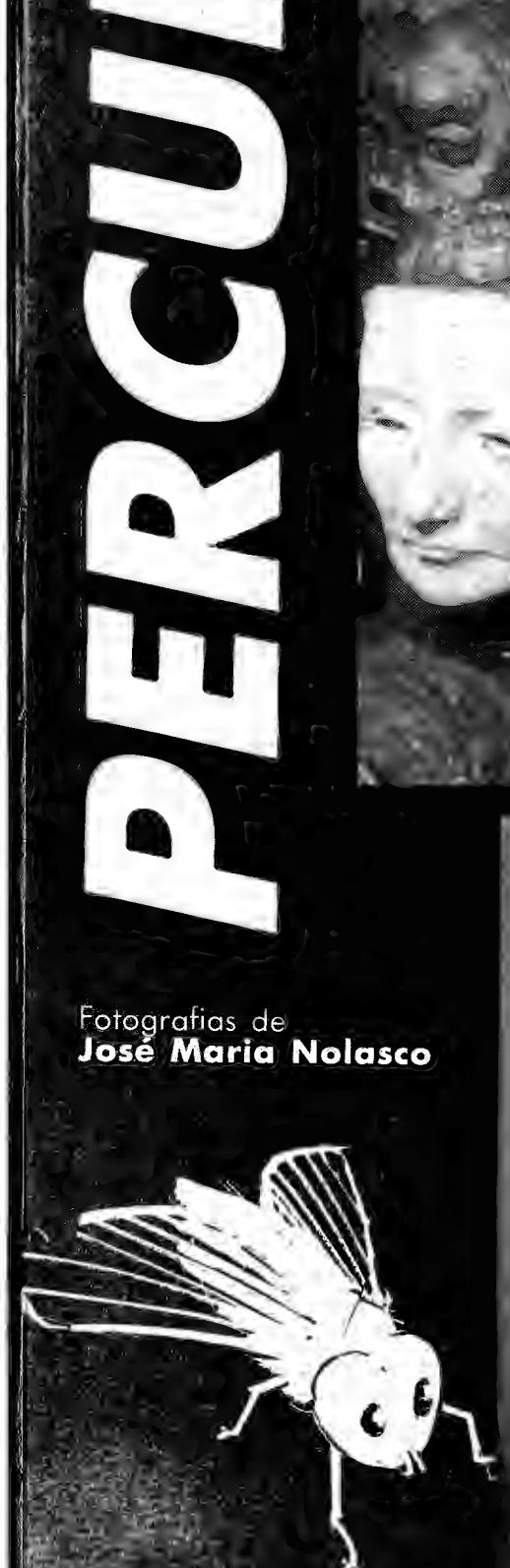
"Esse quadro que está no cinema Londres, e é propriedade da firma Castello Lopes, tinha que ver com um período do meu trabalho em que me interessava analisar as grandes oposições entre um lado quase obsoleto da matéria, evocadora de um retardo barroco de origem germânica, e a imaterialidade da imagem. Era essa situação propositadamente incongruente, que escandalosamente se opunha às correntes de então, como a **arte povera**, e etc. ..."

«DL» - Especulou-se um bocado à volta da grande exposição que fez na Fundação Gulbenkian...

"Foi em 83. Como o tempo passa, não é? Essa exposição, e com os anos poderei ter um recuo crítico em relação a ela, quiz ser por parte da Fundação uma retrospectiva minha, e não só uma exposição. Se me alarguei mais numa ou outra zona, isso foi da minha total responsabilidade. Volto a insistir, a exposição tinha-me sido proposta há bastantes anos pela Fundação Gulbenkian, antes da *jovem crítica totalitária* dizer que essa exposição foi feita por cunhas. Isso é difamatório e falso!

PERCURSOS

Fotografias de
José Maria Nolasco



A máscara institui uma violenta dualidade com o rosto, e a junção de ambos encerra o segredo de uma nova melancolia, restituindo ao mistério o que nunca deixou de lhe pertencer. Há máscaras como rostos e rostos como máscaras, numa ambivalência entre a pele e a carne só quebrada pelas máscaras vazias.
Privadas da sua armação interior, as máscaras são signos que se podem virar e revirar, imunes ao tempo e à vida, mas é sempre através delas que aprendemos a reconhecer as linhas de força ideais de um rosto, com a tormenta a volúpia, ou a frescura ingénua que lhe são próprias.

O muro de Berlim ruiu e agora não é mais do que uma gigantesca peça de "pop-art". Depois destas fotografias terem sido tomadas, muita água correu sob as pontes do Spree, e ainda mais sob as do Moscova, graças a um desses saltos de que a história tem o segredo. Como se o mundo fosse a arena de um Grande Rodéo em que nenhum "cow-boy" consegue equilibrar-se sobre os animais furiosos...

PERC

CURSOS

MÚSICAS

TEXTOS DE
RUI EDUARDO PAES

OBLÍQUAS

John Delafose e os Eunice Playboys, e também Willis Prudhomme com os Zydeco Express

MUNDANIDADE E DANÇA

Sobre o cosmopolitismo tendencial dos nossos dias...

Vá-se lá saber porquê (e nestes deslumbres, de facto, mais vale não pensarmos nisso, porque os melhores «mistérios» são aqueles que nem sequer nos ocupam), dá para entender que o cosmopolitismo tendencial dos nossos dias tem um parente, menos sério sem dúvida, mas mais «joyfull», como dizem os americanos: é a mundanidade. E a mundanidade, senhores, é estar de pé sob os focos de luz, se bem que eles se apagem intermitentemente, com o copo na mão, o ritmo a motivar-nos o corpo e o social compondo-nos a cabeça.

Daí que tenhamos de concluir que as auto-intituladas «músicas de dança» são sempre mais do que aquilo que são - subterfúgios. As pessoas gostam de viver as noites, e por mais que passem as modas, os estilos, os costumes para preenchimento de boémias e lazeres, ou a vocação por certos lugares, a verdade é que dançar continua e continuará a ser uma prática óbvia e centralizadora. Andamos cansados, isso sim, de mexer os membros à toa, como se a dança fosse um mero exercício físico de regras mínimas e sempre repetidas, independentemente da batida escolhida pelo disc-jockey. O que nos deu a América de novo para dançar? O New Beat, que é uma chatice, e o Acid Jazz, que é uma fraude. O Hip Hop, o Rap, essas são danças de rua que nunca saberemos cultivar, por uma questão de distanciamento e estranhamento culturais: o Quarto Mundo ainda está mais longe que o Terceiro.

E a Europa? Nada, porque se a Europa que temos não é mais do que uma América com História (o inverso não é verificável, ou seja, a América de modo algum é uma Europa sem passado), pelo menos deu-nos isto, que é bastante melhor: a noção, ainda que pouco consciencializada, de que é preciso procurar novas origens justificativas para o desejo de dançar. E quando se diz «novas» quer-se dizer exteriores, ainda que tais exterioridades originais já estejam dentro do nosso espaço. Os franceses andam fascinados com o Rai, essa espécie de «disco» árabe? Pois sim, mas isso porque os maometanos andam por lá e fundiram as suas tradições musicais com os módulos da música ocidental de consumo. Os portugueses começam a dançar mornas e coladeras cabo-verdianas? Certo, mas para isso não foi preciso voltarem os colonos, que pouco parecem ter aprendido das culturas locais apesar de tanto tempo e de tanta argumentação oficial. Foi preciso, isso sim, que viessem os emigrantes de Cabo Verde, que fossem vindo, e que se instalassem, que furassem o ghetto com que os isolaram.

Najma, a pop indiana

A indústria multinacional da música, na qual os britânicos são tão fortes, ou quase, quanto os americanos, descobriu... maravilhada o canto bilqaro? Não é para admirar: do lado de cá já não acontece nada de novo, Boy George é preso por posse de drogas, o fundador dos Level 42 morre com Sida, episódios assim é o que conta, e afinal a Bulgária é mesmo aqui ao lado. Descobrimos que nos States há outras músicas que não só aquelas que ouvimos na rádio? Que tal acontece em todos os países de um Ocidente confuso e hesitante, sem saber já o que fazer a seguir? E que de lá longe, da Índia, nos chegam músicas que até se aproximam da nossa pop comum e indistinta, com essa vantagem consumível acrescentada a um exotismo absolutamente essencial? Que em África já compreenderam que nos podem apaparicar o gosto fundindo as características da sua ancestralidade com os nossos próprios recursos, da tecnologia instrumental à arquitecturação de um som conformizado que depois é devolvido ao início como regra? Sim, descobrimos. Descobrimos nós e descobriram eles, os «outros», os que agora nos alimentam um imaginário musical esgotado mas ainda assim arrogante.

Os exemplos somam-se e vêm invariavelmente com a informação de que se trata de música «para dançar», ou seja, para não levar muito a sério e ainda que em notas de contracapa se leia que «a música folclórica e a dança folclórica não são peças de museu mas um complemento valioso para a vida contemporânea». É o que consta, precisamente, num disco da Rounder, editora com base nos Estados Unidos distribuída em Portugal pela Dargil, sumariamente chamado «Sebó» e protagonizado pelo Sebó Ensemble de Zoltán Kodály. Trata-se de uma mostra da música húngara, tocada na Idade Média em instrumentos tradicionais como a lira, o gardão, a viola de arco com três cordas, o nyenyere ou o tárogató. Todavia, as palavras cantadas pelos elementos do grupo são de poetas actuais, o que é uma forma de iludir o tempo, igualando os seus termos e traçando um sentido global em que nada fica de fora. Saberemos nós dançar isto? Provavelmente não, mas evidencia-nos uma compensação, anuncia-nos uma alternativa...

Outro Rounder deixa-nos ouvir gravações de música Zydeco feitas num clube nocturno de Lawtell, na Louisiana, EUA, uma espécie de blues campónio para acórdeão e «rubboard» e geralmente interpretado em francês - New Orleans fica ali ao pé, atente-se. O título é «Zydeco Live!», juntando John Delafose com os seus Eunice Playboys a Willis Prudhomme com os Zydeco Express, respectivamente nos lados A e B. Não é para ouvir sentado no

cadeirão, e sim para dançar à maneira rural. As raízes estão no Cajun crioulo, o que é particularmente constatável em Delafose, e há um balanço meio afro, meio Caraíbas nesta música que é encostada à folk mas quase nada tem a ver com ela, parecendo mais ambígua a sua caracterização, mesmo que Prudhomme diga prosaicamente que aprendeu a tocar harmónica ensaiando «em cima do tractor».

Aponte-se também uma Najma Akhtar, cantora hindu hoje residente na Grã-Bretanha e que a Triple Earth Records registou num longo CD comercializado entre nós pela Contraverso, intitulado «Quareeb» e convenientemente traduzido para «Closeness». Não é música «clássica» da Índia, maneira elegante de designar a tradição musical daquela nação do Oriente, mas música pop indiana. As tablas de Naushad Sheikh e o peculiar violino de Navazish Ali Khan misturam-se com os teclados electrónicos de Ian Terry e os saxofones de Ray Carless, e a própria Najma não é inteiramente fiel aos seus arquétipos músico-culturais, aliviando a autenticidade para facilitar a exportação mas também as importações do Ocidente. Dançar este compacto implica pois outras leviandades mais mundanas do que a simples curiosidade pelo que é diferente.

E o que dizer sobre Les Ambassadeurs, velho agrupamento em que despontavam Salif Keita e o guitarrista Kante Manfila, quando o primeiro ainda não era a estrela pop que hoje é, numa fase menos incondicional (corria o ano de 1984) testemunhada por um disco agora em circulação com selo Rounder, graças à Dargil? «Dance Music from West Africa», consta como título. A guitarra está claramente influenciada pelo kora, na tradição dos griot (a música como meio para uma educação completa), mas também na dos mandinga, e se é claramente um álbum para o mercado extra-africano é simultâneamente um meio de entronização do modelo ocidental nas Guinés Conakry e Bissau, Senegal e Mali, contexto de onde esta música parte, ilustrando - como cada um dos casos aqui indicados - os nomadismos e derivações do nosso tempo, apostados em «afirmar a necessidade de uma lei, de uma unidade e de uma universalidade para nos "libertarmos" da "natureza", dos programas genéticos, dos enraízamentos», segundo a ideia de Guy Scarpetta no seu «Elogio do Cosmopolitismo». «Nós somos os filhos de Babel, irrevogavelmente», afirma mesmo o ensaísta francês.

O cosmopolitismo é uma questão pública, uma questão de espaço, ou melhor, de espaços cruzados. De cada lado surgem as setas e não há ninguém que não seja apanhado a meio. E como é uma questão pública e espacial, é uma questão política («cosmopolis») e por sê-lo é também uma questão económica, porque descreve no fundo os fluxos e refluxos próprios da circulação capitalista. A mundanidade é apenas um fenómeno de relativa privatização ou nuclearização, uma ilusão mediadora, um aconchegamento que reduz o planeta à dimensão da aldeia global.

«Free Terminator», dos Santa Maria Gasolina em Teu Ventre

— um exemplo maior

COSMOPOLIS

A condição cosmopolita não tem apenas a ver com um embaralhamento de origens, fenómeno inaugurado pelo Novo Mundo que o fim dos colonialismos europeus, a teia multinacional do dólar, a emigração e a cada vez mais livre circulação pelo mundo ampliaram até dimensões inauditas. Na Babel contemporânea o desenraízamento é uma consequência, a tal ponto que as mais remotas referências culturais, no sentido antropológico e «fundador» do termo (geralmente ligadas à terra e à natureza), dão lugar a outras ligações, as imediatamente proporcionáveis em meio metropolitano. A falar-se em «folclore», neste tempo pós-industrial e informático, só se for a respeito de um folclore urbano...

Folclore urbano é o que tocam, no rectângulo português, os Santa Maria Gasolina em Teu Ventre, grupo com um nome estranho, provocador quanto baste, delirante e brutal, autor de uma música feita de metal sonoro, magma de distorções e «feedback», do qual surge ocasionalmente a hipótese de uma ou outra linha melódica que automaticamente se destroem. Não será Portugal o cenário mais correspondente ao universo «futurista» que o projecto de Jorge Ferraz e Vítor Inácio propõe como escatologia rock deste fim do século. Outros países, outras geografias estarão mais perto da hecatombe anunciada nas espiras de «Free Terminator», LP que a Ama Romanta acabou de editar: tome-se em conta, porém, que é a distância ainda mantida, neste canto do planeta, com a urbe «blade runner» que faz a estranha lucidez dos temas deste disco desencantado, violento, apocalíptico, mas que de modo algum se pretende exorcizante. «Free Terminator», dos Santa Maria Gasolina em Teu Ventre, compraz-se ostensivamente com a maldição.

Não encontramos vínculos «realistas» na sua música, foi tocada aqui como poderia ter sido em Bruxelas, em Roma, Berlim, Nova Iorque ou São Francisco. A condição cosmopolita corresponde à indeferenciação mais absoluta, e consiste na substituição dos valores de raíz por esse outro, totalizante, completo, uno e abrangente, que é o valor da fabricação artificial, indiferente a toda a ecologia. Não há nada, numa cidade, e muito menos na sua cultura, que seja natural. Os Santa Maria Gasolina em Teu Ventre tocam música «junk», «trash», música de dejectos e de restos, música de retalhos e de excedentes. Reconhecemos alguns dos seus elementos, mas não é difícil porque são os que estão aqui e agora, e afinal de contas, são esses os instrumentos do nosso imaginário urbano e as «luzes» da nossa utopia negativista: a B. D. de Hulk e do Homem-Aranha, a poesia de William Burrroughs, as flores carnívoras de Mapplethorpe, as guitarras metabólicas dos Sonic Youth, o sexo excremental de Cicciolina, as imagens televisivas de Beirute ou de Bucareste, filmes de «cowboys» e de ficção científica, computer magic e cocaína, o pânico «literário» de Martin Amis ou a loucura de Estado de Kadafi.

Música de antecipação mais do que espelho da realidade circundante, mas curiosamente uma música que contraria a sua aparência extrovertida porque reflecte, afinal, um estado de espírito obcessivo, destruidor, investido, «subjectivo», percebemos que a carga impulsiva de «Os nossos presos políticos nunca usaram calças de ganga» ou as palavras acutilantes de «Era uma vez um preto com Sida» podiam ser as de cada um de nós, como se de uma marca geracional se tratasse. Das práticas musicais «noise» que, sem saber, John Cage fundou (tudo, os antigos Laibach e Sprung Aus Den Wolken, S. P. K. e Étant Donnés, Einstuerzende Neubauten e Test Department), do free-rock das margens experimentalistas sobreviventes (Butthole Surfers, por exemplo), aos psicadélicos dos anos 60 (Hendrix, Velvet Underground, Greatful Dead) e ao punk de 70 (Damned, Disorder), está lá tudo. Só não se percebe o que é definitivo, onde colam as coisas, o que perdura com os mesmos contornos com que foi introduzido. Quer dizer: o acto de referenciação não se esgotou, concentrou-se, entrou em circuito fechado.

A vantagem dos Santa Maria Gasolina em Teu Ventre está na capacidade rara de converterem os dados que manobram, em vez de simplesmente os mastigarem. Sem dúvida que o mundo que denotam é restrito à campânula que envolve o seu urbanismo, e que não é só devido à subjectividade (apesar das leituras «sociais» das partes faladas no disco) que não lhes encontramos vocação realista: o horizonte de Jorge Ferraz Martins, músico que sobressai do quarteto, é cibernético, alucinatório, ficcional. «Free Terminator» é um caleidoscópio, as suas cores explodem minuto a minuto e no entanto... No entanto, a figura feminina que faz pose na capa do LP diz ao pistoleiro, num castelhano cosmopolita, que a enfastia morrer tão jovem. Um último clarão antes do «day after»? Talvez não, porque se esta música está do lado do Mal e do indizível (ou seja, do que não nos pertence, do que nos subjuga), a verdade é que «já não se ocultam as coisas, pelo contrário, mostram-se e quanto mais se mostram menos eficácia elas têm», como disse o líder dos Santa Maria Gasolina em Teu Ventre em entrevista ao «Blitz». Provavelmente o «day after» já passou e o evento nem sequer merece grande importância, porque com ele ou sem ele é de tédio que se trata: esperamos pelo que parece já ter acabado, e desconfiamos das glórias do Juízo Final...

Capa de «Free Terminator»

ÁFRICA AQUI

BANA — UMA VOZ COM A DIMENSÃO DUM PAÍS

MARIA JOSÉ BELO MARQUES

Este ano já não há mais "Mosca", por isso também não há mais África Aqui. Nesta rubrica apresentaram-se e deu-se a palavra a artistas africanos residentes em Portugal que o público desconhece, ou com quem distraidamente se cruza. Mas para fechar o ano era justo dar espaço a um nome grande da música africana que, apesar disso, raramente merece atenção por parte dos média. Nesta condições havia muito por onde escolher também, pesando talvez o gosto pessoal, é a "voz de Cabo Verde", Bana, que tem a palavra.

É uma figura polémica. Odiado e, simultaneamente, adorado, inegável tem sido o seu contributo para a divulgação da cultura cabo-verdiana. Pela mão de Bana vieram para Portugal músicos, hoje reconhecidos por um trabalho de qualidade, caso de Paulino Vieira, Tito Paris e Armando Tito, entre outros.

Voz e sentimentos únicos , quando interpreta as mornas da sua terra, hoje com quase trinta anos de Portugal e cinquenta de música, Bana mantêm uma personalidade, profissionalismo e jovialidade invejáveis.

Foi pela polémica que começámos a nossa conversa:

- Se muitos músicos cabo-verdianos reconhecem ter tido por parte do Bana estímulo e apoio para desenvolverem o seu trabalho, em Portugal, muitos outros há que o acusam de os ter mal-tratado. Porquê estas posições radicais? Onde está a verdade?

«Noventa por cento dos músicos cabo-verdianos, que aqui estão, fui eu que ajudei a vir. Porque penso que todos nós temos direito a procurar uma vida melhor, fi-lo sem ser por obrigação. A mim nunca ninguém me ajudou, nem na minha terra, nem no estrangeiro, à excepção de três pessoas que nunca esquecerei. Das pessoas que ajudei a vir para Portugal só, talvez, um por cento reconhece ter sido eu a ajudá-la e que o recebi com dignidade.»

- E isso acontece porquê? É uma questão de ingratidão?

« O cabo-verdiano, em geral, é ingrato. Mais ingrato ainda para as pessoas humildes, que o trata como companheiro, só não é ingrato por subserviência para com quem considere mais importante que ele próprio.»

- Uma outra questão, que tem sido por várias vezes especulada, relaciona-se com o facto de nas inúmeras actividades culturais promovidas pela Embaixada de Cabo Verde o Bana nunca ser convidado para nelas participar. O Bana, a Embaixada e o governo de Cabo Verde estão zangados?

«Só tenho bem a dizer do governo da minha terra. Fui até Cabo Verde, por minha alta recriação, para explorar um hotel, onde durante dois anos estive a gastar dinheiro sem nunca ganhar um tostão, mas nunca um empregado meu passou um único mês sem que ao dia 25/26 recebesse. Eu queria estar na minha terra a viver. Nunca fui a Cabo Verde à procura de fortuna, por que para isso tenho as portas do mundo todas abertas por mim. O governo de Cabo Verde e o Presidente da República encomendavam-me as suas recepções para visitas de Estado. Eu fi-las sempre com o coração. Vim-me embora, única e exclusivamente, por ter sido vigarizado, de forma grave, por um indivíduo, lá. Com a Embaixada também não tenho nenhum problema, acontece que os embaixadores mudam, e cada um tem a sua maneira de ver as coisas. E eu aceito. Não ligo a essas coisas de ser convidado ou não. Embora me sinta orgulhoso quando chega um convite desse tipo. Procuro em tudo o que faço, sempre, deixar bem visto o nome da minha terra.»

Carregou B'leza ao colo
- hoje carrega-o na voz

- Ouvi, um dia, o Bana recordar o tempo em que privou com o, se me é permitido, maior compositor de mornas cabo-verdiano, B'leza, em São Vicente, também sua ilha natal. Como foi essa amizade, tão grande, que faz com que até um gesto de mão fechada, quando canta a morna, tenha herdado do compositor?

«Hoje, há muita gente que diz ser amiga de B'leza, o que para mim é um espanto, porque eu conheci-o melhor que qualquer uma dessas pessoas. Quando precisou desses tais "amigos", não estiveram presentes. Por isso, quando hoje os ouço falar, para mim, não passa de uma chachada. Na altura em que B'leza, inválido, precisava desse apoio, eu era estivador, quando não tinha trabalho passava por casa dele, carregava-o nos meus braços, carregava-o no seu carrinho, vivi todos os seus problemas, durante os dois, três anos, em que morei com ele. Aprendi muita coisa com o B'leza, com franqueza, até na maneira de interpretar. Se não tivesse aprendido com ele, eu era mais um intérprete de Cabo Verde, como muitos, vulgar. Adiantar compasso ou atrasar compasso, quando canto, ligar as frases para descansar, tudo aprendi com ele.»

Foto: Maria Emília Prazeres

Bana: quando canta até no gesto está b'leza

- Hoje, o Bana é um nome familiar a quase toda a gente. Foi difícil consegui-lo?

« Não tenha dúvida. Primeiro era cabo-verdiano, e depois filho de gente humilde, na minha família não tinha doutores, ministros, passei muitos maus bocados que só ultrapassei com a ajuda das pessoas que referi: Aguinaldo Arnaud e Avelino Barreto. Talvez eu seja um cabo-verdiano diferente, não sou ingrato.»

- Da época, anos 60, em que começou a cantar em Portugal, e hoje, há uma maior aceitação da música africana, por parte do público?

« Hoje as pessoas aceitam muito mais o folclore africano. Por exemplo, aqui, na minha casa, o Monte Cara, vê a quantidade de portugueses que aqui vêm provar os nossos pratos e ouvir a nossa música. Isso põe-me satisfeito e permite-me continuar a ajudar os meus patrícios.»

Bana denuncia a falta de apoio das editoras à música africana, em Portugal, principalmente em contraste com o que se faz em França. Lembra que só no Senegal conseguiu editar o seu primeiro disco. Tudo isto, ainda hoje, é incompreensível para si.

Um homem
sem motivo de arrependimento

- A sua casa, o Monte Cara, não é excessivamente cara, mas também não tem preços acessíveis. Muitos cabo-verdianos não terão situação financeira que lhes permita aí ir, para o ouvir cantar. Costuma actuar noutros locais, onde essas pessoas se possam deslocar?

« Sim, de vez em quando, canto em espectáculos acessíveis a todos, só que pouco, porque já estou um bocado saturado e cansado, mas um ou outro sítio ainda vou.»

- O Bana é uma pessoa triste?

«Não. Porquê? Só tenho pena de não ter amigos. Um amigo é um irmão, é tudo, a amizade é duas pessoas que se compreendem bem, se ajudam. Hoje em dia a amizade baseia-se em interesses...e isso não é nada»

- Com cinquenta e sete anos, acha que a sua vida tem valido a pena?

«Tudo valeu a pena, porque vivo à minha maneira. Dificuldades, na vida, contava com elas. Sou feliz porque o que sou consegui-o à minha custa.»

- Há quem o compare à Amália Rodrigues. Que pensa disso?

«Não me considero melhor nem pior que ninguém. Acho que sou mais um cantador de mornas de Cabo Verde. Sou o Bana, mais uma pessoa.»

Recordações, de quase cinquenta anos a cantar, tem muitas, apesar de tudo, mais agradáveis que más. Da vida, também...

Atento a tudo o que diz respeito à sua terra, e principalmente à sua música, Bana tem uma opinião sobre os músicos mais jovens de Cabo Verde, aqui residentes:

«Uma das pessoas que está a fazer tudo pelo folclore de Cabo Verde, e qualquer pessoa o diria também, é o Paulino Vieira. Ele nasceu para o que faz. Há um outro músico que, se não for perguiçoso, pode ir longe e fazer muita coisa, é o Tito Paris. Diferente dos outros é também o Toy Vieira, irmão do Paulino, gosto muito dele, se perdesse o complexo em relação ao irmão desenvolveria muito mais o seu trabalho.»

Este homem que considera o racismo manifestação de ignorância, sonha voltar para Cabo Verde. Enquanto por cá vai estando há que aproveitar a sua voz de ouro, para através dele perceber e sentir a essência da morna. No fim do ano, em ambiente familiar na sua casa, até às quinhentas, Bana promete uma festa de verdadeiro convívio, longe dos pavilhões em que se acaba por estar sempre só.

Com lágrimas nos olhos, e antes de nos despedirmos, fala do seu desejo:

«Gostava que o próximo ano, fosse um ano de riqueza para todos os cabo-verdianos e, especialmente, para o meu país»

Ouvi-lo é viver Cabo Verde.

Procura-se a diferença na noite já gasta, no nome exótico, ou político, do bar. E de repente ela está na capacidade de criar o espaço que permite o olhar. As plantas abrem caminho pela mata que existia, longe dos tectos trabalhados, pintados, dos salões de outrora. Adivinha-se o passado, revisto pelas tranquilas luzes indirectas, teimosamente resistindo aos «spotlights» do apagar da memória.

A NOITE DÁ-NOS «BAILE»

De forma apetecível, lentamente, a noite vai-se em rolos de fumo. Paga-se um copo à solidão, e com ela se bebe em tragos miudinhos. O baile acabou. Guardam-se as «claquettes». O silêncio volta ao salão. No meio da vegetação ecoa o piar, distante, de uma ave nocturna.

Fotos: Ana Bela Loureiro

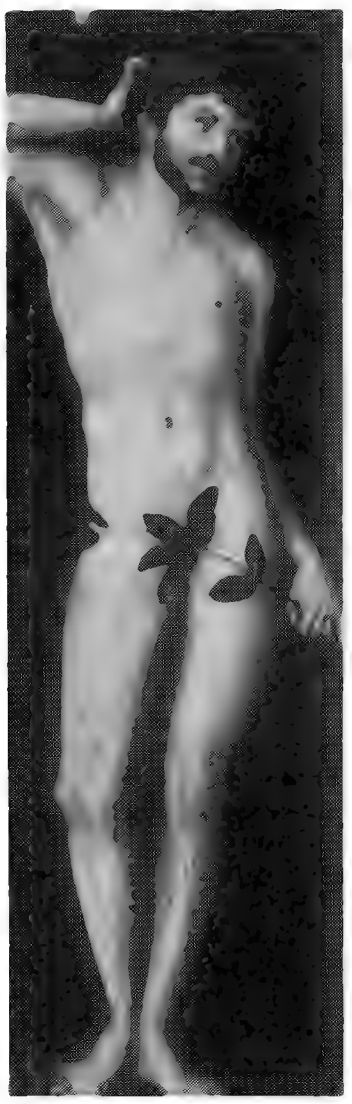
Pelas paredes vivem-se os bailes fotogénicos de Hollywood que ao longo de anos nos acompanharam nas pernas longas de Cyd Charisse, na elegância britânica do americano Fred Astaire, na dança apaixonada, molhada, da cicatriz inquietante de Kelly ou rodopiando de forma canalha com Gardel.

Às vezes consegue-se o milagre, e os ouvidos calçam sapatilhas de dança. Raro é conseguir que num baile haja diálogo, mesmo que em silêncio aparente, mesmo que sejamos interlocutores de nós próprios.

O Baile
Casa Pia Atlético Clube (ao Conde Barão)
Aberto todos os dias, até às 3h da madrugada.
Música ao vivo com o Quarteto de Paulino Vieira.
Discos por Johnny.
Preços: cerveja 300$00; whiskie novo 600$00.
Há tostas!

M.J.B.M.

ADÃO



Por vezes, no correr da vida quotidiana, cenas há que nos aproximam de páginas muito antigas da civilização dos povos. Subitamente, numa hora do presente, situamo-nos em milénios longínquos, tão preenchidos de linhas e figuras que a confusão nos toma e nos embrulhamos em interrogações sem fim...

Contando, porém.

Encontrava-se o senhor "X", num domingo de repouso, horizontalmente na banheira, ensaboado, um cigarro na boca (era um fumador de todos os instantes), as mãos atrás da nuca, os dedos dos pés em mútuos afagos, quando, estridente, o telefone rompe num longo chamamento. Quem iria atender chamada tão inoportuna...?

É que (um esclarecimento absolutamente indispensável) o sr. "X" achava-se, de momento, sozinho em casa: a mulher tinha ido ao Supermercado, a filha mais velha (tão novinha em anos!) logo de manhã se fora até ao namorado, a filha mais nova (em anos tão precoce!) passava o fim de semana em casa de uma condiscípula - e a empregada doméstica evidentemente se encontrava de folga...

Face a estas ausências todas, à falta absoluta de mãos para levantar o auscultador, só uma solução (uma e só uma!) se impunha: sair o sr. "X" da banheira a fim de atender a chamada telefónica.

- E é que o tipo se não cala mesmo! - resmungou o sr. "X". - Abandonando a banheira, sem trapo que o cobrisse, lá se foi o sr. "X" até ao telefone. Levantou o auscultador, os cabelos escorridos de água, disse:

- Estou...

Nu em pêlo, uma voz jovem de mulher perguntou do outro lado do fio:

- É da casa do sr. Adão...?

Pedro Alvim

TEXTO DE
MANUEL CINTRA

RETRATOS NO TEATRO

EUGÉNIA BETTENCOURT

Esta conversa começa com um encontro marcado no meio da rua, perto de um Chiado ardido. Não sei se foi o destino que nos tirou o Chiado, mas acho que não. Acho que foram os crocodilos, esses que agora, impunemente, se preparam para construir outras Amoreiras. Mas sei que Eugénia Bettencourt, uma das nossas melhores çctrizes anda sem emprego. O prémio que teve em tempos para a melhor actriz no filme de António de Macedo deve ter sido só para assustar, com certeza. Agora, perto de um Chiado ardido, Eugénia Bettencourt encontra-se comigo. E sei que se não foram os mesmos crocodilos que foram deixando de lhe dar trabalho, foram outros, mas que são da mesma raça: enquanto dá jeito, tira-se proveito da actriz. Depois, o melhor é deitá-la fora, antes que nela reparem de mais. E eu, que pouco afecto sinto pelos crocodilos, venho falar-vos desta mulher bonita, actriz e triste.

Eugénia Bettencourt é de origem portuguesa. O seu ar nobre nada tem de internacional. Os seus avós maternos, nos Açores, tinham posses e linhagem, o que permitiu a Eugénia uns primeiros anos de vida felizes, cheios de verdura, de alegria e de amor. Foi na Terceira onde então fazia o serviço militar, que o pai de Eugénia viria a conhecer a mãe, que lá se encontrava de passagem. Foi amor que ele teve á primeira vista: amor intempestivo, violento, apaixonado; antes de se ir embora, rezam as crónicas que convenceu a mãe de Eugénia com ele se casar, subitamente, e partir para Lisboa. Quer as crónicas falem verdade, quer não, o caso é que a mãe de Eugénia partiu mesmo, casou mesmo, e assim veio viver para mais perto de nós.

Depois voltamos atrás. Pergunto-lhe outra vez pela infância, pela sua avó que tinha cavalos e prados, e uma quinta, e os olhos de Eugénia enchem-se de luz: é esse um dos seus momentos de privilégio. Lembra-se de um senhor, ajudante da quinta onde vivia, que a via à janela, pegava nela de passagem e levava-a a passear em cima do cavalo. Lembra-se que o cavalo era vermelho, talvez pelo sol que lhe desse no pelo, e que os verdes e laranjas se misturavam naqueles fins de tarde cheios de magia e de fulgor. Devia ter quatro anos. E esta lembraça que lhe ficou parece ser das mais presentes, embora seja das mais antigas.

Hoje, Eugénia Bettencourt é uma mulher grande, alta, com uma tristeza tão grande nos olhos que seria possível imaginá-la chorar, cada vez que sorri. A vida trouxe-lhe o cepticismo, a amargura, a revolta pela injustiça de um país onde ser actriz, ter qualidade, amar o teatro, são tudo coisas secundárias. Só arranja trabalho quem se «mexe bem», ou seja, quem sabe juntar quanto baste de mentira e de «savoir faire». E esta mulher é pouco dada a mentiras. Fala-me com uma tal franqueza, que chego, eu, o jornalista, a ter vontade de chorar.

Decido mudar de converesa. Pergunto-lhe pelo resto da infância. Já em Lisboa. Responde-me que parou de estudar aos catorze, quinze anos, quando o pai se separou da mãe, para durante outros quinze anos ela nunca mais o ver. O pai, que lhe batia e se entendia mal com a mãe, e que dava assim consistência à história da pistola, e de casamento por intimação. Eugénia largou o liceu. Não chegou sequer a concluir o 5.º ano. Foi preciso trabalhar. Viria a ser ainda muito nova, empregada dos telefones em Cascais, pois morava em Paço de Arcos, numa casa grande, bonita e espaçosa, herdade de avô paterno.

O seu trabalho nos telefones desagradava-lhe: não pertencia ao mundo daquelas funcionárias, que hoje respeita, mas que na altura lhe pareciam sujas e diferentes, diferentes de uma Eugénia que sem saber se preparava já para vir a ser actriz de teatro e mulher.

Aqui interrompo para lhe perguntar se tem medo. Mêdo? Sim, medo do palco, medo de ser actriz e de que o público goste, medo de não ter encontrado o papel. Eugénia diz que sim, que ainda hoje, quando ensaia, tem que decorar o texto em casa, olhar-se dizer o texto ao espelho, e sofre horrores porque acha sempre que está mal, que ainda não chegou lá. Peço-lhe que me fale das suas filhas, Marta de 21 anos e Inês, de 17. Descubro então outra faceta desta mulher: ser mãe é talvez uma das coisas que a vão aguentando na terra. As suas filhas puxam por ela. Nos momentos de desespero, de falta de trabalho, é com as suas filhas que tudo se partilha, que tudo se resolve. Chegámos então a sua casa: uma casa antiga ali para os lados da Praça da Alegria. Uma casa pequena e cheia de vida. A Inês acaba de chegar dos Açores, onde vive, sozinha com a sua juventude. É uma rapariga esbelta, bonita como a mãe, não muito tímida mas tranquila e sorridente. Diz pouco, mas bem. Está habituada a que entrem pessoas diferentes dela lá em casa; actores, actrizes, e embora mais raramente jornalistas. E a Inês vai-se embora, deixa-nos a sós. Aproveito uma troca de impressões entre mãe e filha para ver os objectos espalhados pela casa; o prémio de interpretação não está á vista. Dir-me-á depois que está pendurado na parede, tapado por uns chapéus.

De resto, a casa de Eugénia é a de uma mulher simples. Alguns objectos pequenos, caixas dcorativas, fotos, recordações, levam-me a adivinhar a importância que os amigos devem ter para ela. Pergunto-lhe pois por isso: os amigos.

Os amigos são talvez a parte mais importante. Já teve muitos, agora tem poucos. Tornou-se céptica, foi riscando alguns da lista, foi deixando o tempo trazer amargura e levar outros para mais longe, e acha que exagerou. Que muitos dos seus amigos, daqueles que deixou a pouco e pouco de ver, são pessoas maravilhosas, a vida é que é assim. Mas aqueles com quem actualmente convive, os que ficaram, esses sim: que seria a vida actual sem eles? Sem alguém a quem estender a mão nas piores e nas melhores alturas?

Peço-lhe que torne a falar-me dos seus quinze, dezasseis anos, quando começou a trabalhar como empregada na Companhia dos telefones. Diz-me que já pensou em para lá voltar, pois está tão farta de não ter trabalho como actriz... Mas eu insisto, e Eugénia continua então a contar-me a sua história.

Um dia, era então empregada dos telefones, um homem mandou-a parar na rua, perto da praia, em Paço de Arcos. Virou-se para ela e disse-lhe mais ou menos estas palavras: «você vai fazer a Castro.» Eugénia, que nada sabia de teatro nem fazia ideia do que fosse a

Castro, teve um medo pavoroso do homem, pensou que se tratava de um doido e largou a correr. Esse homem era Carlos Avilez.

Eugénia Bettencourt estava quase a tornar-se Eugénia Bettencourt. Descobriu que um amigo conhecia o tal Carlos Avilez, e que este queria mesmo que ela entrasse na Castro, que estava prestes a ser montada na Guilherme Cossoul. Eugénia não queria acreditar. Avilez, só de a ver passar na rua, sem saber quem ela era, tinha tido a certeza de que a queria escolher para o papel. Avilez, o grande aventureiro, o «homem com pancada' do teatro português, esse Avilez cheio de ousadia e de aventura que hoje, infelizmente, se encontra mais ou menos dissolvido em dinheiro, Avilez convidou-a, Eugénia interpretou um dos papéis principais, e nasceu com muito mais força para o teatro do que ela imagina. Quem a viu, lembra-se bem: uma mulher bonita, estranha, recém-chegada aos palcos, toda a tremer, nascida agora mesmo, para nunca mais deixar de ser actriz. Acha que na noite da estreia alguém a empurrou para dentro do palco. Tinha medo. Tem medo. A vida deu-lhe tudo e agora tirou-lhe tudo. Olha para mim. Tem medo. Está quase a chorar. Eugénia vive em Lisboa, Portugal. Europa? Deixem-me rir... Em qualquer outro país da Europa esta actriz teria solicitações sem parar, ganharia bem, poderia pagar viagens e lições de tudo às filhas; em qualquer país da Europa esta actriz seria actriz a tempo inteiro; as plateias haveriam de se encher, o público de aplaudir. Eu que o diga, que já a vi fazer teatro de muita qualidade, nomeadamente com o grupo OS CÓMICOS, grupo em tempos residente no Teatro do Bairro Alto, e que hoje em dia degenerou em galeria fina. Grupo ao qual pertenciam nomes como Teresa Madruga, Fernando Heitor, Emília Rosa, Antonino Solmer, Maria Gonzaga e tantos outros. Grupo de boa memória, que muitos espectáculos de qualidade fez, em geral com a mão musical de Carlos Zíngaro, que a esse grupo também pertencia. Eugénia era então actriz a cem por cento. O espectáculo em que participou só, «MEMÓRIA COM OBJECTOS», encenado por Antonino Solmer com base no romance RETRATO DE UM AMIGO ENQUANTO FALO, de Eduarda Dionísio, era um monólogo quase mudo que deixou atrás de si, na memória dos espectadores, uma aura de encantamento. Nesses tempos, Eugénia não sabia que a vida dá voltas assim tão radicais. Foi mais tarde viver com o seu segundo marido, também actor, Fernando Nascimento, para os Açores. Lá formaram ambos um grupo de teatro, «A PONTOLHA», com o qual montaram «Guerras do Alecrim e Manjerona» de António José da Silva, e outro grupo, o grupo ENCENA, com o qual montaram «A Sapateira Prodigiosa» de Federico Garcia Lorca. O público da ilha de S. Miguel encheu as salas. O trabalho foi bem recebido. Não havia lá teatro: era portando uma grande achega às teorias, tão faladas, de descentralização. De regresso a Lisboa, Eugénia encontrou, à laia de agradecimento, o deserto.

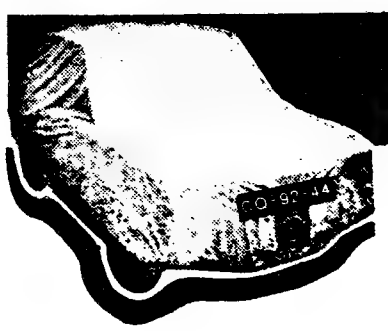
Quem se lembra, é porque viu: há dois anos quase, a peça de Natália Correia ERROS MEUS, MÁ FORTUNA, AMOR ARDENTE, baseada na vida de Camões e encenada por Carlos Avilez no Centro de Arte Moderna, no Acarte, pela mão e empenho da então ainda viva Maria Madalena de Azeredo Pperdigão, a quem tantos rasgos de ousadia este país deve. Lá estava Eugénia: uma indiana, que todas as noites se besuntava de alto a baixo com um creme de maquilhagem castanha, e ia para o palco, fazer sonhar com os Lusíadas aqueles que nunca foram à Índia. Ou fazer adormecer aqueles que não gostam sequer de teatro e ali se encontravam por acaso. Descia uma escada, colocava uma tigela no chão, e chorava. Chorava a sua solidão, de mulher indiana nos tempos de camões. A sua solidão, naquele palco imenso, e quem olhasse com atenção veria que as grandes actrizes choram bem. Choram lágrimas, e aquilo que era ficção torna-se verdade. Eugénia chorava, e o público, calado, sentia talvez o respeito que impõe uma grande actriz quando chora. Eu, pelo menos, senti.

Pergunto-lhe ainda qual foi a peça que preferiu fazer com «Os Cómicos». Diz-me, sem hesitar, que foi «Eden-Cinema» de Margueride Duras, Que foi um dos papéis que mais gostou de fazer na vida. E mais para trás? Ah, FUENTEOVEHUNA, de Lope de Vega. No Teatro Experimental de Cascais, com Carlos Avilez. Assim como muitas outras peças que o TEC, ao qual pertenceu na sua época de oiro, montou.

Outra vez Carlos Avilez. Pergunto-lhe porque é que não ficou a trabalhar no Teatro Experimental de Cascais a seguir a ERROS MEUS, MÁ FORTUNA, AMOR ARDENTE, de Natália Correia, que foi precisamente iniciativa de Avilez. Se Avilez mais uma vez a chamou, porque é que não a chama agora? Sabe que ela está sem trabalho? Eugénia responde que sim. Que Avilez não só sabe que ela está sem trabalho, como até lhe disse que a vai chamar para um dos seus próximos espectáculos. Pergunto então a Eugénia se acredita nesta promessa de Avilez. Diz-me que não sabe se há-de acreditar. Mas todos nós sabemos, no meio teatral, que Carlos Avilez tem o triste hábito de convidar muitas pessoas para os seus espectáculos e depois não utilizar nem metade das que convidou. Talvez por isso a esperança de Eugénia seja tão relativa: também ela conhece Avilez há muitos anos, também ela sabe que aquele aventureiro, aquele «homem com pancada», nem sempre cumpre o que diz.

Pergunto-lhe então se tem esperança no futuro. Eugénia não responde. Esta conversa termina com um silêncio. Com um longo e terrível silêncio. São seis da tarde. Estamos outra vez no Chiado. É Dezembro. A tarde cai. A Rua Ivens abre a boca. Eugénia mergulha nela como quem torna a partir para dentro de um buraco escuro, do qual às vezes se tem medo de não tornar a sair. Olha mais uma vez para mim, volta-se, diz-me que sim, que talvez, que talvez tenha valido a pena esta conversa.

E eu digo-vos isto: as conversas como esta valem sempre a pena. Nem que seja a pena de não ter pena de as ter tido. Eugénia Bettencourt está viva, e bem viva. Actriz, e bem actriz. E a noite cai. O Chiado já não cheira a queimado como dantes. Mas os crocodilos, esses, continuam na sombra, a proliferar.



COBERTURAS IMPERMEAVEIS
PARA AUTOMÓVEIS
TODAS AS MARCAS E MODELOS

ENTREGA IMEDIATA

Joaquim Ezequiel, Lda.

☎ 2080613 (Rede de Lisboa) Vila Nogueira - 2925 AZEITÃO

TEATRO

TEXTOS DE
CARLOS PORTO

ACTO
SUBSIDICÍDIO

Acentua-se, neste final do ano, a tendência da Secretaria de Estado da Cultura para eliminar os grupos de teatro contemplados com subsídios regulares.

Se a própria SEC marcara a data de 30 de Novembro para a divulgação da notícia referente à atribuição de subsídios para 1990, só nas vésperas do Natal essa notícia chegou ao conhecimento dos interessados, processo, quem sabe, de ultrapassar o escolho das autárquicas como, aliás, se dá a entender no comentário do correspondente de Braga do «Jornal de Notícias» (25-12-89).

Principal característica, aliás nada inovadora, deste despacho da SEC: a diminuição dos grupos com subsídios regulares. Desse modo, a SEC passa a celebrar contratos-programas com os seguintes grupos (que passam a receber verbas entre 23 000 e 30 000 contos): Teatro da Cornucópia, Novo Grupo (T. Aberto), Teatro Hoje e Teatro Experimental de Cascais, e atribui subsídios regulares (entre 18 000 e 20 000 contos) ao Bando e à Comuna.

A primeira observação a fazer a esta decisão da SEC tem a ver com a situação destes dois grupos, em relação aos anteriores que beneficiam de contratos-programa, situação verdadeiramente escandalosa no que diz respeito à Comuna que é não só o mais antigo dos grupos independentes (com o TEC), como geralmente considerado em Portugal e no estrangeiro como um dos melhores grupos do teatro português, o que a recente apresentação da peça de Natália Correia, **A Pécora,** no I Festival da Convenção Teatral Europeia, em Saint-Étienne, amplamente confirmou. Trata-se não só de uma arbitrariedade como de um acto de injustiça tão evidente que não encontramos qualquer explicação para eles — **a não ser uma explicação de carácter político.**

Deste modo a SEC conseguiu reduzir os grupos independentes regularmente subsidiados a seis, nada garantindo, ou garantindo aos grupos que por enquanto beneficiam dos favores, da benevolência ou do sentido de justiça que ainda resta à SEC, que não venham a ser **eliminados, embora se possa considerar que a atribuição de alguns subsídios, do mesmo modo, não pode deixar de ser considerada um acto político.**

Recapitulemos: quatro grupos com contratos-programa (Cornucópia, Novo Grupo, Teatro Experimental de Cascais, Teatro Hoje), dois grupos com subsídios regulares (O Bando, Comuna), os restantes grupos que ainda subsistem deverão concorrer a subsídios de montagem, com tudo o que este estatuto tem de aleatório.

Foram, pois, eliminados este ano mais três grupos até aqui abrangidos pelo subsídio regular: TAS (Teatro Animação de Setúbal), Cena (C.ª de Teatro de Braga) e Teatro da Rainha, este, entretanto, a passar por um projecto de fusão com o Centro Cultural de Évora que deverá mudar o nome para Centro Dramático de Évora, voltando a ser dirigido por Mário Barradas. O CDE receberá da respectiva autarquia a verba de 12 000 contos, manifestamente insuficiente embora de acordo, certamente, com as limitadas possibilidades da autarquia.

Lembremos que a SEC eliminou do conjunto de grupos com subsídio regular os seguintes: A Barraca, a Casa da Comédia, a C.ª de Teatro de Almada (Grupo de Campolide), o Teatro Ibérico, o Teatro Estúdio de Lisboa, o Centro Cultural de Évora, grupos dedicados ao teatro para crianças e jovens, e ainda o Teatro Experimental do Porto, a Seiva Trupe, os Comediantes, o TEAR. Segundo declarações de Ana Marin, directora-geral da Acção Cultural, a «O Independente» (22-12-89), os grupos portuenses, excepto o TEP, vão continuar à mercê dos subsídios de montagem. Como se sabe, os grupos portuenses foram vítimas de mais uma arbitrariedade da SEC que decidiu, unilateralmente, a sua fusão, projecto que se revelou inexequível.

Conversas

A decisão da SEC em liquidar o teatro da descentralização, aliás, em acabar a obra de liquidação iniciada há anos, baseia-se, ainda de acordo com o artigo do «JN» acima citado, no facto de as autoridades centrais defenderem o pressuposto de que **o Poder Local tem funções de primeiro responsável pelo apoio ao teatro, na medida em que as autarquias desempenham um papel crescente na vida cultural. (...) A Câmara Municipal de Braga foi informada da situação através de um ofício mais ou menos lacónico da Direcção-Geral da Acção Cultural, no qual também se convida a autarquia a participar numa reunião com a CENA e com a Secretaria de Estado da Cultura.**

Embora o pretendido encontro, a realizar em Lisboa, se destine pretensamente à discussão do problema do subsídio e de outros assuntos relacionados com o trabalho a desenvolver no próximo ano, o certo é que estamos em condições de adiantar que a Secretaria de Estado não tenciona alterar a sua posição.

Aparentemente, o Governo pretende tão-somente servir de «mestre de cerimónias», tutelando uma reunião nas suas próprias instalações na qual, ao fim e ao cabo, apenas as autarquias e as companhias têm algo a tratar. A Secretaria de Estado não deixaria, contudo, de retirar os dividendos políticos desta operação... de «charme». Não conhecemos, em pormenor, o tipo de relacionamento existente entre as restantes autarquias e as respectivas companhias, agora também sem subsídio. Estamos em crer, contudo, e a julgar pelo que acontece na capital do Minho, que o relacionamento entre as Câmaras de Évora e Setúbal e as companhias profissionais sediadas nestes municípios não necessita do apadrinhamento governamental. («JN«/22-12-89).

Além disso, não vamos tomar em consideração o facto de os grupos agora desvalorizados trabalharem em autarquias da oposição!

A respeito do despacho da SEC podemos levantar algumas dúvidas, e os grupos e o próprio Poder Local certamente não deixarão de colocar estas dúvidas. Vejamos:

1 — Mesmo admitindo, só por hipótese, a validade da atitude da SEC no que se refere à responsabilização do Poder Local na actividade cultural, não é verdade que a SEC deveria ter iniciado as conversações com os grupos e com as autarquias antes de cortar os subsídios e não de maneira a criar um vazio, como veio de facto a acontecer? Isto é, não seria mais curial que a SEC mantivesse os subsídios regulares em 1990, iniciando desde já negociações no sentido do apoio aos grupos ser diversificado (SEC, autarquias, mecenato, etc)?

2 — Se a SEC decidiu, em relação aos grupos da descentralização, eliminar o estatuto de subsídio regular, fazendo depender a existência e a actividade desses grupos, em primeiro lugar do apoio das autarquias locais (e mesmo tendo em conta a possibilidade de conceder subsídios de montagem), qual a justificação de não proceder de igual modo para com o TEC e a Câmara Municipal de Cascais, para com os grupos de Lisboa e a respectiva autarquia, e a mesma coisa em relação aos grupos do Porto?

Não confirma esta dúvida o facto do apoio estatal que ainda subsiste ser um acto puramente político (seria curial deixar de apoiar todos os grupos ou grupos como a Cornucópia, o TEC, o Novo Grupo, por exemplo?), embora se mantenha a possibilidade de a qualquer momento um ou mais desses grupos vir a ser guilhotinado.

As decisões da SEC no que se refere aos subsídios de teatro para o primeiro ano da década de 90 tornam ainda menos europeu, sob o ponto de vista do entendimento do fenómeno teatral, o papel e a função do teatro, em resultado da mentalidade que preside, a nível governamental, aos destinos do teatro português.

Não se trata de um problema de economia, mas de um problema de incompreensão, de desinteresse, de desprezo, de incompetência, por um lado, de um problema político, por outro.

Não nos parece que seja um problema com solução. A não ser em 1991.

FALAS

Eu senti com uma grande violência, que nunca tinha sentido, um ambiente quase psicológico em jornais e análises em que se obrigava quase os grupos independentes a fazerem teatro comercial. Por entretenimento, para ter casas cheias e muito sucesso são aspectos positivos que o teatro também tem, mas que se tornou quase numa histeria... **(Esta peça surge como uma opção que)** radicalmente não tem nada a ver com isso e que é o reafirmar da função dos grupos independentes, que é sobretudo a de arriscarem a fazer um teatro experimental e que não é um teatro comercial. Se nós todos nos pusermos a fazer teatro comercial então aí é que eu acho que a função do subsídio acabou.

Carlos Fernando
entrevista a Ana Paula Dias
«JL«/26-12-89.

ESTREIAS

Margarida do Monte, de Marcelino Mesquita, pela Barraca.

Um novo espaço para o teatro, em estreia com um renovado texto de um autor romântico-naturalista, Marcelino Mesquita, Hélder Costa adaptou e encenou.

(Enc.: Hélder Costa. Cen./Fig.: António Belart. Mús.: Janita Salomé. Int.: Janita Salomé, Paula Sousa, Luís Tomar, António Gomes, João Maria Pinto, António Cardoso, Madalena Leal, Cristina Chasvirovitch, Oswaldo Canita e Maria do Céu Guerra.

A Barraca/Cinearte-L.º dos Santos, 2-Tel.: 66 53 60. De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00. Estreia: 27-12-89).

Verão de Edward Bond, pelo Teatro Hoje.

Antes e depois dos muros.

(Enc.: Carlos Fernando. Cen.: José Manuel Castanheira. Int.: Fernanda Alves, Isabel de Castro, José Wallenstein, Maria José Pascoal e Ruy Furtado. Teatro da Trindade — R. Nova da Trindade. Tel.: 32 00 00. De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00. Estreia: 27-12-89).

José Wallenstein e Fernanda Alves — *Verão,* de Edward Bond, pelo Teatro Hoje, no Trindade (foto de ensaio)

Dois novos espectaculos enriquecem o cartaz deste fim-de-ano que é também fim de década. São eles, **Verão**, de Edward Bond, encenação de Carlos Fernando com o Teatro Hoje, desta vez a trabalhar no Teatro da Trindade, e **Margarida do Monte**, adaptação da Hélder Costa, que também encenou, da peça de Marcelino Mesquita, espectáculo da Barraca agora no Cinearte.

Outros: **O Render dos Heróis**, de José Cardoso Pires, encenação de José Martins, espectáculo do CDIAG no novo Teatro da Malaposta (Olival de Basto); **O Regresso de Bucha e Estica**, espectáculo de Mário Viegas no Ritz Club; A Morte de Danton, de Buchner, encenação de Carlos Avilez com o TEC, no Teatro Mirita Casimiro (Estoril); **D. João e a Máscara**, de António Patrício, encenação de Mário Feliciano com e no novo Teatro da Politécnica.

Na Comuna, dois espectáculos: **A Pécora**, de Natália Correia, encenação de João Mota, com o grupo da casa, e **A Pregação**, o novo espectáculo do Bando, com encenação de João Brites.

What Happened to Madalena Iglésias?, texto e encenação de Filipe La Féria mudou da casa da Comédia para o Casino do Estoril, como já é do conhecimento geral. No Teatro Aberto, **Happy End**, encenação de João Lourenço com o Novo Grupo.

O Villaret está com: **Ora Bate... Batman'so**, uma revista com Salvador, e no Variedades **Os Meninos à Roda da Mamã**, adaptação de Henrique Santana.

Estreia no Porto de **Jardim das Cerejeiras**, a derradeira peça de Anton Tchekhov, encenação de Rogério de Carvalho, cenografia de José Manuel Castanheira, com o TEAR; últimos dias no Sá da Bandeira do espectáculo da Seiva Trupe **Gota d'Água**, de Chico Buarque e Paulo Pontes, encenação de Ulysses Cruz.

APARTES DA GERAL

Já se sabe, pelo menos, desde Óscar Wilde, que a arte não imita a vida, a vida é que imita a arte. Ainda agora o comprovei em duas histórias colhidas no último n.º de «O Liberal», dirigido por Francisco Sousa Tavares, semanário cuja leitura me calhou na rifa natalícia.

No seu artigo, dedicado ao ditador Ceausescu, Zita Seabra conta um conto o que teria ouvido **numa televisão qualquer** e segundo o qual, Ceausescu teria dito que **a Roménia só mudará quando os dinheiros derem peras.** Acontece, acrescenta a articulista de «O Liberal», que apareceu recentemente, algures na Roménia, um pinheiro carregado de peras que a polícia se apressou a abater e a levar para a esquadra. Quem não se lembrará, a propósito desta história, se calhar (bem) imaginada, do ditador Macbeth a proclamar, de acordo com as profecias das bruxas, **...enquanto o bosque de Birman não caminhar p'ra vir a Dunsinane, é infundada a causa do temor. (...)Macbeth nunca vencido o teu poder será por quem parido por mulher houver sido sobre a terra.**

Como Ceausescu caiu, bem pode dizer-se que a vida, uma vez mais, imitou a arte. E se a história é verdadeira, bem se pode dizer que Ceausescu era leitor de Shakespeare, embora mau leitor pois não entendeu o que leu.

A outra história não é bem uma história, não é mais do que um desejo que Agustina Bessa-Luís formulou há um ano, para a RTP, e agora recordou, igualmente no «Liberal»: esse desejo consistia em receber um banquinho para os pés.

Ora talvez o leitor se lembre, pelo menos o tchekhovólogo, que, no **Jardim das Cerejeiras,** o ex-servo, com alma de servo, Firs, apressa-se a pôr debaixo dos pés a sua Ama e Senhora, Liubov Andreevna Ranievskaía, que acaba de chegar de Paris, **uma almofadinha** (didascália de Tchekhov). Esta marcação foi cortada pelo encenador, Rogério de Carvalho, na sua recente, e a meu ver (mas eu sou suspeito) excelente trabalho sobre a peça de Tchekhov, mas penso que mal cortada porque esse gesto de Firs é uma imagem perfeita ao mesmo tempo da delicadeza e do servilismo da personagem. De qualquer maneira, uma vez mais, arte e vida encontram-se no desejo da escritora portuguesa, aqui e agora, e o gesto de uma personagem de ficção de um autor russo do início do século.

MEMÓRIA

Samuel Beckett

Morreu em Paris, no dia 22 de Dezembro de 1989, o escritor (romancista, dramaturgo, poeta ensaísta) irlandês, de expressão bilingue (inglês e francês) Samuel Beckett, Prémio Nobel da Literatura.

Não sabemos se Beckett teria sido o maior escritor teatral da segunda metade do século XX mas foi certamente aquele que deixou uma marca mais profunda no percurso do teatro do nosso tempo.

Em 1985, estava em cena num teatro de Belgrado, capital da Jugoslávia, a peça **À Espera de Godot**, que prefez no mês de Janeiro desse ano o 30.º ano de representações ininterruptas.

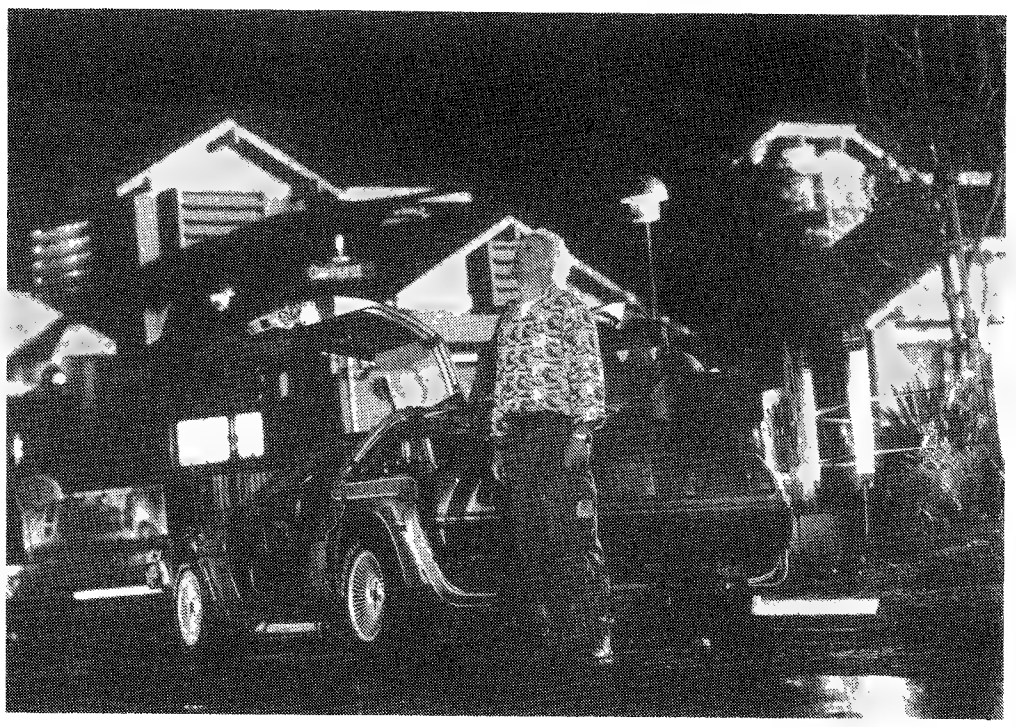
O interesse de Beckett pelo teatro exemplifica-se pelo facto dele mesmo ter encenado algumas das suas peças, como aconteceu com **A Última Gravação**, no Schauspielbuhnen, de Berlim Ocidental («DL«/8-7-74).

CINEMA

TEXTO DE
RODRIGUES DA SILVA

CRÓNICA

O espelho da década



«Regresso ao Futuro. Parte II»: o menos mau da semana, mas frustrante se comparado com «Quem Tramou Roger Rabbit?» do mesmo realizador

Há microcosmos que é como se fossem o Universo inteiro. Assim no Cinema por cá. A década despede-se de nós daqui a dois dias e pelos filmes em cartaz de estreia em Lisboa é como se ela quisesse, por acaso ou coincidência, reflectir do melhor e do pior. Não quer isto dizer que dos anos 80 tenhamos agora, em retrospectiva, os prémios laranja e limão. Quer isto dizer, isso sim, que pela amostragem se podem constatar duas das principais vertentes do cinema desta década já pretérita: obras originais que transportam em si novas ideias de cinema enquanto arte e «remakes» de êxitos ou receituários passados que se limitam, sem o mínimo esforço de imaginação, a garantir a continuidade de uma indústria.

O cinema nesta década (como noutras, aliás) viveu esta contradição. Uma contradição que Lisboa esta semana reflecte. Atente-se na lista dos filmes a ver. À cabeça, obras de cineastas que há dez anos eram ainda desconhecidos ou nos quais poucos apostariam grande coisa. Na cauda, cadáveres adiados que sobrevivem graças a toda a espécie de operações de cosmética publicitária. O futuro sabe-se a quem pertence. O que não impede, porém, que se apele ao público para consumir o que nem passado é, porque nunca foi presente.

Não é este o caso de Robert Zemeckis, diga-se em abono da verdade e basta lembrar o filme que no ano passado conquistou o Mundo (mas não a Academia de Hollywood): «Quem Tramou Roger Rabbit?» De Zemeckis temos agora em cartaz «Regresso ao Futuro. Parte II», tal como o filme anterior, produzido por Stevan Spielberg. Comparando o filme de 1988 com o deste ano não é possível evitar um sentimento de frustração. «Regresso ao Futuro. Parte II», se escapa à mediania, está bem longe de conter em si o estigma de uma aventura, o fulgor que, há um ano, fazia de um desenho animado o herói de todos nós.

O melhor do filme nem é a viagem no tempo, é a introdução nessa viagem de uma variante. Como se a História (ou a História futura) pudesse, finalmente, ter um **se.** Nessa variante joga-se dramaticamente o filme, mas o balanço é froux. Este filme de Zemeckis corre o risco de ser mais uma obra que, se alimenta a indústria, nada de novo e de fundamental traz para evoluir do cinema.

É de qualquer modo algo de bem melhor do que «O Meu Amigo Mac», um produto que não anda longe de um plágio do «ET» que Spielberg realizou em 1982. Se um «remake», raramente se recomenda, um plágio torna-se repugnante. Neste caso nem se percebe como, poucos anos depois de uma obra da dimensão de «ET», foi possível deixar passar pelas malhas da produção americana algo como o filme de Stewart Raffill. É que, plágio à parte, «O Meu Amigo Mac» banaliza e torna menor tudo o que fazia de «ET» uma obra de raro encantamento e um prodígio de imaginação.

E conclua-se com um filme catalão (falado em castelhano), «A Senhora». Se aqui não se pode falar de «remake», nem plágio, pode-se dizer de indisfarçável inspiração. O que em si e à partida não é um mal, muito embora seja um risco (e dos grandes) quando a fonte inspiradora é Buñuel.

Ora, «A Senhora» é ao universo de Buñuel que vai buscar inspiração para nos procurar dar um retrato de uma Espanha rural fechada sobre si e dos amores algo perversos de uma mulher na perversidade iniciada por um marido mais velho.

O resultado é desolador. Da Espanha que vai do fim do século aos anos 20 sobra a caricatura, dos amores da senhora... o bocejo.

Tudo isto é o menos. O mais é este filme datado e medíocre passar em Lisboa não se sabe como nem porquê.

Há produtos menores «made in USA» que se sabe obrigatório exibir, impostos como condição «sine qua non» a passarem os grandes êxitos. Mas de «A Senhora»... senhores, porquê?

Fica o mistério. E fica também para a década seguinte a certeza de que mistérios como este mais haverá em Portugal. Nem é preciso ser-se demasiado pessimista para prever que o cinema por cá continuará a depender dos ínvios caminhos da exibição.

Mas um optimismo, mesmo moderado, permite também adivinhar para a próxima década novos caminhos que garantirão a perenidade do cinema.

Daqui a dez anos — quando o século e o milénio estiverem a acabar — apesar de tudo, de certo, iremos olhar para qualquer lista de filmes a ver e descobriremos que alguns dos cineastas capazes de nos arrebatarem... em 1989 ainda ninguém sabia quem eram. O cinema de que esta década, tantas vezes, se anunciou a morte continuará a renascer.

O cronista vai de férias. Crónica de Cinema regressa na última semana de Janeiro.

Filme de Joaquim Pinto em Viseu

Fora de Lisboa, são as seguintes as sessões especiais de que temos conhecimento (de 29 do corrente a 4 de Janeiro):

Braga

No Teatro Circo: «O Predador», de John McTierman (dias 29, 30 e 31).

Coimbra

No Gil Vicente: «O Último Minuto», de Pupi Avati (dias 29 e 30, sempre às 21 e 30)

Viseu

No Mirita Casimiro: «Uma Pedra no Bolso», de Joaquim Pinto (dia 31, às 15 e 30 e 21 e 30)

A VER

Dos filmes em exibição em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal.

Em estreia

- «Vozes Distantes, Vidas Suspensas», Terence Davies (1988)
- «Recordações da Casa Amarela», João César Monteiro (1989)
- «Sexo, Mentiras e Vídeo», Steven Soderbergh (1989)
- «Indiana Jones e A Grande Cruzada», Steven Spielberg (1989)
- «Abismo», James Cameron (1989)
- «Perigosa Sedução», Harold Becker (1989)
- «Batman», Tim Burton (1989)
- «O Amor É Uma Grande Aventura», Blake Edwards (1989)
- «O Velho Gringo», Luis Puenzo (1989)
- «Marados à Solta», Howard Zieff (1989)
- «Regresso ao Futuro. Parte II», Robert Zemeckis (1989)
- «Oliver e Os Seus Companheiros», Tan Haisen (1988)
- «A Senhora», Jordi Cadena (1987)
- «Os Deuses Devem Estar Loucos II», Jamie Uys (1989)
- «Os Caça Fantasmas II», Ivan Reitman (1989)
- «O Meu Amigo Mac», Stewart Raffill (1987)

Em reposição

- «A Bela de Dia», Luis Buñuel (1966)

R. da S.

OS MINISTROS FORAM À TERRA

Mais uma vez o País parou. A Praça do Comércio ficou vazia, os ministérios não cerraram as portas por pudor (salvo numas horas de tolerância de ponto alargada), a vida política adquiriu um ritmo lento, de quadra natalícia e fim de ano. E Lisboa, a brutal cidade grande, esvaziou-se.

É assim todos os anos, o que tem os seus encantos: os carros circulam a mais de dez quilómetros à hora, os restaurantes que continuam de porta aberta dão-nos almoço sem nos obrigar a longa espera numa bicha de esfomeados, é possível ir ao cinema sem comprar de véspera os bilhetes, embora a programação pareça destinar-se em exclusivo a menores de doze anos.

Todos estes encantos lisboetas guardados estão para uns quantos escolhidos, sem terra de origem diferente da terra de residência. Uns poucos que nem tia-avó ou primos distantes possuem em qualquer terrinha fora da capital. E também para provincianos residentes em Lisboa que, por falta de dinheiro ou obrigação profissional, se vêem forçados a por cá passar as duas últimas semanas do ano.

Os ministros, esses, foram à terra. Uns debandaram para o Norte, de avião, claro, pois nem o ritmo lento da época se coaduna com uma viagem de oito horas na Estrada Nacional número 1, ainda por cima ameaçada pelas cheias ribatejanas. Outros chegaram ao Nordeste em meio de transporte idêntico, e se uns poucos se viram obrigados a ir a Sul «molhar raízes», teremos de esperar por próximas edições das revistas especializadas em comentário social, para conhecer mais pormenores.

Nas terras de origem maus cenários esperavam os ministros: o mapa político mudou por força das autárquicas, câmaras PSD deixaram de o ser e, em muitos casos, autarcas do partido da maioria aproveitaram as férias do Natal para arrumar papéis, antes de deixar os Paços do Concelho. Também por esta razão terá feito bem ao Executivo voltar às origens e conhecer «in locco» as novidades que o primeiro-ministro negava na noite das autárquicas. Esboçam-se melhor as estratégias com base em valores reais.

Já se anunciam algumas: o estado-maior (lisboeta) do PSD reune no início de Janeiro, num primeiro passo para a reestruturação governamental e partidária que uns negam em voz alta e outros garantem em murmúrio. Na calma deste fim de ano, tempo há para combinações e arranjos, enquanto a Oposição entontece na alegria da vitória e o Presidente da República preside, chamando a si o papel de único chefe de Estado de um país do Ocidente a participar nas cerimónias de posse de Vaclav Havel. Lá longe, na Checoslováquia.

Maria Guiomar Lima

A SEMANA MAIS LONGA DA HISTÓRIA

Controversa foi a semana, com dois casos que se prestam, e prestaram, a grande debate sobre ética, moral, política, direito internacional e, até, sobre os comportamentos da Igreja Católica: o asilo político dado ao general Noriega, na Nunciatura Apostólica da Cidade do Panamá, e o julgamento sumário e fuzilamento de Nicolae e Elena Ceausescu. Comecemos pelo assunto menos pesado, o do general panamiano, e deixemos a tragédia para depois.

Acossado pela perseguição das forças norte-americanas, dotadas de meios electrónicos altamente sofisticados, o general foi, ao fim de alguns dias de fuga e exausto, ao que se disse, bater à porta da Nunciatura na Cidade do Panamá. Pediu asilo político. Foi-lhe concedido. Começava um pesadelo para o Vaticano.

A razão funda do pesadelo esteve, talvez, na dupla qualidade da Igreja Católica: como igreja cristã, a que se chama Santa Sé, e como Estado, a que se chama Vaticano. A separação jurídica das duas entidades data de há cinco anos atrás.

Esta dupla qualidade do que, no fundo é uma coisa só, chegaria para levantar diversidade nos pontos de vista mas, para nós, portugueses, a variação de opiniões foi agravada pela recordação de que a Nunciatura em Jacarta ainda não há muito tempo entregou às autoridades indonésias estudantes timorenses que nela haviam procurado o sagrado asilo cristão.

Os estudantes, que lutavam pelo direito do povo maubere à autodeterminação, foram «traídos»; Noriega está a ser protegido, embora os que querem ser seus justiceiros, os norte-americanos, tenham contra eles todos os valores da nossa moral, laica e cristã, mais todo o Direito Internacional, que redondamente condenam a sua invasão militar de um país estrangeiro, o Panamá. Acresce que, internamente, nos EUA, surgiram dúvidas acerca do que Noriega, na eventualidade de ser julgado pela Justiça americana, poderá contar sobre os tempos em que Bush era director da CIA e ele, Noriega, «seu empregado».

As forças militares norte-americanas mantêm a Nunciatura cercada e juraram não deixar Noriega sair de lá. O Vaticano, na sua mais recente posição, jurou não entregar Noriega aos EUA, procurando outros países. Cuba ofereceu-se para receber o general panamiano mas o Vaticano parece não ter ouvido ou terá sido a Santa Sé que fez orelhas moucas?

O julgamento e a execução sumários de Nicolae e Elena Ceausescu levantaram outra ordem de divergências e interrogações.

Foi politicamente inteligente? Teve o maquiavelismo de evitar que, em julgamento público e normal dos dois, pelo menos metade dos romenos que são agora democratas vissem demasiadamente lembrado os tempos tão próximos em que eram sustentáculos do regime ditatorial? Pretendeu tirar aos assassinos da Securitate a razão de ser da sua resistência armada? Terá mitificado o casal Ceausescu, sobretudo depois do relato do julgamento sumário? A metodologia usada serviu ou não a justiça? De tudo isto e mais se falou.

Do leste vieram outros dois acontecimentos que, embora mais discretos, poderão ter no entanto profundas consequências. O Partido Comunista da Lituânia proclamou a sua independência relativamente ao PCUS e na Ucrânia começaram a verificar-se actos de violência da parte dos cristãos uniatas e contra os cristãos ortodoxos russos, conforme foi afirmado pelo arcebispo Kirill, ortodoxo, em Moscovo.

Depois da anulação oficial soviética dos Protocolos Secretos do Acordo Germano-Soviético de 1939, o caminho para a independência das Repúblicas Bálticas ficou aberto mas a decisão do PC lituano parece ter mostrado essa abertura com demasiada evidência. Daí dois dias de violentos debates no Comité Central do PCUS e o cauteloso aviso que o próprio Gorbachev sentiu a necessidade de fazer, garantindo que defenderá a unidade do partido comunista soviético e a integridade da URSS.

Quanto ao aparecimento da violência religiosa na Ucrânia, a informação não deve ser dissociada de duas considerações. Uma é a de que essa violência, se alastrar, pode dinamizar um processo independentista, lançado ou liderado pelos cristão uniatas. A outra é a de que só faltava acrescentar os conflitos religiosos à já longa lista dos factores de desintegração da União Soviética.

Pela realidade, alcance e intensidade do que aconteceu, esta semana foi a semana mais longa da História.

Paulo David

UM NATAL DE MORRER

Sexta, dia 22

Maus auspícios para a semana do Natal: Beckett morre, o Rock Rendez Vous comemora o seu derradeiro aniversário sob o signo do canto do cisne e o livro do dia é sobre um Orpheu de má fortuna, Santa Rita Pintor, falecido aos 28 anos de idade.

Se o livro de Joaquim Matos Chaves/Quimera Editores assinala um centenário que só mesmo à beira do fim do ano assim será recordado, se a catedral do rock lisboeta prolonga por mais um mês ou dois a crónica de uma morte anunciada, o desaparecimento de Beckett coloca-nos no teatro um pouco como as personagens de «À Espera de Godot». Aos 83 anos ele era o maior dramaturgo vivo deste século quase morto.

Sábado, dia 23

Entre festejos de rua, diversões na TV e uma esmola colectiva, a Consoada começa com 24 horas de avanço... porque hoje é sábado. Mas nem por começar antes, ela começa melhor e os jornais quase todos dizem que o Pai Natal está em crise. O «Semanário» faz as contas e conclui que para uma família de quatro pessoas, fora as prendas, a ceia de Natal custará entre 22 e 50 contos. Para os «sem abrigo» de Lisboa custa menos: obrigado e mão estendida... e um prato de bacalhau com batatas, mais arroz à valenciana, um naco de televisão e adeus até para o ano, numa tenda na Alameda.

Num gabinete da Universidade do Porto a «consoada» de uma monitora de computadores começou há vários meses: com um desvio de salários que o «Expresso» revela hoje e a PJ confirma como a primeira fraude informática cometida em Portugal.

No «Expresso», ainda, a entrevista da semana, a Jacques Séguéla, o publicitário que com «a força tranquila» transformou Mitterrand em presidente da França.

Domingo, dia 24

Outros sinais dos tempos: vende-se mais o que a TV publicita, com as prendas ganham sobretudo as catedrais do consumo - hipermercados e centros comerciais - e mesmo a missa do Galo já não é o que era dantes. Em vez de, à meia-noite, irmos até à Igreja , agora vem a Igreja até nós através da Televisão, só o Papa de S. Pedro falou para 250 milhões.

Segunda, dia 25

Dlim, dlão, tocam os sinos... mas a notícia do dia é fuzilamento de Elena e Nicolau Ceausescu, os tiranos da Roménia. Fizeram o que se sabe (e o mais que ainda estará por saber), mas o espectáculo da morte, amanhã quando o virmos quase em directo pela TV, arrisca-se a transformá-los de carrascos em vítimas. E um dia em que as autênticas, anónimas, forem esquecidas... que sobrará, se não esta memória de arquivo de um Ceausescu tombado no chão com um tiro na cabeça?

Terça, dia 26

Reais ou supostas, mais mortes: a dos portugueses nas estradas e a da História segundo Fukuyama. A dos portugueses é o costume, agravada no Natal: em três dias e meio foram mais de mil acidentes, 21 mortos e uma centena de feridos graves. A morte (ou o fim) da História é a hipótese que Francis Fukuyama admite terminada a guerra fria. O «DL» inicia hoje a publicação da tese, com comentários a propósito. O de João Martins Pereira conclui mais ou menos assim: «Pensar que o capitalismo (porque é isso o que está em causa) é o fim da História é simplesmente a expressão do mais 'patológico' conservadorismo.»

Quarta, dia 27

Do hipotético fim da História para o balanço da década. É ainda no «DL»: José Gil acha temerária a ideia do fim das narrativas utópicas e mesmo das ideologias, Clara Ferreira Alves diz que se os anos 80 foram aqueles em que o Mundo mais se modificou, os 90 presumivelmente regressarão a certos valores do colectivo.

E regressemos à Terra, que sempre vai havendo notícias: no Trindade estreia o Teatro da Graça nova peça de Edward Bond, no Cinearte inaugura A Barraca, com «Margarida do Monte», um novo teatro em Lisboa. Na Gulbenkian, os 50 anos dos «Gaibeus» são tema para exposição, mas a novidade maior é o alargamento do Metro até ao ano 2000.

Antes disso, na sexta-feira, quando o Metro fizer 30 anos, haverá de Vieira da Silva novo painel de azulejos, e um dia, quando Chiado e Cais do Sodré forem nomes de estações, Paula Rego e António Dacosta serão chamados a decorá-las, para «humanizar os locais».

Quinta, dia 28

Local menos humanizado vai ser o futuro Eden. Foi teatro, cinema é-o ainda, mas só hoje, amanhã e depois. No domingo encerra para «actividades mais lucrativas» e eis como Lisboa em seis meses perde, com o Tivoli e o Eden, os seus dois mais belos cinemas. A culpa é de quem é ou de nós que não os merecíamos? Num país (sondagem Eurotest/«DL») que acha que Marco Paulo se destaca sobre Manoel de Oliveira... vá lá saber-se.

Rodrigues da Silva

VIDEORAMA

As melhores edições videográficas do ano

TEXTO DE
Maria João Martins

BONS PRESSÁGIOS

«O Pai Tirano»

Não somos supersticiosos, nem cremos que o número treze seja motivo suficiente para arremessar janela fora um animal fascinante que desde tempos imemoriais responde pelo nome de gato.

No caso vertente, treze é o número das melhores edições videográficas do ano de 89 que assim se apresentam como outros tantos presságios do que de bom ainda poderá acontecer nesta área específica do comércio audio-visual.

Os Clássicos

Continuam a merecer um tanto inexplicávelmente o repúdio de quem é responsável nestas andanças, apesar de haver a salientar a edição de três obras devidamente estrelado por tudo o que houve de melhor na «Meca» do cinema.

«Adivinha quem vem jantar»

Embora não seja cinematográficamente deslumbrante, este filme realizado por Stanley Kramer em 1967 é uma ocasião única de rever o casal Katherine Hepburn/Spencer Tracy a poucos meses da morte deste gigante do celulóide.A tão poderoso argumento convém acrescentar, todavia, o tema «The Glory of Love» na voz de De Vol.

«Casablanca»

Dizem as crónicas da Casa Branca que era o filme preferido do presidente Kennedy, o que de certo modo parece sugerir que os grandes mitos do século XX se atraem mutúamente.

Quarenta e seis anos depois de concluído, esta continua a ser a obra-prima da Sétima Arte que cataliza mais e melhores paixões, embora haja sempre que contar com os menos românticos que não acreditam que «(...) os problemas de três pessoas valem muito pouco no vale de feijões que é este mundo louco(...).»

«A Condessa Descalça»

É o tipíco filme de Mankiewicz, no qual o mundo do espectáculo é analisado à luz dos dramas humanos em que é pródigo. Os protagonistas são duas figuras tão carismáticas quanto Ava Gardner e Bogart que neste filme desempenha o papel de um realizador discreto, clarividente e realista quanto baste para se inserir perfeitamente na galeria das melhores personagens compostas pelo actor.

«Casablanca»

Contemporâneos

Embora a maioria das edições se paute por uma assinalável mediocridade, nem tudo é mau, havendo a considerar meia dúzia de edições da mais irrepreensível qualidade. Entre elas contam-se jóias de grande esplendor que mereciam a inserção no sistema da venda directa.

«As Asas do Desejo»

Galardoado com o prémio da melhor realização do Festival de Cannes em 1987, este filme de Wim Wenders, com interpretação de Bruno Ganz, é, sem qualquer dúvida, uma dos melhores exemplares da cinematografia alemã pós estúdios da UFA. O argumento verdadeiramente espectacular, apresenta-nos um pouco como um belo poema acerca do desejo humano , insaciável e fáustico ante a continuidade da vida.

«Gente de Dublin»

Testamento cinematográfico de John Huston, este é um dos filmes mais notáveis da sua extensa filmografia. Adaptação de um conto do escritor irlandês mundialmente célebre, James Joyce,a história remonta ao Natal de 1904 quando as irmãs Markan, duas senhoras idosas que vivem com uma sobrinha, reúnem a família e os amigos para uma consoada tão absolutamente convencional quanto as conversas, as personagens e os gestos então convocados, apesar do tempo que decorre, inevitável e omnipresente. Dessa mole de palavras e música que vogam ao acaso pela mansão soltam-se , no entanto, mensagens que perduram além do Natal e questionam o sentido da memória e da vida.

«Olhos Negros»

Bendito seja o cinema europeu enquanto nos der tamanhos tesouros de delicadeza e de arte, abençoado seja mil vezes pelas nossas distribuidoras cinematográficas e pelo mercado do vídeo porque nos consegue fazer esquecer que para cada exmplar de «Olhos Negros» proliferam umas amplas dezenas de «Ninjas», «Rambos» e outros execráveis membros do mesmo sindicato.

«Olhos Negros» é a nostalgia, a pureza,

«E Tudo o Vento Levou»

a impotência, a esperança, o assombro e a desilusão, é se quiserem tudo o que há de indefenível por meio de simples palavras que a imagem substitui na perfeição quando se trata dos reflexos de diamante e porcelana emanado dos cabelos de Anna, na misteriosa possuidora dos olhos que Romano, um ocioso arquitecto já «entradote», conhece nas termas e persegue até à Rússia. Mastroianni é soberbo na reconstituição desta personagem dúbia, audaz umas vezes, tímida outras tantas, quase sempre aldrabona mas inevitávelmente romântica, trabalho que lhe valeu, aliás, o Prémio de Interpretação Masculina do Festival de Cannes respeitante ao ano de 1987.

«Sem Eira nem Beira»

Realizado por Agnes Varda em 1985, este filme protagonizado por Sandrine Bonnaire, valeu à autora o Leão de Ouro do Festival de Veneza. Trata-se, numa análise muito superficial, da história das frustrações dos vagabundos, mas também da dos integrados como Yolanda que diáriamente aspiram a uma liberdade menos sedentária.

«Setembro»

Como mês charneira entre os entusiamos do tempo quente e a tranquilidade do Outono, Setembro tem servido à humanidade para as mais melancólicas comparações. A tal sortilégio não escapou sequer o próprio Woody Allen que em 1988 realizou este belíssimo filme acerca das frustrações acumuladas ao longo da vida e súbitamente assumidas num fim-de-semana de Setembro quando os dias tomam uma doce cor de ferrugem e as noites se vão dilatando num movimento fastidioso.

Filmes portugueses

«Cerromaior»

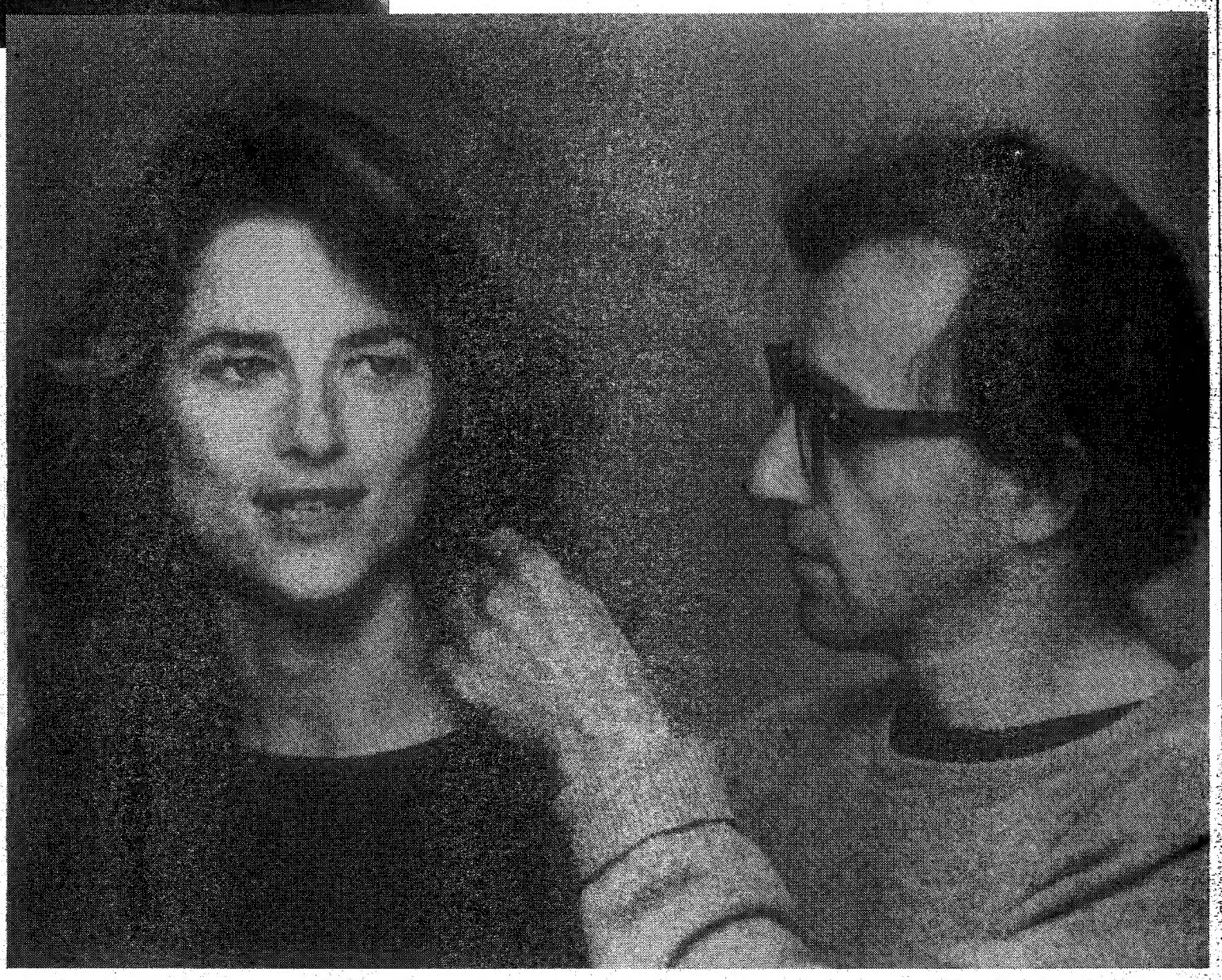
Testemunho inteligente acerca de uma terra (o Alentejo) e de um tempo (a década de 30) especialmente tisnados pelo sofrimento humano, edição de «Cerromaior» é, sem qualquer dúvida, o mais alto e positivo acontecimento videográfico dos últimos tempos. Cerromaior é uma vila alentejana onde os horizontes demasiados restritos, o isolamento, o peso de uma hierarquia socioeconómica baseada na posse e exploração de uma terra semiárida se denunciam nas fisionomias e nas casas monotónamente caiadas do mesmo branco, se abatem sobre os seus habitantes e entre eles um jovem filho das ditas boas famílias.

«Pai Tirano»

Mais de um ano após o incêndio que mutilou o coração da cidade que nos viu nascer, este filme quase inteiramente filmado na Rua do Carmo, entre os malogrados estabelecimentos Grandella, a Perfumaria da Moda e o jardim de São Pedro de Alcântara é uma forma mais de os recordar quando animados pela vida.«O Pai Tirano», realizado em 1941 por António Lopes Ribeiro e brilhantemente interpretado por comediantes únicos da nossa cena cinematográfica é, de resto, um fresco espantoso da sociedade lisboeta dos anos 40.

Reedições

«E Tudo o Vento Levou» de Victor Fleming;
«O Feiticeiro de Oz» também de Victor Fleming.



«Setembro»

CLUBES DE VIDEO

video 100

ALUGUERES DESDE

100.00

NOVO CLUB Loja 1 — Rua Barão de Sabrosa, 78-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
NOVO CLUB Loja 2 — Rua Barão de Sabrosa, 35-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 3 — Cç. do Monte (à Graça) • Tel.: 87 82 78 • LISBOA
Loja 4 — Av. Madrid, 14-B (ao Areeiro) • LISBOA
Loja 5 — R. José Galhardo, 7-A (Quinta do Lambert) • LISBOA
Loja 6 — Rua Nova • Pederneira • NAZARÉ
NOVO CLUB Loja 7 — R. Aldolfo Coelho, 12 • Tel.: 82 12 42 (Alto S. João) • LISBOA

FILMES DA SEMANA

- Simbad dos 7 Mares
- Inferno Vermelho
- A Face do Terror
- A Costa do Mosquito
- Roger Rabbit
- Pelle o Conquistador
- Missão Cruzada

SISTEMA INÉDITO • SEM JÓIA • 4.AS FEIRAS 1 ALUGUER GRÁTIS

TELEVISÃO

SÁBADO

RTP 1

«O Drama de Cláudia»

09.00 - Juventude e Família
12.05 - Aventura em Aix-en-Provence
13.00 - Notícias
13.10 - Oito e Basta
14.00 - Parlamento
14.30 - Caixa Alta
A série (portuguesa) foi um fracasso que ela foi no horário nobre do sábado ànoite, não a não retirou... passou-a para a hora do almoço.
Siga o nosso conselho: não veja, se não quer ficar com o sábado estragado.
15.20 - Crime, Disse Ela!
16.05 - Sessão da Tarde
«Adam - Uma Caso Verídico», de Michael Tuchner (EUA), com interpretações de Daniel J. Travanti, JoBeth Williams, Martha Scott e Mason Adms, entre outros. Duração: 100 minutos. Um telefilme sobre uma criança que foi raptada num grande armazém de Hollywood, no Verão de 1981, enquanto a mãe fazia compras.
17.35 - Vivamúsica
18.40 - O Melhor de 89
Retrospectiva dos melhores programas musicais que a RTP apresentou durante este ano, segundo a sua própria perspectiva.
18.20 - Sete Folhas
19.45 - Totoloto
20.00 - Jornal de Sábado
20.30 - O Tempo
20.35 - Descobrir os Descobrimentos
20.40 - Stars in der manege
21.25 - O Drama de Cláudia
O drama da droga, numa série italiana.
22.10 - Roberto Carlos Especial
Tem os seus apreciadores. Para eles, uma selecção dos maiores êxitos do cantor brasileiro.
23.15 - Especial Desporto

RTP 2

09.00 - Via Rápida
09.55 - TV 101
10.50 - Compacto «Meu Pé de Laranja Lima»
15.00 - Estádio
19.00 - Music Box Especial
20.00 - Meu Filho, Meu Filho
21.00 - Estádio
23.15 - Sessão Especial
«O Criado», de Joseph Losey (EUA-1963), com interpretações de Dirk Bogarde e James Fox. Duração: 116 minutos. Um dos títulos mais célebres deste realizador, «O Criado» é um estudo subtil das realções humanas, tendo como núcleo o par constituído por um jovem rico e o seu fiel criado.

DOMINGO

RTP 1

09.00 - Juventude e Família
10.05 - TV Rural
10.30 - 70 X 7
11.00 - Eucaristia Dominical
12.00 - Juventude e Família
13.00 - Notícias
13.10 - Tukey Caper
13.35 - Circo Demain
14.35 - Primeira Matinée
«Agarrem Essa Loira», de George Cukor (EUA-1960), com interpretações de Sophia Loren e Anthony Quinn. Duração: 100 minutos. De «Margarida Gutier» e «Célebres e Ricas» passando por «Assim nasce uma Estrela», «Vamo-nos Amar» ou «My Fair Lady», George Cukor foi um notável retratista do universo feminino, e dirigiu algumas das melhores actrizes norte-americanas. «Agarrem Essa Loira» assinala o seu encontro com Sophia Loren e representa uma inesperada incursão no «western». Não é, no entanto, um típico «western», mesmo se não lhe faltam nem os coeboys nem os índios. No fundo, Cukor faz ainda uma comédia musical, com as componentes espectaculares e também a elegância que caracterizam tantos dos seus filmes.
16.10 - Longa-Metragem
«A Morena Ardente», de Leo McCarey (EUA), com interpretações de Paul Newman, Joanne oodward e Joan Collins. Duração: 105 minutos.
17.55 - Ricardina e Marta
18.55 - MacGyver
20.00 - Jornal de Domingo
20.30 - O Tempo
20.35 - Descobrir os Descobrimentos
20.40 - Hale and Pace
21.10 - Especial Fim do Ano
Programa escolhido para quem festeja em casa a mudança de ano (e de década), abre com o espectáculo «Só Nós Três», gravado ao vivo no Casino Estoril, com Paulo de Carvalho, Carlos Mendes e Fernando Tordo. Segue-se «Paris Coquin», composto por extractos dos espectáculos de famosos cabarets

Warren Beatty, em «Shampoo»

RTP 2

09.00 - Music Box Especial
10.00 - Troféu
13.00 - Novos Horizontes
14.00 - Veterinário de Província
15.00 - Troféu
17.00 - Sobrevivência
18.00 - Show Manhattan Transfer
Espectáculo gravado durante a actuação do grupo em Portugal, em Setembro último.
19.00 - Quem Sai aos Seus...
19.30 - Imagem e Imagens
20.00 - Os Trintões
21.00 - Victor Borge em Concerto
23.00 - Sessão Especial
«Shampoo», de Hal Ashby (EUA-1975), com interpretações de Warren Beaty e Julie Christie. Duração: 112 minutos.
Desde «Espiendor na Relva», que Warren Beatty foi um nome em permanente ascensão no interior da indústria cinematográfica norte-americana. Em 1981, «Reds» (sobre a Revolução na Rússia, em 1917), proporcionou-lhe um Oscar na sua qualidade de realizador. «Shampoo» revela Warren Beatty numa tripla função: como actor, interpretando o papel de um cabeleirreiro de Beverly Hills, como argumentista, e ainda como produtor. A sua personagem serve, afinal, para o filme revelar os meandros de um universo marcado tanto pelo poder económico como pela hipocrisia moral. Julie Chistie, Goldie Hawn e Lee Grant são algumas das figuras femininas desse universo; a última obteve o Oscar para a melhor actriz secundária.

«Só Nós Três», no programa de fim do ano

SEGUNDA

RTP 1

09.00 - Missa da Paz
11.00 - Sequim D'Ouro
12.15 - Juventude e Família
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Dia da Fraternidade Universal
13.45 - Cirque du Soleil
14.45 - No Sul do Pacífico
15.15 - Um Olhar sobre a Natureza
17.00 - Concerto de Ano Novo
18.25 - Rua Sésamo
18.55 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - O Tempo
20.05 - Mensagem de S. Exª o Presidente da República
20.35 - Descobrir os Descobrimentos
20.45 - Placido Domingo
Quem não esteve no S. Carlos nem assistiu à transmissão directa de «Otelo» na RTP, delicie-se a com este espectáculo de um dos melhores tenores mundiais.
21.45 - Longa-Metragem
«Rosa Púrpura do Cairo», de Woody Allen (EUA), c interpretações de Mia Farrow, Jeff Daniels, Danny Aiello, Dianne Wiest e Milo O'Shea. Duração: 82 minutos. Em plena Depressão norte-americana, um empregada de café alimenta-se de ilusões e tem num conhecido actor de cinema o objecto supremo dos s sonhos. Até ao dia em que o herói das suas divagaç sai do ecrã e passa a fazer parte integrante da sua v

«Sequim de Ouro 1989»

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
16.55 - Os Cinco
17.20 - Um Bilhete para o Mundo
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.45 - Todd, Kirk e Allan
A homossexualidade entre jovens.
19.30 - O Home da Carabina e Johnny Staccato, Detective e Pianista
20.45 - Obras-Primas da Pintura
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Ópera
«A Flauta Mágica»

TERÇA

RTP 1

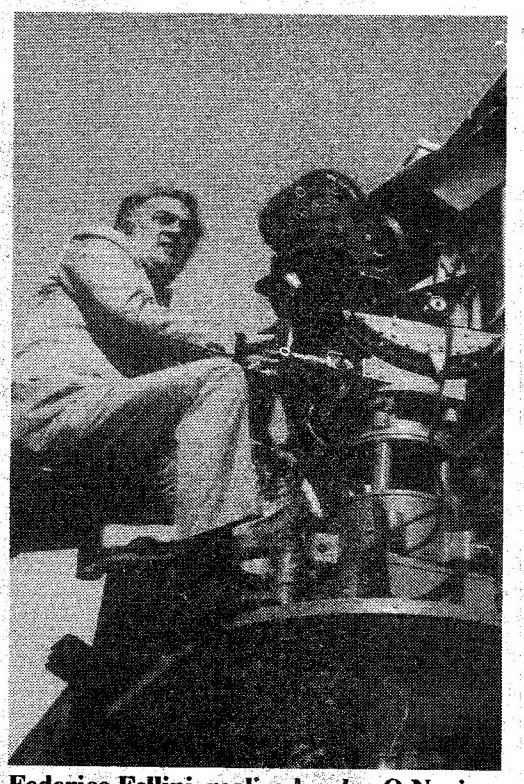
09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia - Porto
13.30 - Dallas
A saga interminável da família Ewing continua, e parece não ter fim. Se está em casa a esta hora, almoce descansado: desligue o televisor.
14.15 - Palavras Cruzadas
15.15 - Um Olhar sobre a Natureza
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
18.25 - Rua Sésamo
18.55 - Jogos de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Descobre os Descobrimentos
20.20 - Vale Tudo
21.15 - Clube de Subscritores
21.45 - Primeira Página
Mais uma vez, a RTP não sabe informar qual o tema em debate nem quais os intervenientes.
22.45 - Crónica do Crime
23.40 - 24 Horas
00.15 - Remate

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
16.55 - Os Novos Caça-Fantasmas
17.20 - Um Bilhete para o Mundo
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.40 - Music Box - «Via Rápida»
19.35 - O Homem da Carabina e Johnny Staccato, Detective e Pianista
20.30 - Cinemagazine
20.50 - Obras Primas da Pintura
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Cinemadois
«O Duelo», de Ridley Scott (1977), com interpretações de K. Carradine e Harvey Keitel. Duração: 101 minutos.
...is nomes que viriam a tornar-se célebres reúnem-se ...história de rivalidade entre dois oficiais francesses ...s guerras napoleónicas. São eles Ridley Scott, ...lizador de «Alien - o Oitavo Passageiro» e ... - Perigo Eminente» e David Puttnam, ...britânico que se celebrizaria pelos filmes que ...u, entre os quais «Momentos de Glória». Inspirado ...a história clássica de Joseph Conrad, «The Duel» ...mbina dois aspectos essenciais: uma dimensão de aventura e um estudo dos conflitos interiores do comportamento humano.

«O Duelo»

QUARTA



Federico Fellini, realizador de «O Navio»

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Colt em Acção
14.15 - Palavras Cruzadas
15.15 - Um Olhar sobre a Natureza
Uma co-produção entre a TV Ontario e a NHK Japan, feita com equipamento sofisticado. A personalidade e os hábitos de várias espécies animais da Ásia filmados com câmaras electrónicas com controlo remoto, fibras ópticas e uma câmara especial de vídeo com uma velocidade de 2 mil imagens por segundo.
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
18.25 - Rua Sésamo
18.55 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Descobrir os Descobrimentos
20.20 - Vale Tudo
21.10 - Vamos Jogar no Totobola
21.25 - Lotação Esgotada
«O Navio», de Federico Fellini (1984), com interpretações de Freddie Jones e B. Jefford. Duração: 132 minutos. «O Navio» pode ser considerado como uma espécie de declaração felliniana sobre a arte, os seus valores e rituais. O filme tem um ar declaradamente fúnebre, uma vez que narra a viagem de um grupo de admiradores de uma grande cantora de ópera, que decidem lançar ao mar as suas cinzas, na sequência de uma longa viagem num enorme paquete.
23.30 - 24 Horas
00.45 - Remate

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora Escolha!
16.55 - Os Campbells
17.20 - Um Bilhete para o Mundo
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.25 - Descobertas Subaquáticas
19.30 - O Homem da Carabina e Johnny Staccato, Detective e Pianista
20.20 - Lusitânia Expresso
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Melies 88
22.30 - Século XX - a Revolução genética
23.30 - Música n'América

QUINTA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Um Anjo na Terra
A personagem central é um anjo muito bem intencionado, mas o resultado final é um episódio ainda mais entediante que o anterior.
14.15 - Palavras Cruzadas
15.15 - Um Olhar sobre a Natureza
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
«Um toque de magia», programa dedecida à magia actual. Hoje o artista convidado é o Pedro, que mostrará alguns truques contanto com a participação directa dos espectadores.
18.25 - Rua Sésamo
18.55 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Descobrir os Descobrimentos
20.20 - Vale Tudo
21.10 - Who Am IThis Time?
22.10 - Jean-Michel Jarre
Desde a sua estreia em 1977 com o álbum «Oxygène», Jean-Michel Jarre tem desenvolvido um projecto pessoal muito pessoal de música instrumental.
23.10 - 24 Horas
23.40 - Remate

«Rua Sésamo»

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
16.55 - Benji, Zax and the Alien Prince
17.20 - Trinta Minutos Com...
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.40 - Os Henderson
19.30 - O Homem da Carabina
20.25 - Primeiro Andamento
20.50 - Obras-Primas da Pintura
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Maude
21.55 - A Hora da Verdade
O tema é as «Pescas», e o programa abre com uma reportagem da autoria do jornalista Rui Araújo. Os intervenientes no debate, que preenche a segunda parte, nem os produtores sabem ainda quem são, porque nenhuma presença estava confirmada.
23.05 - Quinta Dimensão

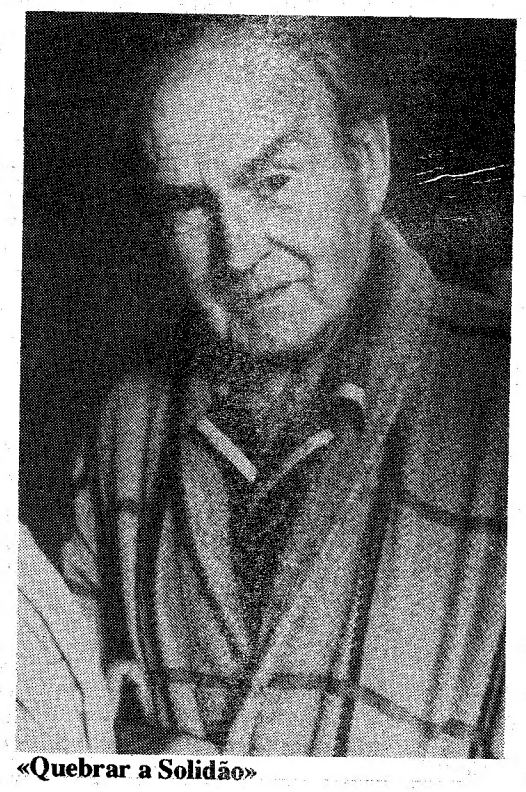
SEXTA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Gloss
14.15 - Palavras Cruzadas
15.15 - Um Olhar sobre a Natureza
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
18.20 - Rua Sésamo
18.55 - Chegar, Apostar e Vencer
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Direito de Antena
20.46 - Descobrir os Descobrimentos
21.05 - Vale Tudo
21.55 - Missão Impossível
22.45 - Elton John em Verona
II parte
23.50 - 24 Horas
00.25 - Remate
00.40 - Pela Noite Dentro
«História de um Gangster», de Clyde Ware (EUA-1974), com interpretações de Martin Sheen, Kim Darby, Bill Vint e Joseph Estevez. Duração: 74 minutos. Desesperado, um jovem abandona a casa paterna fugindo à pobreza de Oklahoma rural dos anos da Depressão. Uma escalada de assaltos, roubos e assassínios que o tornam o homem mais procurado pelo polícia norte-americana no começo dos anos 30.

RTP 2

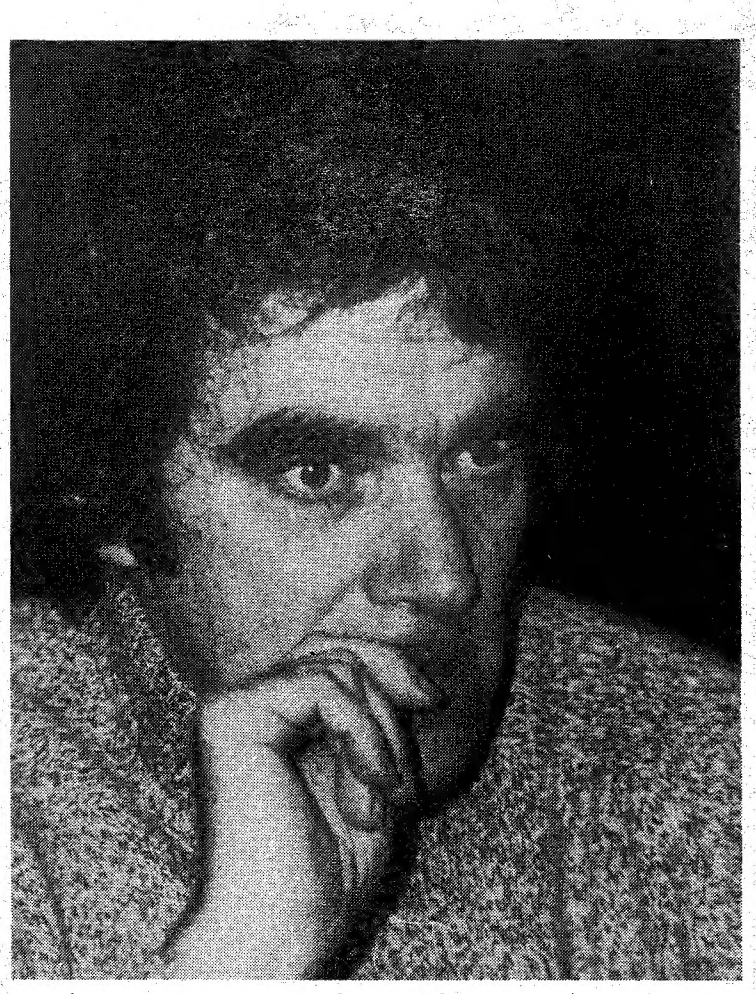
15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora Escolha!
16.55 - 3, 2, 1 Contacto
17.20 - Trinta Minutos Com...
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
Quem leu o poema em prósa de José Mauro de Vasconcellos sabe que Zezé, com a sua inocência e carência afectiva, comove até às lágrimas. Em «O Meu Pé de Laranja Lima» o lirismo e aternura contracenam com a miséria e a impotência do ser humano perante a vida e a morte. Zezé, Caetano, Godoya e o portuga ficam na memória.
19.00 - Especial Desporto
Basquetebol: Troféu RTP
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Quebrar a Solidão
23.20 - Rotações



«Quebrar a Solidão»

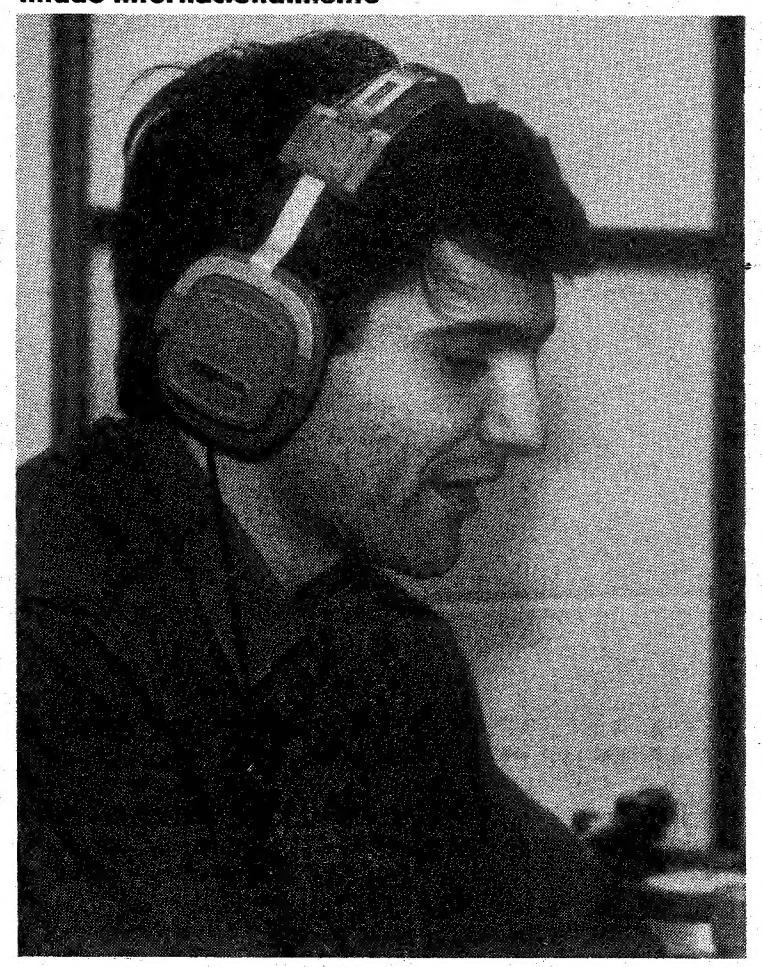
RÁDIO

Rui Cartaxo

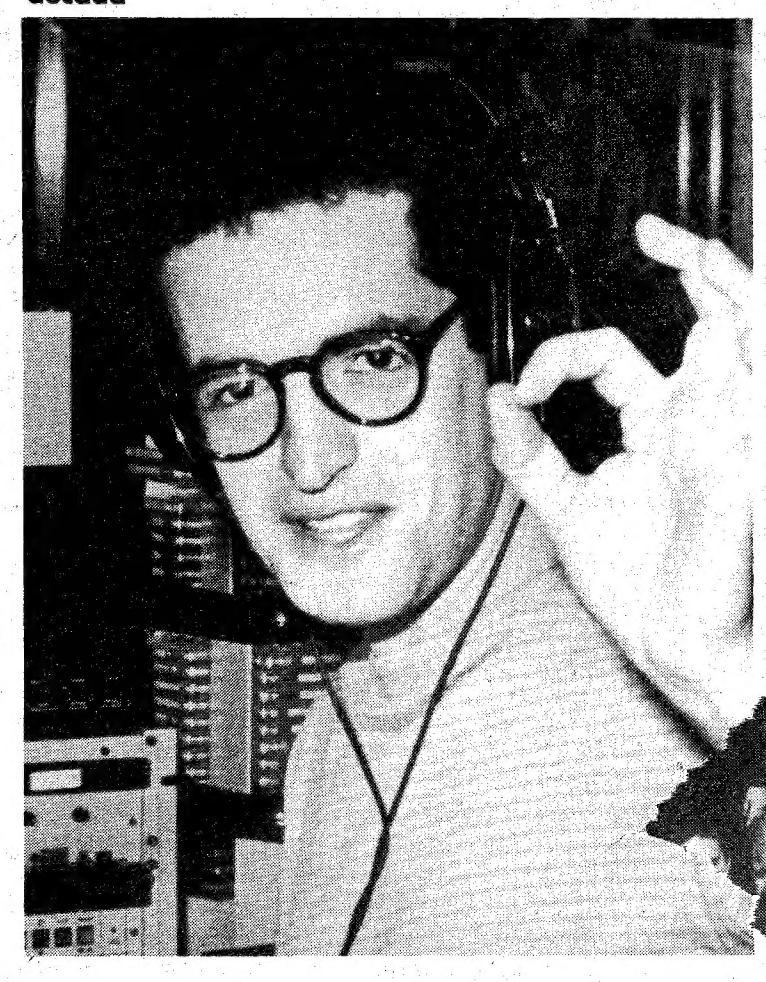


***António Cartaxo:* o profissional português mais premiado internacionalmente**

***Adelino Gonçalves:* uma das grandes revelações da década**



***Luis Montez e Paulo Guerra:* o futuro passa por eles**



Começando pela informação, **Pedro Cid** foi o comentarista político da década, enquanto os seus colegas da **Antena 1**, **Emídio Rangel** e **Fernando Alves** fizeram os melhores programas de reportagem de fundo, o que lhes valeu, aliás, um **Prémio Gazeta**. E na grande reportagem, **Adelino Gomes**, foi o grande senhor destes anos.

Nos noticiários de síntese, onde **Adelino Gomes** também se notabilizou, **Armando Pires** foi figura em destaque, mas **António Jorge Branco** foi a estrela humana que brilhou à maior altura. **Luís Paixão Martins**, com outro estilo, foi o melhor editor de «continuidade» e foi o «pivot» e realizador dos melhores jornais de campanha eleitoral, **Miguel Lemos**; bem acompanhado por **Luís Marinho**, fez os melhores jornais políticos da década, enquanto **João Viegas Soares** editou os melhores grandes magazines de informação.

Os melhores programas musicais da década foram assinados por **António Cartaxo**, no campo da música clássica. **Rui Pêgo**, aliás também um magnífico «pivot» de grandes magazines e um excelente repórter desportivo (vidé o seu trabalho de acompanhamento da Volta a Portugal em bicicleta), realizou belos programas de música rock. **Rui Morrison** não lhe ficou atrás, abrindo também para domínios afins, enquanto **António Macedo** realizou o melhor programa sobre música portuguesa («Mão na Música»). **Humberto Boto** foi musicalmente o melhor ecléctico destes dez anos, enquanto **António Sérgio** realizou os melhores programas da «frente». **José Freire** brilhou no campo da música ligeira.

Maria José Mauperrin fez o melhor programa de Rádio da década («**Café Concerto**»), enquanto **João Sousa Monteiro**, à conversa com os psicanalistas **João dos Santos** e **Carlos Amaral Dias**, fez os mais interessantes programas temáticos. **José Nuno Martins**, com música brasileira ou sem ela, confirmou-se como um grande profissional e um grande comunicador.

Herman José realizou e deu voz ao melhor humor; sobretudo com «**A Flor do Éter**». **Carlos Cruz** também brilhou neste campo, mas foi como entrevistador que se revelou imbatível, em «**Duplex**».

Luís Filipe Costa, a melhor voz da rádio portuguesa, fez o melhor magazine cultural («**Forma e Conteúdo**»), enquanto **Luís Filipe Barros** se revelou o melhor «disc-jockey».

A década viu aparecer grandes profissionais como **Adelino Gonçalves**, **Fernando Alves** e **Rui Pêgo** (vindos de Angola) e **Rui Pêgo**, pela sua trajectória fulgurante e pelo seu eclectismo, foi mesmo a grande figura da década.

José Ramos e **Maria Flor Pedroso** foram as melhores vozes reveladas nestes anos, mas **Ausenda Maria**, **Sílvia Alves**, **Manuela Paraíso** e **Mário Fernando** também merecem destaque.

Os anos 80 viram nascer grandes (futuros) jornalistas: **José Fragoso** e **Miguel Monteiro** são os que mais se destacaram, mas **Cândida Pinto**, **Elizabete Caramelo**, **Maria Flor Pedroso**, **Paulo Bastos**, **Nuno Roby**, **João Paulo Baltazar**, **João Almeida** e **Manuel Acácio** são já o futuro.

Nuno Santos e sobretudo **Luís Montez** são almas do rock, enquanto **Ana Bravo** e **Vítor Marçal** se revelaram bons animadores.

E também convém não esquecer os profissionais que aliam características de animador com as de jornalista: **Margarida Guimarães**, **José Mariño**, **Margarida Pinto Correira** e sobretudo **Paulo Guerra** são já profissionais competentes.

XV FESTIVAL DE MÚSICA DA COSTA DO ESTORIL — Sábado às 17.

Repetição da transmissão do recital de violoncelo e piano que **Diethard Auner** e **Frina Belanskaja-Auner** fizeram no Verão na Costa do Estoril; serão ouvidas obras de **Brahms**, **Beethoven**, **Otto Schneider** e **Manuel de Falla**.

BALANÇO DA DÉCADA — Sábado, das 10 às 13.

No canal 1 da Renascença, em **FM** Estéreo e **Onda Média**, o balanço da década. Não dispomos de informação sobre os autores do trabalho, mas a (presumível) mão de **Paulo Nogueira** promete um bom trabalho.

BALANÇO DA ANO — Sexta-feira, das 17 às 20.

Paulo Bastos e **Elizabete Caramelo** fizeram um belo «lead» deste balanço, que tem estado no ar, todos os dias. Os homens da TSF dizem que este balanço é **mesmo** um belo trabalho.

FLASH-BACK — Aos domingos das 12 às 13.15; edição de Emídio Rangel.

No último dia do ano é de prever que o aristocrata **Pulido Valente**, o neoliberal **Pacheco Pereira** e o heterodoxo **José Magalhães** discutam a Roménia, o ano, a década...

A não perder!